



**Há mundos que não devem regressar, há segredos que não devem ser revelados.**

As coisas mudaram desde a derradeira separação entre a Terra e Orbias há um ano atrás. Noemi é agora uma estagiária na redacção de uma revista em Grand City. Leva uma vida solitária e mantém pouco contacto com Adam e Lorelei. Mas enquanto se esforça para esquecer todos os trágicos acontecimentos do passado, o inesperado acontece: os seus poderes de Omnisciência regressam e volta a transformar-se em Guerreira. Para piorar a situação, está constantemente a ver o rosto de Sebastian e a sentir o seu perfume.

Será que afinal os mundos não foram definitivamente separados? Será possível o regresso a Orbias, para junto das outras Guerreiras? Na sua loucura obsessiva, Noemi convence-se a si própria de uma coisa: Sebastian está vivo!

O Demónio Branco é o segundo volume da saga Orbias, a original história de fantasia que veio agitar o género em Portugal.



Por ti nado por oceanos inteiros, Por ti caminho descalça por desertos, Por ti atravesso tempestades, Por ti viajo até ao mundo dos mortos e volto, Só por ti, para ti e sobre ti, Meu amor, meu ódio, meu fantasma de ti.

Noemi Etherial



Nota de Abertura

Bem-vindos ao mundo de Orbias. Ou bem-vindos de volta à continuação de *Orbias – As Guerreiras da Deusa*. A história deste livro acontece um ano depois da separação de Orbias da Terra.

Muito ficou por explicar e os mistérios deixados pelo primeiro livro fizeram deste segundo volume uma realidade.

Muitos de vocês já estão familiarizados com a história e personagens. No entanto, para aqueles que ainda não conhecem a realidade de Orbias ou para os que já não se recordam dos acontecimentos do primeiro livro, estão disponíveis no blogue oficial o resumo e a caracterização das personagens, bem como capítulos extra, vídeos e actualizações constantes.

Acedam a http://orbias-asguerreirasdadeusa.blogspot.com. Deixem-se contagiar pela magia e pelo sonho de Orbias.



Temerária

O mundo lá fora vivia e respirava sem que eu me sentisse parte dele. Olhava introspectiva mente para o espelho embaciado, com o sobrolho carregado. Nele surgia agora um rosto muito diferente do que era há meses – a nova e perdida imagem que tinha de mim própria. E era também diferente daquela que as pessoas do mundo opressivo à minha volta viam. Ninguém me conhecia, ninguém sabia o que era a minha vida, não como só eu poderia saber. A minha armadura imaginária nunca o permitiria. Na verdade, ninguém conhecia o verdadeiro rosto da Noemi. Embora cansado e visivelmente magro, ainda conseguia manter uns resquícios da beleza que o levara a apaixonar-se por mim. Era isso que me fazia seguir em frente nos tortuosos caminhos do destino.

O cheiro nauseabundo daquele local estava a deixar-me enjoada. Felizmente, estava na hora. Apanhei o cabelo num rabo-de-cavalo e confirmei se tinha a pistola preta na minha mala. Deixei a casa de banho da estação de metro. Sabia que à meia-noite estaria completamente vazia, o que me convinha para o que queria fazer. Investigara durante semanas a fio para saber que àquela hora estaria ali o homem que queria encontrar. Caminhei pela tumular estação com o silêncio de um fantasma. O meu coração teimava em acelerar de todas as vezes que me preparava para perseguir alguém. Ainda não estava habituada, mas tinha de me sacrificar se queria voltar a Orbias e livrar-me do peso que carregava sobre os ombros.

Lá estava ele à espera do metro, como uma árvore morta à espera de ser derrubada pelo vento. Era um homem de aspecto cansado, pálido e encurvado. Tudo denunciava a sua idade, mas eu sabia que a frágil aparência se devia à sua vida miserável depois da queda do império Asmodeus. Ia ser demasiado fácil. Fui na sua direcção, certificando-me de que não estaria ninguém a ver. A minha mão agarrava na pistola dentro da mala como se a minha vida dependesse disso. Fui tão silenciosa que ele nem reparou quando encostei a arma às costas dele e sussurrei no seu ouvido para não se mexer e vir comigo. Ele tremeu, mas obedeceu sem palavras. Sempre colada a ele, dirigi-me para uma zona de passagem proibida, junto à mortal linha de metro. A conversa que queria ter com ele era extremamente secreta. Mas apesar da minha intrepidez, o formigueiro nervoso continuava a apoderar-se de mim.

Depois de alguns minutos a caminhar paralelamente à linha, parei e virei-o para mim com violência. Queria que ele me reconhecesse e ficasse aterrorizado. Certamente, já teria tido conhecimento das recentes notícias através dos seus antigos colegas da Sociedade Índigo.

– Diga-me o que sabe sobre Orbias. Foi criada alguma ligação depois da separação definitiva? – Era o mais directa possível. Tentava que a minha voz parecesse severa, mas era difícil não deixar a suavidade que lhe era inerente.

– Eu não sei de nada. Os mundos foram separados e a Sociedade acabou, é só isso que sei. – O homem falava depressa, como que para preencher o silêncio que o apavorava.

– Mentiroso! Eu sei que vocês sabem de alguma coisa. Os sinais da existência de Orbias continuam presentes na Terra. A separação falhou, de certeza.

– Ouça, todos nós fomos iludidos por Orbias. Até o Mefisto. Tudo o que a Sociedade Índigo queria era aproveitar os recursos de magia daquele mundo. Queríamos riqueza e uma nova era de energia na Terra. Era tudo benéfico, tudo pela evolução do nosso mundo. Mas, depois da reviravolta, que nem nós conseguimos explicar, os mundos foram definitivamente separados e qualquer comunicação com Orbias passou a ser impossível. Até as empresas do grupo Asmodeus desapareceram, deixando o mundo num clima de instabilidade. Fomos vítimas da conspiração tal como vocês! Eu era um dos homens mais ricos deste país e agora mal tenho dinheiro para comer. – Destravei a pistola e apontei-a à sua cabeça suada. – Espere, por favor, não me mate! Acha que, se soubesse que havia a mínima possibilidade de voltar a Orbias, eu estaria aqui?

Não sabia se era por algum resquício de ingenuidade em mim, mas eu acreditava na sinceridade daquele homem tremelicante. Era tudo menos inocente, mas não estava ali para vingar todos os que tinham sido explorados por ele, terrestres e orbianos. A minha missão era somente descobrir a possibilidade inconcebível de poder regressar a Orbias. Estava demasiado calor naquele túnel, um calor eléctrico. A qualquer momento poderia passar o comboio. Virei-lhe as costas e desapareci, deixando-o lá afogado na sua desgraça demencial.

Nisto, senti-o apertar-me o pescoço com as suas garras cadavéricas. Comecei a sufocar, apanhada de surpresa. Debati-me para me soltar, mas ele mostrava um vigor que não aparentava. Tentei pontapeá-lo, mas o resultado foi cairmos os dois para a perigosa linha. Sentindo os hematomas a surgir, consegui soltar-me do velho a tempo de ver dois focos de luz ao fundo do túnel, como dois olhos de um predador nocturno. Não ia ter hipótese, tinha de ser rápida. Transformei-me em Anjo e voei alto e o mais depressa que pude. Durante longos segundos a bater as asas no tecto do túnel, por cima do célere comboio, vi o que restava do homem naquela linha: uma poça de sangue salpicada pelos seus triturados restos mortais. Voei até à berma e vomitei com aquela cena asquerosa. Mesmo com o meu quinhão de guerras e combates, ainda não tinha criado resistência suficiente para suportar imagens daquelas.

Agarrei na pistola que estava no chão e saí dali a correr. Se ele tivesse reparado que aquela arma era na realidade um isqueiro de plástico... Ainda na estação, agarrei no telefone de uma cabina e fiz uma chamada anónima para denunciar o suicídio de um homem idoso. Não teria de me preocupar com as averiguações das autoridades. Com a terrível vida que levava, ninguém ia questionar a sua «decisão».

Passada uma hora, cheguei finalmente a casa, um pequeno estúdio alugado por cima de um daqueles restaurantes chineses manhosos. Eu e a minha mãe tínhamos juntado algumas economias para alugar aquele espaço em Grand City. Estava muito degradado, mas, por se localizar na cidade, era caríssimo! Era o que podia suportar naquela altura e tinha de aprender a lidar com isso.

Tranquei a porta atrás de mim e acendi a luz, mas resolvi apagá-la de imediato. Estava um caos. Entre o meu estágio e as súbitas missões, tinha ficado sem tempo para nada. Por vezes, nem comia, tanto pela falta de tempo como de apetite. Deixei cair o meu corpo pesado em cima da cama, de barriga para cima. Olhei em frente e consegui distinguir a cozinha à minha frente e o sofá velho do meu lado direito. Por cima de mim, estava pendurado o gigante quadro de cortiça com todas as anotações, fotografias e contactos inerentes às minhas missões pessoais. Esvoaçavam com o vento que entrava pelas frestas das janelas. Não precisava de ter a luz acesa para saber que as paredes estariam a escorrer humidade.

O som de vozes numa língua estranha entrou nos meus ouvidos como unhas a arranhar ardósia. Nem sequer tinha direito a silêncio ou calma! Os empregados chineses gritavam e discutiam lá em baixo, e mesmo no meu quarto eu consegui sentir o cheiro desagradável dos alimentos estragados deixados no contentor lá fora.

Estava tão embrenhada naquela nova vida dupla que esquecia as verdadeiras razões de estar a viver assim. Amanhã teria de fazer nova actualização da investigação e era dia de nova perseguição. Talvez voltasse a analisar todos os acontecimentos que tinham provado a transformação da Noemi depressiva e enfraquecida de há meses para a Noemi implacável que vive numa dura concha.

Por vezes, até me esquecia de qual era a minha verdadeira essência. O que podia ter sido uma linda história de fantasia, era agora um livro rasgado. A minha alma estava demasiado magoada e corrompida para me sentir viva, para me sentir real. Estava sem amigos e a minha mãe e o estágio eram das poucas coisas que me mantinham agarrada à vida, como uma náufraga que flutuava agarrada a um qualquer destroço. Bem, isso e a possibilidade ínfima de voltar a vê-lo e regressar àquele mundo. Era isso que me motivava agora. Há meses que não via Lorelei ou Adam, e passaram semanas desde a última notícia que tive deles. Sem reparar, notei que lágrimas quentes escorriam-me pela cara. Queria dormir, descansar, mas não conseguia afastar do pensamento a imagem do homem morto. Agarrei no orbe de boa-noite de Sebastian e invoquei a sua voz gravada. Era um bálsamo para a minha sanidade. Envolvida pela sua voz quente, dominada pelo cansaço, e enquanto acariciava os meus novos hematomas e arranhões, adormeci.

Introspecção

*O que ambos desejamos há muito tempo. Matamo-los!*... *Tens a certeza que é isso que queres?*... *Estava com ele e só isso me interessava. Nada mais!*

Acordei sobressaltada, asfixiada por aquele sonho. Estava completamente gelada, e, quando vi os cortinados esvoaçarem, percebi que a janela estava aberta... em pleno Janeiro invernoso! Não me lembrava de a ter deixado aberta... Depois de me levantar para ir fechá-la só me apetecia voltar para o calor da minha cama, mas já estava atrasada para o estágio. A casa estava inundada pelo cheiro dele, algo que se repetia sistematicamente desde que a visão começara. Sinal de loucura? Presença do seu fantasma? Não sabia o que pensar.

Há meses que tinha aquele sonho recorrente, de mim e de Sebastian num penhasco. Era o resultado daquela súbita visão que tinha tido depois das férias que passei sozinha fora do país. Numa altura em que já tinha colocado Orbias e Sebastian num pequeno baú fechado na minha memória, o meu extinto poder da Omnisciência tinha-se manifestado na pior altura possível para intensificar a minha tristeza. E o pior de tudo tinha sido quando, para meu espanto, no regresso da visão, estava transformada em Anjo. Mas transformar-me em Noemi novamente não foi tão difícil como perceber a razão para tudo aquilo estar a acontecer novamente. Aquela visão tinha sido estranha porque sabia que nunca tinha acontecido. Logo, seria uma visão do futuro. No entanto, se Sebastian estava morto, o que queria dizer tudo aquilo? E porque estava eu a agir de forma tão primitiva e selvagem com ele? E que conversa era aquela de «mortes»?

A subjectividade da visão era tão cruel para mim, como garras sanguinárias na minha racionalidade. Por um lado, eu queria esquecê-lo para não martirizar a minha mente e sofrer ainda mais. Por outro, era mais uma forma de encontrar consolo na sua trágica ausência... Se não o tinha no mundo real, ao menos continuava presente nos meus sonhos e visões. Antes que tivesse tido tempo de entrar mais naquela introspecção, corri acelerada pela casa. Estava imensamente atrasada!

\*

Encostada à janela que dava para a movimentada avenida lá em baixo, conseguia ver as pessoas a andar, como formigas em carreiros, e o trânsito intenso numa confusão de buzinadelas e acelerações. Agarrada a uma imensidão de pastas e folhas, excessivamente pesadas para mim, era forçada a curvar-me.

– Noemi, essas fotocópias são para hoje? Ainda tens muito trabalho pela frente. – A voz vinha de um homem transpirado e com a gravata desapertada que passava apressado pelo corredor onde eu estava.

– Desculpa, Kay. Eu ia já levar tudo. Estava só a descansar, isto é muito pesado. – Pela sua cara de desprezo, percebi que não estava muito interessado em ajudar-me.

Eu estava a estagiar na redacção da revista de entretenimento *Whip!*, em Grand City. Era a capital desenvolvida do meu país, apenas comparada a cidades como Londres ou Paris. Era um estágio curricular, a última unidade necessária para terminar o meu curso de Comunicação. Mas estava a odiar! O meu sonho sempre tinha sido trabalhar como jornalista naquela área. Falar de cinema, música, televisão... nada me fazia mais feliz! Contudo, ingenuamente, tinha criado uma imagem dessa profissão que não correspondia à realidade. Precisei apenas de dois dias naquela empresa para perceber isso. De qualquer forma, havia outro tipo de «missão» que servia de motivação na minha vida. Não sabia quanto tempo podia durar, mas, enquanto durasse, pelo menos preenchia o vazio cósmico que sentia por dentro.

Despejei as fotocópias na secretária do meu supervisor com um grande estrondo acidental, o que fez com que muitas cabeças indignadas daquela redacção rodassem na minha direcção. A minha cara corou instantaneamente.

– Cuidado com isso! E tenta ser mais rápida da próxima vez! Agora preciso que vás até ao arquivo e procures estas publicações. – Estendeu-me um papel com uma lista infindável de entrevistas a bandas nacionais e americanas dos anos 90.

– Mas isto não está no sistema? – Uma veia na testa dele começou a latejar e eu percebi que tinha sido má ideia ter feito aquela pergunta.

– Se estivesse, não te estava a pedir, não achas, Noemi? – Ele falava comigo com os dentes cerrados de impaciência. Era tão bom se eu tivesse ali a minha pistola de plástico...

Intimidada com a rabugice do meu supervisor, saí quase a correr em direcção ao arquivo. Se fosse há alguns meses, as lágrimas ameaçariam cair com a frustração. Mas já tinha ultrapassado isso. Kay era um jornalista bastante experiente e respeitável na área do entretenimento e eu estava de facto a aprender com ele. Mas era péssima pessoa! E não era o único. Era como se uma nuvem tóxica de malvadez tivesse roubado a simpatia e a alma de toda a gente que trabalhava naquela redacção. Talvez fosse o medo de perder os seus empregos ou as más condições de trabalho.

A crise mundial, especialmente depois do desmembramento e falência das empresas do grupo Asmodeus, tinha afectado profundamente a economia de países desenvolvidos como o meu. E o grupo económico que detinha a revista *Whip!* não era excepção. Além disso, a profissão de jornalista estava condenada. Havia saturação de jornalistas no mercado e muito desemprego na área, ou seja, salários baixíssimos, excesso de horas de trabalho, ausência de contratos... Até eu ponderava desistir e não seguir aquela profissão no final do curso, mesmo sendo o meu sonho. Além disso, era muito raro um recém-licenciado conseguir emprego daquela forma. E ficar numa empresa depois do estágio simplesmente já não acontecia.

Sim, afinal sempre havia uma boa consequência para todos os acontecimentos recentes... Estava mais forte para enfrentar a realidade e pensava de uma forma muito mais racional e ponderada. Eu precisava de terminar o estágio para acabar o curso, por isso, lá estava eu. Porém, tal como centenas de estagiários espalhados por aí, fazia tudo menos trabalho de jornalista. Se a ideia de um estágio era aprender a profissão e contribuir para a integração na futura vida profissional, levar cafés, tirar fotocópias, fazer de estafeta e atender telefones não era bem a minha ideia de jornalismo.

Abanei a cabeça para sacudir as minhas queixas e frustrações em relação ao meu estágio e continuei a andar depressa até ao arquivo. Enquanto caminhava pelo estilizado corredor branco, virei à esquerda e soltei um grito abafado quando esbarrei contra alguém. Quando olhei para a pessoa para me desculpar, quase sufoquei ao perceber que se tratava de Tara, a impiedosa directora da revista. Trazia uns óculos escuros que lhe cobriam quase toda a cara, cabelo castanho puxado para trás e um fato que percebi ser *Gucci*. Parecia uma diva dos anos 50, mas com uma boa dose de crueldade. Na realidade, para mim, ela era a Rainha do Mal. Nunca tinha conhecido ninguém tão duro e insensível como ela, isto contando com os peculiares orbianos e a misteriosa Riddel. Aliás, a negrura da sua alma era conhecida em toda a cidade de Grand City. Atrás de si, vinha Alicia, a sua filha mimada e *fashion*, uma espécie de atrelado constante que nunca desgrudava da mãe. Tinha a minha idade e estava a estagiar lá, como eu. Mas obviamente que era tratada como uma princesa e tinha oportunidades de entrevistas e trabalhos que eu nunca teria, mesmo que fosse jornalista residente. Para aumentar o meu ódio, ela não dava qualquer valor a isso. Assistir à sua incompetência, sobretudo quando revelava desconhecimento de matérias relacionadas com o entretenimento ou suspirava de impaciência quando falava com bandas ou realizadores conceituados, era uma faca espetada no meu coração.

– Não vê por onde anda? – Tara olhava-me com cara de nojo, como se eu fosse um pedaço de lixo que se tinha atravessado no seu caminho. Alicia exibia um sorriso trocista.

– Peço desculpa, senhorta directora. Eu não estava...

– Ah, poupe-me! Vem, Alicia! – Agarrou na filha e começou a bambolear-se altivamente pelo corredor, ignorando-me completamente.

Os meus fracos nervos não resistiram àquela situação constrangedora e desatei a correr pelo corredor até encontrar a casa de banho mais próxima. Felizmente que ninguém estava lá, pois, assim que entrei, desatei num choro histérico. Andava a acumular emoções há muito tempo, e tentar conciliar isso com a investigação e os acontecimentos da noite passada era avassalador para mim. Entrei num dos cubículos, encostei-me à parede de azulejos azuis e deixei-me escorregar até ao chão com os soluços incontroláveis, as mãos na testa e os rios de lágrimas a molharem-me a cara.

A verdade é que eu não estava naquele estado lastimável devido apenas ao estágio ou às pessoas desprezíveis que ali tinha encontrado. Entre tremores, o baú de Orbias na minha mente entreabriu-se e saíram de lá algumas memórias. O que estava eu a fazer ali, naquela casa de banho, naquela cidade?! Que sentido estava eu a dar à minha vida?! Que futuro havia para mim?! Eu... eu era uma Guerreira perdida e sem destino. Tinha conhecido um mundo de magia, tinha conhecido o amor, mas deixei-o escapar por entre os dedos em pouco tempo. E agora tudo aquilo, aquela massacrante visão. Abanei imediatamente a cabeça para não me lembrar de mais nada.

Procurei acalmar-me. Respirei fundo e levantei-me enquanto limpava a cara encharcada e os olhos inchados. Abri lentamente a porta do cubículo e dirigi-me ao impecável lavatório. Lavei a cara e levantei a cabeça para me olhar ao espelho. Para me libertar daquelas recordações, fiz uma auto-análise física. Estava com o cabelo mais curto desde há um ano. Embora ainda estivesse comprido, estava escadeado e mais liso. A minha cara estava mais magra, consequência dos meses de missões arriscadas e negligência da minha saúde, mas continuava muito lívida. A maquilhagem que usava constantemente (olhos carregados de negro, para acentuar o azul, e lábios vermelhos) ajudava a amenizar o ar cansado. Tinha consciência de que tinha um *look* mais moderno e menos juvenil que há um ano atrás. Estava a entrar no mundo do trabalho e já não era a mesma universitária desmazelada que não mudava desde o secundário. Estava mais adulta.

– Oh não! As entrevistas! – Disse para mim própria em voz alta como que me castigando pelos minutos que perdi a prantear naquele espaço. Limpei a cara à manga da camisa (que adulto...) e corri dali para fora em direcção ao arquivo.

Tinha a vantagem de já conhecer bem o espaço, pelo que consegui compensar aquele impertinente momento de colapso. Em menos de vinte minutos tinha todas as entrevistas comigo e corri para as entregar a Kay. No caminho até lá, choquei contra duas jornalistas, deixando cair as folhas no segundo choque. Mesmo esforçando-me por parecer mais graciosa e menos *freak*, aquele tipo de situação não parava de me acontecer. Parecia que a minha descoordenação era irremediável. Depois de mil e uma desculpas perante os berros de uma das jornalistas (era impressionante como não havia ninguém decente naquela redacção), continuei o meu caminho até à secretária de Kay.

–Tanto tempo?! Já podia ter começado a escrever este artigo! Está na tua hora de saída, mas preciso que faças isto em casa. – Estendeu-me várias pastas de contactos de artistas de bandas *rock* locais, escritas à mão. – Amanhã de manhã preciso disso organizado por ordem alfabética! – Voltou a cabeça para o ecrã do computador e, *surpreendentemente,* não se despediu de mim.

Boa! Logo naquela noite em que tinha uma nova missão! Agarrei na minha mala, casaco e pastas e olhei para o relógio. Já tinha passado uma hora para além do meu horário de saída. Nem estava mal, já que o normal era trabalhar dez ou onze horas seguidas. Olhei para as janelas enquanto me dirigia para o elevador. Já tinha escurecido. Estávamos em Janeiro e os dias continuavam pequenos. Que depressão!

Entrei no elevador atafulhado de gente. Até ali era hora de ponta e eu sentia-me como um galho fraco no meio de troncos pesados. Quase não conseguia respirar. No preciso momento em que atravessei as portas giratórias do ostentoso prédio e cheguei à rua, começou a chover torrencialmente. As pessoas que por ali passavam começaram instantaneamente a correr ou a abrigar-se em toldos de lojas. Que se dane! O dia não pode piorar mais, vou mesmo à chuva até à estação de metro. Tinha alguma pressa. Puxei a gola do casaco branco para cima, protegi as pastas dentro dele e comecei a correr.

Encharcada pela chuva e ofegante por ter corrido aquele caminho todo enquanto me desviava dos obstáculos, como num videojogo, desci as escadas do metro penetrando no turbilhão de pessoas que também tentavam chegar a casa. Fiquei de pé, agarrada a um varão imundo, durante doze paragens. Para alguém desajeitado como eu, equilibrar-me no metro era um autêntico desafio. Quando cheguei finalmente à estação desejada perguntei-me como poderia ainda estar a fazer aquele percurso deplorável para casa desde há dois meses. Que falta de qualidade de vida! Tinha tantas saudades da marítima e harmoniosa Handyport. Mesmo ficando a poucas horas de distância de carro, para mim parecia que era do outro lado do mundo!

Naquela estação não saía muita gente. Apenas uma ou outra pessoa de aspecto duvidoso ou mulheres pobres com bebés ao colo e sacos de compras na mão. Quando emergi na rua, vi imediatamente a ponte luminosa por cima do rio Érade. Estava numa das zonas problemáticas de Grand City. Todas as grandes cidades do mundo ocidental tinham determinadas zonas abandonadas de que pareciam ter vergonha. Os edifícios degradados e o lixo espalhado pelas ruas perfaziam um cenário de famílias pobres, prostituição e tráfico de droga. Nenhuma cidade desenvolvida estava livre desses flagelos. Encolhi-me no casaco e cachecol, cheia de frio, enquanto tirava um papel amarrotado do bolso. Era a morada actual de mais um ex-membro da Sociedade Índigo. Eram as únicas pessoas na Terra que poderiam ter alguma pista sobre como regressar a Orbias. E se realmente isso era possível, eu iria persegui-los a todos!

Entrei por uma rua estreita, sem candeeiros. Quem diria que eu teria coragem para me meter num sítio daqueles? Estava mesmo mudada... Passei por pequenos grupos de homens com mau aspecto que ameaçavam fazer-me alguma coisa, mas nenhum tentou. Quando finalmente cheguei à morada que estava no papel, notei que era uma pensão. Ouvia bebés a chorar e discussões violentas vindas de dentro das casas que me rodeavam. Quando lá entrei, cheirava a lixívia. Uma mulher de meia-idade com óculos, pele amarela e dentes grandes olhou para mim com algum desdém. O seu perfume barato enjoava-me.

– Os quartos estão todos ocupados, menina. – O seu bafo a café e tabaco deixavam-me tonta.

– Procuro este homem, Taylor McKey. – Estendi-lhe uma fotografia com uma nota de cinquenta por baixo. Já sabia que só assim conseguia arrancar alguma coisa. A mulher sorriu somiticamente.

– Por esse valor até te dizia o grupo sanguíneo dele, eh, eh. Quarto três-B. – Deixei-a agarrada à nota como se tivesse ganho a lotaria.

Subi as escadas carcomidas até ao terceiro andar. Antes de bater à porta do 3-B, colei o ouvido à porta para me preparar. No meio dos berros vindos de outros quartos, ouvi o som da televisão lá dentro. Bati secamente e ouvi passos arrastados até à porta. Subitamente, quem se encontrava lá dentro pôs-se a correr e percebi que estava a tentar fugir. Consciente de que não o podia deixar fugir, fiz três tentativas para derrubar a porta. A televisão emitia um filme pornográfico e havia roupa, álcool e medicamentos espalhados pelo quarto desarrumado. A janela que dava para a escada de emergência estava aberta. Corri até lá e comecei a descer os degraus de dois em dois enquanto via o homem fugir.

Quando cheguei lá abaixo, iniciei uma louca perseguição pelas ruas escuras do bairro. Molhei as pernas quando passava pelas fundas poças deixadas pela chuva, mas não podia perdê-lo de vista. Virei à esquerda numa curva, mas fui surpreendida pelo homem que me atingiu com um contentor de lixo. Caí no chão, toda esfolada, mas levantei-me de imediato para o apanhar. Ele era bem mais jovem e encorpado que os demais ex-membros. Numa luta corpo a corpo com ele, eu sairia bastante magoada. Ainda assim, era destemida o suficiente para tentar derrubá-lo. Tentei socá-lo e pontapeá-lo, mas ele desviava-se com destreza. O seu contra-ataque era perfeito, atingindo-me em várias partes do corpo com o seu punho como rocha. Mas eu não desistia. Mais resistente que o meu adversário, aproveitei o facto de ele começar a ficar exausto para ganhar alguma vantagem. Eventualmente, acabei por fazê-lo cair num monte de sacos do lixo encostados a uma cerca. Saltei para cima dele e esmurrei-o até o deixar aturdido.

– O que sabe sobre Orbias? Como posso voltar para lá? – Era talvez a décima quinta vez que fazia aquela pergunta a gente da laia dele. Ele gargalhou mesmo com a boca cheia de sangue.

– Orbias? Tu queres voltar a Orbias? Pensava que te querias vingar de nós. Orbias já não existe, rapariga. Estamos condenados a viver sem Orbias. Condenados!

– Vocês sabem alguma coisa. Não vou desistir de vos perseguir. –As Guerreiras foram tão enganadas como nós. Acredita que estamos todos melhor sem Orbias.

Esmurrei-o uma última vez, deixando-o inconsciente.

– Eu não estou melhor sem Orbias. Preciso de voltar, e não desistirei. – Falava, não para o homem combalido, mas para mim própria.

Fugi pela desconsolada rua antes que alguém me visse. Limpei o sangue do lábio com a parte de dentro da manga do casaco. No regresso à estação de metro, passei por uma pequena igreja quase em ruínas. Decidi entrar, mesmo sabendo que não era uma pessoa de fé. Precisava apenas de alguma paz de espírito. O lugar estava vazio. As prateleiras ocas e os bancos partidos denunciavam anos de roubos pelos falsos paroquianos do bairro. Ainda assim, havia ali uma certa aura acolhedora. Sentei-me no primeiro banco, à frente do altar.

Estava tão cansada... Não fisicamente, mas simplesmente cansada de viver. Viver era tão difícil, tão penoso... Especialmente depois de todas as feridas impossíveis de sarar. Eu vivia o sacrifício de me esconder numa mentira. Ninguém sabia da minha vida dupla. Tinha tomado egoisticamente aquela missão. Porque não fugi à minha demência? Porque me forcei a agir assim? Era tudo por ele. Por mais que tentasse superar aquela tormentosa perda, Sebastian era como uma música viciante que tocava insistentemente na minha cabeça. Eu era como uma traça e a visão o único foco de luz, que simbolizava uma última oportunidade de voltar a vê-lo.

Arrependia-me de tanta coisa no passado. Como é que eu, e até mesmo as outras Guerreiras, éramos tão ingénuas e imaturas ao ponto de aceitar todos aqueles factos e acontecimentos com tanta facilidade? Como podíamos agir como adolescentes quando o peso dos mundos caía sobre as nossas costas? Sem qualquer espírito crítico, rigor ou seriedade, tínhamos sido facilmente arrastadas para a fatal conspiração de Riddel. Tinha sido como uma injecção de dura realidade directamente no coração e na mente. Eu não ia permitir que isso acontecesse agora. Tinha de ser minuciosa e perfeita se queria alcançar o meu objectivo e não permitir que falsas esperanças me derrubassem.

Completamente entregue aos meus pensamentos, nem reparei numa figura negra que surgia atrás da alta cruz de Cristo. Parecia uma serpente demoníaca. Dos meandros da escuridão do altar, pareceu-me ver a expressão de Sebastian. Não reagi. Sabia ser mais uma das alucinações provocadas pelo desejo intenso de voltar a vê-lo. Pisquei os olhos várias vezes para afastá-lo dali. Mas continuava a fitar-me de lá, com os seus profundos olhos negros. Levantei-me, consciente de que podia não ser uma visão. Uma assustadora mão no meu ombro fez virar-me para trás. Quando voltei a olhar para o altar, Sebastian tinha desaparecido.

– Não esperava encontrar alguém na igreja a esta hora. – Era uma mulher negra, bastante avantajada e de sorriso contagiante. O que, no entanto, não era suficiente para transformar o meu semblante frustrado. Ela sentou-se atrás do meu banco e eu segui-lhe o exemplo, sentando-me à frente dela. – A menina parece tão abatida. Quer que lhe leia a mão?

– Uma vidente numa Igreja? Não tem receio da ira divina com tal blasfémia? – Disse eu, sarcasticamente, tendo consciência de que estava a ser desagradável. O sorriso dela não mudou.

– Todos somos filhos de Deus, independentemente das nossas crenças. Eu sei que ele me ama, tal como a ama a si.

– Eu não tenho fé em Deus. Sei que ele existe, mas não sigo os seus ideais. – Fixei o olhar na alta cruz de madeira, esperançosa de que ele regressasse.

– Palavras enigmáticas as suas, menina. – Esticou o braço anafado para agarrar na minha mão fria. Depois, fechou os olhos, iniciando um verdadeiro teatro. – Um fardo, você carrega solitariamente um fardo negro e pesado. Vejo uma bifurcação dentro de si, uma importante demanda terminará com uma importante decisão que terá de tomar: aceitar o destino ou criar um novo. – Ela abriu os olhos e voltou a sorrir para mim, apesar do meu semicerrado olhar céptico.

– Conseguiu ver isso tudo numa mão? Devia ter mais cuidado com a minha pele...

–A menina pode não acreditar, mas eu sei o que vi. Agora cabe-lhe a si criar as bases para aceitar o que lhe disse. E dito isto... – Ela estendeu a mão. Eu soube que estava à espera de pagamento. Nem numa Igreja eu conseguia livrar-me do mundo. Estendi-lhe uma nota de dez e caminhei para fora dali. – Tenha cuidado com os demónios. Eles andam por aí. – Concluiu, com uma gargalhada. Não me voltei para apreciar aquele súbito ataque de loucura.

Solidão

As horas na revista estavam a demorar a passar. Apesar de desempenhar o meu trabalho com diligência, a minha cabeça estava a milhas dali. Depois do longo e frustrante dia de ontem, a minha investigação continuava sem levar a lado nenhum. Talvez aqueles homens tivessem razão e fosse verdade que não havia retorno possível a Orbias. E isso significava que Sebastian estava mesmo morto. Recusava-me a acreditar nisso e as palavras aldrabonas da mulher da igreja não abandonavam o meu pensamento. A escolha do meu destino. Quereria isso dizer que tinha de aceitar a morte de Sebastian e o desaparecimento de Orbias, e que, se não o fizesse, teria de aceitar as suas consequências?

Tinha chegado a um ponto de ruptura em que precisava urgentemente de desabafar e pedir conselhos. O meu orgulho não era suficientemente forte para continuar sã com todos aqueles acontecimentos. Por isso, nessa manhã tinha telefonado a Adam e Lorelei para me encontrar com eles lá em casa. Estava nervosa com a reacção deles depois da minha confissão, mas acreditava que, sendo meus amigos, iriam guiar-me pelo melhor caminho. E sempre era uma forma de revê-los. Apesar de afastados, continuava grata pela sua amizade e por todo o apoio.

Depois do trabalho e da jornada urbana, cheguei finalmente a casa. Infelizmente, não ia ter tempo de arrumar nada. Para variar, chegava tarde a casa, resultado das horas extraordinárias que nem sequer eram pagas. Era boa a organizar coisas, excepto a minha própria vida. Ainda tentei enfiar umas quantas peças de roupa no roupeiro e lavar alguma loiça, mas quando olhei para o relógio na mesa-de-cabeceira, estremeci com a noção de que eles estavam a chegar. Nem tinha tido tempo de comer nada.

A campainha tocou. Sabia que não viriam juntos. Tinham acabado o namoro há algum tempo, embora eu ainda não soubesse porquê. Olhei pela vigia da porta. Do outro lado estava uma cabeça disforme que de alguma forma me iluminou o espírito. Era Adam! Abri-lhe a porta imediatamente e apenas sorri. Estava tão contente por voltar a vê-lo após todo aquele tempo. Eu pensei que o final da relação com Lorelei iria arrasá-lo. Oh, como eu estava enganada! Estava completamente mudado! O magro rapazinho *emo*, nervoso e introvertido tinha desaparecido. Tinha o cabelo preto mais curto e vestia uma blusa com uma abertura em V e um casaco de cabedal à motoqueiro. Mais importante que tudo, tinha um sorriso confiante. Ele entrou no apartamento e ficou estupefacto quando viu o completo caos que era a minha pequena casa. Educadamente, não teceu qualquer comentário e esperou que eu apontasse para o sofá para que se sentasse.

Da última vez em que falei com ele, soube que estava a trabalhar numa loja de telecomunicações ao mesmo tempo que terminava o seu curso. Talvez o contacto com as pessoas e o seu próprio crescimento tivessem provocado uma mudança nele que nem eu própria compreendia.

– Estás diferente. Agora é que vejo o quanto estive absorvida na minha vida. Nem sequer tive oportunidade de ver a tua transformação. – O meu comentário revelava amargura por não ter acompanhado a vida dele, mas ao mesmo tempo sentia-me mal por vê-lo a evoluir e eu a regredir como uma carcaça velha.

– Este último ano foi de grandes mudanças para mim. Depois do que aconteceu o ano passado e de ter começado a trabalhar, ganhei mais confiança e maturidade para enfrentar a vida. As pessoas crescem e eu esforcei-me para isso. Gostava de poder elogiar-te também, mas não estás com muito bom ar. Passa-se alguma coisa? – Ele voltou a olhar timidamente para a total desarrumação. Felizmente, não reparou no quadro da minha investigação, que eu deveria ter escondido antes que chegassem.

– Preferia esperar pela Lorelei. Quer dizer, espero que não haja problema. Como vocês já não...

– Não, não há problema. Está tudo bem entre nós. – A sua voz mostrava uma rigidez que não era sua.

– Mas não te preocupes comigo, não é nada de especial. Acho que vos convidei para virem cá mais pelas saudades do que pelo desabafo. Vocês foram sempre tão bons amigos... Ajudaram-me durante aquele período terrível. Sinto-me mal por termos seguido caminhos tão diferentes. Não queria que pensassem que me afastei propositadamente. – Desviei o olhar dos seus olhos esverdeados, um claro sinal da minha mentira. O seu silêncio pensativo fez-me perceber que não adiantava mentir-lhe. Eu tinha seguido com a missão sozinha porque sabia que nunca iriam apoiar a minha imprudência.

A campainha voltou a tocar. Corri até à porta, feliz por ter quebrado o incómodo do prematuro desabafo com Adam. Depois de um abraço apertado, a exuberante Lorelei entrou pelo meu apartamento adentro, bamboleando-se com a sua extrema beleza. Será que eu era a única desgraçada a ficar cada vez mais feia e gasta? Ela olhou chocada para aquela confusão de papéis, roupa e pacotes vazios que a rodeavam.

– Credo, foste assaltada?! – Abraçou-me e deu-me dois beijos. – Bem, espero que o que tens para nos contar seja mesmo importante. Eu sei que não estamos juntos há imenso tempo, mas hoje tive uma sessão fotográfica e saí mais cedo para vir cá porque disseste que era urgente. – Ela sentou-se na poltrona depois de uma estranha troca de olhares com Adam. O segredo da sua separação era algo que me deixava extremamente curiosa.

Ela parecia uma deusa, com longas extensões onduladas, pele morena perfeitamente maquilhada e roupa cara. O último grito da moda. Lorelei tinha congelado a sua matrícula na faculdade para se dedicar à sua fulgurante carreira na moda. A sua beleza exótica não tinha passado despercebida junto dos vários agentes que a queriam contratar. Entre os desfiles, sessões fotográficas, festas e viagens, sobrava-lhe pouco tempo para uma vida normal. Mas ela estava mais feliz que nunca e até se tinha transformado numa espécie de celebridade no nosso país. A sua presença em revistas cor-de-rosa era uma constante. Eu tinha a certeza que ainda mantinha a mesma futilidade inocente, mas ao menos encarava aquela carreira com muito profissionalismo.

Servi-lhes um chá feito à pressa. Falámos um pouco sobre os nossos trabalhos e ausência de vida pessoal. Aquela conversa de circunstância estava a dar cabo de mim. Ameaçava explodir a qualquer momento. Decidi interromper Lorelei quando contava a sua peculiar experiência numa sessão fotográfica à beira de uma piscina.

– Obrigado aos dois por terem vindo. Estou realmente feliz por voltar a ver-vos. Fico nostálgica quando penso nos momentos que passámos juntos, mas agrada-me ver que cada um está contente com o caminho que seguiu. – Fiz uma pausa dramática e suspirei. – Bem, após muito ponderar, achei que tinha de vos contar o que se está a passar comigo. Peço-vos que não me interrompam e que tentem ser o mais compreensivos possível.

«Há meses, quando voltava das minhas férias, tive uma visão. E não, não foi um sonho ou uma alucinação. Tenho a certeza que foi o meu «extinto» poder da Omnisciência. A verdade é que, quando acordei, estava transformada em Anjo. – Os meus dois amigos tinham os olhos esbugalhados. – Eu fiquei tão perplexa como vocês estão agora. E não pensem que tenho respostas para isso. Julgava que, com a separação definitiva dos mundos, os nossos poderes tinham desaparecido. Mas a verdade é que Orbias voltou a desabar sobre mim com uma extrema violência emocional.

– E o que viste na visão? – Adam estava hesitante. Tive a sensação que o rapaz nervoso estava de volta. Mordi o lábio com a antecipação do que ia dizer.

– Eu vi-me a mim própria e... ao Sebastian. Estávamos num penhasco e falávamos de traições e assassínios. Eu agia de uma forma tão lasciva que nem me reconheci. Esse encontro nunca aconteceu e eu depreendi que fosse uma visão do futuro. A partir daí, fui consumida por essa esperança, de que Sebastian estaria vivo e que seria possível voltar a Orbias novamente. Fiquei tão obcecada com isso e vocês andavam tão ocupados que decidi agir sozinha. Tentei descobrir a identidade e o paradeiro de antigos membros da Sociedade Índigo. Teria como missão ameaçá-los, na tentativa de tentar descobrir se existia a mais pequena hipótese de voltar a Orbias. Mas, até agora, não fui bem-sucedida. Dos homens e mulheres que persegui, todos admitiram ser vítimas da conspiração que levou à separação dos mundos e nenhum sabe como voltar. E foi aí que decidi contar-vos tudo e pedir a vossa ajuda na «busca» por Orbias. – Olhei expectante para eles, mas a única resposta eram os seus olhares fixos. Tinha a certeza de que, se referisse a morte do homem na linha do metro, ficariam ainda mais aturdidos. Lorelei despertou do silêncio da pior forma.

– Calma, eu bloqueei logo quando disseste a palavra «visão». Tens a certeza de que não alucinaste mesmo? Isto é alguma brincadeira de mau gosto? O que se passou realmente contigo? – Ela olhou para o chão e abanou a cabeça. – Sinto que já não te conheço! Olha para o teu aspecto. Olha para o estado caótico da tua casa. Achas que isto é viver? Todo o apoio que te demos não foi suficiente?

– Eu não sei o que se passou comigo, Lorelei. O que queres que te diga? Que enlouqueci? Que tenho visto a cara do Sebastian em todo o lado desde há meses? Que sinto o cheiro dele cá em casa? Que o sinto observar-me? – Aquele tipo de frases normalmente sair-me-ia num conjunto de berros, até porque todas aquelas emoções estavam acumuladas há muito. Em vez disso, eu murmurava como um rato falante. Lorelei levantou-se do sofá e colocou-se ameaçadoramente à minha frente.

– Eu e o Adam não estivemos meses contigo a levar com a tua depressão e a apoiar-te vinte e quatro horas por dia para tu regredires até esse ponto deplorável em que estás. Olha para ti, nem consegues falar decentemente. Estás cheia de feridas, de nódoas negras. Como vais trabalhar nesse estado? Tens sequer noção do perigo em que te tens colocado? – Ela viu o orbe de Sebastian por baixo do *placard* cheio de planos de perseguição de ex-membros da Sociedade Índigo. Depois de um rápido vislumbre enojado de todos aqueles papéis, agarrou rapidamente no orbe de boa-noite e colocou-se à janela com o braço esticado. – Admite que estás mentalmente doente ou atiro esta porcaria para a rua!

Não admiti. Eu não estava louca, tinha a certeza disso. Para prová-lo, transformei-me em Anjo mesmo à sua frente. Lorelei puxou o braço atrás e atirou o orbe pela janela, para a infinita escuridão lá fora. Não chorei. Estranhamente, em vez disso, senti pena de Lorelei. Ela estava cega. Não queria ver o óbvio, que nós ainda éramos Guerreiras e que Orbias se aproximava de nós como uma bela tempestade.

– Lorelei, o que estás a fazer?! Ver a Noemi transformada não é suficiente para compreenderes que algo se passa? – Adam interrompeu a tensão que se criou entre mim e aquela que em tempos foi uma das minhas melhores amigas. Ela ficou encostada à janela, provavelmente para acalmar a lava nas suas veias com o frio da rua.

– Oh, meu Deus, que raio de *déjà-vu* retorcido é este? Eu já ouvi esta história pela boca da Cordélia ano e meio atrás. Os mundos foram definitivamente separados, acabou! Não sei como te transformaste, mas sinceramente não quero saber. Orbias já não existe para mim. E o Sebastian morreu. Tens de aprender a lidar com isso, Noemi! – Lorelei mostrava a sua teimosia enquanto andava nervosamente de um lado para o outro de mãos desesperadas na cabeça.

– Os mundos não foram separados. – Eu falava numa voz baixa, mas ansiosa. Algo dentro de mim queria desesperadamente que a separação dos mundos tivesse falhado para que pudesse voltar a Orbias. Se isso fosse real, então a sobrevivência de Sebastian também seria, e tudo o que tínhamos feito até então tinha sido em vão. – Eu vi-me com Sebastian no futuro. Isso vai acontecer.

– Se realmente isso foi uma visão do futuro, não podia ter ocorrido na Terra? Porquê o interesse em Orbias?

Não lhe respondi. Apenas sabia instintivamente que o cenário da visão era orbiano.

– Como podes estar tão calma, Noemi?! Parece que te esqueceste de tudo o que passámos para conseguir separar os mundos, todos os sacrifícios. Aliás, tu devias estar bem pior que eu, tendo em conta o que aconteceu. Não entendes que já acabou? Que te transformaste em Anjo porque ainda terás uma réstia de poder dentro de ti? Ou simplesmente porque não consegues esquecer tudo isso e seguir em frente. – Ela agarrou nos meus ombros e olhou-me fixamente como se estivesse a falar com uma criança. – Por favor, promete-me que vais parar com esta loucura de «missão» e «investigação». Tens de seguir com a tua vida.

– Não. Eu vou voltar a Orbias. Tenho de ter a certeza de que Sebastian está vivo. Se estiver vivo, não posso deixá-lo à espera. – Disse-o como se fosse a maior certeza do Universo.

– Se é essa a tua decisão, então, não estou aqui a fazer nada. Eu desisto de ti, Noemi.

Lorelei agarrou na sua mala e, em vez de sair disparada, como normalmente faria, saiu calmamente e com uma profunda expressão de desilusão. Estava irritada por ver que ela não acreditava em mim, mas a verdade é que fiquei de coração destroçado com as suas ásperas palavras. Adam olhou para mim com a mesma expressão de desapontamento.

– Podias ter falado comigo mais cedo. Gostava de poder ajudar-te, mas não sei o que pensar neste momento. És diferente da Noemi que conheci. – Adam também saiu do apartamento, com a cabeça baixa.

Fiquei sozinha e especada no mesmo lugar durante alguns minutos. Numa gradação borbulhante de sentimentos, gritei como uma louca. Enquanto chorava selvaticamente, arranquei os papéis afixados no quadro, atirei com a mobília ao chão. Só quando comecei a sangrar da mão é que me deixei cair soluçante no chão. Passei a mão pelo cabelo enquanto pensava no imenso ónus que teria de aguentar completamente sozinha.

Possibilidades

Rodopiava uma azeitona num copo de martíni vazio. Quase em fraqueza, aquilo era veneno para mim. Não costumava beber e sempre tinha resistido à tentação de adquirir um vício. Era vista como uma rapariga inocente e simpática. Mas depois de regressar de Orbias, tinha-me tornado numa pessoa introvertida, amarga e negra. Depois daquela noite e dos recentes acontecimentos, eu precisava mesmo de beber. Talvez assim o poder do Anjo desaparecesse. E se tudo não passasse de uma terrível mentira e a minha cabeça confusa já não soubesse em que acreditar ou que caminho seguir? E se a Lorelei tinha razão e eu estava mesmo a ficar louca? O desgosto pela morte do Sebastian teria sido tão grande? Será que a minha mente leviana não conseguia resistir à perda? Precisava de algo mais forte. Pedi um copo de vodca pura ao *barman* e ele entregou-mo, algo relutante.

Estava sentada ao balcão de um bar um pouco duvidoso, mas discreto. Ficava escondido numa ruela que divergia de uma movimentada avenida de Grand City. A luz era fraca, a melancólica música *jazz* tocava baixo e não estava muito cheio. O vermelho e o dourado da decoração não me incomodavam muito, apesar da combinação berrante. Era o sítio perfeito para eu ficar sozinha e desanuviar a minha cabeça. Não tivesse sido abordada e engatada por dois homens relaxados de gravata desapertada, a minha estada ali seria perfeita.

Tirei o meu telemóvel da mala. Na lista de contactos, procurei pelo nome da minha mãe. Ainda não tinha falado com ela nesse dia. Mas no estado em que estava, era melhor não o fazer. Não seria capaz de disfarçar a lástima em que estava. Procurei pelo número de Adam. Por alguma razão masoquista, queria falar com ele de novo e tentar explicar-me melhor. Ele não era tão duro como Lorelei; talvez pudesse ajudar-me a encontrar o meu caminho.

– Desculpe, por acaso o seu nome é Noemi Etherial? – Um homem asiático de sobretudo preto estava de pé ao meu lado. Aparentava ter trinta e muitos anos, mas era bastante charmoso. A sua voz grossa denunciava anos de tabagismo.

– Sim, sou eu. E o senhor, quem é? – Eu continuava a brincar com o meu copo de bebida enquanto falava desconfiadamente com ele.

– O meu nome é Jin Kayako, sou detective particular. – Esticou um cartão de visita na direcção do meu copo de vodca. – Gostaria de lhe fazer umas perguntas relacionadas com o envolvimento das empresas do grupo Asmodeus numa alegada sociedade secreta, a Sociedade Índigo. Podemos ir para um sítio mais sossegado? – Imediatamente, levantei a cabeça e arregalei os olhos. Será que tinha sido descoberta? Teria sido descuidada na minha investigação ao ponto de ter um detective à minha frente a falar da Sociedade Índigo?

– O que o faz pensar que eu tenho alguma coisa a ver com isso? – A minha voz tinha ficado enredada num nó de nervosismo e saía da minha boca a muito custo.

– O seu nome apareceu em alguns ficheiros da Sociedade que investiguei. – Ele sorriu e descontraiu o corpo rígido. Ainda assim, parecia estar a mentir. – Tenha calma, tenho a certeza de que não tem nada a esconder. São só umas perguntinhas de rotina. Além disso, sou detective privado. Estou apenas a trabalhar para um cliente. A Polícia nada tem a ver com isto. Só se a Noemi cometeu algum crime grave... Cometeu?

– Independentemente da identidade do seu cliente, eu não tenho nada a ver com isso. Só conhecia as empresas do grupo Asmodeus através dos média e o nome dessa Sociedade não me diz nada. Acho que se enganou na pessoa. – Agarrei na minha mala e deixei uma nota em cima do balcão. Era mais do que a minha conta, mas precisava de sair dali rapidamente. O detective barrou-me a saída, colocando subtilmente um braço no balcão e inclinando a cabeça para mim.

– E se eu lhe dissesse que tenho conhecimento de Orbias? – Ele murmurou para ter a certeza que nenhum cliente o ouvia, mas sorria jocosamente. O meu corpo estremeceu como se tivesse recebido uma descarga eléctrica. – Vamos para aquela mesa do fundo. Não vai demorar muito, prometo.

Até na porcaria do bar, Orbias tinha de vir ter comigo. Logo naquela noite em que precisava de uma pausa. Parecia uma perseguição doentia. O homem sacou de um pequeno bloco, provando-me que ele representava uma espécie de clichê de detective de um filme *noir*. Amarrei o cabelo num rabo-de-cavalo e forcei os meus olhos a manterem-se abertos. Estava um pouco sonolenta devido ao cansaço e ao álcool que acabara de beber.

–Você conhecia alguém que trabalhasse nas empresas do grupo Asmodeus? Conhecia o director, Mefisto Asmodeus?

– Não.

– Hum, alguma vez teve algum negócio ou tem algum familiar que tivesse um negócio associado às empresas do grupo Asmodeus?

– Olhe, vamos deixar-nos de brincadeiras! Você falou de Orbias, sabe mais do que deveria. Diga-me afinal o que quer saber e não me faça perder o meu tempo.

O homem manteve um sorriso sereno perante o meu acesso de fúria. Ele voltou a guardar o bloco no casaco. Afinal aquilo era uma encenação.

– Certamente, Noemi. Por muito que me custe acreditar, eu sei que existe um mundo paralelo a este, que abunda de uma energia não renovável, mas muitíssimo poderosa. Sei também que você foi, ou é, uma proclamada «Guerreira» desse mundo. Infelizmente, há cerca de um ano, Mefisto Asmodeus faleceu, o mundo de Orbias ficou inacessível e a Sociedade entrou em colapso. Pois bem, eu fui contratado por alguém que já pertenceu à Sociedade e que gostaria imenso de garantir que as coisas vão continuar assim, separadas.

Ri com ousadia.

– Essa é nova. Alguém da Sociedade que esteja feliz com a separação dos mundos. Que é feito da ganância por dinheiro?

– Digamos que as coisas estão melhores assim. Tenho conhecimento que a Noemi ficou com alguns assuntos por resolver em Orbias. E que tem perseguido alguns ex-colegas do meu cliente em busca de alternativas para regressar àquele mundo. Apenas queremos ficar descansados caso queira cometer alguma loucura.

O meu coração acelerou perante a possibilidade de eu ter algum poder para voltar a Orbias, como ele dava a entender. Mas pareceu-me demasiado absurdo para ser verdade. Além disso, não conhecia aquele homem e podia muito bem estar a manipular-me.

– Pois pode tranquilizar o seu «cliente» e dizer-lhe que Orbias está completamente separado do nosso mundo. – Tentei ser o mais sarcástica possível. – Já não existe e nunca era suposto ter existido para nós! E diga-lhe também que teve imensa sorte em não ser perseguido por mim, isto se não o foi já. – Lancei-lhe um olhar nocivo, mas ele não pareceu afectado. – Agora, se me dá licença. – Levantei-me da mesa, esforçando-me para não cambalear com o efeito da bebida. Mas o homem agarrou-me firmemente no braço.

– Eu sei que está a esconder alguma coisa, Noemi. Olhe que eu consigo ser bastante persistente. Eu e o meu cliente não somos os únicos interessados em manter Orbias bem afastado da Terra. E certamente também não seremos os piores. Se teimar em prosseguir com essa ideia parva, vai ouvir falar de nós novamente...

Libertei o meu braço com um safanão e comecei a andar sem olhar para trás. Talvez devido ao álcool que me corria no sangue e às emoções fortes daquela noite, consegui conter o choro.

Inesperado

Os dias de estágio acumulavam-se como comida na boca de uma criança que não tem fome. Já não tinha noção do tempo nem tinha vida social. Era uma espécie de robô. Por vezes, reparava na cara de consternação ou de pena de Kay e de outros jornalistas quando me viam arrastar-me pela redacção como uma autêntica moribunda. Estava a tentar seguir o conselho retorcido de Lorelei e estava a forçar Orbias e Sebastian a sair da minha cabeça. Nem sequer o estranho encontro com o detective me tinha afectado.

Enquanto fazia alguns telefonemas a marcar entrevistas para alguns artigos da revista, reparei que a directora Tara já ia embora com o habitual «apêndice» – Alicia. Obviamente que ia embora mais cedo, mesmo tendo as mesmas funções que eu. Pudera, era filha da chefe. Estava vestida com um estilo colegial escuro e até tinha uma fita na cabeça. Parecia-me uma escolha ridícula e infantil, especialmente para trabalhar num local como aquele. Mas era o que a jovem elite de Grand City vestia nestes dias. Eu estava longe, muito longe, de ser como ela. Por alguma razão, lembrava-me Lorelei, principalmente depois da última vez em que a vi, já como uma modelo. Senti uma certa saudade agridoce.

Pesquisava notícias recentes na Internet e encontrei um artigo de há dias que referia o suicídio de um homem que pertencera às empresas do grupo Asmodeus. Estremeci perante a possibilidade de algum dia alguém descobrir que eu tinha sido a involuntária causadora da sua morte. A imagem vívida do seu corpo despedaçado queimou-me a mente. Decidi voltar a minha concentração para os telefonemas e para o meu trabalho.

Antes de descer para me ir embora, parei na casa de banho para retocar a maquilhagem. Felizmente, naquele dia estava mais calma em relação às perigosas lembranças que teimavam atacar-me. E até estava com fome, o que não era nada normal. Abri a minha mala e, quando levantei a cabeça para o espelho, gritei, assustada, ao ver um homem encostado a um dos cubículos. Virei-me, mas não estava ninguém. Voltei a olhar para o espelho e só então é que percebi com clareza que quem pensara ter visto fora... Sebastian! Saí dali a correr com a minha cabeça num turbilhão de pensamentos e medos. A loucura estava a regressar. Ou então estava com uma profunda depressão. Ou então (e eu sabia que era possível porque tinha visto coisas mais estranhas no ano passado) o fantasma dele tinha mesmo voltado para me atormentar.

Minutos depois, quando entrei no metro, já mais calma, tentei arranjar um cantinho sossegado no meio das sardinhas que se amontoavam naquela lata. Encostei a cabeça à janela enquanto olhava para a escuridão que passava a alta velocidade lá fora. Um comboio passou por nós na direcção contrária. Tive um breve vislumbre de um homem que me fixava de lá de dentro. Foi uma fracção de segundo, mas o suficiente para perceber que era Sebastian ou um cruel desvairo dele.

Saí a correr na minha estação de metro e o frio contrastante que estava na rua nem sequer me afectou. Muito menos as habituais discussões dos chineses no restaurante por baixo do meu apartamento. Subi as escadas, enfiei as chaves na porta ainda a tremer e entrei lá dentro. Como habitualmente, descalcei as botas, despi o casaco e enfiei-me na cama sem acender as luzes. Enrolei-me nos cobertores e forcei-me a adormecer para tentar apagar todas aquelas estranhas visões e evitar que elas voltassem. Continuava a tremer e o estômago contorcia-se aflitivamente.

De olhos fechados ou abertos, continuava a ver o rosto de Sebastian na minha cabeça. Era como uma assombração demoníaca que me consumia por dentro.

Mas... e se todas aquelas visões de Sebastian fossem sinais de que deveria voltar imediatamente a Orbias? Talvez ele precisasse de mim. Talvez estivesse preso no abismo em que caíra em Deep Hollow e precisasse da minha ajuda. A conversa com o detective tinha-me deixado obsidentemente pensativa. Para me ter ameaçado daquela forma, certamente acreditavam que eu era capaz de voltar lá. Mas como? Seria tão fácil que bastasse usar o meu poder da Omnisciência? Já o tinha feito, mas o falhanço fora demasiado frustrante para tentar novamente. Contudo, a cada dia que passava e quanto mais lutava pelo regresso, o desejo de reencontrar Sebastian inflamava-me completamente o coração. Talvez agora conseguisse transportar-me para um mundo noutra dimensão. Não custava nada experimentar. Hoje, sentia que não tinha nada a perder. E se aquela tentativa corresse mal, não me importava. Estava disposta a seguir em frente e desistir de Orbias, tal como os meus amigos me tinham sugerido. Era o tudo ou nada! Ansiosa com a importância da decisão que estava prestes a tomar, fui até à janela para apanhar ar e acalmar o coração tumultuoso. Será que ia conseguir ver Sebastian de novo? Será que ele estava realmente vivo? A minha ferida emocional precisava de sarar de alguma forma.

Deitei-me na cama de barriga para cima e mãos repousadas no meu ventre. Fechei os olhos e tentei concentrar todo o meu poder da Omnisciência. Pensei no mundo mágico de Orbias, nas Guerreiras, mas principalmente em Sebastian. Algo que me fizesse atravessar a barreira transcendental que separava Orbias da Terra. Subitamente, a minha cama começou a tremer e senti o sangue quente escorrer-me do nariz e dos olhos. Agarrei nos lençóis com força, não podia desistir. Quando já estava num ponto em que não conseguia suportar as dores no corpo, a minha mente desligou-se.

Renascimento

A minha visão ainda estava desfocada, mas eu reconheci de imediato aquela sensação. Era a calma e a serenidade das minhas visões de Guerreira. Como eu sentia saudades daquela emoção! Era como se uma querida amiga me viesse visitar passados meses e meses de ausência. Estando familiarizada com todo aquele processo, olhei avidamente à minha volta para saber o que aquela visão tinha para me oferecer e se eu estava, de facto, de regresso a Orbias. Depois da visão com Sebastian, também tinha de me certificar se o que estava a ver era o presente.

Havia algo no ambiente circundante, como um odor especial ou uma aura mágica e familiar, que me fez ter a certeza de ter miraculosamente regressado a Orbias. O meu corpo espectral sorriu. Infelizmente, o meu poder da Omnisciência não me permitia sentir grandes emoções, pelo que a explosão de felicidade teria de vir no final daquele que para mim era um espectáculo cinematográfico. Afinal, aquele detective tinha razão e eu fiquei deveras curiosa quanto à sua verdadeira intenção e à identidade do seu cliente. Lorelei ia engolir todas as palavras venenosas que me tinha dirigido. Eu estava certa! O facto de ser dotada de um poder divino revelava a imperfeição de uma separação dos mundos que se julgava absoluta.

Analisei o espaço à minha volta. Embora fosse de noite, percebi que estava numa floresta. Porém, havia uma aura sombria no ar, como se algo estivesse a morrer perto daquele local. Caminhei por aquele trilho de forma a encontrar alguém. O céu escuro por cima de mim estava dominado por uma névoa pesada. Cheguei a uma aldeia silenciosa de pequenas casas de xisto. Não conhecia a povoação, mas tive o impulso de entrar e tentar perceber a razão pela qual a minha visão me tinha levado até lá.

Enquanto penetrava nas ruas estreitas, o ambiente de morte tornava-se mais próximo. Era a mesma sensação atroz que sentia ao entrar num cemitério. Subitamente, ouvi gritos desesperados de pessoas que corriam pelas ruas e atravessavam o meu corpo fantasmagórico com uma densa expressão de pânico estampada no rosto. Avançando mais, cheguei a uma praça onde corpos de pessoas começavam a amontoar-se pelo chão de pedra. Estariam mortas? A visão dantesca ter-me-ia feito vomitar, mas felizmente as minhas emoções não conseguiam manifestar-se nas minhas visões.

Um espesso nevoeiro gelado inundou a aldeia, acompanhado por um zumbido agudo e ensurdecedor. Tentando avançar naquele mar branco, vi um vulto familiar que me encrespou a alma. Sebastian. De frente para mim estava a confirmação de todas as minhas esperanças e receios. Como uma feliz assombração, vi Sebastian vivo à minha frente. Estava em estado de choque com a sua presença ali. Mas, dadas as circunstâncias, eu não sabia o que pensar. Não sabia se deveria ficar feliz, se tudo não passava de uma ilusão ou sonho. O seu aspecto era o mesmo da minha visão: calças pretas, camisa branca e barba de dois dias. E lá estavam eles, os intensos e penetrantes olhos negros combinados com o seu sorriso perverso. Todos os pequenos elementos estavam lá e indicavam-me que aquele era de facto, Sebastian. Contudo, por alguma razão, continuava a sentir que não era ele que ali estava. Não era o meu Sebastian que me preenchia o coração. Era... outra coisa que não despertava em mim a mesma emoção.

Aquelas mortes... Teria sido Sebastian o autor daquela desgraça? Porquê? O que se estava a passar ali? Ele era bom, era o meu amor, não podia ser capaz de fazer aquilo! Num impulso inusitado nas minhas visões, corri até ele para lhe tocar e sentir que era real. Mas as minhas mãos translúcidas atravessaram-no como o vento. Ele saltou para a escuridão da aldeia e desapareceu misteriosamente com o mesmo sorriso sedutor que o caracterizava. Percorri as ruas sepulcrais à sua procura, mas nada.

No meio de tanta morte, uma rapariga estendida no chão chamou-me a atenção. Reparei que, fisicamente, era muito parecida comigo, embora mais bonita. Colei a minha cara ao seu coração. Estava a bater fracamente, ainda estava viva! Tive curiosidade em ver se as outras pessoas também estavam vivas. Algumas estavam, outras já não, e outras ainda iam morrendo nos meus braços. Sabe que não consegue socorrê-las. Regressei à rapariga. O seu coração estava quase a parar, como um relógio a perder a corda. Deixei-me ficar ali a acompanhar a sua prematura morte para que lhe servisse de algum consolo. Acabou por morrer.

Foi então que a epifania veio. Seria eu capaz de usar o meu poder da Omnisciência para transferir a minha mente para um corpo hospedeiro? Para que eu existisse fisicamente naquele mundo? Não sabia se tinha tal poder, mas a grandiosidade desse poder fazia-me crer em várias possibilidades. E se eu o fizesse com aquela rapariga? Era horrível apoderar-me do corpo de alguém. Parecia quase um roubo ímpio. Mas ela estava praticamente morta, sem alma. Eu apenas precisava de uma segunda oportunidade em Orbias, e o corpo dela parecia-me a melhor hipótese. Pousei as minhas mãos imaginárias na sua cabeça. Ainda estava quente, o sangue ainda fluía. Deixei a minha mente entrar para dentro dela.

Na minha terrível antecipação egoísta senti como se me tivesse transportado de volta para a Terra e que todas as sensações físicas e terrenas estivessem de volta. Olhei para o céu escuro por cima de mim, depois para o meu novo corpo. O peito silencioso ganhou de novo o som da vida e o coração retomou os seus batimentos. A transferência da minha mente tinha sido bem-sucedida! Estava plenamente em Orbias! No entanto, restava pouca energia naquele corpo e as dores eram imensas. Talvez fosse a adaptação.

A minha força de vontade era tão grande que me levantei e tentei correr atabalhoadamente na direcção em que Sebastian tinha desaparecido. Fraca, mas persistente, arrastei-me para fora da aldeia naquele novo corpo. Durante minutos que me pareceram horas, consegui chegar à floresta que antecedia a aldeia atacada. Deixei-me cair sobre a vegetação. Apesar de toda a violência, sentia que a minha mente sã e ávida aos poucos ia revitalizando o corpo da pobre rapariga. Tinha de me mentalizar que a partir de agora teria de me habituar àquele corpo, pois só assim poderia regressar fisicamente a Orbias. Mas o cansaço estava a apoderar-se da minha cabeça e nem sequer estava a conseguir olhar para tudo de forma analítica, como fazia nas visões imateriais. Continuando a lutar contra a morte, desmaiei ao som de passos de pessoas que se aproximavam.

Arrogância

Levantei-me rapidamente e senti dores dilacerantes por todo o corpo. Virei-me imediatamente para o lado com a iminência do vómito. Passei a mão pela cabeça suada e febril e tossi, mais aliviada. Só então notei que estava transformada em Anjo, com a indumentária de roqueira e as enormes asas brancas sobre a cama. Ainda sentia o sangue seco na minha cara. O esforço para me transportar para Orbias tinha sido colossal. De imediato, voltei a transformar-me em Noemi. Olhei para o sofá e, estranhamente, Adam estava lá a dormir. Como é que ele tinha entrado ali? Será que me viu na cama, transformada em Anjo? Apesar destes receios, estava feliz por vê-lo ali, ironicamente, como um anjo protector. Tinha de desabafar com ele.

Levantei-me da cama a custo e dirigi-me até ele para o acordar suavemente. Parecia um menino inocente quando dormia. Estava de *T-shirt* e calças pretas. Pude voltar a ver a sua misteriosa tatuagem no braço. Nem sequer conseguia identificar o que era. Sentindo a minha presença, ele despertou e olhou para mim com um sorriso envergonhado.

–Tens de mandar arranjar a tua fechadura. Estranhei não me abrires a porta e entrei para ver se estava tudo bem. Vi-te transformada em Anjo. Queres falar sobre isso?

Apesar do meu esforço, a minha sensibilidade ainda não me tinha permitido evitar chorar, como uma lamechas. No meio de algumas lágrimas, contei-lhe tudo, desde o encontro com o detective de há dias, passando pelo estranho encontro com Sebastian e a posse do corpo da rapariga morta. Como um bom amigo, ele procurou compreender a minha decisão, embora eu tenha notado o seu desassossego. A reacção podia dever-se ao regresso a Orbias ou à heresia de ter projectado a minha mente no corpo de uma estranha falecida.

– O que vais fazer agora? Vais voltar para o corpo da rapariga e revisitar Orbias? – O tom de voz de Adam era calmo, mas denotava uma ponta de crítica. – Eu não quero parecer chato, e longe de mim impedir-te de fazer o que quer que seja. Mas tens uma vida na Terra. Vais simplesmente ficar a dormir enquanto a tua mente está em Orbias? Durante quanto tempo? Até quando? – Ele tocou-me na mão e só então percebi o quanto eu estava fria.

– Eu... não sei. Mas uma coisa é certa: o Sebastian está vivo, eu vi-o. O que ele fez naquela aldeia e aquela visão do nosso futuro... Preciso de saber porquê, preciso de respostas. É a minha sanidade mental... e o meu coração que está em jogo. – Eu estava tão cega. Reconhecia a minha cegueira, mas não queria vê-la.

– Eu apoio-te. – Esta simples frase, seguida de um abraço, foi o necessário para me sentir mais confiante. Ele era um admirador de Orbias, como eu. Bastava provar que o outro mundo ainda podia ser uma realidade para nós. O meu fiel e bondoso amigo Adam.

\*

Aquela sexta-feira passou tão lentamente que estava pronta para arrancar cabelos. Apressei o meu trabalho na tentativa frustrada de acelerar o tempo, mas sem sucesso. O meu supervisor Kay estava naqueles dias horríveis de mau humor. Os seus berros ecoavam por toda a redacção e tenho a certeza de ter visto uma secretária a chorar depois de sair da sala dele. Tentei passar despercebida e fazer o meu trabalho correctamente para não ser uma das suas vítimas.

Quando regressava à minha secretária depois de passar na sala das fotocópias, vi que Alicia, a mimada filha da directora, estava sentada no meu lugar a ler alguns ficheiros pessoais no meu computador. Estava vestida como uma colegial, com a crueldade de menina rica estampada na face. Tentei ser condescendente, apesar de me apetecer arrancar-lhe as extensões da cabeça.

– Olá, Alicia. Precisas de alguma coisa?

– Noemi, a pessoa com quem eu queria desesperadamente falar! – A sua voz denotava uma simpatia terrivelmente sarcástica. – Estou completamente assoberbada de trabalho. Preciso que me faças um enorme favor. Tenho dois artigos para escrever sobre a Madonna, mas não tenho mesmo tempo. Quero que o faças.

– Porque haveria eu de fazer tal coisa? – Semicerrei os olhos, borbulhando com a arrogância dela.

– Sabes, ainda não estou habituada às minhas unhas de gel. Podia carregar sem querer na tecla *delete*, logo quando tens tantos ficheiros abertos no Ambiente de Trabalho. Seria uma pena não apresentares nada ao Kay. – Levantou-se da minha secretária e meneou-se até à porta. – E não te esqueças que não é preciso assinares os artigos; eu trato disso.

– O que te faz pensar que, agora que saíste do meu computador, vou fazer o que pediste?

– Desculpa. Só me ocorre o facto de ser filha da directora e de toda a gente acreditar no que eu digo. Tenho uma imaginação maravilhosa, Noemi. – Piscou-me o olho e mostrou um sorriso convencido. Que raiva! Vítima de chantagem naquele estágio miserável. E não adiantava reclamar porque ninguém ia acreditar na estagiária que nem sequer é a viciosa filha da directora da revista. Nem sequer Lorelei, habitualmente comparada por mim a Alicia, conseguia ser tão presumida como ela. Logo agora que a minha vida dupla pressupunha viagens demoradas a Orbias, estava com dois artigos exaustivos para fazer o mais rapidamente possível. Ia passar o fim-de-semana todo a fazê-los. Ou não...

\*

Adam já estava à minha espera na porta do prédio. Parecia incomodado com os meus barulhentos vizinhos chineses, mas a sua expressão iluminou-se quando me viu a subir as escadas da estação de metro. Tínhamos combinado juntar-nos nessa noite para falar um pouco mais sobre Orbias. Disse-me que tinha pedido uns dias no trabalho, pelo que teria mais tempo para estar comigo. Também tínhamos decidido que era muito cedo para falar com Lorelei, pelo menos até encontrar algo consistente que a fizesse apoiar-me nas visitas a Orbias. Como resposta, entreguei-lhe uma cópia das chaves do meu apartamento.

Subimos até ao meu apartamento e recapitulámos tudo o que tinha acontecido até então. Estava ansiosa por voltar a Orbias e ver o que tinha acontecido com o meu novo corpo. Esperava que não estivesse morto. Adam também me pareceu ansioso. Orbias tinha-o marcado quase tanto como a mim, pelo que parecia desejoso de saber como estava tudo por lá e qual a história por trás do regresso de Sebastian. Não lhe contei que tinha dois extensos artigos para redigir ou não me deixaria projectar a minha mente para Orbias. Tinha decidido deixar isso para depois, algo que não gostava de fazer por ser responsável e profissional. Porém, a minha vida tinha uma nova motivação.

Adam ajudou-me a deitar na cama e sentou-se no sofá para ficar a cuidar do meu corpo adormecido. Obviamente que não queria deixá-lo ali a secar, até porque não sabia quanto tempo ia ficar em Orbias e tinha a certeza de que nada de grave aconteceria com o meu corpo. Mas ele tinha insistido. Concentrei-me no meu poder da Omnisciência e pensei no corpo orbiano, hospedeiro da minha mente.

Sobrevivente

A sensação de paz e harmonia das visões era coisa do passado. As dores que sentia eram insuportáveis. Mas o pior era a sensação de estranheza por estar num corpo que não era o meu. Tudo parecia estar no local errado, a minha perspectiva da proporção das coisas era totalmente diferente do que estava habituada. Apesar disso, sentia que era muito fácil acostumar-me àquela situação. Era uma questão de tempo até melhorar e sentir-me mais confortável para seguir com o meu único objectivo de encontrar Sebastian.

Tive dificuldade em abrir os olhos perante a claridade do sol de final de tarde reflectida no tecto daquela grande tenda branca. O odor a ervas medicinais era estranhamente familiar e misturava-se com o cheiro floral que entrava pela janela aberta. Sentindo que era capaz de me levantar da cama em que estava deitada, inclinei-me para a frente e sentei-me. Tive um ataque de tosse ao fazer isto. Estava numa sala com várias camas vazias dispostas paralelamente e inúmeros frascos com ervas e orbes mágicos. Sabia que estava numa espécie de hospital improvisado, mas a sensação era bem mais funesta. Era quase como estar numa morgue.

Felizmente, alguém tinha socorrido aquele corpo da cidade-fantasma. Bem, alguém *me* tinha socorrido. Tinha de me habituar à ideia de que aquela era eu, uma espécie de meu *alter ego* em Orbias. A mente e a alma eram minhas. O corpo não era, mas tinha-o «pedido emprestado» àquela rapariga.

Ninguém estava naquele amplo espaço estéril. Senti-me pequenina e terrivelmente mal porque, possivelmente, ninguém teria sobrevivido ao presumível ataque de Sebastian. Curiosa para saber onde estava ou para encontrar alguém que reconhecesse, abri lentamente a porta para sair. Espreitei, cautelosa, e vi três orbianos atarefados nas suas lides medicinais. Quando um deles notou que eu estava ali especada, alertou os outros, que se prontificaram a vir ter comigo com ar chocado.

– A menina acordou! Pela Deusa! Não se pode esforçar, tem de voltar para a cama imediatamente! Tu, vai chamá-la. Diz-lhe que afinal há uma sobrevivente do ataque.

Tinha sido a única. Senti-me terrivelmente mal com tamanho acto desumano. E Sebastian? Que mistério estava ali presente? Eu acreditava que ele não tinha nada a ver com aquilo, que fora apenas uma ilusão e que havia uma explicação plausível. A sua presença ali tinha de ter outro propósito. O meu Sebastian não era capaz de fazer isso.

O enfermeiro mais velho deitou-me na cama e assegurou-me que a enfermeira-chefe viria falar comigo. Quando ele saiu, fui teimosa o suficiente para voltar a levantar-me. Estava um espelho ali perto e eu estava demasiado curiosa para analisar o meu novo corpo. Apesar dos ferimentos, sentia-me esplendidamente bem. A rapariga era linda, muito mais do que eu alguma vez poderia ser. Tinha a pele pálida como eu, mas com mais vigor. Os lábios finos condiziam com as leves feições femininas. O cabelo era preto, ondulado e comprido, mas tinha uma certa personalidade rebelde, o que dava um ar algo campestre. Abri um pouco o robe branco que tinha vestido. Ela era magra, mas com umas curvas bastante generosas. Até sentia que conseguia competir um pouco com Lorelei. Ela iria certamente invejar aquele meu novo corpo, ainda que não existisse senão em Orbias. Faltava testar uma coisa: a voz. Disse umas quantas frases, de pé, em frente do espelho. Tinha uma voz rouca, mas com um toque grave que me garantia uma sensualidade selvagem. Mas a única coisa que me fascinava realmente naquele novo corpo era os olhos – a mesma cor azulada e o mesmo brilho. Se realmente os olhos eram o espelho da alma, aquela era a prova.

– Desculpa a demora, não estava à espera que acordasses tão cedo. Como é que te sentes?

Aquela voz feminina mas grave era inconfundível. Virei-me num ápice e fiquei tremendamente feliz quando, de todos os milhares de pessoas que viviam em Orbias, estava perante Cordélia. Que coincidência tê-la encontrado! Corri até ela e abracei-a como se fosse a primeira vez que a via em dezenas de anos.

– Tive tantas saudades tuas, Cordélia!

– Nós... conhecemo-nos? – Ela estava desconfiada, como uma criança estaria.

– Sou eu, a Noemi! Consegui regressar a Orbias. – Só então percebi o quão ridícula eu estava a ser. Ali estava eu, com um corpo bastante diferente do meu, a admitir a Cordélia que era Noemi, supostamente na Terra, definitivamente separada de Orbias.

–Acho que é melhor deitares-te mais um pouco. Deves estar confusa depois de tudo o que aconteceu.

– Eu sei que tenho muito a explicar. Mas precisas de acreditar em mim. Sou a Noemi, a tua amiga terrestre, Guerreira da Omnisciência. Olha, para te provar que sou eu...

Concentrei-me para me transformar, mas não me lembrei que aquele corpo não era o meu. O poder das Guerreiras era uma conjugação de poder mental com a magia que nos corria nas veias e com a alma das Guerreiras ancestrais. Certamente que aquele corpo não tinha magia alguma. Portanto, faltava um elemento da equação tripartida. Como estava a fazer figura de estúpida, Cordélia olhava-me desconfiada.

– Não resulta... Olha, mas com isto vais ficar sem dúvidas de que sou a Noemi. Foste tu que despertaste a Lorelei numa praia em Handyport. Ajudaste-me e às Guerreiras, mesmo pertencendo à Sociedade Escarlate. Ajudaste-me com o meu amor por Sebas... – Ela estendeu a mão para me interromper.

– Noemi? És mesmo tu? Bem, estás... mudada! Lá na Terra vocês devem crescer de maneira diferente. Mas espera. Como regressaste da Terra? Os mundos foram separados, o que aconteceu? – Perante a sua ingenuidade, não consegui deixar de soltar uma gargalhada. Estava feliz por reencontrá-la numa altura em que o único sítio possível para a sua existência na minha vida era na minha memória.

Sentámo-nos as duas na minha cama. Ela tirou um orbe de um frasco e invocou o poder mágico que ele continha para encher dois copos com água. Nunca me tinha dado conta que poucas tinham sido as vezes em que tinha visto a utilização de orbes para tarefas tão banais. O que para uns poderia ser um sinal de preguiça nos orbianos era para mim um sinal de comodidade, mais ou menos como a tecnologia terrestre. Beberiquei um pouco de água enquanto analisava Cordélia. Ela continuava um pouco desconfiada, mas, depois de lhe contar toda a minha longa história desde a chegada à Terra até à minha estada ali, fui ganhando credibilidade e ela até já pegava maternalmente nas minhas mãos.

– E apoderaste-te do corpo da rapariga? Não sei se apoio isso. Quer dizer, apesar de tudo, é como se estivesses a profaná-la.

– Na altura em que transferi a minha mente para este corpo, ela já tinha partido. Estava sem alma, sem essência. – Tentei convencer-me de que era inocente, apesar da mácula que tinha provocado. – Mas afinal o que aconteceu lá? – A expressão dela mudou completamente para uma tristeza que nunca tinha visto na sua face. Levantou-se da cama e ficou de costas para mim.

– Desde que os mundos foram separados que Orbias se tornou um mundo diferente. Pensávamos que tudo ia melhorar, uma vez que os mundos estavam separados e as Sociedades destituídas. Mas isso não aconteceu. Aliás, acho até que piorou... – Não falei. Quis que ela me contasse tudo.

«Depois de os mundos se separarem, cada uma de nós seguiu a sua vida. A Rouge continuou em Grimmus com o Richart, a Belladonna ficou em Dark Versalia e a Lily andou a viajar por Orbias. Porém, o nosso mundo começou a mudar rapidamente e tomou um rumo que nenhum de nós previa. A influência da tecnologia da Terra fez com que os orbianos começassem a adaptá-la e a utilizá-la, com a ajuda de magia. Digamos que Orbias está mais industrializada e urbana, e isso tem tido consequências inconvenientes. Não consigo explicar muito bem, é algo que é melhor ser visto. – Por alguma razão, lembrei-me da aldeia dos pobres martirizados que tinha visitado em Orbias há ano e meio. – A maior parte dos orbianos concorda com este desenvolvimento, mas uma pequena parte conservadora não.

«Com a magia e os orbes a escassear cada vez mais, Orbias entrou num período caótico, com focos de conflito um pouco por todo o lado. Foi então que, numa reunião dos regentes de Orbias, deliberaram seguir o vosso sistema político predominante, a democracia. Foi decidido que era necessária a eleição de uma pessoa que governasse e guiasse o nosso mundo na sua reconstrução e organização com a ajuda de uma equipa fiel. Duas pessoas emergiram dessa eleição e combatem agora pelo poder. Uma delas conheces muito bem, é a Rouge, a favorita de alguns regentes. Além dos seus avançados conhecimentos de política e diplomacia, ela é uma Guerreira. É a candidata ideal.

– Que bom! A Rouge é uma excelente escolha para Orbias. Fico muito feliz por ela, uma celebridade e tudo.

– O problema é outro, e bem maior. Há uns meses, numa fábrica de orbes localizada perto do novo reino de Marblia apareceu uma figura no meio do mar de magia. Um dos trabalhadores esteve presente em Deep Hollow e identificou logo Riddel. Presumivelmente, estava morta depois de cair no abismo juntamente com Merovingian e Elena, e é impossível um vulgar orbiano sobreviver no meio da magia em estado bruto. Mas a verdade é que ela surgiu como uma espécie de salvadora de Orbias. Os orbianos sabiam que tinha sido ela a assassinar Sebastian para separar os mundos. Estavam cegamente gratos pelo feito.

– A Riddel está viva?! Mas como podia sobreviver à queda num abismo de uma outra dimensão e reaparecer em Orbias como se nada fosse? – De repente, a possibilidade de Sebastian estar vivo não me surpreendeu, visto que Riddel também o estava. Aliás, ele até tinha o benefício de ter o poder da Eternidade. Talvez o segredo estivesse na própria existência de Deep Hollow. De repente, eu ganhava uma nova motivação alimentada pelo ódio: saber quem era Riddel e vingar-me dela.

– Organizaram-se grandes festas e paradas de celebração da separação dos mundos e de exaltação da nova heroína. As Guerreiras nem foram sequer mencionadas... Com o povo na sua mão, Riddel aproveitou para ganhar mais poder e comprou todas as fábricas de orbes, a base da nossa economia. Como uma falsa boa samaritana, decidiu ajudar na reconstrução de Orbias. Urbanizou algumas cidades, desenvolveu a rede de transportes... Indirectamente, e com a magia a escassear, os orbianos submeteram-se ao seu poder e foi instituído um clima de medo e terror derivado das suas acções. Ninguém quer ficar sem orbes de magia. Não conseguimos viver sem eles! A verdade é que ela é a outra candidata ao poder, e a mais forte, por sinal. É demasiado previsível a sua vitória, e um mundo governado pela ambígua e misteriosa Riddel não nos agrada.

Eu estava incomodada com aquela situação. Ouvir falar de Riddel, aquela mulher tão forte, que me tinha assassinado sem esforço algum e com tamanha frieza, fez-me estremecer de medo. Mas, pensando melhor, não era caso para ficar assim tão preocupada. A própria Terra tinha problemas bem mais graves do que aqueles, como a ameaça constante do terrorismo ou o domínio nefasto das superpotências mundiais. Além disso, tal como a magia estava a desaparecer, também o nosso petróleo, que contaminava a Terra, base de toda a nossa vida económica, tinha os dias contados. Ainda assim, o facto de não conhecer a origem e as verdadeiras intenções da «supostamente morta» Riddel poderia representar uma verdadeira ameaça para todos os orbianos. Quem sabe até futuramente para a Terra.

– Acabaste por não responder à minha pergunta. O que se passou naquela aldeia, ontem? É porque, ainda antes de me transferir para este corpo, vi o Sebastian lá. Apesar de ter ficado feliz por vê-lo vivo, senti que estava diferente. E aquela visão do futuro que tive... – Cordélia era amiga de Sebastian e conhecia-o há bem mais tempo que eu. Talvez ela soubesse mais segredos sobre ele. Odiava o constante mistério em torno da sua vida de milhões de anos, mas isso era, paradoxalmente, um dos factores que me tinha feito apaixonar por ele.

– Pois, acho que já não é surpresa nenhuma para ti que o Sebastian esteja vivo. – Suspirou para mostrar a dificuldade que tinha em falar sobre ele. – Todos nós pensámos que, apesar do seu poder da Eternidade, estava morto. Os vossos poderes não são absolutos, e eu sabia que a única coisa que o mantinha preso à vida durante todos estes milhares de anos era saber que podia reencontrar o seu arrebatador amor «eterno». Neste caso, tu, Noemi. Quando ele te viu ser assassinada pela Riddel, também a sua razão de viver deixou de existir e o seu coração foi trespassado pela dor. Por isso é que a barreira definitiva entre os mundos foi erigida e passou a fazer parte da vida de todos.

«No entanto, alguns meses atrás, recebemos relatos de aldeias atacadas por um homem. Aparecia do nada e assassinava todos os seus habitantes, roubando-lhes a alma. Neste momento, há dezenas de aldeias e cidades-fantasma graças a ele.

«Na altura, eu fazia parte de uma equipa de reconstrução de Orbias e consegui resgatar algumas testemunhas sobreviventes. Todas afirmam que a pessoa responsável pelo genocídio é o Sebastian, uma espécie de assombração que chega sempre de noite e em silêncio, e deixa um rasto de morte, quase sempre sem sobreviventes.

– Mas ninguém confirmou se era de facto ele, não é? Não pode ser, o Sebastian não era capaz de fazer isso; deve haver um mal-entendido. Que razão teria ele para fazer isso!

– Eu sei, Noemi. Eu concordo contigo. Eu conheço o Sebastian há anos e sei que não era capaz de uma atrocidade destas. Eu não acredito que seja ele, acho que é outra «coisa». Mas a verdade é que ninguém conhece o seu passado de milhares de anos. Nem nós.

– Eu vi-o com os meus próprios olhos. E vi-o na minha visão do futuro. Apesar de diferente, eu sei que era ele, era demasiado real. – Olhei para ela emocionada com o que ia dizer. – Cordélia, eu só voltei a Orbias porque não consegui lidar com a perda, porque acredito que o meu Sebastian está vivo algures. Foi a única razão que me fez sacrificar a minha vida e voltar. Não vou parar enquanto não encontrar respostas e o tiver a meu lado. – Ela olhou apreensiva para mim.

– Sabia que ias dizer isso. Eu não tenho muitas respostas para te dar para além do que te disse e do que oiço por aí. Orbias não é um mundo com uma comunicação eficaz e rápida como na Terra. E eu tenho estado muito concentrada no meu novo trabalho nesta equipa de reconstrução e resgate. O que te aconselho a fazer por agora é viajares até Dark Versalia. Fica perto daqui e a Belladonna está lá. Ela vai ajudar-te. Vou enviar-lhe um orbe mágico a avisá-la da tua chegada. Entretanto, tens de descansar. Passaste por uma grande provação ontem à noite. Não te posso deixar partir assim tão de repente.

Aceitei o conselho de Cordélia. Ainda estava muito fraca. Porém, em vez de voltar para o meu corpo na Terra, dormi mesmo ali. Apesar de o meu corpo verdadeiro estar a descansar no meu mundo, também a minha mente precisava de parar um pouco e repousar. Não demorou muito tempo até que adormecesse tranquilamente naquela cama, mesmo com a cabeça cheia de problemas e dúvidas.

\*

Na manhã seguinte, Cordélia deu-me algumas roupas para vestir e uma mala com alguns orbes que seriam usados em caso de emergência. Vesti um vestido de alças branco que me dava acima do joelho. Apanhei o cabelo farto de lado, com duas jóias em forma de flor. Calcei umas botas pretas, suspirei e saí para fora dali.

O clima era ameno, quase primaveril. Nada tinha a ver com o frio invernoso e severo da Terra. Era uma espécie de acampamento improvisado na floresta dos arredores da aldeia de xisto. Dezenas e dezenas de cubos-âmbar, com os mortos preservados lá dentro, estavam dispostos paralelamente pelo trilho que dava para fora do acampamento. Fiquei arrepiada com a imagem. Havia ali várias pessoas atarefadas com a busca de sobreviventes escondidos nas casas e vedação da agora aldeia-fantasma. Algumas delas reconheci como sendo ex-membros da Sociedade Escarlate. Mas eu não me esquecia que até elas tinham colaborado na conspiração para o assassinato de Sebastian. Cordélia tirou um pedaço de papel e algum dinheiro do seu bolso e colocou-os na minha mão.

– Se seguires este trilho, vais chegar a uma estação. Orbias agora tem um novo meio de transporte, o comboio. Aproveitando alguns exemplos da Terra, os orbianos aproveitaram a vossa influência para facilitar a mobilidade. Este é um bilhete para Dark Versalia e isto é dinheiro para o caso de precisares comprar mais bilhetes. Vais ver como até vais gostar da viagem.

Despedi-me dela com um sorriso agradecido e um abraço e parti pelo caminho de terra batida. Ao fim de meia hora, avistei a via-férrea e um pequeno edifício. Quando entrei na estação vazia, perguntei na bilheteira se faltava muito tempo para o comboio chegar. Com um ar desagradado, a mulher disse-me que teria de esperar cerca de vinte minutos.

Sentei-me num banco lá fora, aproveitando o sol caloroso de Orbias. Ao fim de alguns minutos, ouvi os primeiros assobios do transporte. Era um comboio verde-metálico, composto por cinco carruagens e com relevos de elementos da Natureza. Era muito mais bonito que os comboios terrestres. Reparei que, em vez de haver uma carruagem com um maquinista, havia estátuas de metal com orbes encrostados na parte dianteira. Talvez fosse isso que movimentava o comboio pelas linhas.

Um homem de farda verde recebeu-me à entrada de uma das carruagens. Dei-lhe o bilhete e ele guiou-me até uma cabina privada, bastante luxuosa até. As paredes estavam forradas com madeira de cerejeira e veludo vermelho. Tinha uma janela ampla, uma cama sumptuosa, um sofá azul e uma pequena mesa com comida e bebida. Estava muito grata a Cordélia por me proporcionar tamanho conforto.

Talvez fosse uma boa altura para voltar à Terra. Tranquei a porta da cabina, fechei as cortinas e deitei-me na cama enquanto sentia os movimentos rápidos e suaves do comboio. Esperava que Adam já não estivesse no apartamento. Não queria ser um fardo para ninguém e não fazia sentido que ele estivesse a «cuidar» do meu corpo adormecido. Queria continuar em Orbias, queria descobrir a chave para todos aqueles mistérios e queria encontrar Sebastian. Estaria a iludir-me e o Sebastian que conhecia estaria de facto morto? Fazia sentido que estivesse mesmo morto porque a barreira definitiva que dividia os mundos tinha sido erigida. Mas eu tinha-o visto, eu e ele estávamos juntos no nosso futuro. Então, quem era aquela pessoa maliciosa que matava os orbianos e destruía Orbias daquela forma? Seria mesmo o meu amor ou outra pessoa? Porque sentia eu ainda aquele vazio no meu peito sabendo que ele estava vivo?

Havia outra coisa que me incomodava. Na minha visão recorrente, Sebastian referia aquilo que eu tinha visto no pico do meu poder da Omnisciência, no Castelo de Grimmus. Por mais que eu esforçasse a minha mente, não me lembrava mesmo do que tinha visto, e sentia que isso era a chave para todo aquele mistério. Concentrei-me na Terra e deixei-me voltar para o meu mundo.

Ente

O meu quarto estava escuro devido às nuvens de chuva lá fora. Levantei-me a custo, muito enjoada e dorida, e deparei-me com Adam a dormir na poltrona e, surpreendentemente,

Lorelei a dormir no sofá numa confusão de cabelos ondulados. Eu ainda estava a tentar organizar na minha mente tudo o que se tinha passado antes de voltar à Terra. Na minha cabeça agitada tinha alguém a tocar repetidamente bateria no mesmo ritmo, o que me impedia de pensar com clareza. Franzi tanto as sobrancelhas, fazendo uma daquelas caretas que protagonizamos quando acordamos, que até me doíam os músculo. Olhei em volta para o meu apartamento e só agora reparava no quanto era pequeno para acolher três pessoas. Adam acordou e o seu movimento despertou Lorelei, que veio rapidamente dar-me um abraço apertado.

– Desculpa, Noemi... Perdoa-me. Eu não fazia ideia. Desculpa tudo o que fiz e as palavras terríveis que te disse. O Adam telefonou-me e contou-me tudo. Pensei que o teu cansaço emocional estava a afectar a tua vida, mas não fazia ideia que tudo fosse real. Não quis acreditar que Orbias ainda interferisse connosco, mas afinal é verdade. – A expressão dela mudou de arrependimento para severidade. – Não podes voltar! Tu sabes que o Sebastian está mesmo morto e Orbias já não faz parte da nossa vida. O que estás a fazer, partir para o outro mundo e ocupar o corpo de outra pessoa, é... não podes fazer isso!

– Lorelei, tu sabes que eu não posso fazer isso. Sabes o quanto o Sebastian é importante para mim. E eu vi-o! Estava à minha frente! Era real. – As frases saíram-me ao ritmo do bater do meu coração. – Ele está vivo e eu estou no meu direito de fazer o impossível para voltar a estar com ele e descobrir o que aconteceu.

Adam olhava-me com a mesma expressão de Lorelei. Percebi que tinha sido traída e que ele tinha a mesma opinião dela. Mas não tinha tido coragem para mo dizer desde o início, e agora tinha dois amigos a tentar dissuadir-me da busca por Sebastian.

– Eu vou ser o mais directa possível. Não vou deixar de fazer isto até o ter a meu lado. O meu sofrimento é grande de mais para simplesmente esquecer tudo isto. O Sebastian esperou por mim milhares de anos. O mínimo que posso fazer é sacrificar-me por ele, para compensar essa espera. Por isso, vocês têm duas opções: ou me apoiam, ou deixam-me fazer isto sossegada. E acreditem que eu consigo fazê-lo sozinha.

Adam levantou-se e veio ter comigo.

– Não é que não te apoiemos, Noemi. Nós preocupamo-nos contigo e queremos apoiar-te. Mas tens de levar as coisas com calma, não podes ficar tanto tempo em Orbias enquanto nós ficamos sem saber o que fazer. Nós queremos ajudar-te, mas não sabemos como.

– Concordo com o Adam. Se não conseguimos impedir esta loucura, ao menos diz-nos como podemos ajudar.

– Neste momento, acho que não podem fazer nada. Mas podem ser meus amigos, ouvir-me e aconselhar-me.

Contei-lhes toda a conversa com Cordélia e as dúvidas acerca de Sebastian. Eles ouviram com atenção, mas notei o pavor estampado nas suas caras quando referi o regresso de Riddel e os relatos terríveis dos actos de Sebastian. Certamente não queriam que eu voltasse por saberem que eu corria perigo e porque não estariam lá para me ajudar.

Dei-lhes a entender que estava tudo bem e que podiam ir às suas vidas. Eu só precisava de voltar a Orbias no dia seguinte. Por essa altura, já teria chegado a Dark Versalia. Acompanhei-os até à porta e com um sorriso forçado tentei acalmar as suas preocupações desmedidas. Sabia que no fundo eles continuavam sem concordar com aquelas «viagens» e fariam tudo para acabar com a minha demência. Não ia deixar que fossem bem-sucedidos.

Subitamente, lembrei-me que precisava de escrever os dois artigos sobre a Madonna para a manipuladora Alicia. Ia ocupar o sábado com isso. Sentei-me na mesa da minha *kitchenette* em frente ao meu computador portátil e a um punhado de folhas brancas. Fiquei cerca de cinco minutos a olhar para a folha branca de *Word* e para o cursor a piscar. Não me saía nada, estava com a cabeça demasiado ocupada com outros pensamentos. A perna ansiosa que não parava de abanar confirmava-o. Um banho, precisava de um banho para me acalmar.

Sentir a água quente tocar no meu corpo era quase como uma panaceia para todos os meus problemas. Não era o meu corpo que enfrentava as provações em Orbias, mas sentia-o igualmente cansado. O poder mental era algo que me intrigava imenso, mesmo tendo um dom como o da Omnisciência. O que a minha mente experimentava em Orbias acabava por se manifestar no meu verdadeiro corpo. Aliás, as próprias transformações em Guerreiras eram uma manifestação material dos traços da nossa personalidade. Seria por isso que tinha readquirido os meus poderes mesmo depois de sair de Orbias? Pensando bem, os poderes das Guerreiras também eram físicos, a magia da Deusa corria-nos no sangue, não advinham apenas das almas das Guerreiras ancestrais. E a mente era a chave que desencadeava essa conjugação de poderes. O facto de eu e Lorelei termos saído de Orbias e a barreira entre os mundos ter sido edificada levou-nos a pensar que íamos perder os poderes, mas estavam apenas adormecidos. Não conseguir lidar com a morte de Sebastian fez com que eles se manifestassem de novo.

Saí do banho e vesti uma roupa leve. A casa já estava suficientemente quente devido ao aquecedor a óleo emprestado pela minha mãe. Continuava a chover torrencialmente. Naqueles dias, só me apetecia enrolar-me numa manta e fazer uma maratona de filmes, algo que não fazia há muito tempo. Aquela investigação parva e infrutífera tinha consumido todas as horas livres da minha vida. Precisava de distrair a minha cabeça enquanto estava naquela inércia à espera da minha chegada a Dark Versalia. O tempo em Orbias é o mesmo da Terra, apenas numa dimensão diferente. Por isso, ela tem de esperar pelo final de viagem de comboio. Não queria usar outro corpo orbiano. Tinha prometido a mim própria que apenas usaria aquele, e só me tinha apropriado dele porque, na altura da transferência da mente, a rapariga estava morta, sem alma.

Enrosquei-me na manta, como um caracol, levei uma tigela de pipocas e liguei a televisão para ver que filmes estariam a dar. Nada de jeito, obviamente. Decidi ficar por uma comédia romântica que já tinha visto três vezes. Como podiam aquelas personagens ser tão ingénuas? Nem queria acreditar no quanto aquelas histórias de amor inverosímeis acabavam sempre de forma tão perfeita. Pior que isso, antigamente acreditava que aquilo era possível. Acreditara que Sebastian era a minha alma gémea e que iríamos ficar juntos para sempre. Que sonhadora!... Quando as personagens se beijaram no final do filme, fui consumida por uma raiva invejosa que me fez atirar pipocas à televisão de forma sistemática. Quando concluí o acesso de raiva com o atirar do balde, lamentei o facto de ter o chão sujo de dezenas de pequenas nuvens de milho. O filme não me tinha ajudado a afastar Sebastian da cabeça. Encostei-me ao canto do sofá e não tardou muito até que adormecesse indolentemente, pensando se finais felizes realmente existiam

\*

Acordei perturbada com o som de uma presença no apartamento. Já era de noite, mas, com a claridade da televisão, notei o vulto de um homem. Tinha a cara escondida por um capuz. Entrei em pânico, mas não falei. Ele correu na minha direcção e deitou as mãos ao meu pescoço. Pensei que me queria matar, mas não estava a fazer força, apenas queria imobilizar-me. Pensei em transformar-me em Anjo, mas não quis expor-me; ele podia ser somente um ladrão.

– Voltaste para Orbias! Não o devias ter feito. – A voz era gutural e com um sotaque acentuado, mas não a reconheci.

– Não sei do que está a falar. – Não estava a lidar com um ladrão comum. Era alguém perigoso, possivelmente relacionado com o detective do bar.

De súbito, a minha mesa-de-cabeceira rebentou em mil pedaços e todo o apartamento se encheu de nevoeiro. Surpreendentemente, o meu Ente Padroeiro, no seu cavalo branco, surgiu atrás do meu assustado agressor. Ocupava quase todo o ridiculamente pequeno apartamento. O jovem loiro de vestes cintilantes e douradas não fez nada. Limitou-se a olhar neutralmente para ele, com a sua aura mística e a lança prateada nas mãos. Depois de alguns segundos de tensão, o homem saltou por cima do sofá e saiu pelas escadas de incêndio.

Aturdida com a surreal situação, fixei os olhos do meu Ente. Ele ainda não tinha desaparecido e olhava-me compassivamente. Julgava que os Entes Padroeiros já não existissem para nos proteger, até porque a esfera mágica se tinha transformado em pedra e estava numa gaveta a servir de amuleto. Mas ali estava ele, auto-invocado para me defender. Talvez a esfera tivesse sido apenas um elemento que incitasse o aparecimento de um poder que sempre esteve dentro de nós. Era a terceira vez que o via, mas a primeira em que estava tão perto. Lentamente, caminhei até ele. Queria tocá-lo para ter a certeza de que era real, que era meu. Antes de conseguir fazê-lo, ele sorriu e desapareceu numa luz que se fundiu com o meu corpo.

A minha casa voltou a ficar escura sem a luz da presença dele. Olhei estupidamente para a televisão onde estava a dar um programa de entretenimento. Agora que pensava nisso, nunca me tinha questionado muito sobre os Entes Padroeiros. Eles tinham um poder tão grande, quase cataclísmico, e a única coisa que sabia é que eram a manifestação física dos poderes mágicos das Guerreiras, invocados através das esferas. Vê-lo ali perto de mim fez-me repensar esse conceito tão abstracto. Ele parecia-me tão verdadeiro... parecia-me uma pessoa com um passado, que existira em tempos. Mais um mistério para adicionar à imensa lista.

Atirei-me para cima da cama com os lençóis revoltos. Um dia tinha de arrumar aquela casa sob o risco de receber uma visita-surpresa da minha mãe, que me arrastaria para Handyport no minuto seguinte. Depois daquele ataque do homem de capuz, poderia ter ficado assustada. Mas, feita a auto-invocação do Ente Padroeiro, sentia-me segura ali. Quem seria aquele homem e para quem trabalharia? Seria do mesmo grupo do detective? Afinal, Orbias constituía um problema para mim, mesmo na Terra. Com uma extinta Sociedade com tantos membros que agora estavam na miséria, não era muito difícil encontrar quem fizesse de tudo para voltar ao mundo mágico. Além disso, durante a investigação eu já teria feito muitos inimigos. Agora havia alguém perigoso que conhecia a minha verdadeira identidade e a possibilidade de projectar a minha mente, num fenómeno de bilocação. Estranhamente, estavam contra o meu regresso.

Estava ansiosa para que chegasse a manhã. Ia encontrar-me com Belladonna. Não tinha aprofundado a minha amizade com ela a ponto de sentir assim tantas saudades. Aliás, o primeiro contacto com ela não tinha sido dos melhores. A ansiedade tinha a ver com as respostas que poderia obter sobre Sebastian. Se estava a sacrificar-me arriscando voltar àquele mundo que tanta mágoa me tinha proporcionado, era quase totalmente por ele.

Gelo

Não aguentei a espera. Acordei de madrugada e decidi transferir de imediato a minha mente para Orbias. Tudo tinha corrido bem, e ali estava eu, deitada no meio de lençóis e almofadas sedosos, embalada pelos doces movimentos do comboio. Levantei-me da cama e fiz um rabo-de-cavalo. Mesmo não sendo aquele o meu corpo, os hábitos mantinham-se. Abri a cortina e olhei para a paisagem. Ali também chovia imenso, tornando o cenário algo triste. Mas agradava-me o contacto com a Natureza intocável de Orbias. As copas das árvores formavam verdadeiras nuvens esverdeadas e coradas pela luz do Sol nascente.

Olhei inadvertidamente através do vidro opaco da minha cabina. Vi a sombra de um homem que me recordou Sebastian. Um andar entre o encurvado e o altivo, como só ele conseguia fazer na perfeição. Quando desapareceu, ouvi o deslizar da porta na cabina ao lado da minha. Curiosa, destranquei a minha porta e segui-o. Sorrateiramente, tentei espreitar para dentro da cabina vizinha. Colada ao vidro, não conseguia ver nada com clareza, apenas a sombra de um homem sentado que fumava. Alarmado pela sensação de estar a ser observado, levantou-se e aproximou-se. Apenas um delicado vidro me separava dele, mas, mesmo assim, não conseguia vê-lo com clareza. A sombra sorriu maliciosamente, afugentando-me. Quando voltou à sua posição anterior, retornei à minha cabina. Era só a minha imaginação, afinal, e estava a invadir a privacidade daquele homem por causa das constantes alucinações com Sebastian.

Ao fim de duas horas a contemplar a paisagem bucólica das florestas de Dark Versalia, comecei a avistar os robustos muros da cidade gótica. As torres pontiagudas das igrejas e mansões cresciam no horizonte como unhas diabólicas. Reuni os meus pertences e saí na estação, na orla das muralhas pardacentas, com um grupo de orbianos. Depois de accionar os seus mecanismos mágicos, o comboio partiu novamente. Quase me tornei num bloco de gelo. Estava muito frio ali, um frio seco. Mais do que nos arredores da aldeia de xisto. E eu com um singelo vestido.

Quando olhei para dentro dos portões, notei logo a grande diferença em relação à Dark Versalia do ano passado. Ainda mantinha o aspecto negro e lúgubre, mas parecia mais industrializada. Era um estranho misto de tradição e tecnologia. Havia altas construções cúbicas entre os pequenos edifícios de pedra escura e ornamentados com estátuas e gárgulas, pintadas com perpendiculares janelas iluminadas. Era algo muito terrestre e irreal num mundo como Orbias. O betão e o aço revestiam grande parte das superfícies daquela localidade num polvilhamento de estranhos objectos tecnológicos. Havia luz forte por todo o lado, um ruído eléctrico bastante intenso e uma neblina esverdeada que me parecia poluição. Ainda assim, havia toda uma aura de magia e surrealismo inerente à cidade. Cordélia não estava a brincar quando falou das influências da Terra depois da importação da tecnologia e dos conceitos urbanisticos.

Entrei na cidade, em busca da mansão onde Belladonna vivia. Àquela hora da manhã ainda não havia muita gente a vaguear pelas ruas. Um ou outro homem bêbedo que provavelmente saíam de uma «bela» noite no Cabaret Coeur. Bati na pesada porta da mansão decadente de Belladonna. Passados dois longos minutos a insistir, abriu-me o emproado mordomo, ainda vestido com uma camisa de noite e gorro comprido.

– Não acha que é cedo para pedir esmola? – A sua voz cavernosa era assustadora.

– Bom dia! Eu procuro a Belladonna. – Ele fez uma longa pausa, tomando algum tempo para me analisar.

– É a menina Noemi? A menina Belladonna avisou-me que viria e que estaria... diferente. Ela pediu-me para a avisar que está no bar à sua espera. – E fechou-me a porta na cara sem mais conversas.

Por mais que a cidade estivesse diferente, mesmo à luz da alvorada, ainda me lembrava dos terríveis momentos passados lá. Conseguiria chegar ao Cabaret Coeur facilmente. Enquanto saía da mansão, nem me atrevi a olhar para o portão que dava para a árvore na colina. As torturantes memórias da conversa tida ali com Sebastian e a confissão do seu segredo ainda me arranhavam o coração como duas adagas.

A entrada secreta para o Cabaret não estava a ser guardada por ninguém. Abri a porta pesada timidamente e entrei. Estava tão diferente desde a última vez que lá tinha estado! Mas era normal, era de manhã e a animação destravada tinha terminado. Estava pouco iluminado, esquálido, com uma neblina de tabaco no ar e uma música arrastada a tocar. Cheirava a álcool e devassidão. Os homens e mulheres, empregados do estabelecimento, estavam concentrados na contagem do dinheiro ganho nessa noite e em limpar o caos que se tinha ali instalado. Nem se viraram para a estranha que chegava sorrateiramente.

Reconheci Belladonna sentada ao balcão. A dançarina burlesca estava a fumar, com um copo de álcool à frente e ainda com as plumas e fato brilhante vestidos. Tinha a pintura borrada e o cabelo desalinhado, mas algo no seu semblante carregado retirava-lhe o esplendor das minhas memórias. Nem parecia a mesma. Agora que a via passado tanto tempo, percebia que ela tinha a pertinácia e a beleza de uma mulher da Europa de Leste, como uma russa bem alta, bonita, bem constituída, de pele rosada e cabelo levemente ruivo. Tranquilamente, sentei-me no banco ao lado do dela. Pedi uma bebida ao *barman*. Ele entregou-me um cálice do que me parecia vinho. Depois do primeiro gole, falei sem olhar para ela.

– Ainda me lembro da última vez que entrei aqui. Saí a correr sem apreciar devidamente o espectáculo. – Ela despertou dos seus pensamentos e olhou-me com um sorriso aberto.

– Noemi, és mesmo tu?! Esse olhar nunca me enganaria. Tem o teu brilho. Eu pensei que a Cordélia tivesse inventado, mas estás mesmo aqui. E noutro corpo! – De cigarro insistente na boca, ela estava divertidíssima com a situação, como se fosse uma brincadeira perfeitamente normal.

– Sim, sei que é estranho e que tenho muito para explicar. – Bebi mais um pouco de vinho com uma calma desafiante, deixando-a louca de curiosidade. – Contra todas as expectativas, estou de volta. Quero encontrar o Sebastian.

Ela desviou o olhar do meu e sugou nervosamente o fumo do cigarro com o sobrolho carregado.

– Sempre o Sebastian. A minha intuição sempre me disse que nunca irias deixar isso passar. Tinhas de sair da Terra e regressar a Orbias para perseguir um morto. – A sua expressão alegre rapidamente se desvaneceu. Começou a ajeitar a pequena saia de folhos e as meias de rede.

– O que queres dizer com isso?

– Noemi, não me leves a mal, mas Orbias não é o mundo de fantasia que vocês conheceram o ano passado. As coisas estão diferentes e muito complicadas. Não penses que vir cá perseguir o Sebastian vai resolver tudo. – A atitude dela estava a incomodar-me. Nem parecia a mesma pessoa com quem começara a simpatizar no ano anterior. Havia qualquer coisa subentendida nas suas palavras e cujo teor me desagradava como um limão azedo.

– Eu não planeio interferir em Orbias. Só me interessa o Sebastian, nada mais, – disse, orgulhosamente.

Um homem baixo e obeso chamou a atenção dos restantes empregados para um orbe que trazia da rua. Notei uma certa comoção neles quando o viram. Pousou-o no balcão e projectou uma imagem na parede plana do palco. Na imagem vi um homem efeminado que me parecia quase um travesti. O seu vestuário, maquilhagem e penteado aproximavam-no ousadamente de uma mulher. Agarrava num microfone e o enquadramento lembrava-me o das reportagens jornalísticas que via na televisão terrestre.

*Olá, meus queridos. Bem-vindos a mais um telejornal do vosso amado e desejado Rossini. Diariamente, trago até vós as notícias mais quentinhas e explosivas do nosso mundo de Orbias*.

*Tenho notícias maravilhosas para todos os moradores de Dark Versalia. As minhas fontes dizem que a candidata a governante de Orbias, Riddel, decidiu descer do seu magnífico Palácio para nos fazer uma visita esta manhã. Será que a nossa adorada Riddel vai simplesmente agraciar-nos com a sua presença? Ou será que a visita trará algumas novidades geladinhas? Fiquem com o vosso Rossini e eu farei uma actualização constante deste evento. Até lá, já sabem que me adoram! Beijinhos.*

Quando a imagem daquele excêntrico jornalista desapareceu, já os clientes do bar se apressavam a fugir desesperadamente para a rua. O *barman* olhou para nós, ansioso, como se quisesse pôr-nos para fora dali imediatamente. Ainda me custava acreditar que Riddel provocasse tais reacções nos orbianos, mesmo sendo apenas uma candidata a governante. Tinha passado uma temporada em sua companhia e nunca suspeitei que ela fosse tão intrépida e poderosa. Bem, pelo menos até orquestrar uma conspiração que envolvia os dois mundos: o meu assassínio e o suicídio de Sebastian por arrasto.

– Óptimo, era mesmo o que faltava, a presença daquela cabra aqui na cidade. Deve andar desconfiada de alguma coisa... – Ela falava para si. – Não podemos deixar que saiba que voltaste. Temos de sair daqui, Noemi. Falamos mais tarde. – Ela apressou-se para fora do bar agarrando-me com força no braço.

Eu não sabia para onde era conduzida, mas deixei que me arrastasse pelas avenidas amplas da cidade. As pessoas corriam todas na mesma direcção, como formigas atarantadas, muitas delas acabadas de acordar. Convergiam todas para a praça principal, onde supostamente estaria a estátua da Guerreira Ancestral da Morte. Belladonna parou antes que eu entrasse no turbilhão de orbianos e puxou-me para dentro de uma loja de orbes cuja montra dava para a rua. Baixei-me como ela, com uma destreza de agentes secretas. Ela colou o dedo à boca, dizendo-me para não fazer qualquer som. Ao fazê-lo, todas aquelas centenas de pessoas lá fora também se silenciaram num momento de inquietude pressagiosa.

Com a cabeça esticada e colada ao vidro, vi um ponto negro naquele céu cinzento fracamente iluminado pelo Sol atrás de si. Aproximava-se da praça o que parecia ser uma embarcação a navegar em pleno céu. O enorme barco voador de madeira escura e esguias velas brancas pousou no telhado da mansão de Belladonna, uma espécie de altar que dava para todo o povo de Dark Versalia que aguardava a chegada dela. De dentro do surreal transporte, saiu Riddel. Tremi quando a vi.

Tive de me concentrar bastante na figura perante os meus olhos, pois quase não a reconhecia. Ela estava transformada na mulher de gelo que eu antes julgava ser uma Guerreira, possivelmente a sua verdadeira forma. A pele azulada reflectia o Sol como se toda ela fosse feita de luz. Tinha um manto púrpura comprido e com uma excessiva cauda. Os braços e peito nus estavam cobertos por jóias que serpenteavam por ela como heras. Na cabeça, as enormes tranças de cabelo alvo estavam enroladas em dois cornos presos numa coroa alta e ornamentada. Realmente, ela parecia-me uma autêntica rainha ou feiticeira. Mas havia algo nela que não tinha mudado: o mesmo olhar misterioso e frio que nos gelava se o fixássemos por um milésimo de segundo.

– Meus miseráveis servos... Curvem-se perante aquela que vos vai governar com tamanha misericórdia e piedade! – Todos os habitantes da cidade começaram a fazer-lhe vénias e a gritar palavras de submissão e adulação. – A minha vontade é a vontade da Senhora nossa Deusa. Como podem ser insolentes ao ponto de questionar o seu poder? É o sangue dela que usam constantemente como magia. E essa complacência é eterna. Eu não quero ser obrigada a castigar-vos e privar-vos do poder da Deusa. Não quero explodir com as vossas entranhas nem degolar-vos a sangue-frio. O meu coração parte-se com a vossa arrogância em não aceitar o meu domínio comiserativo. – As suas frases eram carregadas de um sarcasmo doentio. Além de parecer que estava a representar uma peça de teatro, ela mexia exageradamente as mãos como se estivesse a dançar. Olhei confusa para Belladonna como que a perguntar-lhe a razão da adoração dos orbianos por uma mulher sem escrúpulos que os manipulava pelas palavras. – Provem-me a vossa lealdade, seres desprezíveis. Elejam-me para vossa governante e eu poupar-vos-ei. Terei uma infinidade de orbes para todos vocês. – Lançou dezenas de orbes mágicos e as pessoas ficaram loucas para conseguir apanhar um dos escassos artefactos.

–Temos de sair daqui. Vamos para a Catedral da Deusa, aqui na cidade. – A voz de Belladonna era urgente, como se a presença de Riddel ali significasse um perigo para nós. Só ao mencionar o edifício religioso é que identifiquei o som dos sinos a badalar insistentemente por entre os gritos dos populares.

– Espera. O que se passa? Porque é que ela fala assim com a população? Ninguém repara no que ela diz?

– Não percebes? Ela controla as pessoas através dos orbes. É ela quem decide se os vai fornecer ou não. E hoje em dia já ninguém consegue viver sem orbes. Agora chega de conversa, vamos!

Quando dei por mim, já Belladonna tinha disparado pela porta dos fundos da loja. Segui-a, atarantada, pela noção de perigo. Penetrei no turbilhão de pessoas que pareciam hipnotizadas pelas estranhas palavras de Riddel e que agiam como se fossem selvagens. Atropelavam-se num egoísmo mórbido para conseguir um orbe.

Corri o mais que pude, consciente de que poderia esgotar a minha energia facilmente. Tinha de acompanhar Belladonna no meio daquela gente e não a podia perder de vista. Porém, mesmo vestida com as suas plumas extravagantes, acabei por perdê-la no mar de pessoas. Tinha de descobrir o caminho até à Catedral sozinha. Felizmente, as suas altas torres eram bem visíveis e empurrei aqueles orbianos fanáticos até chegar às altas portas de carvalho.

Apenas ao entrar é que reparei no quanto estava exausta e quase a chegar ao pico de um ataque de ansiedade pela opressão da população enlouquecida. O interior da Catedral de Dark Versalia era bem diferente da Catedral Niveus. Era escura, intensificada pela pedra negra e trabalhada até ao alto tecto abobadado. Havia velas espalhadas por todo o lado e a habitual imagem feminina da Deusa num círculo rodeado de cadeiras de madeira. Os vitrais tinham um aspecto gasto e acastanhado que tornava o cenário ainda mais cru e assustador. Senti um arrepio por me achar tão indefesa e pequenina ali.

Ouvi estilhaços ao fundo. Pensei que fosse Belladonna e fui até lá, mas de trás de uma coluna apareceu a estóica Riddel com o seu escultural corpo de gelo e olhar glaciar. Eu própria congelei ao vê-la caminhar na minha direcção. Ainda estava a lidar com o trauma de ter sido assassinada por ela, mas só agora que estava à minha frente é que percebi o efeito funesto que tinha sobre mim. Ela olhou-me, intrigada, mas com um certo nível de deleite.

– Ora aí está alguém que nunca imaginei voltar a ver em Orbias. Mesmo depois de te matar, mesmo depois de a Terra estar finalmente separada de Orbias, estás aqui à minha frente. Noutro corpo, é certo. Mas há algo de cínico no teu olhar que te denuncia de imediato. – A minha respiração ficou pesada enquanto eu tentava entender a facilidade com que ela me tinha reconhecido e encontrado na Catedral. Ela riu, soberba. – Insolente e estúpida Noemi. Não podias ter ficado na Terra com a tua frivolidade e ignorância, tinhas de voltar para cá. Pobre de ti...

Caminhou até ao meu corpo paralisado a tal ponto que sentia o gelo que emanava da sua alma. Colou os seus lábios duros aos meus e foi como se estivessem a enfiar-me estacas de gelo no corpo. Os meus movimentos estavam a ficar rígidos e eu já não conseguia pensar com clareza. Quis concentrar-me e transformar-me em Anjo, mas não conseguia porque aquele não era o meu corpo verdadeiro. Ela tocava-me com os seus tentáculos frios com uma paradoxal delicadeza. Quando estava prestes a desfalecer, Riddel descolou-se de mim num ímpeto. Caí para trás com um estrondo e só não me maguei porque o meu corpo estava dormente com todo aquele frio.

Riddel pareceu assustar-se com alguém que estava atrás de mim. Quis rodar a cabeça para ver quem era. O meu coração parou quando surgiu Sebastian. O meu querido e amado Sebastian, o único capaz de reparar o meu coração despedaçado. Ele correu até à apavorada Riddel para lhe fazer frente, mas ela não cedia perante a ameaça. Hesitante, mas com o olhar fixo nele, recuou lentamente e flutuou através da janela atrás de si, estilhaçando o vitral.

Sebastian veio até mim. Julguei que, agora que estava fisicamente em Orbias, ele reconhecesse a minha alma dentro daquele corpo. Quis falar, mas estava quase em hipotermia. Só me restava desejar que me abraçasse, como só ele sabia fazer. O fulgor do meu coração salvar-me-ia de morrer congelada, presa naquele corpo que não era o meu.

Pegou-me gentilmente na cabeça e levantou-me do chão. Olhou directamente para a minha alma, mas a curiosidade evidente no seu olhar negro era estranha e diferente daquela a que estava habituada. Não parecia ele por trás daqueles olhos. Senti que tinha entrado num carrossel de emoções fortes. Depois de tanto sofrimento, tanta dificuldade em lidar com a perda e em sarar o meu coração, ali estava eu nos braços do meu amor intemporal. Contra toda a razão, ali estava eu, por fim, a sentir o seu cheiro docemente masculino, o calor do seu corpo contra o meu, o seu coração vigoroso a bater como um colibri em pleno voo. Será que ele sabia que era eu dentro daquele corpo? Que tinha vindo a Orbias procurá-lo? Claro que sim! O nosso amor era transcendente. Queria ficar ali para sempre, queria esquecer tudo...

De repente, pôs as mãos na minha cara e senti que estava a tentar roubar-me a alma. Mas parou de imediato e olhou-me, confuso, com os seus profundos olhos negros. Aproximou lentamente a sua cara da minha, tocando ao de leve na minha pele fria. Roçou a sua barba pela minha face até chegar aos meus lábios, sussurrando arrepiantemente.

– Sim... Que bom... – Afastou-se, sorriu e voltou a olhar para mim, intrigado. – O que és tu?

O chiar da porta da Catedral a abrir-se assustou-o. Pousou o meu corpo levemente e fugiu pelo vitral partido com um salto sobrenatural.

– Noemi! Noemi, o que aconteceu? – A voz de Belladonna despertou-me do feitiço, como se fosse uma violenta chapada na cara.

Deitada no grande tapete vermelho estendido no centro da Catedral, já não sentia qualquer frio, embora estivesse toda molhada. O que tinha acontecido a Sebastian? Que estranhas acções e palavras eram as suas? Era como se o corpo dele estivesse ali, mas a alma não...

Perante o olhar inquisidor de Belladonna, peguei na parte de cima do vestido e cheirei-o. Ainda tinha o maravilhoso odor de Sebastian! Ele tinha mesmo estado ali e tinha-me salvado de Riddel, não tinha sido uma ilusão provocada pelo choque do frio. Embora quisesse roubar-me a alma, como supostamente andava a fazer aos orbianos, não o tinha feito. Talvez tivesse visto que era eu, Noemi! Eu sabia que ele não podia ser o assassino que os rumores acusavam. Ele ainda era o meu Sebastian, o meu amor! Era incapaz de actos desumanos se me amava daquela forma. Mas porque não estava ali comigo? Porque não me tinha levado com ele? De repente, a adolescente sonhadora estava de volta...

Belladonna voltou a insistir comigo. Contei-lhe do ataque de Riddel, mas não referi a presença de Sebastian. Por alguma razão, senti necessidade de protegê-lo, de guardar o nosso encontro só para mim como um tesouro secreto. Ela ficou algo desconfiada, mas deixou a conversa por ali. Começou a rir confiantemente para amenizar a situação constrangedora. Mas era desconcertante aquela alegria forçada depois de uma situação perigosa daquelas. Apoiada nos braços dela, fomos para a sua mansão, agora que os cidadãos estavam mais calmos depois da sinistra visita de Riddel.

Comboio

Fui convidada para almoçar em casa de Belladonna, juntamente com a sua mãe, Madame Margawse. A mansão mantinha a sua poeira intocável, teias de aranha decorativas e objectos obsoletos. O mordomo serviu-nos uma mistela cinzenta. Elaborei uma série de esquemas para parecer que estava a apreciar a comida, quando, na verdade, o garfo não levava comida nenhuma. Porém, sob o olhar altivo e atento da vitoriana mãe de Belladonna, senti-me intimidada. Descobri que naquele novo corpo também era muito fácil corar.

Depois do almoço, Belladonna levou-me ao seu quarto para arrumar a sua pequena mala. Sentei-me numa velha cadeira de baloiço enquanto esperava por ela, mas estava a incomodar-me o silêncio entre nós. Parecia que a cabeça dela estava noutra galáxia. Não podia falar em «outro mundo», pois eu estava literalmente noutro mundo.

– Belladonna, porque tivemos de fugir da Riddel daquela forma? Quem é ela, afinal? – Ela riu sarcasticamente.

– Ainda perguntas? Não te bastou o facto de te querer matar de novo? Gostava de poder dar-te algumas respostas em relação a ela, mas é algo que me ultrapassa. Tu ouviste as suas palavras e o efeito que causa nos orbianos. Aposto que tudo o que quis desde o início foi dominar Orbias como uma rainha. Sem Sebastian e a Terra no seu caminho, tornava-se mais fácil. – Começou a despir a sua roupa burlesca, já senhora de uma desenvolta intimidade comigo. – Ela assusta-me.

É tão imprevisível e consigo sentir o seu vasto poder. Nunca me vou esquecer da facada que me deu. – Passou levemente a mão pela cicatriz na barriga.

– E ela não vos persegue? Não teme o vosso poder de Guerreiras?

– Diz-me sinceramente: depois de Deep Hollow, achas que alguma Guerreira tem hipóteses contra ela? Não somos fortes o suficiente e, para falar a verdade, temos medo de interferir. De qualquer forma, ela ainda não fez nada de «grave» desde que regressou e conta com o apoio cego do povo orbiano. O facto de ter fugido contigo foi somente para te proteger. – Ela suspirou com desalento. – A minha intuição estava certa, a Riddel tentou matar-te logo que te encontrou. – Agora ela tirava a maquilhagem esborratada. Ainda assim, continuava naturalmente bonita. Apagou-se todo o alento do seu rosto e olhou para mim através do espelho. Eu soube o que estava a pensar.

– As pessoas não sabem que és uma Guerreira, pois não? Tens vivido na sombra... – Não o disse como acusação, mas antes como alguém que a compreendia. Ela não me olhou nos olhos.

– E espero bem que se mantenha assim. O meu poder já me causou muitos dissabores. Gosto da vida que levo. – Belladonna era muito parecida a Lorelei. Ambas bonitas e sedutoras, ambas renunciando ao seu destino de Guerreiras. Não as censurava. O peso de ser Guerreira era algo que nos impedia de levar uma vida normal e despreocupada. Mas era também esse poder de Guerreira que me permitia voltar a Orbias e procurar Sebastian.

– Eu sei que é estranho voltares a confiar em mim, principalmente porque tenho uma cara nova. Mas quero que saibas que estou aqui para vocês também, como nos velhos tempos. – Eram estranhas as palavras que dizia. Não o disse por sentir o elo que ligava a alma das Guerreiras ancestrais. Embora estivesse ali por Sebastian, disse-o porque eu, Noemi, o sentia com sinceridade.

– Obrigado, querida. – Virou-se para mim mostrando um maravilhoso sorriso aberto. – Não estou habituada a ter alguém que veja para além da minha beleza ou do dinheiro que posso render. Vou tentar ajudar-te no que puder também. Vamos encontrar o Sebastian juntas. Estou pronta. Vamos, estou curiosa para experimentar o novo comboio orbiano. Quem sabe não encontro um grande amor a bordo de uma luxuosa carruagem. É de um romantismo que me derrete. – Ela sorria enquanto se maquilhava de novo.

–Vamos para onde? – Ela falou para si.

– Hum, não faço ideia de onde a Lily está. Mas sei que a Rouge vai estar em Marblia, num debate com a Riddel. Podemos pedir-lhe ajuda. Olhei-a de nariz franzido.

– Com a Riddel? Belladonna, lembras-te do que aconteceu hoje? Não quero voltar a estar em perigo perto dela.

– Não te preocupes. O sítio mais seguro para estarmos é perto dela. Ela não está à espera que surjas no mesmo sítio que ela depois do susto que te pregou. Mantém os teus amigos perto e os teus inimigos ainda mais perto, certo? – Em parte, tinha razão.

– Apesar das saudades, juntar as Guerreiras novamente não era propriamente o meu plano. Não tens nenhuma ideia melhor para procurar o Sebastian? Não queria tornar isto numa reunião das Guerreiras para «salvar o mundo da destruição» – disse, revirando os olhos. Ela achou piada.

– Não é nada disso, querida. Para ser sincera, não faço ideia de como encontrá-lo. Mas a Rouge tem os recursos necessários para fazer com que isso seja possível. É o mais sensato que podemos fazer.

Deixámos as muralhas da cidade negra. Não parava de choviscar e eu quase mergulhava toda a bota nas poças de água que se iam formando. Usei o dinheiro que Cordélia me tinha dado para comprar dois bilhetes para Marblia. Esperámos uma hora até o magnífico comboio chegar. Belladonna desfilou por entre os viajantes com um atrevimento inocente. Só parou com os movimentos serpenteantes quando chegou à nossa cabina, deixando-se cair na cama alegremente. Acariciou os lençóis e almofadas como se fosse uma mendiga no meio de uma súbita riqueza.

Bateram secamente na nossa porta. Quando a abri, um pequeno kutchy caminhou até mim com um orbe preto na mão. Fiquei tão feliz por ver aquele bichinho engraçado e orgulhoso que tentei agarrá-lo para o acariciar. Mas foi tão rápido a escapar-me que, assim que largou o orbe, fugiu para outra carruagem.

–Ah, não tive oportunidade de explicar antes. Esse é um dos orbes do Rossini, o nosso *querido* jornalista de Orbias. Ele pertencia à Sociedade Escarlate. Depois de passar uma temporada na Terra, aprendeu alguns métodos de jornalismo lá e aplicou-os em Orbias. Utiliza orbes de magia para gravar as reportagens e kutchys para distribuí-los pelo continente. Ele tem claramente uma adoração pela Riddel; mas, hoje em dia, quem em Orbias não tem... A verdade é que as suas notícias e redes de informação são excelentes se nos quisermos manter *low profile, longe do* olho gordo da Riddel. Conseguimos saber tudo o que se passa quase em tempo real. Por isso é que é crucial vermos logo o que ele diz. Dois orbes num só dia não é bom sinal.

*Olá meus queridos! É o vosso Rossini de sempre com as notícias mais suculentas de Orbias. Hoje estou aqui à porta do Castelo de Grimmus, a residência da nossa temperamental candidata ao novo Governo de Orbias, Rouge. Ao que parece, o seu «querido» marido Richart foi apanhado com mais uma jovem loira na animada noite orbiana. A ex-Guerreira não fez comentários, mas, cá para mim, uma Guerreira nunca será boa opção para governar Orbias: ora são dançarinas de cabaré, ora são loucas, ora têm maridos adúlteros... Minha Deusa, haverá mais escândalos entre as Guerreiras? Acho que todos percebemos quem é a melhor opção para governar Orbias. Riddel ao poder! Orbes para todos! Viva! Não se esqueçam que me adoram! Eu volto, meus amores. Beijinhos.*

Que pessoa mais mesquinha e nojenta era aquele Rossini. Sendo eu uma aspirante a jornalista na Terra, enojou-me a parcialidade com que falava. Além disso, tinha sido extremamente cruel com as Guerreiras. Certamente tinha aprendido com os jornalistas de celebridades na Terra. Belladonna ficou cabisbaixa com os comentários jocosos, mas senti que ela já estava habituada a ser enxovalhada por ser uma Guerreira. Daí o facto de querer esconder isso ao máximo. Encostei a cara à janela. A chuva torrencial atacava aquela espiritual extensão de árvores altas.

Como num íngreme escorrega, a minha mente deslizou uma vez mais para Sebastian. A sua imortalidade ainda me abismava. Ele tinha vivido milhares de anos, desde a separação dos mundos. Que absurdo! Ele era mais velho que Jesus, os egípcios... Quase nem conseguia conceber o facto de amar um homem, um ser perfeito, que tinha acompanhado a história da Humanidade. Era quase um ser divino. Ao lado dele, eu era um insignificante grão de areia perdido no deserto da sua existência. Ainda assim, sentia que o meu amor por ele era suficientemente forte para compensar os milénios que tinha esperado por mim. Aquela jornada, que se me afigurava tão penosa, era prova disso. Poderes sobrenaturais... Nunca pensei que existissem fora das páginas de um livro ou das telas do cinema.

– Belladonna, é verdade que ainda tens os teus poderes de Guerreira? Ainda consegues transformar-te? – Aquela pergunta estava a atormentar-me há imenso tempo.

– Claro que sim. Não me tenho transformado, mas sei que ainda os tenho. Infelizmente, nasceram comigo, não é algo que possa simplesmente «deixar» de ter.

Não lhe quis revelar a minha estupidez por ter pensado que, por estar na Terra, ia perder poderes que sempre me correram no sangue e estavam gravados na alma.

– E conta-me lá: como está a Lily-Violet? E como é que a Rouge se envolveu numa eleição contra a Riddel para governar Orbias? Acho que eu teria mais medo dela do que da Riddel. – Achei piada à minha própria ironia. Belladonna também riu estrondosamente, engolindo um biscoito de triganjas retirado de um frasco da cabina. Falou mesmo de boca cheia.

– Da Lily pouco sei. Ela andou a viajar por Orbias, sempre a saltar de um lado para o outro. É compreensível. Esteve presa durante anos, é normal a sua sede exacerbada de ver o mundo. A última vez que recebi um orbe dela, há semanas, estava com os seus pais em Faylinn. Estava muito feliz. – E eu estava muito feliz pela minha «irmã mais nova». Quanto à Rouge, tu sabes como ela é, sempre com a mania das diplomacias e da política. O pai dela fez uma forcinha e a maioria dos regentes elegeu-a como candidata. Mas, nessa altura, já a Riddel ia com muito avanço.

Os orbianos têm medo de perder os orbes mágicos, já que ela é dona de praticamente todas as fábricas e continua a investir em tecnologia associada à magia. Por isso é que ela tem tantos adeptos; à Rouge resta apenas esforçar-se, dia e noite, para conseguir alguma atenção. Mas o que recebe são rumores e comentários maldosos dos orbianos. Nem imaginas os danos que isso tem feito ao seu orgulho inabalável. – Havia uma ponta de um delicioso sarcasmo naquele comentário.

– A crueldade de Riddel ainda está vincada na minha memória. A minha morte às mãos dela ainda me atormenta a memória e os sonhos. Tive tanto medo em Dark Versalia. – Vomitei aquelas palavras como um desabafo.

– Fazes bem em ter medo. Acho que o me aterroriza mais é o facto de não saber quem ou o que ela é. É tão manipuladora que conseguiu orquestrar uma imensa conspiração para vos matar, a ti e ao Sebastian. Não tens noção... Aquela mulher conseguiu forjar toda uma história falsa de lendas e mitos associados aos dois mundos. Ainda estou para perceber como conseguiu enganar Orbias inteiro. – Ela distraiu-se com um homem elegante que passava à frente da nossa cabina. Ele olhou distraído para dentro e ela sorriu, sacudindo o cabelo. Ela distraía-se facilmente com homens por perto. – E... bem, mesmo depois de cair num abismo de uma outra dimensão, ela aparecer ainda mais poderosa e com todo o povo de Orbias do seu lado é tremendamente horripilante para mim. Parece quase um demónio.

– Eu diria que parece mais uma barata que custa a matar. Não falemos dela. Enoja-me imaginá-la sequer. – Olhei de novo para a escuridão que tomava conta do céu enquanto ela se empanturrava com bolos.

– Noemi, acho tão lindo e tão puro o que estás a fazer. Depois de todo o sofrimento por que passaste com a morte dele, não desististe de o procurar a partir do momento em que tiveste um indício de que o Sebastian não tinha morrido. Passaste por cima do teu trabalho, amigos, segurança... Arriscaste-te a voltar a Orbias e a tomar o corpo de outra pessoa só para conseguires encontrá-lo e porque o teu amor por ele é grande a esse ponto. Onde quer que o Sebastian esteja e o que quer que ele esteja a fazer, tenho a certeza que o que sentes serve para compensar os milhares de anos que ele esperou por ti. És...

Um pavoroso grito feminino interrompeu as palavras de Belladonna. Um vulto masculino, o mesmo que tinha eu visto passar para a cabina ao lado da minha na viagem até Dark Versalia, correu pelo corredor na direcção contrária à do berro. Instintivamente, saímos da cabina. Decidimos separar-nos: Belladonna foi para a carruagem de trás, para verificar a origem do grito, e eu persegui o estranho homem.

Corri por mais duas carruagens vazias. Quando cheguei à última, que antecedia a grande máquina mágica que movia o comboio, vi alguns corpos inanimados no chão. O terrível zumbido que tinha ouvido na aldeia de xisto voltou a afectar-me. A minha visão ficou turva, mas conseguia perceber que, de pé, de costas para mim, estava o intocável Sebastian. Afinal era mesmo ele! Calças e ténis pretos, que me lembravam umas *All Star*, camisa branca arregaçada e colete cinzento. O cabelo claro estava espetado. Sentindo a minha presença, dirigiu-se a mim com um sorriso maléfico e olhar com laivos de psicose.

– Espera, Sebastian! – A minha súplica era desesperada. Comecei a recuar enquanto ele avançava pesadamente na minha direcção. – Sou eu, a Noemi! Voltei para Orbias, voltei só para ti! Por favor, não me faças isto. – As palavras não estavam a sair com sentido. Queria dizer tanta coisa, mas não conseguia verbalizar as minhas emoções em frases perceptíveis. – Porque estás a fazer isto? Porque matas estas pessoas?

Transpirando uma sedução que me reduzia e me aniquilava a prudência, inclinou levemente a cabeça, intrigado com o que via.

–Tu outra vez. Persegui-te, sabias? Deixaste-me louco na Catedral. – A voz profunda era quase um suave bafo de ar. – Que raio és tu?

Aproximou lentamente a sua boca da minha. Eu sentia a sua respiração húmida e melosa. Com a boca colada à dele, os meus joelhos fraquejaram quando senti o seu sabor único. Ele colocou as duas mãos na minha face e o seu toque caloroso arrepiou-me toda.

Eu não queria aquele contacto, pois sabia que o meu Sebastian não estava dentro daquela concha. Mas, por outro lado, tinha a certeza que era o cheiro, o toque, o bater do coração dele. Tentava debater-me com o meu desejo enquanto ele continuava a consumir-me subtilmente.

De repente, ele parou e deslizou para o chão. Quando caiu aos meus pés, revelou Belladonna atrás dele, de braços esticados e olhar semicerrado. Tinha usado o seu poder da Morte para enfraquecê-lo.

Colérico como um demónio, levantou-se rapidamente e agarrou no pescoço esguio de Belladonna. Corri até ele, mas, com um violento golpe de braços, projectou-me contra a parede dura do comboio. Atordoada, vi-o colar os lábios à boca de Belladonna. Ela agonizou perante aquele beijo doloroso, mas deixou de se debater nos seus braços até cair, violácia e inconsciente, no chão. Não queria acreditar que ele a tinha assassinado, que lhe tinha feito o mesmo que àquelas pessoas, perante o meu olhar impotente. Corri uma vez mais para o enfrentar, mas depois de um olhar de despedida e um meio sorriso, saltou pela janela para a penumbra da noite chuvosa, mesmo com o comboio em andamento.

Corri para a janela, mas já não o vi. Não podia deixar que desaparecesse, não podia perder a oportunidade de saber o que se estava a passar. No meio de silêncio e desilusão, cedi perante a fuga de Sebastian para aquelas trevas. A minha esperança de encontrar o meu Sebastian estava a fragmentar-se como um colar de pérolas partido. Debatendo-me com o desalento que aquele fatídico encontro me provocara, nem reparei que o meu poder da Omnisciência ficou instável. Quase nem percebia que o negrume que invadia a carruagem repleta de morte se estava a transformar no involuntário regresso ao meu corpo terrestre.

Mistérios

Assim que acordei no meu apartamento, sufoquei no meu próprio pânico. Adam estava ali perto, com a sua habitual fidelidade, e abraçou-me para me amparar, mas eu não consegui resistir às dores aflitivas que se acumularam por todo o meu corpo. Não entendia se estava assim por já não estar habituada à bilocação ou pelo que tinha acontecido no comboio. Culpei-me por não ter conseguido ajudar Belladonna e por ter deixado Sebastian escapar mais uma vez. Como no passado, continuava a mesma cobarde que nunca conseguia atingir os seus objectivos. Mesmo depois do esforço para tentar mudar e fortalecer-me, continuava a sentir que estava a regredir a cada falhanço.

Não fui capaz de desabafar com Adam, pedi-lhe apenas que me deixasse sozinha. Não foi preciso insistir muito. Pelo tom catastrófico da minha voz, ele percebeu que, dada a minha instabilidade mental, era melhor aceder ao meu desejo. Depois de ele fechar a porta, tentei uma vez mais transferir a minha mente para Orbias, mas estava tão debilitada que, após cinco tentativas falhadas, percebi que era impossível.

Fui até à casa de banho e tomei dois antidepressivos. Só assim conseguiria ficar entorpecida o suficiente para adormecer e descansar. Com as cenas daquela noite a arruinar os meus nervos, adormecer normalmente era para esquecer. Amanhã era segunda-feira, dia de estágio. Não tinha tratado dos artigos da Madonna, mas esse era de longe o menor dos meus problemas. Talvez até faltasse ao trabalho amanhã. Nada daquela ocupação frívola fazia sentido na minha vida agora que conseguia regressar a Orbias com alguma facilidade. Assim que acordasse, ia transferir imediatamente a minha mente para lá. Tinha de continuar a seguir Sebastian e descobrir a verdade sobre si e qual a razão para aqueles actos horrendos.

\*

Estava num quarto bafiento, deitada numa cama dura. A primeira coisa que vi foi os inúmeros objectos pendurados no tecto, objectos que me lembraram as práticas de feitiços e magia negra que algumas culturas terrestres teimavam em perpetuar. O ar ali era enigmático, causando-me a molesta sensação de estar a ser observada. Belladonna estava deitada numa cama paralela à minha. Parecia moribunda, respirando lentamente, muito baixo, e com a pele azulada. Revigorada desde a última visita a Orbias, esgueirei-me até à porta e espreitei lá para fora. Numa sala ainda mais caótica, um velho atarracado e de pele negra flutuava de mesa em mesa no seu manto escuro até ao chão. Cada mesa estava repleta de livros poeirentos, que eram consultados por ele com uma energia fora do comum para um idoso que parecia ter mais de cem anos. Por todo o lado, havia frascos com orbes e ervas, animais conservados em formol e uma miscelânea de objectos peculiares que eu desconhecia.

Não considerei aquele velho homem uma ameaça. Talvez tivesse resgatado o meu corpo e o de Belladonna do comboio abandonado. Intencionalmente, provoquei um ruído na porta de madeira tosca para que ele reparasse em mim. Não ouviu, então, tossiquei. Nada. Talvez com a idade ele tivesse problemas de audição. Dirigi-me até ele e toquei-lhe levemente no ombro. Gritou agudamente como uma mulher quando olhou para mim e eu também me assustei com a sua bizarra reacção. Agarrando-se ao coração com a sua mão ossuda, passou de uma respiração ofegante para um cansado riso gutural.

– Oh, a menina está acordada! Assustou o velho. – Ele tinha um sotaque muito engraçado, quase como um italiano a falar a minha língua. Estava mesmo muito surpreendido por me ver ali de pé. – Não estava à espera que a menina bonita acordasse. Não depois do que Sebastian fez.

O meu espírito ganhou um brilho ténue.

– O senhor conhece o Sebastian?

– Oh, conheço muito bem. Até mais do que deveria e já há mais tempo do que esta cabeça careca se consegue lembrar. Como se chama a menina bonita?

– Noemi... – Embrenhada nas suas imensas rugas, vi a sua expressão cismática.

– A Guerreira? – Assenti com relutância. – Acho melhor a Noemi sentar-se. Há muito tempo que esperava este encontro. Acho que a sorte está do lado da Noemi, pois o velho que a encontrou e à sua amiga vai poder ajudá-la. – Ele sentou-se com um longo gemido cansado. – Ainda bem que os habitantes daquela aldeia vos trouxeram para cá. Sabiam que eu era o único nas redondezas com conhecimentos de medicina para ajudá-las. Eu próprio fiquei chocado quando soube que duas meninas tinham sobrevivido ao ataque do Sebastian no comboio. – Ele ficou calado, perdido nas suas memórias. – Oh, desculpe, já me estava a perder. Nem me apresentei. Eu sou Malaquias, historiador, cientista, investigador e médico de Orbias. – Esboçou um orgulhoso sorriso desdentado que me fez soltar um gracejo. – Conheço o Sebastian desde que nasci. Ele era um homem brilhante, talvez até demasiado brilhante. Eu morava em Seabeau e ele já tinha aquela aparência tão sedutora. Nós e a Sairen éramos uma espécie de trindade inseparável. No entanto, com o passar dos anos, seguimos caminhos diferentes: a Sairen no seu Palácio de Pérola, eu a envelhecer cada vez mais e envolvido nos meus estudos sobre Orbias e o Sebastian sempre igual e com a constante aura de mistério em torno dele. – Nunca me tinha apercebido que o poder da Eternidade de Sebastian pudesse afectar tanta gente ao longo destes anos. Tudo continuava a parecer-me muito abstracto.

«Sebastian demorava anos até se encontrar comigo. Cada vez que o fazia, preferia ficar a olhar para mim, daí de onde a Noemi está sentada, enquanto eu divagava sobre uma história que ele próprio tinha vivido. Ele não falava quase nada, mas eu sabia que aqueles encontros eram uma espécie de fuga ao peso da eternidade que carregava nos seus ombros. Até que um dia, há cerca de vinte anos, ele apareceu aqui eufórico. Deu-me a fantástica notícia de que tinha nascido o seu amor, passados tantos milhares de anos. Na altura não percebi, porque não conhecia o passado dele. Aliás, ao estudar a História de Orbias, nunca encontrei uma única referência à sua presença, e isso intrigava-me. Ele sentou-se comigo e contou-me o terrível episódio da sua separação aquando da divisão dos mundos. Na altura, fiquei aterrado com a possibilidade de haver um homem com um amor tão incondicional que tenha tido a sublime capacidade de esperar milhares de anos até que o seu amor voltasse a nascer. Mas a minha amizade e compaixão fizeram-me querer ajudá-lo, de alguma forma.

«Ele esperou até que tivesse uma idade que lhe permitisse transformar-se em Guerreira e transportar-se para Orbias. Para quem esperou tantos anos, aqueles vinte anos pareceram uma eternidade ainda maior. Eventualmente, vocês voltaram a encontrar-se e o amor transcendente que vos unia foi suficiente para compensar os infortúnios daquele homem. A partir daí, creio que já sabe tudo o que se passou... inclusive a sua morte.

Fiquei a matutar naquela história fantasiosa.

– Mas ele não morreu. Inexplicavelmente, está vivo. Tal como os nossos poderes, o seu não é absoluto. Quando me viu morrer pelas mãos da Riddel, ele percebeu que a sua razão de viver tinha terminado ali e entregou-se à morte. A edificação da barreira intransponível que separa os mundos é a prova disso. Mas ele está de volta e a agir de forma estranha, e eu... não sei mais o que pensar. É como se não fosse a mesma pessoa, como se não o conhecesse. – Eu estava a tentar desabafar com um sábio homem que provavelmente já sabia tudo o que estava a dizer. Mas o facto de ele ter conhecido Sebastian fez-me sentir mais próxima dele.

– Eu estou constantemente a questionar este mundo e tudo o que acontece nele. A magia e a Deusa são dois elementos espirituais que atentam contra a razão com um grande desplante. O sangue Dela corre nas veias de Orbias e de todos os seus habitantes, tornando o destino deste mundo algo de muito inconstante. Agora imagine no caso dos Guerreiros, que são os únicos seres dos dois mundos com magia a correr no próprio corpo. Se ele não morreu naquela batalha, certamente há uma razão plausível.

– Então, e o que ele tem vindo a fazer, matar todas aquelas pessoas desde que regressou? O que quer isso dizer? Que ele se tornou mau?

– A notícia de que Sebastian estava vivo, a vaguear por Orbias e a levar a alma de tanta gente inocente, chocou-me imenso. Eu conheço o seu carácter, conheço a bondade e o amor que guarda no seu coração. Sei que não o faria se não tivesse um bom motivo. Talvez... talvez tenha perdido a alma em Deep Hollow e tenha deixado o seu corpo eterno para trás. – Falava comigo enquanto mexia em livros à procura de alguma coisa.

– Está a querer dizer que ele agora é um monstro sem alma? Tem de haver algo que possamos fazer.

– O Sebastian é especial. É poderoso. A magia dentro dele é que lhe permite andar por aí. Mas a sua alma decidiu abandonar o corpo quando a viu morrer e nenhuma magia é poderosa o suficiente para demover tal decisão. O Sebastian que vê agora age por instinto e não tem qualquer noção da realidade e das suas acções. Ele vive somente para procurar a sua alma perdida, como um animal selvagem.

– Não consigo acreditar nisso. Ele pareceu reconhecer-me quando me reencontrou. Tem de haver esperança, eu sei que o meu Sebastian está algures naquele corpo e naquela mente.

– Receio que o meu raciocínio de cientista não me permita acreditar nisso. O que ele está a fazer não é propriamente matar as pessoas a sangue-frio. Ele consegue roubar-lhes as almas. E um corpo sem alma está condenado a morrer. Ele é como uma concha vazia numa busca descontrolada por algo que o preencha.

– Não pode ser. Ele não me pareceu tão apático assim. Apesar de não parecer o meu Sebastian, o homem que vi tinha uma personalidade, uma vontade própria. Ele falava e agia conforme o seu pensamento.

O papo de Malaquias encheu-se de orgulho perante a minha teoria atrevida. Mas a sua expressão iluminou-se como uma lâmpada pouco depois.

–Talvez haja uma explicação. Apesar de raros, há mitos de orbianos que ficaram privados das suas almas, mas que misteriosamente se mantiveram conscientes das suas acções. No entanto, sem qualquer moral ou controlo, eram quase como uns selvagens: malvados, libidinosos, assassinos, egoístas. Concentravam tudo o que de mau o Homem tem, mas que consegue controlar através da sua consciência.

– Isso é muito relativo. Há pessoas com almas «más». – O sentido abstracto daquela conversa sobre superego não me agradava. O próprio conceito de «alma» era tão subjectivo que nem entendia como estava a debater o tema com um homem que a via como algo tão prático e material.

Malaquias ficou profundamente pensativo. Levantou-se a custo da poltrona empoeirada e flutuou até uma prateleira alta. Tentou alcançar um livro grosso com o braço trémulo e trouxe-o até à mesa repleta de velas e outros livros. Quando o pousou e abriu as primeiras páginas, uma nuvem de pó atingiu-o, fazendo-o tossir secamente.

– Até que ponto a Noemi conhece o seu poder de Guerreira, a Omnisciência?

Pensei que era uma pergunta retórica, mas os seus pequenos olhos expectantes esperavam uma resposta.

– Bem, antes da separação dos mundos, o meu poder permitia-me ter visões de um presente ou de um futuro muito próximos. Também me ajudava em combate, tornando-me mais ágil e forte quando previa o ataque dos meus adversários. Mas desde que os mundos foram separados, a única coisa que me aconteceu foi uma constante visão do futuro com o Sebastian e a possibilidade de transportar a minha mente para este corpo, em Orbias.

Ele começou a rir, embora com esforço evidente, talvez devido à idade.

– Só isso, menina Noemi? Segundo soube, até chegou ao pico máximo do seu poder em Grimmus.

– Infelizmente, não sei como cheguei ao máximo do meu poder, nem sei como impedi a explosão ou até mesmo o que vi quando isso aconteceu. – O facto de isso ser mencionado na minha visão com Sebastian frustrava-me, pois realmente não sabia o que tinha visto.

– Estou a ver. Como a Noemi não viveu em Orbias e não foi exposta à sua magia natural, a manifestação e controlo dos seus imensos poderes é mais difícil. Tenho pena que ainda não tenha noção do seu poder. Mas talvez este texto ajude. – Ele pegou nuns óculos redondos e grossos que estavam em cima da mesa e colocou-os na ponta do nariz para começar a ler.

*Depois da minha temporada de convívio com as Guerreiras, consegui finalmente concluir o meu estudo. A maior conclusão que tiro é que a Guerreira da Omnisciência é, de longe, a Guerreira mais forte de todas. Com uma personalidade carismática e uma grande força interior, o seu poder é apenas ultrapassado pelo da própria Deusa. Tive oportunidade de assistir a várias demonstrações do seu dom, nomeadamente as visões do passado, presente e futuro, a transferência da sua mente para outros corpos, a leitura dos pensamentos, emoções e inconsciente das pessoas, e a manipulação da matéria através da energia mental. O controlo que ela tem sobre os seus poderes é algo de abismal, mas acredito que a estabilidade dada pelas suas companheiras permite...*

– Não consegui recuperar o resto deste papel velho. Além disso, faltam-me páginas desta investigação. Quando as Sociedades andavam por aí, fui assaltado. Levaram imensos livros e, infelizmente, a idade já não me permite recordar as coisas com facilidade. De qualquer forma, isto é parte de um texto de um homem que seguiu e investigou as Guerreiras milhares de anos atrás. Será que assim a Noemi percebe o enorme potencial que tem dentro de si?

Ouvir aquelas palavras comoveu-me. Depreendi então que a alma da Guerreira Ancestral ainda estava dentro de mim e chorava de dor. Embora estivesse segura da minha individualidade, estava mentalizada de que dentro de mim repousava uma só alma e que esta era uma união da Noemi e da Guerreira Ancestral. Independentemente, a paixão e o amor por Sebastian eram absolutos.

– Percebe agora a sua importância, menina Noemi? Se desenvolver os seus poderes, consegue chegar ao interior de Sebastian e descobrir toda a verdade. Se a nossa teoria estiver certa, o verdadeiro Sebastian está preso lá dentro. É para isso que está aqui em Orbias, não é? – Remexeu no bolso do manto e tirou um frasco com um líquido branco e brilhante: magia. – Eu entendo que a Noemi está num corpo que não é o seu. Como terá oportunidade de perceber, a transformação total e plena utilização dos seus poderes é impossível, pois falta um elemento da equação corpo, mente e alma. Talvez isto ajude. Venha comigo. – Segui-o até ao quarto onde Belladonna jazia. – Se beber este frasco de magia, os seus poderes podem manifestar-se mesmo nesse corpo. É impossível para o humano comum suportar magia em estado bruto. Mas com a sua força mental, sei que se sairá bem. Beba e tente trazer a sua amiga de volta. Se conseguir, tenho a certeza de que teremos uma oportunidade com o Sebastian.

Olhei-o, confusa.

– Como assim, «trazer a Belladonna de volta»? – Antes que tivesse tempo de lhe fazer mais perguntas, já ele estava a espetar com o frasco na minha boca.

O sabor da magia era como álcool muito forte. Foi difícil aguentá-lo enquanto deslizava pela minha garganta. Senti uma dor forte nas costas, como duas lâminas que se espetavam. O sangue quente escorreu-me pelas costas, ensopando o vestido. Instintivamente, gemi, dobrei-me com as dores e ajoelhei-me no chão sujo. Quando finalmente tudo passou, como no silêncio depois de uma explosão, vi que estava rodeada de penas brancas. Nem queria acreditar! Lancei as mãos às costas e senti-as! As asas de Anjo! Eu tinha-me transformado em Anjo em Orbias!

– Pense em Belladonna! Pense na vontade que tem em salvá-la!

De punhos levantados, o velho Malaquias gritava insistentemente, como se estivesse a proclamar a chegada do Apocalipse. Levantei-me lentamente com aquelas dores lacerantes e pousei as mãos no corpo inanimado de Belladonna. A minha mente foi literalmente sugada para dentro dela.

Morte

A sensação serena das minhas visões era a mesma, mas o ambiente que me rodeava não. Era um novo poder que descobria em mim, algo tão poderoso que me permitia entrar dentro de alguém. Afinal, Malaquias tinha razão. Estava dentro da mente de Belladonna e iria invadir o seu inconsciente. Podia entender aquilo como uma profanação das suas memórias e desejos mais profundos, mas era tudo para o seu bem. Olhei com maior atenção para o meu corpo e era a Noemi Anjo que estava ali, não o corpo da rapariga orbiana.

Estava numa espécie de cidade perversa de Dark Versalia. À minha volta, um infinito deserto, seco e poeirento. O céu era de um amarelo intoxicante. Dentro das altas muralhas e ferros retorcidos, havia simplesmente a mansão da família de Belladonna, o Cabaret Coeur, a estátua da Guerreira Ancestral na praça, e a Catedral. Nos locais onde estariam os outros edifícios, apenas um vazio perturbador. O ambiente ali era pesado, quase como se toda a cidade estivesse assombrada. O céu amarelado contrastava com o negrume das paredes dos edifícios. Atrás de mim, senti uma presença.

– Olá. Presumo que tenha vindo para salvar a alma da Belladonna. – À minha frente estava um senhor sisudo, de óculos redondos, bigodinho preto, fato e chapéu pretos, e uma inquietude que me incomodava.

–Você... é o Ente Padroeiro da Belladonna. E está a falar comigo. Que estranho!

– Sim. Sou o seu protector. Neste momento, sou o único capaz de mantê-la agarrada à vida. Ela foi atacada por um demónio que quis roubar-lhe a alma, mas eu não permiti. Estou aqui para guiá-la e ajudar a dar alguma paz ao espírito dela. – O homem taciturno parecia muito nervoso e nada descontraído comigo ali. Sentia que estava a analisar-me minuciosamente. Era bizarro olhar para uma figura sobrenatural e quase divina denotando tantas emoções.

– O que são vocês, realmente? Os Entes, quem são? – A minha curiosidade em relação àqueles seres tinha aumentado desde o momento em que o meu Ente me tinha salvado na Terra. Já não os via como um simples «poder» das Guerreiras. Eram algo mais...

– Essa é uma questão que me desassossega. Nem eu próprio consigo colocar em palavras perceptíveis aos seus ouvidos inocentes. Talvez possa dizer que somos espíritos livres, invocados pelas fundações sobrenaturais que sustentam os mundos. Como as Guerreiras mostram o potencial para protegê-los, também nós vos jurámos protecção.

Fomos interrompidos por gritos horrendos vindos da mansão de Madame Margawse, mãe de Belladonna. Dirigimo-nos rapidamente até lá. Consciente da nossa invisibilidade, entrei sem problemas naquela que era uma materialização da sua memória. Subimos as velhas escadas e entrámos num quarto de brinquedos. Eu já estava a prever o que iria ver. Estendido no chão estava um menino morto, com a pele fatalmente arroxeada. Ao lado dele, uma menina em estado de choque. Reconheci-a como sendo Belladonna graças aos seus cabelos de cobre e pele de marfim levemente rosado. Estava especada, com um olhar vítreo, depois de ter usado o seu inexplicável poder da Morte pela primeira vez. A mãe gritava histericamente no chão, rasgando o seu próprio vestido, enquanto o pai chorava silenciosamente agarrado à porta. Numa imagem surreal, surgiram três monstros pretos, três sombras de olhos vermelhos, que começaram a dançar velhacamente à volta do menino morto. Engoli em seco, de sobrolho franzido. O Ente começou a falar, mas, misturada com os gritos de Madame Margawse, aquela conversa era sombria.

– As Guerreiras que renasceram em Orbias tiveram o benefício de ver o seu poder manifestar-se muito cedo. Mas no caso de Belladonna foi diferente. Ela tem o fardo de ter um dom terrível e negro como o da Morte. Foi lamentável o seu descontrolo ter matado o irmão. Isso mudou completamente a sua vida e a da sua família. A verdade é que, se isso não acontecesse e se os seus poderes se tivessem manifestado mais tarde, as consequências poderiam ter sido muito piores. Enquanto Guerreira, ela tem o poder para interferir com o destino e matar aqueles que não estão predestinados a tal. É como desafiar os poderes divinos que nos guiam.

As pessoas que estavam no quarto esvaneceram-se. Olhei pela janela alta que dava para a praça. A pequena Belladonna estava sozinha, sentada na base da estátua da Guerreira Ancestral. O Ente fez um gesto cortês e eu dirigi-me para a rua, com ele atrás de mim. Quando lá chegámos, Sebastian aproximava-se da criança. Demorei alguns segundos a perceber que se tratava apenas de uma recordação, mas foi estranho vê-lo com a mesma aparência com que o tinha conhecido.

– O Sebastian sabia que as Guerreiras estavam a despertar. Quando ele ouviu falar da trágica morte acidental de um menino da nobreza de Dark Versalia pela sua própria irmã, soube que podia ser resultado do despertar da Guerreira da Morte. – Sebastian estava carinhosamente agachado com Belladonna e, enquanto falava com ela, a menina ia esboçando um fraco sorriso. – Este encontro deu-se depois do suicídio do pai dela. Com tanto terror à sua volta, ela tornou-se numa bomba-relógio. Não tivesse sido Sebastian, Dark Versalia seria uma cidade-fantasma agora. Ele ajudou-a a controlar o seu poder através de um treino que durou anos. Nunca lhe disse directamente que era uma Guerreira, mas, com a aura de morte que a perseguia, ela tomou consciência de que dificilmente teria amigos e agarrou-se cegamente a Sebastian. No entanto, o seu amor não era correspondido. – Então, Belladonna tinha mesmo tido uma paixão por Sebastian. Dada a sua terrível infância e adolescência, não senti rancor por isso. Aliás, até me identificava com ela e lamentei a sua desgraça, até no amor.

Ao longe, no Cabaret Coeur, começou a tocar uma música frenética. Era o nosso próximo destino. Quando lá entrámos, não vi o ambiente burlesco cheio de música, dança e álcool. Em vez disso, vi uma seminua Belladonna envolvida sexualmente com três homens. Naquela confusão de plumas, cinto de ligas e gravatas desapertadas, os homens deformaram-se como monstros e eram agora três gigantes negros e defeituosos que maculavam o seu corpo belo. Ela continuava com um desvairado sorriso de prazer. Fui obrigada a desviar o olhar daquele espectáculo perverso.

– Recusada por Sebastian e com um poder terrível que tinha sido responsável pela morte e falência da família, Belladonna viu no Cabaret um refúgio para a sua solidão. Viu ali uma forma de poder sentir o calor humano, de se sentir desejada. Deixou-se entregar ao seu desejo lascivo porque, com tanta morte dentro de si, conseguia assim sentir-se viva. Além disso, tinha possibilidade de dar dinheiro à exigente e extravagante mãe como forma de compensação pelo sentimento de culpa por ter assassinado o irmão e provocado o suicídio do pai. Ela viu-se cada vez mais emaranhada numa teia de segredos: quem era realmente, o que fazia, o que desejava mais.

Lá fora, ouvi tocar o sino da Catedral. Quando saí do Cabaret, vi as mãos grandes daqueles homens a conspurcarem ainda mais o corpo esbelto de Belladonna. Pela sua expressão de prazer, vi que era algo que funcionava como uma droga para amenizar o vazio abjecto que sentia. Tentei perceber as suas acções, mas era-me difícil, por causa dos meus inabaláveis padrões morais.

Como era o último edifício em todo aquele espaço, concluí que a nossa viagem pelo inconsciente de Belladonna terminasse ali. Dentro da Catedral, em vez da estátua da Deusa no centro, estava o corpo dela dentro de âmbar, como se tivesse morrido. À sua volta estavam outras pessoas dentro de outras sepulturas douradas. Curiosamente, havia outra Belladonna agachada sobre as barras. Estava a chorar.

– Conhecer as Guerreiras provocou uma outra mudança na vida de Belladonna. Ver Sebastian morrer e duas Guerreiras voltarem para a Terra para sempre fizeram-na perceber a vida de excessos que levava. Ela agora já não se sentia tão sozinha. Arrependida por todos aqueles anos de loucura, tentou sair daquela vida nocturna e secreta, mas estava demasiado embrenhada nesse modo de vida. Ainda predominava a culpa pela morte do irmão e de todos os inocentes que matara acidentalmente pelo seu caminho e que estão dentro das outras sepulturas à sua frente. E a mãe que exigia cada vez mais riqueza, especialmente agora que era uma Guerreira e a crise de magia começava a atingir Orbias. Ela continuou a dançar e a prostituir-se no cabaré, embora desta vez o fizesse contrariada. Dentro dela começou a crescer a consternação de quem sentia nojo do seu corpo e daqueles homens que a desejavam somente para seu prazer físico. O seu vazio interior cresceu como um monstro, sempre oculto por uma máscara de alegria e vivacidade.

– E o que quer dizer aquela Belladonna dentro do âmbar?

– Simboliza a sua alma perdida, a sua morte interior. A Belladonna que está na sua base chora pela sua suposta morte. Ela pensa que está irreversivelmente morta.

– Há alguma hipótese de trazer a sua alma de volta?

–Talvez. O Sebastian tentou arrancar a sua alma com um ímpeto que pode impossibilitar voltar a ligar-se ao seu corpo. Neste momento, Belladonna é um receptáculo vazio. É como se estivesse morta, mas sem realmente estar. – Ele parecia extremamente pessimista, como se não acreditasse que eu era capaz de ajudá-la. – A morte é um lugar estranho e confuso. Não há ninguém que conheça tão bem a morte como uma pessoa que não consegue morrer ou que tenha em si o poder de ficar rodeado por ela. – O Ente divagava, olhando para o céu ácido.

– Disse que era um espírito livre. Isso quer dizer que os Entes já viveram como pessoas normais? Fala do Sebastian como se o conhecesse...

–Todos nós o conhecemos...

Ao ouvir aquelas palavras, e associando-as com as de Malaquias, custava-me acreditar que a noção de alma para os orbianos fosse tão prática e material, ao contrário das noções abstractas das religiões na Terra. Aquilo que para mim era uma espécie de estado de coma simbolizava a «perda de alma». Nunca tinha associado isso às pessoas que realmente estão em coma na Terra, porque, afinal, era esse o estado de Belladonna. Não sabia em que noção acreditar. Mas de uma coisa tinha certeza: Sebastian tinha traído Belladonna, a sua amiga de há anos. Daria tudo por uma simples explicação vinda da sua boca. Aquela ignorância estava a corroer-me por dentro como caruncho num coração de madeira.

Não custava nada tentar, especialmente se estava num plano surreal como era o inconsciente de Belladonna. Perante o olhar desconfiado do seu Ente circunspecto, aproximei-me da barra de âmbar dela. Pousei as minhas mãos sobre a sua superfície fria e concentrei-me em quebrá-la com o objectivo de voltar a conectar a alma de Belladonna. Ainda era assolada por alguns dilemas, especialmente agora que tinha certeza dos sentimentos que ela nutria por Sebastian. Mas tanta dor e sofrimento tinham-me feito amadurecer. Já não era ingénua ao ponto de pensar sequer na hipótese de ter ciúmes dela, sobretudo porque nem eu sabia se Sebastian algum dia voltaria para mim.

– O que está a fazer? Isso não vai resultar. Se partir o âmbar, corre o risco de criar uma Belladonna diferente daquela a que está habituada. Ela perdeu o equilíbrio da sua alma, mesmo que quebre essa barreira. É impossível quebrar o âmbar! – O Ente estava tão nervoso que começou a andar de um lado para o outro. Tirou uma folha e uma caneta do bolso interior do casaco e começou a escrever ansiosamente. A sua expressão mudava várias vezes, como se várias personalidades demoníacas se estivessem a apoderar dele.

As primeiras rachas percorreram aquele âmbar cristalino. Belladonna, chorosa e de maquilhagem borrada, levantou a cabeça e olhou para mim, aturdida. Finalmente, o âmbar desfez-se em mil bocados e a Belladonna que estava aprisionada lá dentro caiu para cima de mim. Quando abriu os olhos e tocou no meu corpo, ele transformou-se em ectoplasma que convergiu em mim numa sensação explosiva. Um brilho intenso inundou todo o espaço inconsciente dela e eu fui expulsa dali.

Mente

Dei um salto, ofegante com a minha expulsão repentina da mente de Belladonna. Malaquias estava perto de mim e voltou a soltar um dos seus bizarros gritos femininos. Eu ainda tinha as asas brancas e a roupa de Guerreira. E as dores nas costas ainda estavam bem presentes, embora as feridas tivessem já sido saradas pelo velho. Olhei perturbada para Belladonna. Continuava inanimada, em coma. Lancei um olhar inquisidor a Malaquias.

– Não tinha dito que eu conseguiria trazer Belladonna de volta? – A minha voz era trémula. Estava fraca depois da digressão pelas profundezas de Belladonna.

– *Noemi?* – Ouvi a voz de Belladonna, mas, ao olhar para o seu corpo deitado, percebi que o som não vinha daí. – *Noemi, o que se passa? Porque que é que eu me estou a ver ali deitada? Onde estou?* – Continuava a ouvi-la, a ficar cada vez mais histérica, mas os seus lábios não se mexiam. Fiquei assustada porque parecia que estava a ouvir um fantasma.

– Calma, está tudo bem, está tudo bem! As minhas previsões estavam certas. Não se preocupem. – Malaquias parecia envaideci da mente feliz com o triunfo da sua teoria sobre aquele poder indescritível que eu tinha.

– *O que aconteceu? Porque é que eu não sinto o meu corpo, Noemi, porque é que me sinto fora dele? E quem é este homem?* – Belladonna estava atónita e com dificuldade em controlar as suas emoções.

– Calma, calma! – Malaquias começava a ficar irritado com as minhas expressões assustadas. Tive a impressão de que não a ouvia como eu, embora tentasse adivinhar o pânico de Belladonna. – É uma situação temporária. A menina Noemi entrou na mente da Belladonna e libertou a sua alma. Mas dado que o Sebastian provocou um grande desequilíbrio dentro de si, era improvável que voltasse a ligar-se ao seu corpo. No entanto... – deu uma ênfase tão grande às palavras que pareceu um padre severo... – o poder da Omnisciência da Noemi é tão forte que foi capaz de invocar e alojar a alma de Belladonna dentro de si.

– O quê?! – dissemos as duas em uníssono. – Eu libertei a alma de Belladonna e agora está dentro de mim?!

Uma mistura de choque e vergonha tomou conta de mim. Senti-me invadida por ter Belladonna no meu interior. Quereria isso dizer que ela teria acesso aos meus pensamentos e sentimentos? Eu nem estava a perceber se o que ele estava a dizer era para fazer sentido ou se não passavam de demências de um velho senil. Porém, se conseguia ouvir Belladonna, algo de estranho se passava. Exasperado, Malaquias flutuou para fora do quarto e regressou minutos depois com um novo livro poeirento, que pousou em cima de uma das camas de ferros. Baixou-se para ler e os poucos cabelos no topo da sua cabeça esvoaçaram para a frente.

– Quando a perda da alma acontece, o orbiano entra num curto estado de coma que termina inevitavelmente numa morte calma. O destino de uma alma perdida é vaguear pelos céus de Orbias, desesperada por não conseguir juntar-se à Deusa. – Aquela «inevitabilidade» da lição de história orbiana estava a deixar-me deprimida. O silêncio de Belladonna significava o mesmo. – Contudo, acredito que, no caso das Guerreiras, a magia dentro de vós significa que perder a alma não é o fim de tudo. É possível resgatá-la. E como a Noemi é a Guerreira da Omnisciência, consegue mais do que isso. Consegue libertá-la e mantê-la dentro de si até arranjar uma forma miraculosa de voltar a ligá-la ao corpo original. É maravilhoso, duas almas num só corpo! Talvez até consiga usar o poder dela! Talvez até consiga alojar mais almas! Isto é uma maravilha da magia orbiana! – A confiança que ele depositava em mim era avassaladora.

– Quer dizer que a alma da Belladonna vai continuar dentro de mim até conseguir uma forma, supostamente inexistente, de ligá-la ao seu corpo? E se eu não conseguir? Vai ficar dentro de mim para sempre?

– Eu sou um teórico, tenho uma sabedoria enciclopédica, e apenas sei o que está nos livros e nos resultados das minhas investigações. Não lhe sei responder a isso. Mas não percebe as possibilidades que isso lhe trará? Pode ajudar as pessoas que são atacadas pelo Sebastian. Aliás, pode entrar na mente do próprio Sebastian e descobrir o que o motiva a fazer tudo isto, e assim pode fazer com que pare com esta loucura.

– Porque está tão interessado em ajudar-me? – Apesar da simpatia do vetusto Malaquias, havia algo mais por trás da sua gentileza.

– Ora essa! Vocês são Guerreiras da Deusa, é minha função ajudar-vos enquanto orbiano. Além disso, sou um investigador sedento de sabedoria e novos conhecimentos.

– *Ele está a mentir, há mais qualquer coisa. –* Belladonna despertou da sua introspecção e falou na minha mente. Arrepiava-me a cada palavra sua.

– Tem a certeza de que é só isso?

Ele fez uma pausa e, pela primeira vez, vi um olhar mais profundo do que o de um simples velho estudioso.

– Eu sou amigo do Sebastian praticamente desde que nasci. Ele ajudou-me inúmeras vezes e sei que é a única pessoa de Orbias que se importa comigo. Apesar disso, a minha sede de saber e curiosidade sempre se sobrepuseram a tudo. Eu quero saber quem Sebastian realmente é e quem realmente foi. Não me orgulho disso, mas não via o Sebastian somente como um amigo. Também o via como um objecto de conhecimento e busca de respostas para os grandes mistérios dos mundos.

Não lhe respondi. Ao menos tinha sido sincero e partilhava do mesmo objectivo que eu: encontrar Sebastian. Manifestei vontade de ir embora, mas antes pedi-lhe encarecidamente que cuidasse do corpo de Belladonna enquanto continuava a minha perseguição a Sebastian. Ele aceitou sem problemas, embora me preocupasse deixá-la inanimada aos cuidados de um velho decrépito. Tinha de continuar o meu périplo até Marblia. Certamente, conseguiria adquirir mais informações a partir daí.

Malaquias acompanhou-me à porta. Vivia numa singela casa de pedra numa encosta estéril e enevoada. Um pequeno grupo de galinhas cacarejava num galinheiro cercado, perto de uma pequena horta de couves com um cheiro nauseabundo. No sopé da encosta, havia uma aldeia humilde com pouco mais de uma dúzia de casas. Atrás dela, a linha de comboio percorria caminho até ao fim do horizonte. Antes de partir, lembrei-me de lhe perguntar algo mais.

– Malaquias. O que pensa sobre a Riddel? Quem é ela? A sua pele negra ficou subitamente pálida.

– Prefiro não falar sobre ela. Levei anos e anos a denunciá-la, de cidade em cidade. Tomaram-me como um louco e ostracizaram-me. Eu sabia o que a estranha mulher fazia, sabia que conspirava contra a Deusa e contra a História de Orbias. O Sebastian tinha-me avisado, assim como à Sairen, de que havia uma mulher perigosa que secretamente pretendia destruir Orbias a partir do seu âmago, das suas pessoas. Mas, durante gerações, os orbianos foram acreditando cegamente em todos as falsidades que ela espalhou em bibliotecas, igrejas e junto dos regentes. Eram como tentáculos de mentiras! – Ele levantou os punhos e cerrou-os com uma raiva desmedida. – Tenham cuidado com ela, é uma mulher perigosa.

Quando falou de Riddel, Malaquias pareceu ter sido consumido pelo ódio. Ainda assim, acreditava no que dizia. Havia muitas pontas soltas, que me diziam respeito directamente. Nunca tinha conseguido perceber como é que Riddel tinha sido capaz de convencer todos os orbianos sobre uma falsa Guerreira, uma falsa história de separação dos mundos e como tinha levado duas sociedades de homens poderosos a acreditar num falso mito de reunião entre Terra e Orbias. Pior do que isso, nunca tinha aceitado o facto de Sebastian me ter traído e nunca me ter contado toda a verdade. Mentira-me, pois ao ter uma vida eterna, saberia explicar-me tudo aquilo. Voluntariamente, decidira deixar os orbianos na ignorância, bem como às Guerreiras e a mim própria. Por vezes, desejava não o amar tão incondicionalmente a ponto de fechar os olhos às suas incongruências.

Despertando dos meus pensamentos, despedi-me de Malaquias com um aceno vigoroso, prometendo voltar a vê-lo. Desci a encosta em direcção à estação. Tinha de seguir caminho rumo a Marblia.

– *Bem, quer dizer que vamos estar juntas durante muito tempo. Que bom! –* Falar com Belladonna era como falar ao telemóvel. O seu sarcasmo irritou-me porque era dentro de mim que ela estava, era a mim que estava a invadir. Por outro lado, eu tinha sido a responsável por aquela situação. Não estava arrependida por isso desde que significasse manter Belladonna viva e consciente por mais tempo.

– Diz-me, como é aí dentro... Hum... consegues sentir o que eu sinto? Consegues saber o que penso?

– *Vejo o que tu vês, oiço o mesmo, mas garanto-te que é só isso. Hum... e quando estiveste na minha cabeça... o que viste?* – Os seus receios eram legítimos porque eram iguais aos meus. O pior que nos poderiam fazer era invadir o nosso íntimo e os nossos segredos mais profundos.

– Apenas memórias tuas no Cabaret e dos tempos de Guerreiras, nada de especial, não te preocupes. – Menti para a proteger. Felizmente, ela não conseguia ver a minha expressão facial ou ter acesso aos meus pensamentos para perceber a mentira.

Quando entrei no comboio ao fim de duas horas de espera na pequena aldeia de agricultores tímidos, fui avisada de que a viagem até Marblia demoraria cerca de quinze horas. Sabendo que não ia aguentar passar tanto tempo sem fazer nada, deitei-me confortavelmente na cama da minha cabina. Ia enviar a minha mente de volta para a Terra para resolver as coisas por lá. Despedi-me de Belladonna e, olhando uma última vez pela janela por cima de mim, deixei-me levar pela Omnisciência.

Tragédia

Parecia que estava a acordar de um longo sono e de um sonho intenso, mas ao som de uma música melancólica. As memórias recentes eram muito reais e impediam-me de raciocinar com clareza. Espreguicei-me para esticar os meus membros entorpecidos, embora sentisse a indisposição típica do regresso à Terra. Fiel como sempre, Adam estava sentado no sofá a tocar uma guitarra repleta de autocolantes. Parou e olhou para mim com os seus expressivos olhos de cachorrinho.

– Não sabia que tocavas guitarra. E tocas bem. É a melhor recepção que se pode ter depois de «viagens» destas. – A minha voz estava rouca. Talvez estivesse a ficar constipada.

–Toco desde os meus catorze anos. Sempre senti necessidade de exprimir os meus sentimentos e criatividade de alguma forma: a escrever, a pintar... Não tocava há muito tempo. Mas ficar aqui enquanto «dormias» tranquilamente fez-me ter vontade de voltar a tocar. – Ele desviou os olhos dos meus e, envergonhado com a confissão de que me observava a dormir, voltou à sua música.

Levantei-me da cama com algum esforço. Continuava com algumas dores no corpo, pelo que o receio de uma constipação ou gripe se acentuou. Era o que faltava agora, ficar doente. Não bastava ter uma vida dupla e ainda carregar mais outra dentro da minha cabeça? Fiz um rabo-de-cavalo e dirigi-me à casa de banho. Estava a ficar mais pálida e a vermelhidão em torno dos meus olhos estava cada vez mais intensa.

– *Estás bem diferente. O Sebastian teve um efeito nocivo em ti.*

Gritei de susto com a inesperada voz de Belladonna. Dei um salto para trás e derrubei com grande estrondo um conjunto de frascos de perfumes e cremes que tinha numa prateleira. Adam apareceu à porta da casa de banho com um ar apreensivo, como se viesse defender-me de algum monstro. O meu coração teimava em não acalmar. Não estava mesmo nada à espera que a alma de Belladonna atravessasse a barreira de Orbias comigo.

– *Desculpa, querida. Não quis assustar-te. Ainda estou a habituar-me à ideia de que estou dentro de ti e que tu própria ainda não tens noção disso. Desculpa, desculpa. A verdade é que não estavas à espera que a minha alma ficasse à espera em Orbias, não é? Ela está agarrada à tua, agora. –* Quase senti o nervosismo arrependido de Belladonna na minha cabeça.

– O que se passa, Noemi? O que aconteceu? – Adam estava confuso com a minha expressão atenta às palavras silenciosas da Guerreira da Morte.

– Precisamos de falar. Trouxe uma pequena «lembrança» de Orbias.

Sentei-me com ele no sofá e contei-lhe aquele episódio com o velho Malaquias e o resgate da alma de Belladonna. Evitei contar pormenores do que encontrei no interior da mente dela, não só porque era uma traição falar sobre os seus segredos mais íntimos, mas também porque ela própria estava ali connosco a ouvir tudo.

– Quer dizer que é como se ela estivesse aqui connosco? Ah... dentro de ti? – Ele pareceu aterrado com a ideia, como se estivesse a falar de um fantasma. – Consegues ouvi-la na tua cabeça, mesmo? E não te causa confusão? – Aquela sua curiosidade mórbida incomodava-me. Mas era impossível chatear-me com Adam.

– Não te esqueças de que isto foi há apenas algumas horas. Obviamente que me causa confusão. Até à própria Belladonna.

– *O Adam também está tão diferente! Diz-lhe que fico feliz com a sua mudança.*

Começava a pensar que ela achava normal o facto de estar dentro de mim e estar neste momento na Terra. Pelo menos, não demonstrava qualquer tipo de preocupação com isso e parecia até entusiasmada.

– A Belladonna diz que está feliz com a tua mudança.

–A sério? Ah... obrigado, acho eu. É estranho falar com alguém que não está aqui. Parece uma sessão espírita em que tu és uma médium. – Ele continuava pouco à vontade com aquela situação sobrenatural. Até eu estava. Nunca imaginei ter aquele tipo de poder e servir de hospedeira para almas perdidas.

O silêncio incómodo instalou-se no apartamento como uma fria neblina. Tanto eu como Adam estávamos embaraçados com a presença «adicional» de uma alma naquela sala. Era quase como se não conseguíssemos ser nós próprios porque estava ali uma estranha invisível. Felizmente, o toque do telemóvel de Adam quebrou aquele gelo como uma picareta. Agarrou nele com entusiasmo e saiu disparado para fora do apartamento.

– Até te oferecia qualquer coisa para beber, mas creio não ser necessário. – Não sei de onde surgiu aquele acesso de sarcasmo, mas Belladonna riu. Eu apenas tentava amenizar uma situação que ainda era bizarra para mim.

– Só agora dou valor ao que tu sentias em Orbias. Aqui é tudo *tão estranho para mim. Sinto-me uma extraterrestre. Como aquela caixa mágica.*

Ela referia-se à televisão. Estava ligada num canal de música. Curiosamente, estava no ar o videoclip «Like a Virgin», da Madonna, relembrando-me a existência de um estágio na minha vida. Quando ela começou a repetir a melodia, alternando com sons de adulação pelo estilo da cantora, percebi que ela estava completamente embevecida a absorver tudo aquilo.

Lembrei-me de usar o dicionário do meu computador para satisfazer a minha curiosidade quanto a uma coisa. Abri o portátil e escrevi «alma». Dizia: «princípio da vida e do pensamento; parte imaterial do ser humano; princípio espiritual em oposição à matéria». Era tudo tão vago. Nada a ver com as noções de alma em Orbias. Escrevi o mesmo no Google. Apenas *sites* de astrólogos e nomes de músicas me apareciam nos resultados de pesquisa. Acho que os terrestres não ligam muito à questão da alma, especialmente porque é algo que não se vê nem se toca...

– Noemi, precisamos de sair já! A Lorelei está em apuros. – Adam entrava de rompante no apartamento, mais pálido que as minhas paredes.

– O que se passa? Onde está ela? – Lembrei-me da preocupação do ano passado, quando descobri que ela tinha desaparecido depois da armadilha de Jynx.

– Eu não conseguia perceber o que dizia porque estava a sussurrar. Ela disse-me que estava escondida num armário da sua casa e que um homem mascarado tinha entrado lá para lhe fazer mal.

Não pensei duas vezes. Vesti-me rapidamente para sair com Adam... e Belladonna. Enquanto procurava o casaco mais quente que tinha para me proteger do frio de Janeiro, perguntei-me se o «assaltante» estaria relacionado com o que me tinha atacado no apartamento. Talvez fosse o mesmo. Por isso, a culpa do ataque a Lorelei seria minha. Poderia aquele homem ter algo a ver com o detective que me avisara para não regressar a Orbias?

Quando saímos, bati a porta com tanta força que a coscuvilheira da minha vizinha da frente veio logo à porta de rolos no cabelo. Já no metro, eu batia ansiosamente com as unhas no banco onde estava apoiada. Pelos seus comentários sussurrados, Belladonna parecia incomodada com tanta gente cabisbaixa e agrupada como animais. Dali a alguns minutos, chegámos à saída da Biblioteca de Grand City, ao lado do prédio de Lorelei.

Subimos as escadas quase a voar. A porta estava entreaberta, auspiciando algo de mau. Por ser uma Guerreira mais ágil e forte, entrei primeiro que Adam, mas eu sentia que ele se colava a mim para me proteger heroicamente caso algo corresse mal. O luxuoso e amplo apartamento parecia vazio. Mas havia uma aura de perigo que não pertencia ali. Perscrutámos as divisões da casa como se fôssemos dois agentes secretos. Quando chegámos finalmente ao quarto de Lorelei, fomos confrontados com uma visão desconcertante. Havia móveis arrastados e objectos caídos no chão, como se tivesse ocorrido uma luta ali. Atrás da cama, vi o braço caído de Lorelei. Quando cheguei perto dela, fiquei extremamente surpreendida, pois ela estava transformada em Sereia. Senti a porta do roupeiro abrir-se. Tão rapidamente quanto pude, transformei-me em Anjo, empurrei Adam para fora do caminho do nosso atacante e precipitei-me para cima dele.

– Quem és tu? – A determinação na minha voz era muito intensa. Talvez fosse a perseverança de Belladonna a juntar-se à minha. A destreza do seu ataque e defesa eram-me estranhamente familiares, mas definitivamente não era o mesmo homem que tinha invadido o meu apartamento.

–Voltaste a Orbias! O preço pelo sacrilégio é a morte! – Ele tinha uma voz tão demoníaca que me arrepiava. Mesmo abafada pela máscara preta, senti que conhecia aquela voz.

Com reflexos sobrenaturais, desviava-se dos meus golpes com graciosidade. O meu esforço cada vez maior para lutar contra ele, com a ajuda das minhas asas brancas, ia-se tornando infrutífero. Percebendo que não me conseguia dominar, dirigiu a sua atenção para Adam numa tentativa de enfraquecer a minha concentração. Antes que ele conseguisse tocar com as luvas negras no atónito Adam, senti um estranho poder fluir em mim e acertar no inimigo como um punhal invisível. Ele cedeu e caiu no chão, inconsciente.

– *Fui eu. Canalizei o meu poder da Morte para ti. Não sabia se resultaria, só queria salvar o Adam.*

Belladonna parecia confiante. Mas eu sabia que, no fundo, ela odiava o seu poder e considerava um ultraje usá-lo. Felizmente, fê-lo, ou Adam teria sido ferido.

Dirigimo-nos para Lorelei. Já tinha voltado ao seu estado normal e estava tão descorada como Belladonna quando foi atacada por Sebastian. Por mais que a abanasse no meu colo, não acordava. E o coração batia muito debilmente.

– O que fez ele com a Lorelei? – Adam estava angustiado.

– Não sei. Mas sei que a culpa é minha. Tu ouviste as palavras dele. – Ele não ficou agradado com a minha inoportuna centralização de atenção. – Estou farta de segredos e conspirações!

Subitamente, o homem atrás de nós levantou-se e saltou pela janela, cobardemente. Segui-o de imediato até ao parapeito, mas quando olhei para a rua ele já tinha desaparecido misteriosamente. Frustrava-me de morte não ter uma explicação para tudo o que acontecia à minha volta.

–Temos de levar a Lorelei para o hospital imediatamente. – Disse-o voltando a agarrar no seu corpo desmaiado. Levantei-me do chão com ela nos braços e corri para a porta do quarto já transformada em Noemi. – Não podemos deixar que os paramédicos ou a Polícia se envolvam. Adam, podes tratar do quarto da Lorelei? Depois vai ter comigo ao hospital.

Ele aceitou as minhas ordens com um aceno de cabeça. Sorri-lhe e saí a correr para chamar um táxi.

Nem sei como estava a aguentar o peso de Lorelei fazendo apenas uso da minha força humana. Era movida pela vontade de a ajudar. Não só por ser minha amiga, mas porque o torniquete de culpa feria-me o coração. A maior dose de culpa que sentia era também pela pequena parte egoísta de mim. Mesmo tendo como verdadeiro objectivo salvar a minha amiga, sentia que isso aproximar-me-ia inexplicavelmente de Sebastian.

O taxista acelerava, desafiando o perigo, pelas avenidas movimentadas da cidade. De vez em quando, olhava dramaticamente pelo retrovisor. Passando a minha mão pela sua bela face, nem conseguia aceitar a gravidade do seu estado de saúde. Não queria perdê-la, não podia perdê-la!

Hospital

– A paciente está em estado de coma! Ainda estamos à espera das análises toxicológicas, mas queria perguntar-lhe desde já se tem conhecimento da toma de alguma substância... ilícita.

A voz insensível do médico entrou nos meus ouvidos como finas agulhas. Tinha entrado no hospital com a adormecida Lorelei nos braços e com uma urgência e desespero que assustou todos os presentes. Depois de contar uma mentira sobre como aquilo tinha acontecido, os meus esforços passaram para o encobrimento do seu estado ante a imprensa e os fãs. Passadas horas de aflição na sala de espera enquanto a examinavam, o médico tinha vindo ter comigo com a frieza típica daquela profissão.

– Não, ela não tomou nada – disse, com uma inércia insípida. – Ela andava com algum tipo de depressão? Dava sinal de que queria suicidar-se?

– Não, a Lorelei não tentou o suicídio! Encontrei-a assim em casa. – Não podia dizer que alguém lhe tinha feito aquilo ou a Polícia ia envolver-se numa situação que não podia ser explicada. Era nestas alturas que as duas Sociedades faziam falta para encobrir qualquer sinal da existência de um mundo paralelo.

– Nos números de emergência dela temos o seu e o de um Adam Lockhart.

Apesar de já não ser menor, precisamos de falar com os pais. Sabe onde estão?

– Os pais dela viajam muito. Passam a maior parte do ano fora do país. Posso tentar contactá-los. – Era uma falsa promessa. Era praticamente impossível falar com eles.

– Obrigado, Noemi. Se quiser, pode vê-la. – O médico apontou-me a sala envidraçada onde estava Lorelei.

Entrei lentamente no quarto. Não consegui evitar lacrimejar com a visão horrível de ver a minha amiga inanimada naquela cama. A sua vivacidade e beleza tinham dado lugar a uma pessoa inerte e desluzida, ligada a tubos e máquinas monstruosos que pareciam devorá-la. Passei a mão pela sua pele macia. Estava tão fria! Não conseguia explicar, mas ver Lorelei e Belladonna no mesmo estado era completamente diferente. Por estar na Terra e num ambiente hospitalar terrestre, parecia muito mais real e doloroso. Havia algo na aura mágica de Orbias que me impedia de ver as coisas com tanto dramatismo. A subjectividade da magia dava-me sempre alguma esperança para não ver as situações de Orbias como algo sujeito a qualquer espécie de determinismo. Lorelei estava em coma na Terra, era terrivelmente diferente. E eu nem sequer sabia o que se passava com ela ou o que tinha causado aquilo para poder ajudá-la.

Algo que me intrigava era o facto de ela se ter transformado em Guerreira. Talvez o tivesse feito para se defender, apesar de odiar aquilo que na realidade era. Ou talvez ela já soubesse que era capaz de fazê-lo e tivesse recalcado esse facto por não querer aceitar novamente esse destino. Em todo o caso, não tinha sido suficiente para se salvar do atacante vestido de negro.

– Estás bem? – Adam tocou-me com a mão no ombro, justamente quando me preparava para lhe telefonar.

– Não sei o que se passa com ela, mas sei que a culpa é minha. Não vos queria fazer sofrer, não queria. A culpa é minha... – Abracei-me a ele, embora não estivesse a chorar. Por alguma razão, tinha cada vez mais dificuldade em chorar. Talvez as lágrimas tivessem secado com tanto sofrimento. Adam afagou-me o cabelo enquanto dizia «chiu» suavemente para me acalmar. Era bom ter aquele tipo de apoio caloroso.

– Senta-te ali no sofá. Acho que será bom para a Lorelei sentir que tem os amigos perto dela. Vou buscar qualquer coisa para bebermos. Queres café?

Assenti. Ele olhou sofridamente para ela antes de sair. Tinham namorado e tinha-a conhecido mais a fundo do que eu. Certamente também estaria a ser muito difícil para ele vê-la deitada numa cama de hospital.

Agarrei no telemóvel para tentar falar com os pais dela. Tinha dezenas de mensagens e chamadas do meu supervisor de estágio, Kay. Fui invadida por uma sensação de irresponsabilidade que me enfurecia. Não estava a conseguir conciliar a vida orbiana com a vida terrestre, e a verdade é que tinha faltado a um dia de trabalho sem dar qualquer justificação. O pior não era isso. Não tinha redigido os artigos para Alicia, pelo que, por esta altura, já o seu veneno se tinha alastrado pela redacção. Podia começar a dizer adeus ao estágio. Por muito que me custasse, amanhã tinha comparecer ao trabalho e enfrentar aquela tempestade.

O telemóvel estava a chamar. O som misturava-se com o barulho mecânico das máquinas ligadas a Lorelei. Aquela visão era pesada, pois havia sempre uma tendência para associar os hospitais à morte e à doença, algo que nos afecta tremendamente o equilíbrio emocional. Ninguém atendia... Liguei mais duas vezes e nada. Acabei por deixar uma mensagem na caixa de *voicemail*. Era impessoal de mais, dada a situação, mas os próprios pais dela também não me pareciam muito dados a transparecer as emoções. Só os tinha conhecido uma vez, mas foi o suficiente para confirmar que eram pais ausentes, que compensavam essa mesma ausência com a comodidade que proporcionavam a Lorelei, fruto da sua riqueza .

Adam chegou com dois copos brancos de café fumegante. Sentou-se ao meu lado no sofá cinzento e evitou olhar para Lorelei, fitando-me nos olhos.

– Achas errado tudo isto que estou a fazer? Achas que é egoísta da minha parte querer visitar Orbias e perseguir o Sebastian? Começo a pensar que estou a ser castigada...

– Claro que não! Acho fantástico. Confesso que, no início, julguei, que o sentimento de perda te estivesse a afectar a sanidade mental.

Mas a partir do momento em que me provaste o contrário, confiei em ti a cem por cento. Aliás, eu até invejo a possibilidade de voltares a Orbias. Mais do que isso, invejo a tua força interior para conseguir lidar com tudo isto... por amor.

–Tenho receio de que aconteçam mais desgraças destas, que, seja o que for que esteja lá em cima, me castigue por cometer o pecado de voltar a Orbias. Não quero que as pessoas à minha volta desapareçam. – Ele colocou o braço à minha volta e encostei-me ao seu peito lanzudo. – Obrigada, Adam.

Pouco depois, adormeci, algo que não fazia como devia ser há dias.

\*

Parecia que não tinha dormido nada. Estava naquele estado de semiconsciência em que não dormia nem estava acordada. Ainda assim, foi o suficiente para sonhar uma vez mais com a cena massacrante de Sebastian no penhasco. Adam dormia pacificamente ao meu lado. Estava com a boca seca, precisava urgentemente de água. Passei pelas altas janelas. Apesar de estarmos em pleno Inverno e a chuva ser uma constante, estava uma noite limpa. A Lua reinava lá no alto. As suas crateras faziam-me lembrar a expressão atormentada de alguém. Que belo estado de espírito o meu.

Passei por uma televisão. A minha depressão agravou-se quando o noticiário da madrugada anunciou a hospitalização de Lorelei, *top model* e celebridade nacional. A minha missão de encobrir o caso tinha falhado, pois, claramente, alguns dos funcionários do hospital tinham denunciado a situação à imprensa. Quando olhei pela janela, ceguei perante a quantidade de flashes de fotógrafos e jornalistas plantados na rua. Lorelei ficaria tão desgostosa com aquilo...

– *Posso dizer uma coisa?*

Belladonna assustava-me uma vez mais. Como não estava habituada e ela passava muito tempo sem dizer nada, sempre que o fazia o meu coração disparava.

– Tens estado sempre aí? – A minha voz era arrastada. Encolhi-me no casaco como se a sua voz me arrefecesse.

– *Claro que sim. Sou uma alma, não sou propriamente um corpo que precise de dormir*. *É aborrecido, mas ao menos tenho imaginado alguns passos de dança e novas roupas para espectáculos. Aquela Madonna que vi, era simplesmente fantástica! A música e o estilo...*

A sua divagação de positivismo inusitado estava a irritar-me.

– O que querias dizer? – Estava com pouca vontade para conversa de circunstância, mesmo que o seu intuito fosse distrair-me.

– *Nós não sabemos o que provocou o coma da Lorelei. E se experimentasses entrar na mente dela, tal como fizeste comigo? Podias descobrir o problema e, na melhor das hipóteses, fazer com que acorde.*

Não era uma má ideia, até porque já sabia como fazê-lo. Todavia, não me agradava a ideia de invadir o íntimo da minha amiga daquela forma. Desconfiava que ela tinha sido vítima de uma espécie de feitiço daquele homem, por mais estranho que isso fosse agora na Terra. Talvez ainda houvesse quem conseguisse usar alguns resquícios de magia orbiana. O melhor mesmo era experimentar, não tinha nada a perder.

Corri pelos corredores vazios até ao quarto de Lorelei. Adam estava a dormir e não estava ninguém ali. Fechei a porta e os estores do quarto. Tinha de ser rápida para não correr o risco de alguém entrar e ver-me desmaiada no chão, transformada em Anjo. Mudei para o meu *alter ego* de Guerreira e pousei as mãos na cabeça gelada dela, concentrando-me em entrar lá dentro.

Vida

O local onde estava era bem diferente do inconsciente de Belladonna. Estava numa ilha tropical rodeada por um mar calmo e esverdeado. A areia era branca e a sua virgindade era apenas corrompida pela fraca rebentação das ondas. O aroma marítimo era quase palpável. Era tão agradável estar ali que quase não me apetecia sair. Era como umas férias paradisíacas.

– Belladonna, já viste o quanto é agradável estar aqui? Nunca pensei que a intempestiva Lorelei tivesse um inconsciente tão lindo e tranquilo. Parece que quase não tem problemas que a atormentem.

Como resposta, só o silêncio. Belladonna não estava ali comigo. Ainda bem, não queria que mais ninguém a invadisse como eu estava a fazer.

Algo escuro aproximava-se vindo da água. Era um galeão colossal que rumava a toda a velocidade na minha direcção com a ajuda das soberbas velas brancas. Pensei que fosse encalhar na praia, mas estacou rapidamente e saltou de lá um homem, que aterrou ao meu lado com uma destreza inusitada. Presumi que fosse o Ente Padroeiro de Lorelei. Tinha uma farta barba castanha, chapéu preto e vestes coloridas que me fizeram lembrar a dos Descobridores portugueses. O seu intenso odor a especiarias era inebriante.

– Ora então, bons dias. Rica hora para se descobrir alguma coisa, estou certo, bela donzela? – Fiquei envergonhada com a sua cortesia.

– Ah... claro. Estou aqui para descobrir o que se passou com a Lorelei. Certamente já sabe que ela foi atacada.

– Foi? Não sabia, não senti nada. Andei ocupado a navegar pelas várias ilhas do seu inconsciente. É sempre compensador descobrir coisas novas nesta formosa moça que eu prometi proteger.

Ele também não sabia o que se tinha passado com ela. Estávamos os dois em pé de igualdade e tínhamos o objectivo comum de a ajudar. Com uma cortesia perfeita, indicou-me o caminho pelo meio da vegetação fresca da ilha.

Enquanto desbravávamos as folhas selvagens, notei perto de nós um elemento estranho. Era uma clareira com um caos enorme de elementos. Havia uma réplica da Torre Eiffel, de prédios de Nova Iorque, da Ópera de Sydney, do Cristo Rei do Rio de Janeiro, da Torre de Belém, todas numa versão miniatura e sendo cada uma visitada por um casal de executivos, felizes e despreocupados, com os seus telemóveis e pastas. No centro de tudo aquilo, uma criança, que depreendi ser Lorelei, brincava com uma imensidão de bonecas, triste e solitária. De vez em quando, levantava-se e tentava alcançar os pais que passeavam pelos vários monumentos, mas era como se houvesse ali uma barreira.

– A menina Lorelei tinha tudo: beleza, riqueza, uma vida despreocupada. Mas não tinha aquilo que mais desejava, que era o carinho e a companhia dos pais. Ela cresceu com as suas bonecas, as suas únicas amigas. Com os pais ausentes, a sua carência eventualmente tornou-se numa barreira que repele o compromisso e sentimentos mais fortes, como o amor.

Os monumentos e os intervenientes daquela manifestação da memória evaporaram-se. Houve um movimento na vegetação ao longe, e eu e o Ente partimos para lá.

No meio de palmeiras e demais plantas, estavam dispostos cinco palcos, alvos de vários holofotes e flashes de máquinas. Em todos eles havia uma Lorelei a posar sedutoramente com uma variedade de roupas modernas. Em baixo estavam vários homens com máquinas fotográficas gigantes que celebravam as várias Lorelei como se fosse uma autêntica estrela dos seus desejos. No entanto, o que me saltou à vista foi a jaula negra no centro daquela confusão. Lá dentro estava Lorelei transformada em Sereia. Antevendo a minha pergunta, o Ente começou a sua explicação.

– Ávida por atenção, a Lorelei desenvolveu uma personalidade, digamos, muito cheia de si. Belo eufemismo, não? – O Ente soltou uma gargalhada desrespeitosa que se misturou com os gritos do público masculino. – O facto de se ter tornado modelo intensificou isso. Ela tem uma necessidade extrema de se sentir desejada e de ser o centro das atenções. Quase se alimenta disso. E estar constantemente a tratar do seu corpo é algo que faz para atrair ainda mais a adulação masculina.

– E por que razão está a Sereia na jaula? – A Guerreira Lorelei abanava a sua cauda triste, fora de água.

– Não percebe, linda donzela? A Lorelei nunca aceitou o facto de ser uma Guerreira. Não era esse tipo de atenção e responsabilidade que queria para si. Além disso, enquanto Guerreira, ela...

– ... não tinha a atenção que queria. As coisas estavam muito centradas em mim. – A verdade atingiu-me como uma bebida avinagrada.

– Exacto. A menina era a líder das Guerreiras, as decisões eram tomadas por si, e todos olhavam para si como um ser iluminado que deviam seguir. Num mundo sem terrestres, a Lorelei sentiu-se excluída e renegou o seu destino de Guerreira.

– Por isso é que teimou tanto com o regresso de Orbias às nossas vidas. Ela já tinha seguido em frente, mesmo antes de sairmos de lá.

Os homens desapareceram e as cinco Lorelei gritaram de horror até se evaporarem também. Eu e o Ente seguimos com a nossa jornada pela ilha.

Distraída com aquelas revelações sobre a intimidade de Lorelei, fiquei aturdida com a cena exibida à minha frente. Vestida com um longo vestido vermelho de cetim, Lorelei estava deitada numa cama redonda. À sua volta e em tronco nu estavam Adam, Richart e... Sebastian! Ela beijava cada um deles com uma luxúria que me chocava. O meu sangue ferveu com aquele quarteto sexual improvável. Notando a minha face vermelha, o Ente tocou-me na mão.

– Não tire conclusões precipitadas, bela moça. Estas são manifestações do inconsciente dela, não são propriamente reais. Vocês humanos têm a moralidade e o controlo necessários para domar estes impulsos. Têm alma. Em tempos, nós já fomos assim... – Ficou subitamente cabisbaixo. – Nem ela própria tem consciência destes seus desejos mais profundos. Peço-lhe que não a julgue.

Uma Noemi linda e altiva, mais do que alguma vez eu seria, aproximou-se do lado esquerdo da cama. Rouge surgiu do lado direito. Richart levantou-se para ser abraçado pela sua princesa orbiana, enquanto Sebastian se atirou para os meus braços. Porém, fiquei surpreendida quando Adam também se levantou e se agarrou a mim. Aquela Noemi tinha os dois homens cada um ao seu lado e beijava os seus pescoços e bocas para desprazer da Lorelei acetinada. Ela gemeu de raiva e começou a chorar lágrimas de sangue que se fundiram com o vestido. Porquê Adam? Será que ela me responsabilizava pelo fim do seu namoro?

– Que quer isto dizer? Porque está ela a chorar lágrimas de sangue?

O Ente pôs-se estranho. Olhava para a vegetação atrás da cama com uma preocupação bizarra. Agarrou no punho da espada à sua cintura enquanto olhava em todas as direcções. Comecei a ficar assustada com a sua reacção, pois, à partida, nada do inconsciente de Lorelei nos afectaria directamente.

–Agarre na Lorelei que está na cama e fuja daqui o mais depressa que puder. – A sua voz tentava esconder a preocupação com a iminência de algo que afectava até um Ente Padroeiro. Estaria relacionado com o ataque daquele homem?

– Estamos numa ilha!... Fujo para onde?

– Fuja do inconsciente dela, saia daqui! – Ele agora gritava comigo enquanto empunhava a espada.

Atrás da cama onde a ensanguentada Lorelei estava deitada sozinha, saltou a última pessoa que pensei ver ali: Riddel! As suas vibrações negativas fizeram estremecer o meu corpo espectral e eu percebi que não se tratava simplesmente de uma manifestação das memórias da minha amiga. Ela estava realmente ali. Num ímpeto, saltei para a cama, agarrei no pulso de Lorelei e comecei a correr pela vegetação sem olhar para trás. Tropeçava no vestido, mas tive adrenalina suficiente para a levar dali. Atrás de mim ouvi o som de violentas ondas e quedas de água, possivelmente ataques do Ente. Porém, eram sempre seguidos por estalidos de gelo recém-criado.

Continuei a correr com ela, sem rumo. Será que eu tinha de fazer o mesmo que tinha feito com Belladonna? Resgatar a alma de Lorelei para fora dali e alojá-la em mim? Ao menos tive a confirmação de que aquele homem estava relacionado com Riddel. Mas nada daquilo fazia sentido. Como estava ela na Terra se os mundos estavam separados? Pior do que isso, na mente de Lorelei?

Cheguei à praia. O mar estava a ficar tumultuoso e o céu encoberto por grossas nuvens escuras. Lorelei, trôpega, ajoelhara-se na areia branca. Eu estava demasiado assustada para me concentrar e sair dali ou invocar a sua alma para dentro de mim. O crepitar do gelo aproximava-se cada vez mais. As palmeiras à minha frente ficaram congeladas e deram passagem à soberba Riddel. Só o seu olhar gélido chegava para me matar.

–Vou destruir o interior da Lorelei. Queres assistir à sua transformação numa carcaça vazia, Guerreira?

– Nunca permitirei que faças isso!

– Miúda petulante. Não tens qualquer conhecimento da vida ou da morte. És insignificante e nem compreendes a tua falsa motivação para lutar.

Em vez de tentar matar-me, como da última vez, esticou os braços no ar e o furacão que rodeava aquela ilha do inconsciente de Lorelei começou a ficar cada vez mais forte. Lorelei aos meus pés gritou em sofrimento. Sabendo que, num plano imaterial como aquele, lutar contra Riddel era inútil, agarrei-me à minha amiga e fechei os olhos para tentar concentrar-me. Vento e granizo atingiam-nos como facas e eu começava a ter dificuldades em distinguir o que era realidade do que não era.

– Criança insolente. Não sabes no que te estás a meter. Fizeste a tua escolha.

Com as palavras coléricas de Riddel a ressoar-me nos ouvidos, senti o corpo dela unir-se ao meu como água quente e gelatina. A sua alma estava a entrar em mim. Era a mesma sensação que tinha experimentado na cabeça de Belladonna. Tinha sido bem-sucedida, mesmo no último minuto. Fui sugada para fora dali, de volta ao quarto de hospital.

\*

– Noemi? Acorda! Os médicos estão a chegar! – A voz de Adam era insistente.

Acordei assustada e com a respiração descontrolada, Adam levantou-me do chão no preciso momento em que um batalhão de médicos e enfermeiros entrava no quarto de Lorelei. Felizmente, fui célere o suficiente a voltar a transformar-me em Noemi. À medida que era expulsa e arrastada para fora dali, reparei na fatal mistura da linha verde da máquina com o «piii» a que só estava habituada a ouvir em filmes.

Através do vidro, vi o esforço dos médicos para ressuscitar Lorelei com os desfibriladores. Parecia a cena de um filme dramático, daqueles que pensamos ser só ficção. Mas a realidade estava ali e era bem angustiante. Adam puxou-me dali quando comecei a ficar banhada em lágrimas. Se calhar não tinha sido bem-sucedida e Riddel tinha assassinado Lorelei a partir da sua cabeça. Tudo por causa do meu egoísmo e irresponsabilidade!

Adam obrigou-me a sentar nos sofás lá fora, ao lado das frenéticas máquinas de cafés. Olhei para as minhas mãos magras. Estavam a tremer tanto! Agarrou nelas para me acalmar. Não compreendia como poderia estar tão calmo. O seu toque trouxe-me a inusitada memória de o ver agarrado a mim no inconsciente de Lorelei. Tive o terrível reflexo de afastar o seu contacto, o que o entristeceu.

– O que aconteceu, Noemi? O que fizeste à Lorelei? – O seu nervosismo estava a irritar-me. Era novidade, dado que Adam nunca me tinha irritado na vida.

– Não fiz nada, foi a Riddel. Ela estava lá dentro e fez-lhe qualquer coisa. Eu pensei que a tinha salvado, mas, pelos vistos, não consegui, e agora por minha culpa...

– *Tens de controlar esse dramatismo, Noemi. Querida, leva a vida com mais calma. Só vivemos uma vez.* – O negro sarcasmo de Belladonna não podia ter vindo em pior altura. Adam assustou-se quando me viu ficar vermelha de cólera. – *Não estejas tão nervosa. Independentemente do que aconteceu lá dentro, foste bem-sucedida, sim. A Lorelei está neste momento aqui comigo. E... Olha, está a acordar!*

– *Belladonna? Onde estou? Voltei a Orbias?*

Ouvir a voz de Lorelei foi como uma injecção de adrenalina directamente no meu coração.

– Lorelei, estás bem! Que alívio tão grande! – Adam olhou-me, assustado, como se eu estivesse louca.

– *Que bom, companhia! Não estava à espera de ter companhia tão cedo. Já te tinha dito que sempre simpatizei contigo, Lorelei?* – O optimismo de Belladonna era azedo para a situação tensa.

– *Que se passa, afinal?* – Mesmo sem a ver, visualizei mentalmente a expressão confusa de Lorelei. Ri e chorei ao mesmo trempo, de tão alegre que estava.

\*

Fui para o carro de Adam falar com as duas Guerreiras na minha cabeça. Lá teria mais privacidade e não corria o risco de ficar internada directamente na psiquiatria do hospital. Sem estação de metro ali perto, ele foi obrigado a trazer o seu veículo. Antes disso, tínhamos falado com o médico de Lorelei que nos informou daquela recente crise. Depois do susto, ela estava estabilizada e em observação. Mas agora eu sabia que o corpo dela não ia acordar tão cedo. Não enquanto a alma dela estivesse dentro de mim.

Lorelei ainda estava a tentar interiorizar tudo aquilo que lhe estava a acontecer. Uma vez que ela repudiava tudo o que tinha a ver com Orbias, acreditava que seria terrivelmente difícil para si perceber que o seu belo corpo estava numa cama de hospital e a sua alma presa numa outra pessoa. Tudo por causa de Orbias, o mundo que tinha manchado a sua perfeita vida superficial. Em vez de explodir em gritos histéricos, ela entrou num longo período de silêncio ensurdecedor que nem Belladonna conseguiu mudar.

– *Ela precisa apenas de se mentalizar de que isto é uma situação temporária e de que tu lhe salvaste a vida. Dá-lhe tempo. Eu vou ajudar no que puder.*

Fiquei grata por ter Belladonna comigo naquele momento. Eu só imaginava Lorelei afundada em si própria, completamente depressiva.

Adam entrou no carro. Fiz-lhe um pequeno resumo do episódio passado no interior da cabeça de Lorelei e da conversa que tinha tido com ela, dentro da minha própria cabeça. Ele tinha um espírito bastante aberto, até porque conhecia pessoalmente Orbias. Mas o seu medo do sobrenatural dominava-o.

– Bem, tenho de voltar para casa e preparar-me para regressar a Orbias. – Bati com as mãos nas pernas como se lhe estivesse a dar a ordem para irmos embora.

– Noemi, precisas de descansar. E tens de voltar ao estágio daqui a algumas horas. Não podes simplesmente negligenciar a tua vida aqui na Terra. Tens de dar algumas explicações.

Olhei para o relógio que marcava as cinco da manhã.

– *Vou ter de concordar com ele, querida. Por mais que queira que regresses a Orbias para resolver as coisas por lá, não podes esquecer a tua vida terrestre. –* Era Belladonna que se juntava agora à conspiração contra mim. – *Se estás preocupada com o teu corpo orbiano, fica descansada. No comboio, estás em segurança.* – Era irónico ela dizer aquilo, uma vez que tinha sido no comboio que Sebastian nos atacara, deixando-a quase morta.

Por muito que me custasse ficar longe de Orbias e da busca por Sebastian, sabia que eles tinham razão. Para ser sincera, também estava desesperadamente a necessitar de dormir e descansar. A overdose de adrenalina tinha sido explosiva no estado débil em que me encontrava. Adam rodou a chave e levou-me pelas infinitas estradas molhadas de Grand City até casa. Daí até à minha cama era um pequeno salto no tempo.

Sorte

A chuva caía violentamente, como se o céu estivesse zangado com tudo o que eu fizera. Não pude deixar de me lembrar das tempestades provocadas por Riddel na aparente mente calma de Lorelei. O mistério da sua verdadeira identidade adensava-se. Porém, de duas coisas eu estava certa: ela era mais poderosa do que eu pensava e ainda mantinha, inexplicavelmente, contacto com a Terra.

Só tinha dormido três horas. E, mais uma vez, ocorrera o terrível sonho com Sebastian. Doía-me o corpo e estava com estranhos arrepios de frio. A desconfiança de que estava com gripe era cada vez maior. Tomei um banho rápido, que me acalmou, e vesti uma roupa bem quente. Depois de comer qualquer coisa rápida, tomei um antigripal.

Lá fora estava um frio de rachar. Era de esperar um forte nevão a aproximar-se da cidade. Corri para o metro encolhida no cachecol e preenchi um buraquinho no meio da multidão dentro do comboio. Cheirava terrivelmente mal e não pude evitar ficar agoniada. Era o que me faltava, apanhar uma vergonha ao vomitar diante de toda aquela gente. Irritava-me ser uma Guerreira, algo tão «superior e esplêndido», para depois ser sujeita a percalços de uma rapariga desastrada com reacções inconvenientes.

– *Bom dia, Noemi. Não quis falar mais cedo para não te assustar.* – Belladonna sussurrava, mas o seu optimismo sarcástico era como um berro. – *Estive a noite toda a falar com a Lorelei, a pô-la a par de tudo o que se tem passado. Como ela agora vai ajudar-nos...*

– *Pois é, e acho engraçado não me contado tanta coisa, Noemi. Pensei que fôssemos amigas. Eu ajudar-te-ia desde o primeiro dia.*

Depois das suas atitudes deploráveis para comigo, eu quase não acreditava na sua afirmação. Sabia que Lorelei não estava a ser sincera. Mesmo que as suas intenções fossem as melhores, tudo o que ela queria era que Orbias a deixasse em paz. A prova disso era a facilidade com que se tinha transformado em Sereia em sua casa. Possivelmente, já saberia que isso era possível e nunca me tinha contado. Eu sabia que, para ela, ajudar-me significava resolver a situação da sua alma atacada por Riddel para que pudesse voltar em segurança para o seu corpo. Não estava interessada em ajudar-me em Orbias, como Belladonna estava a fazer. Mas não a condenava por isso.

Entrei na redacção da revista como se me estivesse a preparar para a cadeira eléctrica. As cabeças dos jornalistas acompanhavam os meus movimentos como num funeral em que seguem o caixão. O final da linha era o gabinete de Kay, o meu supervisor. Devia ter levado tampões para os ouvidos e esperava que os vidros do gabinete dele fossem resistentes. Não me preocupava somente o facto de ter faltado ao trabalho sem qualquer aviso. Preocupava-me o veneno que Alicia tinha lançado sobre todos os meus meses de trabalho árduo.

Entrei no gabinete de Kay a tremer e pousei a minha mala nervosa na secretária. Antes que tivesse tido tempo de dar uma qualquer justificação estapafúrdia, ele levantou os olhos do computador e fitou-me com uma expressão intrigada, mas comedida.

–A directora Tara quer falar contigo. Ela está à tua espera no gabinete. – Desceu os olhos novamente para o seu trabalho.

A directora?! Teria sido assim tão grave o embuste de Alicia por não ter escrito os seus artigos que até tinha colocado a sua mãe à mistura? A minha irresponsabilidade pusera em causa meses de sacrifício naquele local. Atravessei novamente aquela espécie de mar vermelho composto por jornalistas aos cochichos. Bati levemente nas portas duplas que antecediam a magnífica sala de Tara. Um longo «sim» autorizou a minha entrada.

A sua moderna sala estava decorada com luxuosos objectos metálicos, mas o que saltava mais à vista eram as fotografias dela com as mais poderosas personalidades mundiais na área do Cinema, Música e Televisão. Tara esperava-me atrás da mesa de vidro com o cabelo repuxado para trás, brincos redondos e uma estola castanha. Ao seu lado direito, Alicia, com o habitual estilo colegial e ar de cabra estampado na face.

– O Kay disse-me que queria falar comigo. – A voz saía-me num sussurro. Mesmo tendo combatido os mais perigosos vilões, aquela situação intimidava-me bastante.

– Sim. – A sua expressão era de uma dureza tal que chegava ao ponto de pensar ter Riddel à minha frente. – Fui informada de que a

Noemi faltou ao trabalho ontem e sem qualquer justificação.

– Bem, eu tive uns problemas pessoais e tenho andado doen... – Chiu! Não quero ouvir.

Alicia exibiu um sorriso triunfante. Tara levantou-se da sua confortável cadeira alta e veio ter comigo. Será que ia partir para a violência física? Teria sido tão grave a mentira que Alicia tinha inventado? A minha respiração parou e o coração saltou algumas batidas. O cheiro hipnotizador do perfume de Tara paralisou-me. Porém, quando já estava à minha frente, a sua face transmutou-se para a de uma mulher gentil e colocou maternalmente as mãos nos meus ombros.

– Noemi, querida. Podia ter dito que precisava de descansar. Está com um ar tão abatido! Olhe para si. Tire o resto do dia. Melhor, tire o resto da semana. Eu só quero o melhor para quem trabalha para mim com tanto empenho. – Sorriu com o seu batom vermelho, algo que nunca a tinha visto fazer.

– Muito obrigado, senhora directora, mas creio não ser nece... – Eu insisto! Agora, vá, não quero que piore da sua gripe.

Tara voltou alegremente para o seu lugar. Curiosamente, Alicia continuava feliz. Mas o objectivo dela não era vingar-se de mim? Teria eu sido preconceituosa ao ponto de julgar erradamente duas pessoas que na realidade eram tão simpáticas? Saí da sala às arrecuas e curvei-me várias vezes como uma japonesa fazendo uma vénia agradecida. Fechei a pesada porta atrás de mim e tentei assimilar aquela estranha situação.

– Que raio...

– *... aconteceu ali?* – Lorelei completou-me o pensamento. Eu já lhe tinha contado o quanto achava que Tara era a *Cruella De Vil* de Grand City e a sua filha uma espécie de aprendiza do Inferno.

– *Ah, mas a senhora era tão simpática! E vestia-se tão bem. É o que dá julgarem as pessoas pela sua aparência.* – Belladonna dava-nos um dos seus irónicos sermões.

Fui buscar a mala à sala de Kay e ele próprio pareceu-me incomodado com o estranho acesso de bondade de Tara, provando-me que aquilo não era normal. Apesar de abananada com tudo aquilo, não pude deixar de suspirar de alívio por ter uma semana inteira para me dedicar a Orbias. Vinha mesmo a calhar. Talvez fosse até muita coincidência...

– *Sabem, não pude deixar de pensar que havia qualquer coisa estranha naquelas duas. Eu sei que é impossível, mas sinto que as conheço de algum lado*. – Belladonna dizer que conhecia Tara e a sua filha era ainda mais bizarro. Talvez tivessem os seus *alter egos* em Orbias.

Não quis esperar pelo elevador que demorava. Corri pelas escadas até chegar ofegante ao átrio do prédio. Os seguranças gritaram palavras de reprovação quando passei por eles a correr. Choquei contra duas pessoas à saída, mas nem parei para pedir desculpa. Metro e casa, era só isso que queria.

– *Orbias não foge, querida*.

– *Não corras tanto, ainda tens um ataque. Além disso, não quero ficar enjoada aqui dentro*.

Não bastava uma alma sarcástica dentro de mim; agora eram duas. Ainda por cima às gargalhadas. Estava aturdida com a boa disposição de Lorelei perante aquela situação de crise. O que lhe teria dito Belladonna durante a noite para estar tão calma e «amiguinha»? Não era nada típico da sua personalidade, ainda mais depois de saber o que ela sentia realmente em relação a Orbias. Porém, já tinha tido provas de que o desprendimento da alma do corpo de uma pessoa poderia ter efeitos anormais. As duas Guerreiras a rir na minha cabeça demonstrava isso mesmo. E com tudo o que estava a acontecer, eu questionava cada vez menos o que se passava à minha volta e dentro de mim. Simplesmente, não conseguia abarcar tantos problemas.

Debate

Senti a suave textura dos lençóis imaculados da cama do comboio. O ambiente acolhedor e sumptuoso da minha cabina deixou-me feliz. A luz da alvorada entrava por ali com uma graça revigorante. Levantei-me com a ilusão de que o cheiro de Sebastian tinha inundado aquele espaço com a sua doçura. Comi alguns biscoitos, bem como sumo de triganjas, deixados sobre a mesa. Nem me tinha apercebido de como sentia saudades daquela preciosa iguaria. Belladonna gozava com Lorelei pelo seu regresso a Orbias. Pelo seu silêncio, percebi que não estava nada feliz por isso.

O revisor do comboio ajudou-me a descer as escadas para a estação. Saiu imensa gente na mesma paragem que eu. Talvez viessem para o debate de Rouge com Riddel, do qual eu já tinha ouvido falar. Tinha de ter cuidado para passar despercebida, agora que ela conhecia a minha identidade em Orbias. O meu objectivo era encontrar Rouge para lhe pedir apoio. Na estação havia uma pequena loja de lembranças. Usei o dinheiro que Cordélia me deu para comprar uma capa azul para entrar em Marblia disfarçada. Reparei que estava a ficar sem os pequenos orbes dourados que serviam de dinheiro naquele mundo. Tinha de ser mais poupada.

Percorri a estrada até avistar a imponente Marblia, a cidade anteriormente regida por Orville, um dos nossos falecidos inimigos da Sociedade Índigo. Já tinha estado no Castelo de Mármore numa das minhas visões, mas não me tinha dado conta da dimensão e sofisticação daquela cidade. Não ficava nada a dever a uma cidade da Terra. Orville podia ser um mau-carácter, mas sabia como cuidar e desenvolver a sua região.

As casas eram um milagre da arquitectura, construídas num estilo moderno com mármore branco e com umas espirais a servir de telhado. A adorná-las, várias heras viçosas. As avenidas, largas e paralelas, estavam polvilhadas por árvores altas e frondosas. Ao fundo da cidade estava o extraordinário Castelo de Mármore. No centro dele estava a torre alta, onde eu já tinha estado. Por trás de toda a cidade corria o rio Érebos, paralelamente a uma floresta que se estendia até ao horizonte. Uma fina linha azul mostrava-me a proximidade com o mar. Todavia, algo mais alegrava a cidade. Havia faixas coloridas por todo o lado, música festiva e pessoas felizes. O barco voador de Riddel estava atracado no castelo, adornado com bandeiras de várias cores.

– *Oh, meu Deus! Afinal é mesmo verdade. Estou de volta a Orbias. Terei sido assim tão má pessoa para merecer isto?* – Lorelei divagava sobre a sua «calamidade».

Os habitantes de Marblia conversavam e passeavam alegremente pelas ruas. Misturei-me discretamente com a multidão, encolhendo-me na capa e capucho azuis. Coloquei a mão à frente da boca para falar com Belladonna.

– Achas que eu estou em perigo por estar aqui?

– *Hum, para ser sincera, não sei. Acho que, com esta confusão toda e estando tão concentrada no debate, a Riddel não vai ter oportunidade de verificar se estás cá.*

– *Ainda me faz confusão como é que esse monstro está vivo. Só de pensar que passei uma temporada com ela... que confiei e senti pena dela...*

Era verdade: mais do que qualquer Guerreira, Lorelei tinha privado com a nossa inimiga. Todos tínhamos motivos para odiar Riddel, mas Lorelei tinha sido a mais enganada por ela.

O nosso *timing* tinha sido perfeito. Três ecrãs gigantes e transparentes formaram-se mesmo por cima de nós, de cada lado do Castelo. Parecia uma espécie de concerto e eu estava admirada com o nível de tecnologia orbiana potenciada pela magia. As pessoas despertaram para o iminente início do debate e precipitaram-se para zonas altas onde pudessem ver o melhor possível.

– *Noemi, porque é que sinto tanto medo da Riddel? Estou a entrar em pânico*. – Quase senti o terror de Lorelei ganhar forma na minha cabeça. Fosse o que fosse que Riddel tivesse feito dentro de Lorelei, tinha-a afectado a esse ponto.

As pessoas começaram a gritar por Riddel como se fossem fanáticas. Parecia que ela era quase uma espécie de Messias. Eu não queria de todo envolver-me naqueles assuntos de Orbias, mas era inevitável, tratando-se de Riddel. Sabia que o seu destino estaria entrelaçado com o de Sebastian. Ela era a causadora da sua morte e do meu intemporal sofrimento. Ela não teria organizado tamanha conspiração para o matar e reaparecer depois de morta se não houvesse algo no seu passado que explicasse as suas motivações. E o meu instinto dizia-me que ela era de certa forma a responsável pelas actuais acções de Sebastian. Todavia, não conseguia deixar de apoiar Lorelei quando afirmava que a missão das Guerreiras tinha terminado com a separação dos mundos. Agora, aquele mundo deveria seguir o seu curso normal sem a nossa interferência. Mas talvez o meu trabalho como Guerreira não tivesse terminado ainda...

De repente, um silêncio assombroso. No ecrã central surgiu o jornalista travestido, Rossini. Desta vez, parecia um palhaço feminino, sentado numa poltrona vermelha. Tinha um olhar algo psicótico. Apresentou o debate e as duas intervenientes: Riddel, que apareceu do lado esquerdo, e Rouge do lado direito. Ela continuava linda como sempre, mas mantinha o mesmo ar emproado. Vê-la de novo fez-me perceber que, dada a sua personalidade, era a Guerreira de quem sentia menos saudades. – Antes de iniciarmos este delicioso debate, quero deixar o meu agradecimento especial à nossa querida Riddel por ter proporcionado a tecnologia e os equipamentos necessários para esta transmissão à escala global e em tempo real. – Rossini bateu palmas e os orbianos seguiram-lhe o exemplo, juntando-lhes os seus gritos excitados. Rouge torceu o nariz com desagrado. Acalmados os ânimos, Rossini prosseguiu. – Vamos iniciar com o primeiro tema preparado. Como sabem, a magia, base da nossa vida e economia, está a escassear em Orbias. O que pretendem fazer quanto a isso? Princesa Rouge?

Ela pigarreou. Alguns orbianos mais ousados apuparam-na.

– Eu acredito em formas de energia alternativas. Dado que a magia eventualmente vai acabar e que deixaremos de ter orbes que nos auxiliem no dia-a-dia, sugiro a utilização de formas de energia renováveis como a luz do Sol ou o vento. Comigo trabalha uma dedicada equipa de pesquisa que, a partir de conhecimentos científicos e de engenharia importados da Terra, permitirão construir infra-estruturas que substituirão a magia condenada a extinguir-se. – Riddel interrompeu-a descaradamente com um sarcasmo cortante.

– E a Rouge não acha que já sofremos influência suficiente da Terra? A destruição e conspirações não a fizeram perceber que os conhecimentos do outro lado apenas envenenam o que de melhor temos? A magia é uma das maiores dádivas da nossa Deusa. Acha que, na sua eterna bondade com os orbianos, a Deusa iria privá-los do seu bem mais precioso? Ela é nossa Mãe.

– Isso é uma teoria baseada numa crença cega na nossa religião. – Apesar de irritada, Rouge mantinha a postura.

– É muito fácil para a Rouge falar em privação de magia quando é uma das únicas três pessoas em Orbias com magia a correr no sangue. – Riddel virou-se para a câmara. – Para todos os orbianos que precisam de magia para viver, eu vou garantir orbes para sempre. As técnicas e rituais desenvolvidos pela minha equipa e fábricas têm permitido multiplicar os níveis de magia por baixo do solo. A teoria de que a magia vai acabar é totalmente errada. A magia da Deusa é eterna!

Os orbianos voltaram a berrar em plena adoração pela mulher de gelo.

– Muito bem, acho que o primeiro tópico está arrumado – gracejou Rossini a propósito da interrupção de Rouge. – Próximo tema: O que pensam fazer para parar o grande flagelo que tem assolado tantas populações, o reaparecimento de Sebastian? Riddel, querida, quer começar?

Ela virou-se para o público com uma falsa expressão de terror e piedade. Conhecendo a sua verdadeira faceta, sabia que tudo aquilo era encenado.

– Depois do nosso esforço para conseguir assassinar o responsável pela catastrófica união com a Terra ter sido bem-sucedida, foi com uma grande tristeza que recebi a notícia de que o seu corpo andava a vaguear por Orbias, roubando as almas dos nossos irmãos e impedindo que tivessem a possibilidade de se juntar à Deusa. É uma forma de vingança por termos acabado com a sua loucura. O Sebastian tem vindo a amaldiçoar Orbias desde o início da sua vida. A sua morte foi uma vitória cuja recompensa foi ver o seu poder da Eternidade regressar à Senhora Nossa Deusa, para que ela pudesse erigir uma barreira definitivamente intransponível para a Terra, lugar dos vícios, maldade e egoísmo de Deus. Se me elegerem para governante de Orbias, usarei todos os meus recursos para perseguir e assassinar terminantemente o corpo morto e desprovido de alma que é Sebastian, o traidor da Deusa e demónio de Orbias.

– E a Rouge, o que pretende fazer? – Rossini tinha os olhos aguados com as palavras do seu ídolo, Riddel. Senti o meu sangue borbulhar com a crueldade com que ela tinha mentido e tornado Sebastian num monstro aos olhos de Orbias.

– O regresso de Sebastian é claramente uma prova de que a separação dos mundos não foi eficaz e que o plano conspirativo de Riddel falhou redondamente. – Ela sorriu de raiva para Riddel. – Lembro a todos vocês que Sebastian era um Guerreiro da Deusa, cujo poder era a Eternidade. Ele conhece Orbias tão bem como a própria Deusa, com o benefício de ter vivido e experimentado toda a sua História durante milhares de anos. Logo, é bem possível que não tenha morrido. Acredito que os seus recentes actos pecaminosos se devam a uma intoxicação pela magia bruta onde esteve mergulhado e que afectou a sua sanidade mental. Proponho capturá-lo para que seja examinado para uma possível recuperação ou prisão. Recuso-me a matar alguém tão irreflectidamente.

– Como ousa associá-lo ao nome da Deusa? Ele é um inimigo da Deusa e de Orbias. Não podemos «desculpá-lo» só porque viveu milhares de anos e só porque reapareceu num mar de magia em vez de morrer. Não compensa o facto de ter roubado a alma a centenas de orbianos inocentes.

– Ainda bem que a Riddel falou no mar de magia, pois, se bem me lembro, também foi dada como desaparecida em Deep Hollow e reapareceu nas mesmas condições. Não fará de si também uma potencial «assassina» ou «traidora de Orbias»? E outra questão bem interessante é que, como candidata a governante de Orbias, não conhecemos rigorosamente nada do seu passado. Ia jurar que até viveu durante vários anos na Terra que tanto despreza.

– Não vamos descer tão baixo, princesa Rouge. Não vamos entrar pelo campo pessoal. Vamos... – Rossini mantinha a sua parcialidade em relação a Riddel.

– Não me insulte, por favor. Tudo o que fiz foi pelo bem de Orbias. Sacrifiquei-me a viver na Terra nojenta para proteger os interesses orbianos da ameaça terrestre. Tomei a liberdade de me juntar a pessoas de confiança num plano para destruir Sebastian e dividir os mundos de uma vez por todas, tal como deveria ter acontecido no início, mas as Guerreiras falharam. E já que falamos em Guerreiras, e uma vez que era uma, deixe-me que lhe diga que nunca vi tamanha ingenuidade e irresponsabilidade para quem tinha o peso do «destino dos mundos nas costas».

– *Querida, vamos embora. Esta troca de insultos já me está a provocar vómitos. Devemos aproveitar o facto de a Riddel estar ocupada para nos escondermos até ela se ir embora. Se volta a ver-te aqui...* – Era custoso para Belladonna ouvir falar mal das Guerreiras. Eu própria curvava-me perante Rouge pela firmeza com que aguentava os insultos com tanto orgulho.

– *Sim, não estou a aguentar olhar para a Riddel* – acrescentou Lorelei, assustada.

Serpenteei por entre os habitantes de Marblia em busca do local ideal para esperar que se fosse embora. Passados alguns minutos à procura, cheguei a um edifício com altas colunas brancas e duas estátuas de lobos na base das escadas – uma biblioteca. Talvez fosse uma boa altura para procurar algum livro que me ajudasse na demanda por Sebastian. A porta estava entreaberta e no interior não parecia estar ninguém. Estava bastante escuro lá dentro e o pó dos livros misturava-se com o bolor das paredes. Havia prateleiras intermináveis de volumes velhos. Não pretendia ficar ali muito tempo e não sabia por onde começar.

– Meninas, alguma sugestão? Não sei o quê nem onde procurar.

– *Além de não morar em Orbias, o maior livro que já li foi o catálogo da edição de Natal da Vogue. Não contes comigo.* – Às vezes, admirava-me como Lorelei tinha estado dois anos no curso de Enfermagem...

– *Bem, eu sou uma pessoa mais artística. Percebo de música e dança, não me dêem livros e letras. Quando a minha mãe me obrigava a ler «porque é isso que meninas de bem fazem», arranjava sempre alguma artimanha para não o fazer.*

– *Bem, tu tens o poder da Omnisciência. Não deverias «saber» essas coisas, Noemi?*

– Posso fazer uma pergunta? Vocês têm algum manual de sarcasmo aí na minha cabeça? É que está tão bem apurado nas duas...

– *Aprendemos com a melhor mestre*. – Lorelei riu com gosto. – *Já agora, vê se arranjas um espelho. Estou curiosa para ver o corpo que escolheste em Orbias. Se bem te conheço, vou ter de te dar muitas dicas de beleza.*

Parti à descoberta, entre as várias prateleiras, de um livro que me pudesse dar alguma pista sobre o eterno Sebastian ou as almas em Orbias. Por mais pequena que fosse, podia acender uma lâmpada nas nossas cabeças. Pelo menos, era o que eu esperava.

Biblioteca

Duas horas passaram e ainda não tínhamos encontrado nenhum livro que nos ajudasse. Era super difícil pesquisar informações num mundo cuja História ou temáticas me ultrapassavam. Nem Belladonna, que era uma orbiana, tinha alguma pista sobre o que podíamos procurar enquanto esperávamos pelo fim do interminável debate. Tinha empilhado na mesa livros sobre História orbiana, Religião e até Filosofia, que tinha recolhido aleatoriamente. Depois de os folhear rapidamente, percebi que não tinham nada de interessante para a minha missão. Suspirei, derrotada, e tentei descarregar a minha frustração em Belladonna.

– Pensei que a Cordélia me tinha enviado para ti para me ajudares...

– *Então... e ajudei. Estás aqui, não estás, querida?* – Ela riu jocosamente.

– *Que raiva! Porque* é *que não há algo que explique o nosso estado e como podemos voltar aos nossos corpos? Eu sei que o segredo está na Riddel e no Sebastian, mas podia haver outra alternativa, já que estar com eles é praticamente impossível.*

Eu compreendia aquele desabafo de Lorelei. Também eu queria encontrar uma explicação para aquilo e ajudá-las. Mas entristeceu-me o facto de ela ter dito que era impossível reencontrar Sebastian.

A multidão lá fora continuava com o barulho e a festa. O debate já tinha terminado, mas os gritos de apoio a Riddel não. Subi umas escadas de madeira até um quadradinho na parede que dava para o exterior. Riddel saía do Castelo de Mármore no seu grande barco voador até se perder no céu nublado. Suspirei com a confirmação de que ela não tinha notado a minha presença na cidade. Com a imprevisibilidade das suas acções, a minha segurança estava sempre ameaçada. Era altura de ir ter com Rouge.

Quando me virei para sair da biblioteca, fui surpreendida por uma tímida cabeça que surgiu atrás de uma prateleira. Era uma rapariga com uma farta cabeleira loira. Os seus óculos grossos eram maiores que a sua cara, numa espécie de clichê do rato de biblioteca. Parecia uma estátua a olhar para mim.

– Ah... Olá. Eu estava a fazer uma pesquisa. Como não estava cá ninguém, decidi entrar à mesma. – Tentei parecer simpática, mas estava com receio de que aquela figura pequenina começasse a berrar com medo.

– Eu estive sempre aqui. – Os seus grandes olhos piscavam como dois holofotes.

–Ah, desculpa. Num sítio tão grande, não consegui perceber que havia mais alguém. – Desci as escadas e dirigi-me à minha mesa com aqueles olhos perscrutadores a seguir cada movimento meu.

– Porque estás à procura de livros tão diferentes? – Ela parecia desconfiada, mas talvez fosse uma boa ajuda naquele labirinto de sabedoria. Tentei congeminar uma mentira rápida.

– Ah, estou a colaborar na pesquisa de um velho sábio. Como a idade não lhe permite fazer grandes viagens, pediu-me para vir procurar uns livros a esta biblioteca. Mas eu não sei onde procurar. Será que me podias ajudar? Eu não percebo nada disto, mas os orbes que ele me vai pagar davam tanto jeito.

– *Bem, que mentira tão elaborada, Noemi. Estás cada vez menos* «santinha». – Lorelei estava feliz com o meu feito. Era o tipo de mentira infantil que ela diria.

A rapariga continuou a fitar-me. Achava o seu olhar cada vez mais assustador, ainda mais na escuridão e poeira da biblioteca. Sem dizer palavra, desapareceu por entre as paredes de conhecimento. Voltei costas, desanimada, em direcção à saída. Subitamente, a pequena rapariga apareceu ao meu lado com uma pilha de livros tão pesada que ela mal conseguia suportar.

– O Malaquias avisou-me da tua chegada, Guerreira Noemi. A biblioteca foi assaltada há muitos anos. Notei um padrão na temática dos livros roubados. Por isso, acredito que estes livros que restam te vão ajudar. – Depois da conversa enigmática, a «espia» de Malaquias despejou os livros na mesa. – Queria pedir-te um favor. Será que podes autografar este livro? Significaria muito para mim. – Ela estendeu-me o livro *A Lenda das Guerreiras da Deusa* piscando muito os olhos. Estava perante uma fã.

Assinei-o e ela voltou para as suas lidas bibliotecárias bastante feliz. Comecei a folhear a primeira publicação intitulada *O Livro das Almas: Uma digressão pela alma de Orbias*. Houve uma página que me chamou a atenção, pois continha uma ilustração do sacrifício das Guerreiras para separar os mundos. Dizia o seguinte:

*A subjectividade da alma permite afirmar que esta essência foi a primeira forma de magia a aparecer nos mundos. A primeira separação entre corpo e alma deu-se aquando da separação dos mundos pelas Guerreiras, em Deep Hollow. O seu poder mágico natural permitiu-lhes controlar o desprendimento da sua alma. Morto o seu corpo e a sua magia física derramada, as suas almas vagueiam pelos dois mundos em busca de hospedeiro para finalizarem a sua missão, de separação definitiva dos mundos. Outros casos houveram de desprendimento da alma pelo contacto directo com magia em estado bruto. Apesar de nunca ter sido confirmado, existem mitos de que alguns orbianos teriam a capacidade de desprender a alma de outrem. No entanto, todos esses mitos indicam que a nova ligação entre corpo e alma não volta a acontecer e as almas errantes são condenadas a vaguear por Orbias para sempre, deixando o corpo morto. Mas o caso mais enigmático associado às almas é quando uma só alma consegue concentrar duas mentes diferentes, podendo até confundir-se como duas almas num só corpo. Porém, há uma tendência para uma das mentes se sobrepor.*

Então, Sebastian tinha esse raro poder de conseguir desprender a alma de outras pessoas. Mas talvez houvesse ali uma explicação para as suas acções. Se o contacto com a magia bruta poderia causar isso, então o facto de o corpo eterno de Sebastian ter aparecido num mar de magia quereria dizer que tinha ganhado esse poder? E se essa mesma magia bruta tem um efeito tão nocivo nos orbianos, quer dizer que isso pode ter afectado a mente de Sebastian? Ou até mesmo desprender a sua própria alma? Bem, Riddel tinha aparecido nas mesmas condições, mas parecia-me igual a ela própria. Apenas mais misteriosa e poderosa. De qualquer forma, sentia que a resposta estava na própria existência da magia. A sua sobrenatural falta de lógica era algo que ultrapassaria até o mais sobredotado dos cientistas terrestres.

Peguei noutro livro cujo título era *Deus e Deusa, Terra e Orbias: Os Opostos que Equilibram o Universo*. O livro continha vários estudos de sábios orbianos que exploravam as dicotomias entre os dois mundos, numa perspectiva mais filosófica.

*Não há dúvidas de que quem criou o Universo foi Deus e a Deusa como um conjunto equilibrado de forças cósmicas absolutas. Mas enquanto os orbianos e os terrestres estão iludidos com as suas adorações, esquecem a pergunta mais importante de todas: Quem criou Deus e a Deusa? Apesar de o Homem estar condenado a nunca conseguir chegar a uma resposta para isto, é interessante analisar que a própria religião da Deusa refere-a como uma entidade aproximada ao Homem por ter sacrificado os seus poderes para criar os primeiros orbianos. Se assim é, Deus é bem mais poderoso que ela. E, nesse caso, não há um verdadeiro equilíbrio que suporte os dois mundos. Que pensar então de uma Deusa imperfeita que deveria proteger os orbianos da supremacia terrestre? Enquanto Deus permanecer mais forte que a Deusa, os mundos nunca estarão completamente separados.*

Não sei porque senti a necessidade de ler aquele texto, mas fez-me reflectir sobre a existência da Deusa. Transformava-me em Anjo, era a reincarnação de uma Guerreira da Deusa e tinha em mim um poder divino. E mesmo assim, não era suficiente para abalar a minha racionalidade e agnosticismo em relação à existência de seres superiores ou ao capricho do destino. Eu acreditava que o Homem tinha em si o poder para seguir o seu próprio destino, sem qualquer intervanção divina. Se tal não fosse verdade, e eu acreditava que era, então, dali a semanas, ou menos, eu estaria num penhasco, agarrada a Sebastian, mas a conspirar a morte de pessoas que eu desconhecia.

– *Noemi, estou aborrecida. Não há aqui nada, devíamos ir ou a Rouge vai embora*. – Lorelei tinha fobia a livros, mas a verdade é que tinha razão. Nenhuma daquelas publicações me estava a ajudar em nada. Que perda de tempo!

Fechei todos aqueles livros abertos. Estava a descobrir que aquele corpo era alérgico ao pó, pois estava a começar a ficar com uma crise incontrolável de espirros. Porém, uma das obras que não me tinha dado ao trabalho de abrir caiu do monte que eu estava a criar. *Lugares e Pessoas Míticos de Orbias* era o título. Parecia-me estúpido, pois, para um terrestre, todo o mundo de Orbias seria mítico. Por curiosidade, abri-o.

Dois capítulos chamaram-me à atenção. Um deles referia a existência de seres sobrenaturais e eternos que conseguiam viajar entre os dois mundos, sem destino e sem se dar a conhecer aos orbianos. Seria Sebastian? Por alguma razão, pensei que aquela descrição se podia referir aos vampiros, mas nem esses eram tão velhos como o eterno Sebastian.

Outro capítulo mostrava várias fotografias de locais misteriosos em Orbias. Reconheci o deserto Diamantia, portal natural para o *outro mundo*, o Palácio de Pérola, a floresta de Faylinn... Porém, houve uma imagem que me deixou nervosa. Era a de um farol, de nome Velonia, que antecedia o extenso mar de Orbias. Perto dele, estava um penhasco que eu conhecia muito bem. Era o penhasco da minha visão do futuro com Sebastian!

– *Que se passa Noemi?* – As minhas companheiras notaram a minha angústia.

– Este penhasco ao pé do farol... A minha visão com Sebastian aconteceu aqui. Onde é isto, Belladonna?

– *Fica a vários quilómetros a sul de Seabeau. Está abandonado há muitos anos e à sua volta não há povoações... nem uma. É uma região inóspita que afastou os orbianos da região ao longo dos anos.*

– Então, acho que já sabemos qual o nosso próximo destino. – Levantei-me para me preparar para sair. Um sentimento de impaciência apoderou-se de mim. Queria chegar imediatamente àquele penhasco porque sabia que, no momento em que lá chegasse, ia encontrar-me com Sebastian, independentemente da possibilidade de o encontro decorrer tal e qual como na visão.

– *Tens a certeza? Vamos demorar pelo menos três dias a lá chegar. E prepara-te porque há muitas tempestades naquela zona.*

– *Noemi, eu apoio-te na tua decisão e quero desesperadamente resolver isto para voltar ao meu corpo. Sei que o encontro com o Sebastian pode significar alguma coisa nesse sentido. Mas não tens receio do que possa acontecer lá? Lembra-te da tua visão...* – Lorelei estava, por uma vez, genuinamente preocupada comigo e não somente com ela.

– Sim, tenho a certeza. Temos de enfrentar a realidade se queremos respostas e se queremos que retomem os vossos corpos. – A pequena bibliotecária apareceu atrás de uma prateleira perto da entrada.

– Obrigado pela tua ajuda. Será que podes fazer-nos... Quer dizer, fazer-me um favor? Envia um orbe ao Malaquias. Diz que lhe agradeço a ajuda e que estou mais próxima do meu objectivo.

Ela limitou-se a sorrir e a acenar com os seus grandes olhos de peixe.

Quando saí da biblioteca, fui obrigada a entrar no turbilhão de pessoas que festejavam o facto de Riddel ter sido tão bem-sucedida no debate. Proclamavam-na precocemente como a grande governante e salvadora de Orbias e de todos os seus flagelos. Uma movimentação mais compacta, mas de gente irada, despertou a minha atenção.

Apupavam alguém que saía das altas portas do Castelo de Mármore no meio de encorpados guardas de Grimmus. Quase não consegui perceber que no meio da jaula humana estava a singela Rouge. Os seus longos cabelos de carmesim fogoso denunciaram-na.

Tentei empurrar aquelas pessoas para chegar até ela. A muito custo, cheguei até aos guardas. Gritei por ela, mas as minhas palavras perderam-se nos insultos de que era alvo. Um dos robustos guardas de Grimmus afastou-me só com um braço, pensando que fazia parte da rebelião. Ela ainda olhou para mim, mas não me reconheceu. Claro, apesar de os olhos serem os mesmos, aquele não era o corpo da Noemi que ela conhecia. Até agora, só a intuitiva Belladonna me tinha reconhecido de imediato.

De repente, ouvi gritos de terror ao fundo da avenida onde estávamos. Virei a cara para a fonte da comoção, mas só conseguia ver pessoas a correr em pânico.

– *Noemi, eu sinto-o! É o Sebastian, ele está na cidade*. – Belladonna conseguia sentir a sua presença, talvez porque tinha sido vítima do seu ataque.

Instintivamente, desatei a correr até lá. Era uma loucura da minha parte, mas por duas vezes Sebastian tinha tido a oportunidade de me roubar a alma e não o tinha feito. Talvez o meu amor emitisse alguma propriedade que tivesse efeito nele e que estava a trazer a sua alma de volta. Eu tinha de entrar na sua mente, tal como tinha feito com as minhas duas companheiras. Comecei a correr no sentido contrário ao mar de gente. Rouge tinha sido levada ao colo pelos guardas, de volta ao Castelo. As pessoas entravam e trancavam-se nas suas casas. Reparei que paralelamente a mim estavam dois orbianos com duas espécies de câmaras, possivelmente operadores de imagem de Rossini. Que crueldade a dele obrigá-los a ir para o meio do perigo!

Com muita dificuldade, estava a aproximar-me dele. Vinha calma e terrivelmente sedutor, um colírio para o meu olhar embevecido. Parecia tão normal aos meus olhos que nem queria acreditar que estava ali para atacar as pessoas. Criei uma história rápida e fabulosa na minha cabeça de que ele estaria ali para me encontrar, mesmo que aquele corpo não fosse o meu.

Estava quase a alcançá-lo.... quase.... quase. Ele sorria para mim. Um zumbido fez-me parar e proteger os ouvidos. Por cima de nós estava Riddel a pairar por baixo do seu furtivo barco voador, muito acima dela. Tinha regressado, numa desgraçada vicissitude. Apesar da sua presença, quis a todo o custo chegar a Sebastian. Mas ele estava diferente, apático e de olhar vazio. A mulher de gelo virou-se para mim, agarrou-me no pulso só com um braço e atirou-me para dentro do barco.

Tentei debater-me naquele chão de madeira enquanto via Marblia ficar cada vez mais pequena, bem como o imobilizado Sebastian. Se saltasse, iria certamente morrer. Riddel olhava deleitosa no centro do convés onde estávamos.

– *Noemi, transforma-te, tens de voar daqui!* – Lorelei estava mais assustada que eu.

Tentei alcançar um frasco de magia dado por Malaquias. Bebi um pouco e senti novamente as dores nas costas. Abri as asas e atirei-me do barco. Em plena queda livre, tentei bater as asas, mas algo estava errado. Eu não estava completamente transformada em Guerreira, não tinha sido bem-sucedida. A minha roupa oscilava entre o fato de Guerreira e o vestido normal. Concentrei-me no meu poder enquanto me aproximava cada vez mais da morte. Nada. Ia ser o fim, ia perder aquele corpo para sempre. Só tinha uma solução, transferir a minha mente de volta para a Terra ou correria o risco de morrer lá também. Mergulhei violentamente no rio no preciso momento em que a minha mente se eclipsou.

Doença

Tosse. Tinha muita tosse. Como se estivesse a afogar-me com a minha própria imaginária ausência de ar. A divisão estava fracamente iluminada pela luz da televisão, mas, mesmo assim, vi

Adam correr na minha direcção para me consolar. A minha mente estava nublada, como se tivesse levado uma valente pancada na cabeça. E sentia-me quente, mas com suores frios.

– Estás com uma valente gripe, Noemi. Tem sido horrível ver-te agitada e a tremer na cama sem poder sequer acordar-te. – Adam agarrava numa toalha branca e molhada para me passar pela testa. Com aqueles olhinhos ternos, não fui capaz de dar azo à minha teimosia. – E estás a arder em febre. Sabes o quanto estava preocupado contigo?

Havia coisas piores naquele momento do que uma simples gripe. A perseguição diabólica e a embirração inexplicável de Riddel, a aproximação de Sebastian e a iminência da descoberta do seu mistério, e a possível morte da rapariga cujo corpo eu usava nas digressões por Orbias. E porque não estava eu a ouvir Lorelei e Belladonna?

Uma súbita vontade de vomitar fez-me virar-me para o lado e sujar o soalho de madeira com o pouco conteúdo que tinha no estômago. Adam agarrou-me na cabeça e recolocou-a paternalmente na almofada. Tonta e fraca, perdi os sentidos enquanto o meu amigo se esforçava por me ajudar e limpar a prova da minha decadência.

\*

Parecia que estava a dormir há vários dias. Talvez não estivesse fraca apenas devido à gripe, mas também por abusar do meu poder mental. Mais uma vez, tinha sonhado com a minha visão do penhasco, embora agora tenha visto as coisas mais turvas. Os diálogos já não faziam tanto sentido. Quanto mais me aproximava de Sebastian, mais aquele futuro conspirativo se tornava frágil, como uma pomba branca cercada por abutres. Pelo menos, esperava que assim fosse.

Sempre vigilante, Adam estava a treinar acordes na sua guitarra no sofá. Provavelmente, tinha-me dado alguma coisa para tomar, pois sentia-me melhor. Deveria ser de madrugada. Estava mais escuro do que o normal e eu não ouvia o ruído urbano de Grand City.

– Estive a dormir durante muito tempo? – Ele não se virou para mim e continuou a tocar. Pensei que não me tivesse ouvido, mas passados alguns segundos falou sem me fitar.

– Três horas. – A música melancólica que estava a tocar aumentava a tensão do seu silêncio. – Não te dei nada a tomar, tu não estás doente. Reparei que, assim que regressaste de Orbias, a febre começou a baixar e a pele a ganhar mais cor.

– O que queres dizer com isso?

Ele pousou a guitarra e olhou-me com um travo a condenação.

– Eu tenho uma teoria. O teu poder da Omnisciência baseia-se sobretudo na mente. Tu estás tão cega com as idas a Orbias e com a perseguição ao Sebastian que a tua própria mente se esquece de que não pertence ao corpo da rapariga orbiana, pertence a este. Acho que, enquanto estás em Orbias, o teu corpo verdadeiro morre a cada momento, pois no teu inconsciente, já não o sentes como teu.

– Isso não faz sentido. Eu sei que este é o meu corpo.

– Será? Para quem explora o inconsciente das outras pessoas, tens pouca sensibilidade no que toca ao teu. Ao experimentares emoções tão fortes naquele corpo, até é normal que te esqueças do teu.

Teria ele razão? Seria irresponsável ao ponto de deixar o meu verdadeiro corpo morrer? O corpo por quem Sebastian se tinha apaixonado e que continha tantas memórias do seu toque. Eu não conseguia evitar o tempo que passava em Orbias, eram inevitáveis as minhas viagens até lá. Talvez tudo aquilo fosse um erro. Mas agora era tarde, estava demasiado embrenhada em tudo aquilo, especialmente porque as almas de Belladonna e Lorelei ainda estavam presas em mim. Tinha de resistir durante mais algum tempo.

– Desculpa, não quis falar assim contigo. – Adam pareceu arrependido por me ter enfrentado com tanta dureza. Sacou de um cigarro do bolso do casaco de cabedal jogado em cima do sofá. – Importaste que fume?

– Fica à vontade. – Não gostava que fumassem perto de mim, especialmente em minha casa, mas era o mínimo que podia fazer por um amigo que sacrificava o seu tempo para vigiar o meu corpo frágil. Ele sugava o fumo com uma avidez nervosa para depois expelir em fantasmas cinzentos.

– Diz-me: o que se passou em Orbias? Parecias agitada no teu sono. – O seu semblante era negro, como se o fardo de ter de lidar comigo e com Orbias fosse pesado de mais para si. Fiquei destroçada com a possibilidade de ter sido responsável pela destruição da sua nova solidez emocional. Parecia estar pior do que quando o conheci.

Contei-lhe todos os pormenores de Marblia, do debate, da biblioteca e do meu rapto por Riddel. Ele só meneava a cabeça com os olhos semicerrados devido ao tabaco. Belladonna e Lorelei mantinham-se em silêncio. Nem conseguia saber se estavam presentes ou se a minha mente tinha ganhado o poder de «fechar a porta» de onde elas estavam alojadas dentro de mim.

– Se me permites, tenho a opinião de quem está fora de tudo isso e é um mero vigilante da «bela adormecida». Ficar aqui tanto tempo a ver filmes ou a tocar música tem-me permitido pensar em tudo o que me tens contado. Já pensaste que a resposta para tudo o que se está a passar com o Sebastian pode estar na Riddel? E acho que não lhe tens dado a devida atenção. Repara: ela caiu no mesmo abismo de Deep Hollow que Sebastian, logo, deveria ter perdido a sua alma ou sanidade mental, como ele. E desde que chegaste a Orbias que ela te tem perseguido e, mesmo tomando tu outro corpo, ela consegue identificar-te. O mais estranho é que ela conseguiu entrar na cabeça da Lorelei para criar uma armadilha para ti, mesmo estando em Orbias. E com a ajuda de outro homem. Não achas tudo muito estranho? Não te faz querer saber quem é afinal esta mulher?

Ele tinha razão, mas não era algo que eu não tivesse percebido já. De facto, a resposta poderia estar em Riddel. Se o seu objectivo no passado era usar-me para conseguir matar o eterno Sebastian, o facto de ele estar vivo provava o seu falhanço. E agora ela quereria matar-me de novo, talvez para acabar definitivamente com Sebastian. Porém, os mundos estavam definitivamente separados. Por isso, qual o interesse em matar o corpo selvagem de Sebastian? E se ele não tinha consciência dos seus actos, nem memórias, que interesse teria ela em matar-me? A verdade é que, quando estava perto de mim, Sebastian parecia mostrar a presença de uma alma adormecida, enquanto na minha visão do futuro parecia são e ele próprio. Talvez eu fosse o segredo para ele regressar, e Riddel estaria a evitar se soubesse. Em qualquer dos casos, tudo apontava para o Farol Velonia como o meu próximo destino – o destino derradeiro daquela jornada.

– Garanto-te que vou ter cuidado com a Riddel e tentar descobrir quem ela é. O meu único problema é que prometi a mim mesma que regressaria a Orbias apenas pelo Sebastian. Interferir com a Riddel seria o mesmo que interferir com a existência de Orbias, especialmente porque ela é claramente a futura governante. As Guerreiras da Deusa já não têm missão. O objectivo das almas das guerreiras ancestrais era concretizar a separação dos mundos. Isso já aconteceu.

– Eu tenho outra interpretação das Guerreiras. Do tempo que passei em Orbias e das pessoas com quem falei, todos se referem às Guerreiras como alguém que protege os mundos quando estes estão em perigo. Por muito vago que isso seja, Orbias pode estar numa iminência de perigo com Riddel no poder. E eu não acredito que a Noemi que eu conheço seja tão egoísta ao ponto de virar costas a isso. Pensa em todas as pessoas que conheceste lá! Pensa nas outras Guerreiras!

As palavras de Adam deixaram-me a cismar. Concordava em parte com tudo aquilo. Mas, por aquela ordem de ideias, eu também deveria usar os meus poderes de Guerreira para livrar a Terra de toda a espécie de perigo: catástrofes naturais, terrorismo, crise económica...

Eu era apenas uma humana. Controlar o mundo dessa forma não era um poder atribuído a Deus? E se essa fosse a sua vontade ou a vontade do destino e eu estivesse a interferir com isso? O mesmo se passaria em Orbias, mas com a Deusa.

Adam tinha uma ideia muito romântica das Guerreiras e da sua missão. O contacto da sua mente imaginativa e criativa com um mundo mágico como Orbias tinha intensificado isso. Apenas não queria sacrificar toda a minha vida por uma causa em que já nem eu nem as Guerreiras acreditávamos. A minha causa era Sebastian, independentemente do futuro que teríamos ou não juntos.

– Prometo que vou fazer os possíveis. Até lá, não quero ser um peso para ti, não precisas de ficar constantemente a cuidar de mim. Tens a tua vida, o teu trabalho, o teu curso. Estás a perder tempo comigo.

– Não te preocupes. Agora mais do que nunca, precisas de mim aqui. Não vou deixar que negligencies a Noemi que eu conheço. Ao mais pequeno sinal de febre ou agitação, vou abanar-te tanto que vais sair de Orbias. – Ele sorriu nervosamente. Seguiu-se um silêncio em que ele ficou a olhar para mim de forma intensa. Depois do que vi na cabeça de Lorelei, aquele olhar assustou-me...

– Como queiras. Vou tentar encurtar as minhas viagens. Obrigado, Adam. És o melhor amigo que poderia ter. – Fiz questão de enfatizar a palavra «amigo».

Recuperação

– Tens a certeza de que te sentes melhor? – Adam perscrutava o meu rosto em busca de sinais de fragilidade ou doença. – Sim, estou bem. Vou comer qualquer coisa e voltar para

Orbias. Estou com muito medo do que possa ter acontecido com o corpo da rapariga. Além disso, estou preocupada com a Belladonna e a Lorelei. Ainda não falaram desde que regressei.

– Eu vou ter de ir a Lighto Town hoje. Tenho umas coisas para tratar na secretaria da faculdade. Vou tentar voltar o mais depressa possível. Se acontecer alguma coisa, telefona-me que eu venho a voar. – A sua voz emanava paternalismo exacerbado.

– Fica descansado. Depois das emoções de ontem, não creio que possa acontecer nada de mais grave. Vai lá descansado. E cuidado na estrada.

Despediu-se de mim com um beijo na cara, algo que não era normal nele por ser tão tímido.

Lá fora caíam uns debilitados flocos de neve. Já adivinhava aquele tempo há dias. A cidade de Grand City em breve ficaria coberta pelo manto puro que acalmaria a sua constante confusão urbana. Liguei a televisão para passar o tempo. Chamei pelas minhas amigas algumas vezes, mas não obtive resposta. Começava a ficar preocupada. Aquela transformação falhada e a queda em Orbias teriam sido tão graves? Preparei uma sandes rápida e um copo de leite com chocolate. Embora estivesse ansiosa, tentei desfrutar daquele raro momento de tranquilidade.

Olhava distraidamente para o noticiário da manhã. Depois da cobertura do trânsito dando conta de acidentes na cidade devido ao gelo, o jornalista apresentou uma notícia de última hora. Uma avalanche no monte Icicle, no Norte, tinha destruído uma aldeia inteira, soterrando dezenas de pessoas. Um repórter em directo do local, perto de um hotel, relata os últimos pormenores sobre as operações de resgate. Atrás dele estavam alguns curiosos que, apesar da tragédia, tudo faziam para aparecer na televisão.

Porém, algo despertou a minha atenção. Saía do hotel, atrás do jornalista, um homem de óculos escuros e casaco de pele preto. Foi uma questão de segundos até que o sinistro e desinteressado homem desaparecesse do plano. Mas foi o suficiente para reconhecê-lo. Era Merovingian! Fiquei estática por uns momentos, a tentar processar na minha cabeça aquela aparição. Merovingian também estava vivo? E estava na Terra? Por alguma razão, não conseguia deixar de associá-lo à desgraça da avalanche, por mais descabido que isso fosse. Porém, como Riddel, Merovingian tinha uma aura diabólica de mistério que me fazia acreditar ser capaz dos actos mais desunamos.

Quis acreditar que tudo não passava de uma ilusão. Já tinha problemas suficientes. Mas a verdade é que o seu aparecimento fazia todo o sentido. O cliente mistério daquele detective só podia ser ele. E agora que pensava nisso, talvez tivesse sido ele a atacar Lorelei e permitir que Riddel entrasse na mente da minha amiga. Não, eu só podia estar enganada. Ou não? A verdade é que, enquanto enfrentava o meu atacante, senti que conhecia aqueles movimentos mecânicos.

–*Aquele era o Merovingian? Não pode ser. Ele também morreu em Deep Hollow!* – Lorelei assustou-me com a sua voz melodiosa. Deixei cair o prato da sandes no chão, estilhaçando-o completamente. – *Ups, desculpa. Já nos consegues ouvir?*

– Onde andaram vocês? Chamei-vos várias vezes.

– *E nós respondemos, querida. Mas tu estavas tão fraca que os teus poderes da Omnisciência estavam em baixo. Não nos conseguiste ouvir. Tens de conseguir equilibrar a tua mente na Terra e em Orbias.*

– Belladonna falava como se me estivesse a dar um sermão. O seu tom de voz mudou de imediato. – *O Adam é muito esperto. Fiquei abismada com as teorias dele. Tão querido e tão inteligente, não me escapava se o tivesse à mão*. – Observou, rindo.

– *Belladonna,* pára com isso! – Lorelei ficou seriamente incomodada com o seu comentário libidinoso. Se ela não estivesse a falar de Adam, certamente alinharia na brincadeira. Ele ainda mexia com os seus sentimentos, tinha a certeza.

– Bem, meninas, vou preparar-me para voltar a Orbias. Estou preocupada com o meu «eu» orbiano. Espero que não se tenha afogado.

Deitei-me na cama, aquela espécie de portal que me levava para o mundo mágico. Pousei as mãos paralelamente ao corpo, fechei os olhos e deixei-me levar com o coração a bater demasiado depressa para um órgão tão cansado como o meu.

\*

A primeira coisa que senti foi o sol quente a bater-me na cara. A visão estava turva e ofuscada com toda aquela luz. Por baixo de mim, sentia pequenas pedras pisar-me o corpo como pequenos murros. Apesar de quente, a água gelada tocava-me nos pés com uma insistência violenta. Levantei-me a custo e vi que estava na margem do rio Érebos. Miraculosamente, aquele corpo estava vivo, embora dolorido. Tossi algumas vezes, sentindo a garganta inflamada com toda a água que engolira.

A temperatura ali era mais quente. Talvez fosse o tal «equilíbrio» que tinha lido. Se na Terra estava um frio cortante, ali estaria mais calor. Não sabia onde estava nem ao longo de quantos quilómetros o rio tinha arrastado o meu corpo. À minha volta, só vegetação, rochas cinzentas e montes de terra virgem. Pesquisei na minha mala agarrada a mim. Tinha perdido o dinheiro, mas, felizmente, ainda tinha dois frascos de magia em estado bruto.

– *Vais ter de andar, querida. Vais ver que te vai fazer bem*.

– Sarcasmo logo pela manhã, Belladonna? Podes ser um pouco mais previsível? – Entrei no espírito dela, uma vez que estava con tente por tudo ter corrido bem em Orbias. – Sabes ao menos onde estamos?

– Não sou nenhum mapa. Mas creio que não estamos muito longe *da costa. Proponho seguir o rio até chegar a alguma povoação.*

*– Bem, afinal eu não era a única Guerreira com uma mente mais... densa! E porque é que no passado não conhecemos esta Belladonna mais sarcástica e rebarbada?*

*– Eu sempre fui assim, querida. Apenas não quis causar má impressão. E que queres dizer com «mente densa»? Estás a chamar-me gorda? Olha que há homens que vêm de muito longe para me ver dançar com o meu corpo maravilhoso!*

Elas continuaram a discutir alegremente na minha cabeça enquanto eu caminhava na margem de cascalho do rio. Não me importava de ter duas tagarelas na minha cabeça esgrimindo as suas tiradas sarcásticas. Isso até me preenchia o espírito, de certa forma. Aquele ar matinal de Orbias e o contacto com a sua Natureza eram um bálsamo para todas as minhas preocupações.

Um kutchy, de ar atarefado, caminhava paralelamente a mim com um orbe nas pequenas patinhas. Quando reparou na minha presença, correu na minha direcção e esticou o orbe para mim. Era uma reportagem de Rossini e eu quase adivinhava o seu conteúdo. Pousei-o no chão e este projectou uma imagem para uma árvore velha. O kutchy desapareceu, entretanto. Lá estava Rossini, o jornalista de Orbias que mais parecia um bobo efeminado. Desta vez, tinha um casaco e uma coroa de exageradas plumas fúcsia.

*Bom dia, meus queridos orbianos. Já sabem quem fala, o vosso exuberante Rossini. Ontem foi um dia recheado de emoções fortes e notícias sumarentas em Marblia. Todos vocês viram o debate entre a nossa adorada Riddel e a futuramente derrotada e ex-Guerreira Rouge. Não será preciso dizer que a princesa de cabelo vermelho saiu com a cara igualmente vermelha devido ao sucesso das palavras e promessas da nossa Rainha do Gelo. Mas o mais espectacular foi o ataque frustrado de Sebastian, que ficou desorientado quando Riddel raptou uma potencial vítima. Ele desapareceu logo depois, provando que Riddel será capaz de nós livrar daquela...* «praga». Até novas notícias escaldantes, vou estar sempre *atento à actualidade orbiana. Beijinhos!*

Que previsível aquela reportagem! Toda a gente em Orbias já conhecia a parcialidade com que ele falava das duas concorrentes ao Governo de Orbias, e eu temia que fosse uma poderosa influência na opinião pública, tal como os média eram na Terra. Felizmente, ele confirmou que Sebastian não tinha feito vítimas no ataque a Marblia. Será que ele estava a regressar a si? Estou quase a chegar a ti, Sebastian. Espera por mim, estou quase.

Fábrica

No meio dos altos pinheiros na margem do rio, reparei numa densa coluna de fumo. Era um sinal claro de civilização, pelo que me dirigi até lá. Cautelosamente, coloquei-me atrás de uma árvore antes de me aventurar. Era uma fábrica de orbes, um edifício de pedra branca e estrutura metálica. Alguns homens entravam com carrinhos de mão apinhados de orbes. Outros carregavam pequenos barcos voadores com caixas daqueles artefactos mágicos. Não me pareciam escravos como no ano passado em que eram as Sociedades a dominar as fábricas. A dona daquele complexo fabril era Riddel, e notava-se o entusiasmo daqueles operários a trabalhar para ela.

Estar ali não me ia ajudar em nada, pelo que me preparei para partir. No entanto, uma mancha carmesim, escondida atrás de um muro, chamou-me a atenção. O que estava Rouge a fazer ali? O brilho dourado ao lado dela não me deixava dúvidas. Era Richart que a acompanhava, na sua pose de príncipe encantado. Alguns minutos depois, os operários voaram nos barcos, deixando a fábrica praticamente abandonada. O casal aproveitou para entrar. Estava curiosa. Aconselhada por Lorelei e Belladonna, decidi fazer o mesmo. Fiz um rabo-de-cavalo e corri furtivamente para o edifício. Era nestas alturas que as séries de agentes secretos de que era fã me ajudavam.

O interior da fábrica era muito estranho para mim. Havia grandes tubos que saíam de buracos no chão e que se conectavam a uma medonha caldeira de aço. O som que emitia não era mecânico, era mais como o borbulhar de água a ferver. De minuto a minuto, orbes coloridos eram projectados pela peculiar máquina directamente para um contentor. Não consegui perceber como funcionava realmente aquele sistema, mas, conhecendo a magia enquanto substância, sabia que os orbes surgiam a partir da sua solidificação. A ausência de trabalhadores indiciava a autonomia de tal tecnologia. Mas isso não explicava como os orbianos conseguiam invocar o seu poder mágico.

– Os orbianos são tão dependentes dos orbes! Como era a vida em Orbias antes de começarem a fabricá-los a partir da magia? – Obviamente que a pergunta era dirigida a Belladonna.

– *Os orbes foram inventados há pelo menos duzentos anos. Segundo os mitos, os descendentes da Deusa conseguiam usar livremente a magia, mas, com o passar do tempo, foram perdendo essa habilidade. Acredito que a vida em Orbias tenha evoluído da mesma forma que na Terra, coexistindo com os mares de magia que de nada serviam na altura. Mas quando esta tecnologia apareceu, os orbianos começaram a depender dos orbes para tudo, esquecendo todas as técnicas consideradas mais arcaicas e trabalhosas. Foi uma grande revolução no nosso mundo. Mudou a vida de todos e o rumo da História. É como a vossa tecnologia, mas mais limpa e simples. Eu pergunto-te, querida: Não se passa o mesmo na Terra? Porquê esfregar duas pedras quando tens um isqueiro a gás?* – Calei-me perante a forma certeira como Belladonna nos criticava com a pergunta retórica.

Continuei a percorrer sorrateiramente as amplas salas de máquinas em busca de Rouge e Richart. No centro do que me parecia um armazém cheio de arcas e barris com orbes estava outra máquina. Mas tanto o seu aspecto como o seu som pareciam desarticulados com o resto dos elementos que me rodeavam. Era como um grande ovo de metal. Ouvi murmúrios numa das poucas salas que rodeavam o local onde estava. Entrei de rompante na sala de controlo, pensando que os ia encontrar lá, mas estava vazia. Curiosamente, havia uma série de ecrãs transparentes que me mostravam todos os espaços da fábrica. Que vigilância tão... terrestre. Afinal, a influência da Terra tinha sido maior do que pensava. Num dos monitores vi Rouge e Richart fugirem da fábrica de mãos dadas. O que se estava ali a passar? Belladonna e Lorelei também pareceram surpreendidas.

Quando me preparava para escapar dali, fui apanhada de surpresa por uma presença atrás de mim. Não me virei logo, invadida por uma sensação inexplicável de temor. Uma mão possante deslizou das minhas costas até ao pescoço. Quando os seus lábios beijaram suavemente a minha pele, fiquei arrepiada. Um beijo nas costas, no pescoço, atrás da orelha. Um frenesim dominou o meu corpo, fazendo fluir o meu sangue com uma rapidez que me deixou ofegante.

– Quem és tu? – O sussurro dele directamente no meu ouvido deixou-me ainda mais desorientada. Era um zéfiro de emoções que entrava em mim.

– Tu sabes quem eu sou. – Eu também segredava, revirando os olhos a cada beijo insistente na minha pele. – Quem és tu?

– Sou o teu pior pesadelo e o teu sonho mais perfeito. – Nem as suas tentadoras palavras me deram coragem para me virar e encarar o único capaz de me enlevar assim.

– Porque me fazes isto?

– Porque me intrigas. Não sei quem és, mas tenho uma vontade incontrolável de manchar a tua pureza.

Virou-me finalmente para si, bruto nos seus movimentos. Sebastian mordia o lábio enquanto me percorria o corpo com os olhos cortantes. Definitivamente, não era o meu Sebastian que me agarrava. Ainda assim, não conseguia resistir às suas investidas luxuriantes. Empurrou-me contra a parede e cercou-me dentro dos seus braços de mangas arregaçadas.

– Como explicar esta influência que exerces sobre mim, humana? – Os seus olhos tentavam atravessar as barreiras físicas para entrar na minha mente.

Quando se preparava para unir os seus lábios travessos aos meus, um som estridente despertou-o. Parecia uma explosão no interior da fábrica. Não tive tempo de pensar, Sebastian agarrou em mim e com uma velocidade desumana atravessou todo o edifício em chamas. Parecia que ele conseguia correr normalmente quando tudo à nossa volta se passava em câmara lenta. Na rua, fui projectada até à orla do bosque, embatendo numa árvore. Olhei para as chamas infernais que consumiam a fábrica até à ruína total. Não vi qualquer sinal de Sebastian. Tinha desaparecido outra vez.

Deixei-me ficar ali sentada enquanto uma mistura de sentimentos se alastrava em mim como o próprio fogo daquela explosão. Mais um encontro com Sebastian e de novo ele fugia das minhas mãos escorregadias. Porém, a cada encontro, ganhava certezas de que aquele não era o homem por quem me tinha apaixonado. Parecia que estava cada vez mais longe, condenado à absoluta inexistência. Ainda assim, não conseguia controlar as minhas emoções quando estava na presença fugidia daquele corpo. O facto de estar vivo era tão espectacular que encarava aqueles reencontros como um sonho ou um negro conto de fadas.

Por mais vezes que ele estivesse comigo e me tentasse seduzir, eu sabia que aquele novelo só seria deslindado com o cumprimento da minha visão do futuro, no penhasco do Farol Velonia. O meu instinto gritava-me cá dentro que o destino tinha de ser cumprido se queria algumas respostas na minha vida. Era isso que me motivava e, na zona mais sentimental da minha alma, tinha esperança de que fosse a chave para fazer com que o amor regressasse a mim. As Guerreiras não falavam, mas sabia que apoiavam aquela minha teoria, de alguma forma.

Entrei no bosque novamente antes que acorressem orbianos à fábrica destruída. Não queria ser acusada de algo que não tinha feito. Isso fez-me reflectir sobre Rouge e Richart. Tinham sido eles a deixar aquela bomba na fábrica. Estariam assim tão desesperados em afectar Riddel nas eleições que desciam tão baixo a ponto de destruir as suas fábricas de orbes? E porquê fazê-lo pessoalmente? Havia algo mais, algo oculto que nenhuma de nós compreendia. Mas não era algo que me preocupasse neste momento. Enquanto regressava ao trilho pelas margens preciosas do rio Érebos, passei levemente a mão pelo pescoço. Aqueles resquícios do toque de Sebastian ainda estavam tão presentes...

Ladrão

Caminhava há horas, tantas que já estava a escurecer. A espessa coluna de fumo da explosão tinha ficado bem longe. Dois pequenos barcos voaram até lá com uma rapidez urgente, mas já estávamos a uma distância segura. Estava desejosa por encontrar alguma povoação para descansar e depois dirigir-me a uma nova estação que me levasse até à região do Farol Velonia, ou, pelo menos, perto. Tinha perdido todo o dinheiro, mas os orbes que tinha surripiado na fábrica poderiam ser vendidos para que pudesse comprar um bilhete de comboio. As minhas preces foram ouvidas e vi os primeiros sinais de civilização ao longe.

Era uma aldeia fluvial construída mesmo por cima do rio, através de tortuosas ruas feitas com pontes de madeira. Por todo o lado havia cabanas redondas que lembravam cocos gigantes. Pintados nos cantos, havia grandes canteiros com altas palmeiras, garantindo ao local uma certa beleza tropical.

– *Ah, já sei onde estamos. Esta é Beihat, a aldeia piscatória do rio Érebos. O rio levou-nos para bem longe. É daqui que vem o melhor peixe de Orbias. Quem me dera ter o meu corpo para comer as preciosas iguarias que aqui se fazem. Tens de experimentar, Noemi.*

Na minha própria cabeça, conseguia sentir a gula de Belladonna. Para quem tinha um corpo tão esbelto, ela era um bom garfo.

O Sol estava a pôr-se. Talvez parasse por um bocado para seguir o conselho dela. Entrei numa grande cabana cuja tabuleta dizia «Restaurante». Não me cheirava a nada, o que me deixou desapontada. Um homem moreno e barbudo estava ao balcão, com a cabeça apoiada no braço e semblante cabisbaixo. O restaurante estava vazio.

– Boa tarde. Seria possível experimentar uma das vossas receitas especiais de peixe? Uma amiga aconselhou-me.

– Não tem visto as notícias do Rossini? Já não temos peixe na aldeia, nem para exportação, nem para o nosso próprio consumo.

– O que se passa? Algum problema com o vosso peixe?

– Bem, o peixe tem perdido qualidade desde que o rio começou a ficar cada vez mais poluído com as fábricas de orbes. Mas o problema não é esse, até porque a Riddel tem compensado isso com a oferta de orbes à aldeia. O problema é que há semanas que um ladrão tem levado todos os orbes daqui. Assim que os recebemos, são imediatamente levados por esse ladrão. Desde então, não conseguimos levar uma vida normal, como, por exemplo, pescar, cozinhar ou adicionar o toque de magia das nossas receitas.

– E já fizeram alguma coisa para tentar apanhá-lo? Talvez eu possa ajudar.

– Uma menina enfezada como você? Não acredito. Ninguém da aldeia foi capaz de apanhar este ladrão, nem o mais forte dos nossos homens. Por mais armadilhas colocadas, ele não cai em nenhuma. É como se fosse um fantasma. – Olhou-me, derrotado. – Se realmente quer ajudar, o melhor será falar com o chefe da aldeia. Está na grande cabana no centro.

Seria Sebastian o responsável? Não parecia algo que ele fizesse. O seu mais recente «passatempo» era matar pessoas, roubando almas, não orbes. Estava ali a mão de outra pessoa mais astuta. E não me admirava que houvesse pessoas em Orbias que se dedicassem ao roubo. Era como na Terra. Os orbes funcionavam como um símbolo de riqueza e poder, e, conforme as fraquezas do ser humano, havia sempre quem optasse pelo caminho errado: o roubo.

Não tinha necessidade de fazer nada quanto àquilo, mas era novamente o instinto a falar mais alto. Bati na porta de madeira da cabana do chefe da aldeia. Abriu-me um homem obeso, em tronco nu e que se abanava com um leque improvisado de uma folha de palmeira. Lembrava-me Herman, o falecido director da Sociedade Escarlate.

– Boa tarde. O meu nome é... Cordélia. – Não queria atrair demasiada atenção e, por isso, dei um nome falso. Evitava assim que se soubesse que eu era a Noemi, Guerreira da Omnisciência e ladra de corpos alheios. – Fui informada no restaurante de que têm tido problemas com ladrões. Gostaria de oferecer a minha ajuda.

Os seus olhos pequenos brilharam de alegria.

– A menina tem experiência? Parece-me tão nova e frágil. – A voz era grave, capaz de fazer estremecer aquele chão de madeira por cima da água.

– Ah, sim, claro. Não se deixe enganar pela minha aparência. Trabalhei durante dois anos na Guarda Real de Grimmus e um ano como guarda-costas de um membro da nobreza de Dark Versalia. Posso ser bastante intimidante. – Na minha cabeça, ouvi murmúrios como «boa» e «muito bem» vindos das minhas mestras ardilosas.

– E o que faz numa aldeia piscatória como Beihat? – Ele pareceu desconfiado.

– Passeio! Quer dizer, decidi tirar umas férias para pôr as ideias em ordem. Uma espécie de retiro espiritual para estar em contacto com o meu «eu». O que preciso de saber sobre este ladrão?

– Bem, pouco ou nada sabemos sobre ele. Sabemos que aparece sempre de noite e que não deixa qualquer pista. Alguns vigilantes dizem que ele nunca cai nas armadilhas porque consegue voar. A menina veio na melhor altura. Esta noite vamos receber uma encomenda de orbes e precisamos do maior número possível de pessoas para os proteger.

Ficou combinado que eu estaria escondida na aldeia, juntamente com outros vigilantes, para garantirmos que o ladrão não colocava as mãos nos preciosos orbes daquela povoação. E eu esperava conseguir apanhá-lo e, com isso, alguma recompensa.

\*

Sebastian caminhou na minha direcção, ainda mais bonito que nas minhas memórias dele. Os seus olhos negros atraíam-me como dois ímanes. Os seus lábios finos esboçavam o sorriso sedutor de quem me queria possuir. Eu não me conseguia mexer, completamente deslumbrada com o homem divino que estava à minha frente. Apenas a um angustiante centímetro de distância de mim, ele beijou subtilmente a minha testa. Depois, atrás da orelha. Passou para a cara, acabando com um beijo lento e saboroso na minha boca.

Eu não conseguia reagir. Estava completamente paralisada com o seu aroma a fruta fresca e o toque macio dos seus lábios. Agarrou na alça do meu vestido com a ponta dos dedos e baixou-a. Fez o mesmo na outra, até a minha roupa deslizar para o chão, deixando-me completamente nua e indefesa à sua frente. Sem nunca desviar os olhos dos meus, abriu os botões da sua camisa branca, um a um, até exibir os seus músculos definidos. Tirou o cinto das suas calças pretas e desapertou-as.

Os seus dedos penetraram nos meus cabelos negros e puxou-me a cabeça para trás. Pressionou o seu corpo quente contra o meu e estremeci com o toque. Fez com que me deitasse numa cama de rosas vermelhas que se tinham formado ali para serem testemunhas do nosso amor. Em cima de mim, tentei retribuir os seus beijos insaciáveis. Ele descolou os lábios da minha boca trémula e percorreu o meu corpo com as suas mãos e beijos quentes. Fechei os olhos e deixei que ele me consumisse com o seu amor, físico e transcendental.

\*

– *Noemi! Acorda!*

Acordei sobressaltada daquele sonho imprevisível e maravilhoso. Era a primeira vez que sonhava com Sebastian sem ser na visão do futuro. Soube-me tão bem! Estava sentada num buraco escuro entre duas cabanas. O longo tempo que o ladrão estava a demorar tinha feito com que adormecesse irresponsavelmente.

*– Está alguém a remexer na caixa de orbes ali ao fundo. Só pode ser o ladrão. –* Lorelei sussurrava estupidamente como se alguém a conseguisse ouvir fora da minha cabeça.

Havia uma sombra de alguém a remexer numa caixa, bem no centro da cidade. Um brilho cintilante dizia-me que eram mesmo os orbes e aquele era o nosso ladrão. Não compreendia como os aldeões tinham deixado que aquilo acontecesse tão facilmente, mas, ao ver os seus corpos estendidos no chão, percebi que estavam sob o efeito de algum feitiço. Esgueirei-me silenciosamente por entre as sombras, escondendo-me atrás de cabanas e barris, até chegar perto do ladrão. Se havia coisa que a investigação anterior ao meu regresso a Orbias me tinha garantido era o desenvolvimento das minhas técnicas furtivas.

Estava quase a alcançá-lo. Ia atacá-lo por trás de forma a imobilizá-lo. Como uma autêntica felina, agarrei nos braços dele e prendi-os atrás das costas. Todavia, fui surpreendida quando ele saltou para se desenvecilhar e me deu um pontapé na barriga. Agachada com as dores, não consegui evitar que o ladrão criasse uma espécie de asas nas costas e voasse dali para fora com os obres roubados num saco. Estava tão escuro que não conseguia ver sequer a sua cara.

– *Temos de segui-lo, Noemi. Precisamos daqueles orbes*. – Lorelei estava agora aos gritos, intensificando as dores na barriga.

Tirei um frasco de magia da mala e bebi umas gotas. As dores na barriga juntaram-se às das costas quando surgiram as minhas asas brancas de Anjo. Num impulso, levantei voo e persegui o ladrão. Em plena noite cerrada, a única forma de saber para onde estava a ir era ouvindo o bater das suas asas céleres. Segui-o durante quinze minutos, até o ouvir pousar em terra firme.

Sem saber onde estava, continuei atrás dele. Estávamos a subir um pequeno monte pedregoso, escondido pelos inúmeros pinheiros. Escorreguei umas quantas vezes nas pedras, mas o ladrão parecia não dar conta do barulho que eu fazia. Por fim, o salteador de orbes chegou até um barracão iluminado, ocultado por troncos caídos e rochas grandes. Quando me aproximei da cabana, tentei espreitar pela janela para saber com quem estava a lidar. Ouvi as vozes de duas pessoas, mas as janelas estavam tão sujas que não via nada. Afinal, não era um ladrão, mas sim duas ladras.

Sem pensar duas vezes, agarrei num pau comprido que ali estava, aproximei-me da porta, dei-lhe um pontapé e entrei de rompante.

Empunhando o pau, o que me saltou logo à vista foi a quantidade abismal de orbes mágicos que estavam espalhados por ali. O meu olhar saltou depois entre as duas caras assustadas como uma bola de pingue-pongue. Os meus olhos esbugalharam-se com o choque quando me apercebi de quem estava na minha frente.

– Lily-Violet... E Jynx?!

Reencontro

– Desculpa, nós conhecemos-te? – A voz de Jynx ressoou nos meus ouvidos como um terrível pesadelo. Não sabia o que sentir com a sua presença ali. Lily-Violet não dizia nada e perscrutava os meus olhos com a avidez curiosa de um gato.

– *O que é que elas estão a fazer juntas?* – Lorelei parecia ainda mais chocada do que eu.

– Eu sinto que te conheço. – Ela levou a mão à boca e abraçou-me apertadamente, como uma irmã que não via há dezenas de anos. – Noemi, és tu! Mas... mas estás diferente! Esse não é o teu corpo. – Jynx levantou-se da cadeira velha onde estava sentada, revelando a comprida cauda verde de escorpião. Estava apreensiva, como se achasse que aquilo era uma armadilha.

– Sou eu, sim, Lily. Estou tão feliz por te reencontrar! Mas porque estás com ela? E porque andas a roubar todos estes orbes?

– Prova-o! Prova que és a Noemi! – Jynx interrompeu Lily como se fosse uma espécie de irmã mais velha. Então, abri as minhas fulgurantes asas que iluminaram aquele barracão de branco e elas puderam confirmar quem eu era. – Se realmente és a Noemi, também tens explicações a dar, como, por exemplo, o que estás a fazer em Orbias.

Fechei a porta e sentei-me com elas. Contei-lhes o meu percurso desde as investigações na Terra, passando pelas digressões por Orbias, a minha desconfiança em relação a Riddel e a perseguição de Sebastian.

Tentei não revelar pormenores, a conselho das duas almas que povoavam a minha mente. Nem sequer lhes contei que as almas de Lorelei e Belladonna estavam dentro de mim. Apesar de tudo, estava perante aquela que fora a nossa grande inimiga, Jynx. Ela tinha sido uma vítima da conspiração de Riddel, como nós, mas isso não apagava todo o mal que nos tinha causado. No entanto, havia ali um clima de grande intimidade e confiança entre Lily-Violet e ela. Era algo de surreal que nunca imaginei poder acontecer. À medida que eu contava a minha história, elas olhavam uma para a outra, como se conversassem telepaticamente.

Enquanto falava, tentei analisar as duas, tanto fisicamente como em busca de alguma coisa no seu interior que desvendasse aquele mistério. Lily estava mais bonita e adulta desde a última vez em que a vira, há um ano. Porém, ainda conservava aquela expressão de excentridade juvenil que tanto a caracterizava. Os cabelos loiros estavam mais ondulados, embora as trancinhas e adornos lhe dessem um aspecto exótico. Tinha um pequeno casaco de rendas por cima do vestido colorido. Mas algo nos seus olhos esverdeados não me agradava. A sua alegria genuína tinha dado lugar a uma expressão mais madura. O facto de estar tão calada e quieta também me afligia porque não era normal nela. Parecia já não conhecer aquela rapariga à minha frente. Onde estava a minha irmã mais nova?

Jynx estava praticamente na mesma, com a masculina rigidez de militar que a caracterizava, cabelo descolorado e cara de poucos amigos. Foi estranho vê-la vestida com outra roupa que não o cabedal verde a que nos habituou. No entanto, estava cheia de cicatrizes e tinha dificuldade em mexer o braço esquerdo, talvez devido ao ataque violento de Merovingian em Deep Hollow.

– Bem, já vos contei a minha versão. Agora espero que me contem a vossa versão deste roubo e desta vossa associação estranha. Elas olharam uma para a outra e Jynx acenou.

– Temos um motivo para andar a roubar orbes. E não o temos feito simplesmente em Beihat, temos feito o mesmo um pouco por todo o lado. – A sua máscara temerária estava a cair e a voz fina de Lily-Violet já se parecia mais com a menina ingénua que eu conhecia. – Depois da separação dos mundos, as Guerreiras também se separaram. Uma das primeiras coisas que fiz foi voltar a Faylinn para tentar encontrar os meus pais. – Ela sorriu e a sua cara iluminou-se. Certamente estaria a visualizar os pais na sua cabeça. – Apesar de estar feliz entre o meu povo, não conseguia deixar de sentir um vazio dentro de mim. Percebi que tinha de viajar por Orbias, conhecer este mundo para me conhecer a mim própria. Embarquei numa jornada sem destino. Então, tomei contacto com a triste realidade da influência da Riddel em Orbias. Queria fazer alguma coisa para mudar a mentalidade das pessoas, para abrirem os olhos e perceberem quem realmente era aquela que veneravam. Foi então que recebi um orbe da Rouge. Ela propôs a organização de um grupo secreto de resistência à Riddel. Eu aceitei de imediato. Fiquei surpreendida quando descobri que a minha companheira de missões seria Jynx, resgatada por Rouge como estratégia para o nosso grupo. Ela também chamou a Belladonna, mas ela nunca lhe respondeu.

– *É verdade. Eu não aceitei, não me quis envolver...* – Belladonna pareceu envergonhada.

– Não vou dar pormenores sobre o que se passou comigo depois de Deep Hollow, é evidente. – Jynx passou a mão pelas cicatrizes, como que a acalmar os gritos das memórias dolorosas. – Ao contrário de vocês, supostas Guerreiras que «protegem os mundos», eu queria agir, queria vingança! Quando soube que a Riddel estava viva, tinha de arranjar forma de vingar toda a conspiração em que ela me envolveu. E juntar-me à Rouge, à Lily e aos outros pareceu-me uma boa estratégia.

– Bela estratégia. Não tenho é a certeza de quem pretendes afectar com ela? – A minha pergunta era como uma granada de sarcasmo.

– Eu fui alvejada! Fui traída e fiquei sozinha! Eu feri o meu orgulho ao pedir ajuda às Guerreiras, tão confortavelmente instaladas nas suas vidinhas. – As explosões incontroláveis que tanto a distinguiam estavam intactas. Jynx era uma bomba-relógio sempre pronta a ser detonada.

– Desculpa, não te quis ofender. Continua, por favor. – Eu não estava a ser sincera, apenas queria que continuasse a história. Ainda nutria um certo ódio por ela, especialmente por me ter roubado a minha irmã mais nova. Ela sacudiu a cabeça.

– Eu e a Lily começámos logo a agir. Tínhamos de reunir informações sobre ela, investigá-la até ao âmago da sua existência. Com a separação dos mundos e a dissolução da Sociedade Índigo, era quase como começar do zero. Mas conseguimos chegar a algumas conclusões interessantes nesta investigação. Riddel está a dominar o povo orbiano graças aos orbes que ela possui. E tão viciados nos orbes como estão, vêem nela uma espécie de fonte que, conforme a sua vontade, pode fechar. Eu acredito que ela tem um objectivo muito maior do que simplesmente governar Orbias. Todas vimos o imenso poder que ela tem. Se quisesse, podia governar Orbias com um estalar de dedos. Por isso é que me intriga todo este jogo dela e o seu interesse em controlar o uso dos orbes por nós. Foi por isso que decidimos começar por roubar todos os orbes que pudéssemos para tentar evitar esta veneração cega a Riddel.

– Noemi, espero que não nos julgues. Não fazemos isto para causar mal aos orbianos. Apenas queremos acabar com o domínio da Riddel, abrir-lhes os olhos. Os mares de magia estão a secar e as consequências podem ser catastróficas. Se tu pudesses ajudar-nos, agora que conseguiste voltar a Orbias...

– Como pretendem lutar contra ela simplesmente roubando orbes? Não percebem que só isso não vai afectar a Riddel?

Jynx levantou-se da cadeira e falou ameaçadoramente.

– Ao menos tentamos alguma coisa! E o nosso plano era encontrar quem nos ajudasse, mas ninguém quer arriscar-se a lutar contra ela.

– Por favor, Noemi. Ajuda-nos e eu prometo que te ajudo na busca pelo Sebastian. Vou contigo até ao Farol. Por favor! – Lily olhava para mim como uma criança triste. Era como pressionar o meu ponto fraco. Como é que a alegre e descontraída Lily estava envolvida numa coisa tão séria como o derrube de Riddel juntamente com uma ex-inimiga? Ela tinha amadurecido, até falava de maneira diferente.

– Prometi a mim mesma que não me envolveria nos assuntos de Orbias, mas um bom amigo referiu a existência de Riddel como relevante para descobrir o que se passa com Sebastian. Eu preferia tentar encontrá-lo primeiro... Não me consigo concentrar em mais nada, sabendo que o Sebastian anda por Orbias a fazer o que faz.

– Talvez possamos chegar a um acordo. Eu e a Lily planeávamos destruir duas naves carregadas de orbes que a cidade de Koboltz vai receber. É perigoso porque a Riddel vai estar lá para a estreia de uma peça de teatro itinerante, mas será um duro golpe, perceber que há quem se oponha a ela. A cidade fica a sul, a caminho das terras onde fica o farol. Se nos ajudares nesta missão, a Lily pode ir contigo até lá.

Parecia um bom plano. Era como matar dois coelhos com uma cajadada só: descobrir um pouco mais sobre as acções de Riddel e conseguir a ajuda preciosa de Lily-Violet para me levar até ao Farol. Aceitei ajudá-las. Se ficava a caminho, não me iria custar nada e sempre podia passar algum tempo com Lily. Elas pareceram felizes com a minha decisão. Deitaram fogo ao barracão quando saímos, destruindo todos os orbes que lá estavam. Parecia-me demasiado radical, especialmente com a escassez de magia, mas não quis interferir com as acções do «grupo de resistência a Riddel».

Falei da viagem de comboio, mas elas riram-se na minha cara. Lily tinha desenvolvido o seu poder da Criação. Com um simples gesto, fez emergir do solo um veículo construído com matéria orgânica: terra, ramos, folhas, pedras. Era uma espécie de limusina acastanhada que flutuava, com requintados motivos florais de madeira nas extremidades. Não era muito grande, apenas suficientemente confortável para quatro pessoas. Entrámos e o odor floral era tão agradável que me deixou imediatamente tranquila. Havia bancos dispostos à volta de uma pequena mesa. Já instaladas, o veículo arrancou a toda a velocidade. Lily abraçou-me inesperadamente, como uma miúda hiperactiva. Afinal, ela ainda conservava a sua personalidade afectuosa. Mas continuava com alguns dos seus parafusos soltos.

– *Noemi, tenho um mau pressentimento quanto a isto*. – Lorelei falava finalmente. – *E nem acredito que estás a confiar numa cabra vingativa e descontrolada como a Jynx. Não te lembras do que ela fez no passado?*

– Não lhes digas que estamos dentro de ti, por enquanto. Pode *vir a ser útil se isto correr mal. Espero que não nos venhamos a arrepender*. – Como a mais velha das Guerreiras, Belladonna fazia jus a essa sensatez inerente.

– Quanto tempo vamos demorar até lá? – perguntei.

– Cerca de sete horas. Isto se não houver obstáculos, claro. Estaremos lá ao nascer do Sol.

– Então, se me permitem, vou transferir a minha mente de volta à Terra. Por favor, cuidem do meu corpo.

Era engraçado como eu já tratava o corpo da rapariga como o «meu corpo». Estava a julgar Lily-Violet e Jynx pelo roubo dos orbes, mas eu era uma ladra bem pior. Será que Deus ou a Deusa se tinham lembrado de um pecado para o roubo de corpos? Sendo a única capaz de tal transgressão, acreditava que não. Terra, aqui vou eu outra vez.

Beijo

Regressei ao meu corpo terrestre. Fiquei feliz por ver que não tinha mazelas como da última vez, embora ainda sentisse algumas dores desconfortáveis. Enquanto estava em Orbias, tinha tido o cuidado de me mentalizar de que o meu corpo verdadeiro estava à minha espera. Nada de febre, vómitos ou convulsões. Adam não estava ali. Uma vez que nos últimos dias ele estivera sempre ali para me receber, senti amargura. Aproveitei o facto de estar sozinha para tomar um banho quente e dormir. O dia seguinte, em Orbias, adivinhava-se complicado.

A casa de banho encheu-se de vapor e o meu corpo relaxou. Saí delicadamente da banheira e olhei para o espelho para pentear o meu cabelo negro. No vidro embaciado, tive a impressão de ver uma figura masculina atrás de mim. Com o coração acelerado, limpei-o com a mão para revelar um grande vazio. Aqueles encontros repentinos não me faziam bem. Talvez aquelas alucinações fossem o meu desejo de reencontrar Sebastian a pulsar no inconsciente.

Não tinha toalhas ali. O meu grande desmazelo na minha vida doméstica fez com que enfrentasse o frio da casa, completamente nua, em busca de uma simples toalha. Corri até à cómoda, mesmo no escuro. Porém, um rodar de chave na fechadura seguido do barulho do interruptor da luz fez-me abafar um grito e esconder o meu corpo nu com o lençol da cama. Adam ficou embaraçado com aquela situação e ficou extremamente corado. Virou-se imediatamente de costas, recluso entre mil desculpas. Vesti rapidamente algo que tinha na cadeira e sentei-me no sofá, acalmando-o. Ele seguiu-me o exemplo, algo nervoso.

– Desculpa, já estou tão habituado a entrar descontraidamente cá em casa que nem me dei conta que poderia estar a invadir a tua privacidade. Costumas estar sempre em Orbias.

– Não te preocupes. Vamos esquecer a situação. – Sorri-lhe carinhosamente e a sua expressão desanuviou. – Como correu a viagem até Lighto Town? Como estava a universidade?

– Estava tudo bem. Demorei mais tempo do que o previsto porque a burocracia era muita. Aproveitei para rever um amigo. Desculpa se não pude voltar mais cedo. Estás bem? Tiveste febre de novo? – Começou a analisar a minha cara em busca de alguma doença grave.

– Não, está tudo bem. Eu tive cuidado, desta vez. E não precisas de estar constantemente preocupado comigo. Eu consigo desenvencilhar-me sozinha. – Ele ficou com um semblante carregado, algo nada normal nele, o que me assustou.

– Claro. Consegues sempre fazer tudo sozinha, não é? É uma bela barreira essa que construíste à tua volta. Será assim tão difícil reconheceres a ajuda que os outros te dão? – Aquele desabafo estava a ser difícil para ele, tanto que nem me olhava nos olhos. As suas mãos tremiam. Ele estava a guardar aquilo há muito tempo porque começou logo a falar naquele tom precipitado.

– O que queres dizer com isso? Eu sempre te agradeci o facto de cuidares de mim. – Estava com receio do rumo que aquela discussão poderia tomar, uma vez que Lorelei e Belladonna também estavam a ouvir.

– Não é essa a questão. O que quero dizer é que tu já não te relacionas com as tuas próprias emoções, com o teu interior. E isso está a tornar-te numa pessoa egoísta e irresponsável. – Ele levantou-se, destemidamente a olhar-me nos olhos, agora.

– Eu não sou egoísta! – As lágrimas atacaram-me, mas não caíram. O meu melhor e fiel amigo estava a discutir comigo.

– Então, porque é que pareces um robô cujo único comando é o Sebastian? Quem é a Noemi? O que estás a sentir realmente? Que labirintos complexos se escondem dentro de ti, que és capaz de tudo por um homem morto? Sai do teu casulo!

Ele tinha razão. Eu tinha realmente uma barreira intransponível à minha volta que me impedia de analisar o que guardava no meu coração. Mas tinha tanto medo dos demónios que poderia encontrar lá dentro... Ele mantinha-se firme e não se vergava perante os meus olhos inundados.

– Eu... É muito difícil para mim. Sou boa a analisar os sentimentos dos outros, mas não os meus.

– Tenta. Desabafa. Deita tudo cá para fora, é para isso que cá estou. E acredito que a Belladonna e a Lorelei são suficientemente tuas amigas para ouvir o que tens para dizer também. Caso contrário, não confiariam em ti para devolveres as suas almas.

– O Sebastian mexeu com a minha vida de uma forma inesperada. Eu não estava à espera de tamanho abalo. Eu era apenas uma rapariga desajeitada e tímida, para quem ninguém olhava duas vezes. Quando ele apareceu, senti-me especial. Nem era por ser uma Guerreira e por ter o privilégio de conhecer o mundo de Orbias. Era a forma como falava comigo, como me tocava, como os seus olhos entravam na minha alma. Ele fazia com que me sentisse especial, desejada. Eu não estava habituada a sentimentos tão intensos. Fiquei descontrolada. – Comecei a remexer nas pontas da almofada que tinha nas mãos. – Quando tinha uns oito anos, o meu pai trocou a minha mãe por outra mulher. Durante meses, antes de sair de casa, a minha mãe sofreu maus-tratos físicos e verbais. Sempre tentou esconder-me isso, para me proteger, mas o que ela não sabia é que eu assistia a tudo, impotente, atrás da porta do meu quarto. Por isso mesmo, sempre me convenci de que era fraca de mais para fazer fosse o que fosse. Ainda tentei dar-lhe uma oportunidade de se mostrar bom pai, mas ele tinha-me abandonado também. Desde que saiu de casa que nem um telefonema me fez. Durante a adolescência, tornei-me introvertida e sentimental. Eu tinha prometido a mim mesma que me ia proteger de homens assim. Se ele era meu pai e meu herói e fazia aqueles actos horrendos, não havia possibilidade de haver homens melhores. Convenci-me disso até conhecer Sebastian, que abriu o meu coração e a minha vida e preencheu-os com o seu amor.

– Mas o que sentias pelo Sebastian era amor ou paixão? Não achas que estavas simplesmente deslumbrada? – Adam continuava a puxar por mim, como um autêntico psicólogo.

– Nunca pensei nisso dessa forma. O amor é algo de muito subjectivo. Quando estava com ele, parecia que mais nada no mundo tinha importância. Quando ele supostamente morreu, foi como se me tivesse aberto um buraco no coração. Não, mais do que isso. Foi como se me tivessem arrancado a alma. Tu sabes melhor do que eu o estado em que estava. Eu parei de viver, deixei de dar importância a tudo à minha volta. Negligenciei a minha família, a minha educação e, principalmente, a ti e à Lorelei, que sempre estiverem presentes para me consolar no meu declínio. Não sei como algum dia vos poderei compensar por tudo. – Esperava que ele dissesse alguma coisa, mas aguardava ainda que eu respondesse à sua pergunta. – Debati-me durante algum tempo com a possibilidade de serem as emoções da alma da Guerreira Ancestral a virem ao de cima quando estava com Sebastian. Mas hoje sei que o que sentia por ele era real, era amor. Sufoco quando penso que nunca mais vou poder... senti-lo! Sentir o seu amor.

– Pelo que dizes, o Sebastian que tens visto em Orbias não é aquele que conheces. E se ele nunca mais voltar?

– Eu sei que o verdadeiro Sebastian ainda anda por aí. Sinto-o cá dentro. Não vou mentir, faz-me confusão vê-lo fisicamente à minha frente. Mas lá dentro é outra pessoa.

– Noemi, eu só não quero que te desiludas e te vás abaixo como da última vez. O Sebastian é nocivo para ti, consome-te por dentro, como um demónio. Tu estás a sacrificar tudo por uma esperança muito ténue, quase inexistente.

– Independentemente disso, preciso de ter a certeza. Não consigo seguir em frente sem ter a certeza de que o verdadeiro Sebastian está, de facto, morto. Eu sei que estou perto, estou muito perto da verdade. – Olhei para a parede como se esta pudesse exibir uma imagem linda de mim e de Sebastian abraçados.

– E imagina que o Sebastian regressa. O que vais fazer? Vais transferir a tua mente definitivamente para o corpo que tens em Orbias para ficares com ele? Vais deixar morrer o teu verdadeiro corpo? Ou vais saltitar entre os dois mundos para sempre? E já pensaste na incompatibilidade entre ti e o Sebastian? Ele é eterno, vai viver para sempre e tem milhares de anos de idade! Como consegues suportar a noção de uma coisa tão grandiosa, tão impossível? Não te sentes pequenina? – Ele gritava comigo, revoltado. O bombardeamento de perguntas estava a deixar-me tonta. Porque é que me estava a fazer entristecer com aquelas perguntas cruéis?

– Adam, o que se passa, porque falas assim comigo? Eu amo o Sebastian, é só isso que sei. Preciso desesperadamente de estar a seu lado!

– Só quero compreender-te. Mas quanto mais falas, mais me pareces hipnotizada pela assombração da existência dele, como uma adolescente imatura! Parece que estás viciada nele! Não consigo perceber.

Levantei-me do sofá e fui fechar-me na casa de banho. Era a única forma de não olhar para Adam sem cometer a indelicadeza de expulsá-lo para fora do apartamento. No caminho, tropecei numa mochila e caí. Adam correu até mim e baixou-se para me levantar. Ele tinha rasgado a barreira das minhas emoções recalcadas com violência. Os demónios que povoavam a minha alma estavam agora à solta naquela casa, como sombras travessas.

Os seus olhos esverdeados atraíram os meus. Houve ali uma atracção fatal em que os lábios dele se aproximavam dos meus com uma lentidão visceral. O choque foi quase como um apocalipse para mim. Adam beijava levemente os meus lábios, quase com medo de me quebrar. O meu coração estava intrigado com aquela nova boca que provava. Era diferente da de Sebastian, menos doce, mas mais real, mais verdadeira, o que me fez não descolar os lábios imediatamente. De repente, fui assolada por um grave sentimento de culpa. Tinha cometido o mais grave dos pecados da minha alma. Tinha traído Sebastian. Não porque estava a beijar Adam, mas porque estava a gostar! Descolei os lábios dos dele lentamente e deixei cair a cabeça, derrotada.

– Por favor, sai. Preciso de ficar sozinha por um momento – disse, tão baixinho que acreditava não ser possível sequer um insecto ouvir.

Ouvi os passos de Adam a correr para a porta e a descer rapidamente as escadas rangentes do prédio. A sua cabeça devia ser um louco turbilhão de pensamentos. A minha estava numa situação oposta. Estava vazia, como se tivesse carregado no botão *reset*. Naquele momento, senti-me oca, sem espírito. Traída pela minha própria carência, parecia que tudo o que tinha feito até então, sempre a pensar em Sebastian, se tinha esvaído juntamente com a minha fidelidade ao seu amor. Fui até à janela e sentei-me no parapeito. Deixei-me ficar ali a congelar com aquele frio de Inverno. Talvez assim pudesse voltar a sentir-me viva.

– *Noemi, volta para dentro. Não quero que congeles; ainda preciso que voltes a ligar a minha alma ao meu corpo*. – Lorelei e a sua recente insensibilidade para comigo.

– *Ela tem razão. Não podes agir sempre tão dramaticamente, querida. Volta para dentro ou vais congelar. Podemos falar melhor lá dentro.*

Segui o conselho das duas. Fechei a janela e deixei-me cair na cama desfeita.

– *Eu sei que deveria ter dito mais cedo, mas a razão para o meu namoro ter terminado com o Adam... foste tu*. – Lorelei disse-o de uma forma bastante azeda. – *Mas, por favor, pára de agir como uma vítima! O Adam apaixonou-se por ti depois de tanto tempo que passámos juntos. É a vida! Nós não controlamos as nossas emoções e eu não culpo ninguém por isso*. – Era mentira. No seu inconsciente, ela culpava-me pela separação. – *Tens de deixar de levar as coisas de forma tão séria, Noemi. O mundo não gira à tua volta.*

– Por favor, Lorelei. Preciso de tempo para pensar. Deixem-me sossegada.

– *Sabes, concordo com o Adam. És uma egoísta! Pensas que toda a gente tem de prestar atenção às tuas emoções, que tudo gira em torno da tua trágica história de amor. Durante todo o tempo em que estive contigo a acalmar o choro, os pesadelos, as crises de histeria, paraste para perguntar como eu estava? Como eu me sentia no meio disto tudo? Em todos estes meses em que dei a minha vida pela carreira de modelo, paraste para pegar no telemóvel e perguntar como estava tudo comigo? És uma má amiga, Noemi!*

– *Lorelei, por favor, não é o momento!* – Belladonna tentava chamá-la à razão.

– *E agora aqui estou eu, tua prisioneira. Tudo por tua culpa e do teu egoísmo. Sabes o quanto é difícil ter consciência de que o meu corpo está inanimado numa cama de hospital, em perigo de vida, com fãs e imprensa lá fora?* – As palavras dela atingiram-me como duros golpes. Não estava a ficar zangada com ela, mas a minha alma enegrecia com a noção de que ela tinha razão e que todos os meus erros egoístas tinham prejudicado uma série de pessoas que se preocupavam comigo.

O meu telemóvel tocou para quebrar aquele icebergue tenebroso. As duas Guerreiras mantiveram-se em silêncio enquanto eu abria o aparelho e carregava em três teclas para ouvir a mensagem de voz recém-chegada.

*Olá, querida Noemi. Daqui é a directora da* Whip!*, a Tara. Como está? Está melhor da sua gripe? Espero que sim. Queria convidá-la para uma pequena festa na minha casa, na próxima sexta-feira à noite. É o mínimo que posso fazer por todo o seu esforço. A morada segue numa mensagem de texto. Beijo grande, querida.*

Era a cereja no topo do bolo. Depois da discussão com Adam, da destruição da minha barreira emocional, do beijo e das duras palavras de Lorelei, o que me faltava era um convite cínico da directora da revista onde estagiava. A juntar a isso, tinha a perseguição do assassino Sebastian, a implicância de Riddel e o envolvimento num grupo terrorista com Jynx e Lily-Violet. A minha vida podia piorar ainda mais com aquela cornucópia cheia de problemas? Felizmente, tinha um poder da Omnisciência suficientemente forte para lidar com todos eles.

Voo

Estava encostada com a cabeça na superfície rugosa do veículo orbiano. Olhava pensativa para o brilho dourado do nascer do Sol no horizonte, abençoando aquela estepe que atravessávamos com velocidade. O beijo de Adam e a discussão com ele e Lorelei pairavam na minha mente como dois satélites prestes a despenhar-se. Lorelei não falava comigo desde que me atiraram aquelas verdades como balas. Afogada em pensamentos atormentadores, tinha dormido apenas duas horas antes de me transportar para Orbias. E Adam não estava lá, como habitualmente estaria. Esperava não ver a nossa amizade estragada por causa de uma parvoíce daquelas.

Jynx mantinha-se calada e hirta. Lily-Violet provava que a sua personalidade hiperactiva permanecia intacta. Porém, eu não prestava atenção à sua interminável conversa. De vez em quando, acenava com a cabeça e ouvia frases muito soltas e sem sentido. Segundo tinha percebido, o regente de Koboltz era um «interesseiro ganancioso», apoiante de Riddel, mas tudo porque ela oferecia orbes à cidade em troca de apoio nas eleições. Ela iria assistir ao teatro itinerante a convite dele com toneladas de orbes na bagagem.

Aproximámo-nos de uma montanha cinzenta e rochosa, um autêntico colosso que brotava daquela planície calma até às altas nuvens. Lá de cima caía para um lago uma cascata de água, como um véu cristalino. O veículo abrandou, rodeou lentamente o lago e entrou numa pequena gruta na base. Será que tínhamos de subir aquela enorme montanha a pé?

Assim que deixámos o veículo, desfez-se nos vários materiais que o constituíam. Lily-Violet e Jynx embrulharam-se em mantos negros que escondiam a sua aparência. Eu fiz o mesmo com a minha capa azul, embora estivesse mais descoberta.

– Noemi, vamos fazer o seguinte: como ninguém conhece o teu rosto orbiano, vais ser o nosso pequeno isco. – Lily-Violet riu copiosamente, talvez com a imagem surreal que criou de mim na sua cabeça. – Atrás da cascata há um elevador que nos levará até à cidade. Mas é guardado por um segurança. Como somos um pouco conhecidas em Orbias, vais dizer que somos tuas irmãs e vais levar-nos até ao doutor Filios porque estamos gravemente doentes.

O plano parecia-me estúpido, como num filme de comédia. Mas decidi alinhar. Afinal, não estava no meu território. Seguimos um caminho íngreme que se atrevia a passar por trás da poderosa cascata. Sentia a cara molhada com salpicos daquele vapor. Jynx vinha atrás de mim, completamente atrapalhada a tentar esconder a longa cauda e Lily-Violet simulava que era uma marreca coxa. Era tão paradoxal ela ser tão tolinha com aquela idade e ao mesmo tempo envolver-se em algo tão sério e com alguém tão perigoso!

– Bom dia. Qual é o propósito da sua visita à cidade? – Um rapaz jovem munido de uma lança barrava-me o caminho. Tentava parecer simpático, mas não parava de olhar para as duas criaturas bizarras atrás de mim.

– Bom dia, caro guarda. O meu nome é Cordélia. Vim até à cidade para consultar o doutor Filios. As minhas irmãs estão muito doentes. – Ele curvou-se para tentar ver a suas caras escondidas pelo manto, num acesso de curiosidade mórbida.

– Ah, sim? E qual é o problema delas?

– Pele! Muito, muito contagioso. As suas caras foram atacadas por borbulhas cheias de pus. – Ele deu dois passos atrás, completamente enojado.

– Sigam, sigam. Peço-vos apenas para terem cuidado na cidade. Vamos receber a Riddel esta tarde a convite do nosso regente. A cidade vai estar num alvoroço e não convém ter duas pessoas doentes a passear por lá.

– *Uau, Noemi. Estou admirada contigo. Os meus parabéns pelos dotes de representação e improviso!* – Belladonna desatou a rir na minha cabeça como um pequeno duende maléfico.

Subimos para uma plataforma rodeada de orbes coloridos. Dois orbianos recém-chegados subiram também. Tinham *T-Shirts* com a fotografia de Riddel e estavam muito eufóricos com a presença dela lá. Passados poucos minutos, o elevador parou e deparei-me com uma cidade maravilhosa.

Era claramente medieval, quase tão fabulosa e típica dos contos de fadas como Grimmus. As casinhas pitorescas eram robustas e coloridas, com cordas de roupa lavada a ligá-las. Um pouco por todo o lado, havia árvores frondosas, pracetas com estátuas e repuxos. Ao fundo, a olhar para a cidade como um deus dominador, estava o Castelo do regente de Koboltz, um gigante de pedra castanha com várias torres de janelas altas que mais pareciam espadas. A vista do topo da montanha era linda! Estávamos acima das nuvens, mas, através de pequenos buracos entre aquele algodão doce, conseguia ver o mar e mesmo outras aldeias orbianas. Enquanto caminhava, sentia o aroma a lenha acabada de queimar nas lareiras.

Tal como em Marblia, a cidade estava em festa. As pessoas estavam felizes e agitadas e por todo o lado se estendiam cordas com bandeiras e cartazes a anunciar o espectáculo teatral e a presença de Riddel. Atracados numa das torres do Castelo estavam dois barcos voadores, os mesmos de Marblia. Eram o transporte de Riddel e dos seus orbes. Perguntei-me se a acompanhavam súbditos ou guardas pessoais. Via-a sempre sozinha...

– Não te distraias. Temos de ir ter com o doutor Filios. – Jynx olhava-me irritada de dentro da escuridão do manto.

Eu julgava que elas estavam a inventar quando referiram aquele doutor. Afinal, ele existia mesmo. Ao entrarmos na sua casa, Lily explicou-me que ele era uma espécie de contacto na cidade, um médico iluminado que conseguia ver para além da aparência de Riddel. Era um homem charmoso, com um grande porte e um aspecto nórdico.

(Bem, isto pensando nos terrestres.) Lily e Jynx tiraram os mantos já lá dentro. Não pude deixar de reparar no brilho dos olhos desta quando falava pessoalmente com ele.

– Foi o médico que a tratou depois do que aconteceu em Deep Hollow. Têm uma relação... especial. – Lily soltou um riso malandro.

– *Olha, afinal há um coração no meio daquele veneno todo. É pena, um médico tão giro não me iria escapar*. – Corei com o comentário de Belladonna. Tinha de ter cuidado com as minhas reacções porque ainda não lhes tinha revelado a presença das almas de Lorelei e Belladonna dentro de mim. Jynx e Filios vieram ter connosco.

– Noemi, eis o que se vai passar. Quando o espectáculo começar, a populaça e a Riddel vão estar distraídos com a actuação. Nós as três vamos aproveitar e vamos infiltrar-nos no castelo e subir até à torre onde está a doca dos barcos voadores. Depois, é só instalar lá estas duas bombas. – Ela colocou em cima da mesa dois aparelhos que me lembraram a bomba deixada por Rouge e Richart na fábrica de orbes. – Tu ficarás com uma delas e a Lily com a outra. Uma vez que conseguem voar, se alguma coisa correr mal, podem fazer uso das vossas asas. Eu ficarei à porta da doca para evitar que alguém apareça. Bem, o espectáculo está prestes a começar. Vamos à nossa missão? – Um raro sorriso apareceu em Jynx. Mas não era genuíno, tinha intrínseco um desejo de vingança cega em relação a Riddel.

– *Noemi, continuo com um mau pressentimento em relação a isto*. – Quando Belladonna falava assim, nunca era bom sinal. Porém, ao ouvi-la, só conseguia pensar no facto de Lorelei teimar ainda não falar comigo.

\*

Estávamos as três escondidas no telhado vermelho de uma casa velha. Dali conseguíamos ver tudo o que se passava na grande praça que antecedia as altas portas de madeira do castelo. Próximo, estava instalado um palco onde teria lugar a representação. Lily emprestou-me uns binóculos. Apontei-os para uma bancada lá no cimo do castelo. Num alto trono ao centro estava Riddel, fria e exuberante, como sempre. Do seu lado direito, estava alguém que nesta altura já não me surpreendia que estivesse viva: Elena. Parecia a mesma adolescente irritante de há um ano. Ao pé dela, estava Rossini, o jornalista travestido de Orbias, e, do lado esquerdo de Riddel, um homem tão gordo que mais parecia gelatina rosada. Tinha compridos cabelos castanhos e abanava-se com um leque de plumas. Falava alegremente com Riddel, mas esta não lhe prestava a menor atenção. Esperava que ela não me reconhecesse ou haveria problemas.

O teatro começou ao som de cornetas. O vasto público aplaudiu e assobiou o início daquele espectáculo. As grossas cortinas vermelhas deslizaram para revelar um cenário de papelão colorido e personagens exageradamente caracterizadas. Era uma espécie de teatro burlesco, com a mesma estética do cabaré de Dark Versalia, mas com uma história, música e personagens de um surrealismo medieval.

Jynx acenou-nos e descemos do telhado por umas escadas de corda até uma rua estreita e escura. Corremos por aquele labirinto de nevoeiro. Por vezes, tinha de inspirar com mais intensidade para compensar o ar rarefeito da montanha. Rodeámos o castelo até encontrarmos um buraco na sua muralha imperfeita. Era suficientemente grande para nós, embora tenha ficado suja e cheia de arranhões ao passar por ele. Já dentro do castelo, corremos sorrateiramente por umas escadas em espiral. Estas subiam pela torre lateral onde estavam atracados os barcos carregados com os orbes. Eram tantas e tão íngremes que comecei a ficar tonta e cansada muito depressa. Quando chegámos ao topo, fomos surpreendidas por dois guardas à porta da doca. Tão célere como um verdadeiro escorpião, Jynx deixou-os inconscientes com um simples golpe da sua cauda metálica.

–Vou ficar aqui a guardar a entrada. Avancem para os barcos.

Eu e Lily corremos em direcção aos grandes barcos de madeira, que tinham a particularidade de voar graças aos poderosos orbes instalados no seu exterior. Não podíamos perder tempo se queríamos que a missão fosse bem-sucedida. Lily-Violet entrou disparada no primeiro barco. Corri até ao outro para deixar lá a bomba que trazia na mochila às minhas costas. Felizmente, não havia mais guardas por perto. Era o crime perfeito, pois ninguém esperava que alguém o fizesse.

– *Noemi, olha ali, não é o Sebastian?* – Lorelei assustou-me no meio daquelas descargas de adrenalina pura. Finalmente, falava comigo. Mas o Sebastian, ali?

Numa das saídas da doca, que dava para o interior do castelo, vi passar um homem que tive a certeza ser Sebastian. O que iria eu fazer? Avançar com a bomba ou perseguir Sebastian? O espectáculo tinha começado há pouco tempo, pelo que iria demorar, e ele era a verdadeira razão para eu estar ali. Tinha de segui-lo; podia concluir a missão mais tarde. Corri na direcção do homem quando ele desapareceu na penumbra dos corredores de pedra. Sem saber se realmente era ele ou para onde se dirigia, continuei a seguir o som dos passos. Cada vez mais me embrenhava no interior daquele castelo tenebroso, e nada de Sebastian.

– *Ali, ele vai entrar ali dentro*! – Belladonna avisava-me da presença dele perto de uma porta ornamentada.

Chamei-o. No preciso momento em que cheguei ao pé dele e ele se virou para mim antes de empurrar a porta, percebi de imediato que não era Sebastian, mas um homem muito parecido. O desapontamento tomou conta de mim.

– Mia? És mesmo tu, meu amor! – O homem abraçou-me com uma intensidade apaixonada. – Pensei que estavas morta! A Riddel sempre me disse que tu estarias viva, mas nunca acreditei. Que bom que sobreviveste ao ataque do Sebastian.

Era o pior cenário possível. Um orbiano tinha reconhecido a rapariga a quem eu tinha roubado o corpo. O facto de lhe ter atribuído um nome e um suposto romance, garantiu-lhe uma humanidade que me destroçou a alma. Nunca tinha pensado na rapariga para além do seu corpo. Ao tomar consciência de que ela tinha uma vida antes do desprendimento da sua alma e que eu tinha furtado o seu corpo enquanto a sua alma andava perdida por aí senti-me pessimamente, tão mal como se eu própria a tivesse matado.

– Não me reconheces, amor? Sou eu, o Gabriel. – Eu não sabia o que dizer, estava bloqueada pela percepção do meu acto horrendo. Quase sentia que tinha as mãos manchadas de sangue.

– Gabriel, com quem estás a falar? Estamos a tentar apreciar o espectáculo.

A voz gélida que veio do outro lado da porta era inconfundível e aterrorizadora. Eu tinha entrado directamente na toca do lobo. A porta abriu-se e o meu grupo de inimigos olhou para mim, aturdido. Riddel olhava-me com o mesmo desprezo frio de sempre, mas, desta vez, com um certo gozo patente na sua boca cerúlea. O seu olhar saltou da minha mochila e novamente para a minha expressão de terror. Ajeitou a sua grande coroa com as suas garras de gelo e sacudiu as tranças brancas.

– Rossini, por favor. Filma aquela rapariga. Quero que todos os orbianos conheçam a cara daquela que tentou assassinar a grande Riddel, representante da Deusa em Orbias, a Guerreira da Omnisciência. – Ele apontou para mim uma câmara com um prazer psicótico. – Gabriel, Elena, sabem o que fazer. – Elena prontificou-se para me atacar, enquanto o rapaz, Gabriel, estava confuso quanto ao que deveria fazer.

– *Noemi, foge!!!* – Preocupada, Belladonna gritou do fundo da minha mente. Foi o impulso necessário para eu juntar as forças necessárias para me virar e desatar a correr como se estivesse a escapar de uma explosão.

Corri pelo castelo sem saber para onde ir. Por mais que tentasse arranjar uma solução para o que se estava a passar, não conseguia encontrar uma resposta. Ouvi os passos acelerados de Elena atrás de mim, sedenta da minha morte. Uma violenta explosão lá fora fez as paredes e o chão estremecerem, tanto que até me desequilibrei e caí. Os gritos de pânico confirmavam-me que Lily tinha cumprido a sua missão de explodir um dos barcos voadores. Aproveitei o facto de Elena também estar caída no chão e continuei a correr erraticamente. Alcancei umas escadas em espiral e subi-as duas a duas, ignorando que no topo daquela torre eu não teria saída possível.

Uma mão fina e fria agarrou-me no pulso. Era ela! Mas antes que tivesse tido tempo para me defender, ela foi puxada para trás pela cauda verde de Jynx. Junto a ela estava Lily-Violet. Elas tinham aparecido para me salvar, como duas autênticas amazonas.

– Estúpida! Porque não fizeste o combinado? Estragaste o nosso plano e ainda foste ao encontro do inimigo! Sabia que não podia confiar em ti! – Ela gritava comigo ao mesmo tempo que tentava imobilizar Elena. Apesar de fortemente irritada comigo, notei um certo deleite vingativo por estar a sobrepor-se à rapariga loira.

– Noemi, porque fizeste isto? – Lily estava desiludida. Subitamente, o pânico trespassou-lhe a cara quando olhou para o corredor de onde eu tinha vindo. – Corre! Salva-te! – O seu corpo elevou-se no ar e começou a sentir dores insuportáveis devido aos golpes perfeitos que a fantasmagórica e súbita Elena lhe desferia.

– Lily, não!

–Vai, precisas de te salvar! Conseguimos explodir um barco, já foi bom! – Mesmo com dores, ela ria como uma louca. Quis ajudá-las, mas achei melhor continuar a fugir pelas escadas, confiante de que conseguiriam libertar-se.

Atrás de mim, ouvi o som do combate, gritos e destruição. Estava aterrorizada quando abri a porta da torre, de rompante. Tinha chegado à mais pontiaguda e alta torre do castelo. Conseguia ver toda a extensão da cidade em alvoroço lá em baixo, bem como as nuvens que rodeavam a montanha onde estava. Tinha de me transformar em Guerreira para voar dali. Quando comecei a remexer na mala em busca do último frasco de magia, alguém me pontapeou, fazendo-me deixá-lo cair o último frasco lá para baixo.

– Nunca pensei que fosses capaz de me fazer isto, Mia. É a Riddel, o futuro de Orbias. Como pudeste deixar-me para encabeçar o assassinato de uma pessoa tão gloriosa? – Gabriel postava-se à minha frente, desiludido. A espada que empunhava indiciava o seu desejo de me matar. Acreditava que Riddel lhe tinha feito uma lavagem cerebral só para me afectar. A ausência de escrúpulos permitia usar o sofrimento de um rapaz que nada tinha a ver com aquela guerra. – Eu não queria fazer isto, mas não me deixas alternativa.

Fechei os olhos em antecipação do golpe mortal. Estava a tentar concentrar-me para transportar a minha mente de volta para a Terra e despedir-me definitivamente daquele corpo. Tinha sido a responsável por aquela trágica história de amor quando eu própria estava a tentar resolver a minha. De súbito, alguém gritou para nós do telhado da torre. Era Sebastian! Saltou de lá e apertou o pescoço de Gabriel com uma força sobre-humana. Aproximou a boca da de Gabriel e eu soube o que ele ia fazer.

– Sebastian, não! – Agarrei-lhe no braço. Não era capaz de ver ainda mais morte entre aquele casal.

– Ele tentou matar-te. E eu ainda estou curioso para saber o que és. Preciso de lhe arrancar a alma. – A violência das suas palavras era atroz. Nem consegui perceber o seu significado real.

Gabriel estava a sufocar. A sua alma estava prestes a ser arrancada e eu tinha de agir. Tinha de impedir aquele massacre cujo responsável era o meu amor. Arrisquei uma medida drástica! Puxei desesperadamente o braço de Sebastian e atirei-me com ele do alto da torre do castelo, perante o olhar chocado de Gabriel. Sebastian era eterno, conseguiria sobreviver àquela queda fatal. O corpo de Mia provavelmente morreria, mas eu tinha decidido sacrificá-lo para salvar Gabriel. Certamente, seria o que Mia teria feito, por amor a ele.

O corpo de Sebastian separou-se do meu com dramatismo. Quis alcançar a minha mão, mas acabou por se perder no meio das nuvens brancas. Deixei cair a mochila com a bomba. Eu iria morrer não tardava, tinha de transferir a minha mente já. Todavia, quando me preparava para desligar, senti o meu coração ferver e um brilho puro rodear-me. O guincho de um cavalo anteviu a chegada do meu Ente Padroeiro, que cavalgava em pleno ar e que me apanhou nos seus braços antes de eu tocar o solo. Sorriu para mim e continuou a galgar pelas nuvens até chegar à embarcação voadora, que eu deveria ter explodido, e que agora se afastava de Koboltz.

– Porque me estás a levar para o barco? A Riddel deve estar lá!

Ele continuava a sorrir para mim e eu percebi que era uma boa forma de me redimir perante Lily e Jynx. Era o momento ideal para espiar a minha inimiga. O melhor ataque é feito de surpresa. O Ente e o seu cavalo pousaram habilmente na parte de trás do grande barco de madeira e evaporaram-se em mil partículas douradas. «Vou descobrir quem realmente és, Riddel», pensei.

Memórias

Abri a pequena porta, receando que fosse apanhada por alguém. As minhas botas faziam ranger o soalho de madeira, pelo que tive de tentar ao máximo ser silenciosa. Porém, não me pareceu haver tripulantes a bordo. Havia imensas caixas de orbes mágicos por todo o lado. Era estranho o silêncio lá dentro. Julguei que ia ouvir o barulho mecânico de um motor, mas, como a energia que fazia o barco voar estava na magia, apenas ouvia o vento lá fora.

Sondei as várias cabinas em busca de algo ou alguém. Subitamente, ouvi uma música muito triste ao fundo de um corredor. Parecia uma música clássica, tocada por um piano nostálgico. Saí para o convés e segui o som desconsolado, deixando o meu vestido fluir com o vento. A música vinha do interior da cabina do capitão. Procurei uma janela que me deixasse espreitar lá para dentro.

Riddel estava no interior, sozinha. Deixei-me ficar ali, estranhamente atraída por ela e pela música. Estava mesmerizada pela melodia, por isso, não conseguia sentir receio de ser apanhada, como tinha acontecido em Dark Versalia e Koboltz. A sala estava quase desprovida de mobília. Havia apenas uma cadeira, vários quadros espalhados no chão e um gramofone antigo de onde vinha a música. Em todos eles parecia figurar Riddel, mas em épocas diferentes. Uma pintura com vestes medievais, outra com um vestido vitoriano lindo, uma fotografia num estilo da moda dos anos 20 e outra com um aspecto moderno do século XXI. Tudo exibia referências culturais da Terra e ela própria tinha um aspecto humano, nada da escultura de gelo que ela era. O que queria aquilo dizer? Riddel também era eterna?

Uma porta bateu ao fundo do barco. Era Elena que se aproximava. Escondi-me imediatamente atrás de um barril de orbes, logo ali perto. Ela entrou na cabina de Riddel.

– A Noemi? – A voz de Riddel parecia mais distante do que o habitual gelo sarcástico, como se estivesse perdida nas suas memórias.

– O Gabriel viu-a atirar-se da torre com o Sebastian. Claro que nenhum dos dois morrerá, visto que o Sebastian é eterno e aquele não é o corpo dela. – Elena parecia uma adolescente mimada a falar.

– O Sebastian apareceu em Koboltz? Ele está a ficar descontrolado. Não contava com a presença da Noemi cá. Porque é que ela tem de estragar sempre tudo? Como é que uma rapariga tão fraca conseguiu ganhar tamanho domínio sobre o seu poder em tão pouco tempo? Tenho de tomar medidas urgentes. – Voltou a submergir nos seus pensamentos. Tentei ler o que estava a pensar, bem como o seu estado de espírito, mas era inútil. Era como se ela própria fosse gelo. Hesitante, Elena atreveu-se a falar.

– As outras duas conseguiram escapar, embora eu tenha deixado a Jynx gravemente ferida. O Gabriel foi atrás delas, mas ele estava muito abalado quando viu o corpo da sua namorada.

– Ele é só uma marioneta no propósito de atacar as emoções da Noemi. Quanto às outras duas, deixa-as. Ainda podem vir a ser muito úteis. A melhor forma de atacá-la é através daqueles que lhes são mais próximos. Alguma notícia do Merovingian?

– Ele continua infiltrado no grupo terrorista do Iraque. Se tudo correr bem, vai conseguir incentivá-los a explodir uma bomba na Embaixada britânica. Agora, se me permite, vou para o meu quarto. – Elena saiu da cabina e flutuou no seu vestido branco até à outra extremidade do barco.

Que conversa era aquela de explosões no Iraque?! Como era possível Riddel manter contacto com Merovingian na Terra e estar envolvida em acções tão... terrestres? Algo de errado se passava ali. Sentia que estava a presenciar algo maior e mais grave do que simplesmente a tentativa de uma mulher poderosa para governar Orbias. O meu coração batia com tanta vivacidade que via o meu peito a latejar. Fiquei com um súbito temor de estar tão perto dela. Porém, um impulso sádico de permanecer ali e espiá-la a sofrer apoderou-se da minha razão.

O disco no gramofone chegou ao fim, criando uma chiadeira arrepiante. Riddel levantou-se e pô-lo a tocar desde o início. A trágica melodia voltou a inundar a cabina de nostalgia. Ela remexeu nos vários quadros de si que por ali havia e tirou um especial. Era o quadro de um homem, uma pintura de Sebastian. A sua beleza e jovialidade estavam intactas, apesar do vestuário ao estilo da época: camisa branca abotoada, laço e colete pretos e risco ao lado no cabelo castanho. O pintor tinha captado na perfeição a intensidade dos seus olhos negros.

Riddel olhava para a imagem de forma estranha. Uma mistura de dor e ternura. Nem parecia ela, tal era a profundidade das emoções que lhe passavam pela face. De repente, o seu corpo gelado derreteu e a Riddel humana voltou a aparecer perante os meus olhos, passado tanto tempo. Ela chorava enquanto olhava para a imagem de Sebastian. Pela primeira vez, e apesar das suas emoções serem dirigidas a Sebastian, senti compaixão pelas lágrimas dolorosas daquela mulher. Por alguma razão, senti que devia deixá-la sozinha. Além do perigo da minha presença ali, sabia que não ia descobrir mais nada.

Retirei alguns orbes do barril ao pé de mim e parti um deles, o que produziu um som oco. Bebi um pouco da magia líquida que estava lá dentro e transformei-me em Guerreira. Acautelando o barulho que poderia fazer, atirei-me do barco. Nunca tinha voado tão alto, por isso, deixei-me cair como um peso morto, atravessando nuvens cinzentas, sentindo o ar frio cortar-me as partes nuas do corpo. Felizmente, a velocidade do vento fazia-me chorar. Podia descarregar todas as emoções acumuladas, sem que parecesse fraca a mim própria. Mais próxima do solo, comecei a bater as asas de Anjo até aterrar graciosamente numa planície de formosas papoilas.

Comecei a sentir-me exausta. Não fazia ideia de onde estava nem queria pensar muito sobre tudo o que se estava a passar. Alcancei uma espécie de oásis naquela infinidade de terra plana. Uma velha árvore oca sobrepunha-se a um pequeno lago sujo rodeado de arbustos. Entrei dentro da árvore e encolhi-me num canto. Ia deixar o corpo descansar enquanto tratava das coisas na Terra. Estranhei Lorelei e Belladonna não terem falado durante todo o tempo em que estive no barco, mas calculava que elas não soubessem o que dizer depois do que presenciaram. Esfreguei os braços carinhosamente, como se estivesse a tratar de uma amiga. Até logo, Mia.

Fantasma

Adam estava na cozinha a beber água. Fiquei bastante feliz por tê-lo ali depois do beijo, mas não tive coragem de me levantar. Continuei a fingir que estava a dormir, remoendo na minha cabeça uma boa forma de conversar normalmente com ele.

– Não sejas parva. O rapaz está ali à tua espera, teve coragem *para voltar cá. Ainda por cima, está particularmente giro, hoje*. – Belladonna riu devassamente. Era incrível como ela conseguia injectar as suas frases com alguma conotação sexual.

Segui o seu conselho e levantei-me da cama para ir ter com ele. Ele ficou nervoso quando me dirigi até si e lhe agarrei na mão. Olhei-o nos olhos sem medo e sorri.

– Está tudo bem. – Aquela frase tinha subentendidas milhões de palavras sobre os sentimentos que ele nutria por mim e o que pensava disso.

–Tiveste febre e o teu corpo esteve agitado. – A sua voz saía num sussurro, como se tivesse receio de acordar os monstros no apartamento.

– Sabia que ias estar aqui para cuidar de mim. Confio em ti.

Deixei-me ficar ali a olhar para os seus olhos, estranhamente descontraída com a tensão que se adensava entre nós. No entanto, não deixava de ser uma relação de pura amizade. A sua respiração quente atingia-me com uma doçura afectuosa que eu quis preservar como uma peça antiga, cheia de memórias de uma amizade especial. Eu estava a mudar e só agora estava a ter consciência dessa mudança. A tímida Noemi estava a amadurecer tornando-se na mulher que eu estava a descobrir agora. Desviei os olhos dos dele, atraída pelo som da televisão. Foi como quebrar uma peça de cristal.

*Acabámos de receber uma informação de última hora: a Embaixada britânica no Iraque sofreu um atentado. Um grupo radical islâmico, sedeado em Bagdade, veio reivindicar o ataque. Não há confirmação do número de vítimas, mas estima-se que dezenas de pessoas estariam dentro do edifício. Continuaremos a acompanhar...*

A imagem de Merovingian disfarçado ao fundo de uma rua cheia de fumo e pessoas em pânico confirmava-me o que eu temia: ele e Riddel estavam mesmo envolvidos em tragédias acontecidas na Terra. A avalanche no monte Icicle também deveria ter sido causada por eles. Mas como? E porquê? O seu objectivo não era separar os mundos? Agora que estavam separados, porque estariam envolvidos em algo que nem sequer tinha relação com Orbias?

– A Riddel e o Merovingian causaram aquilo. E a avalanche também. – Apontei debilmente para as imagens de terror na televisão. Adam engasgou-se com a água.

– O ataque terrorista? Mas como? – Ele fez uma pausa e quase ouvi as engrenagens no seu cérebro. – Eu disse-te que a Riddel era algo mais. Se ela simboliza tamanho perigo para a própria Terra, então fazes bem em preocupar-te também com ela.

Olhei para o apartamento e só agora me dava conta de que tudo estava mais arrumado e limpo. Adam era tão atencioso que até cuidava da minha casa. Senti-me pessimamente por ser tão desleixada. Ele abdicava da sua vida para cuidar da minha como de uma delicada flor. Aliás, eu não sabia como estava a sua vida pessoal para além daquela casa. Afinal, eu era mesmo egoísta... Quando me preparei para falar sobre isso com ele, como forma de compensação, Lorelei interrompeu-me.

– *A festa da Tara começa daqui a pouco. Acho que não devias faltar, é uma boa oportunidade para conseguires trabalhar como jornalista na revista depois do estágio*. – A sua intenção em me ajudar era boa, mas a sua voz era distante. As coisas entre nós ainda não estavam completamente resolvidas, mas fazia-me bem ter uma voz mais «terrestre» na minha cabeça que me fizesse perceber que a minha vida real continuava ali.

– Adam, queres vir comigo à festa da directora da revista onde estou a estagiar? Não queria ir sozinha e sempre era uma forma de nos distrairmos. Que dizes?

Ele pareceu hesitante. Eu sabia que ele odiava festas e saídas à noite, como eu, especialmente um evento repleto de pessoas pertencentes à elite prepotente e preconceituosa da moderna Grand City. Também não tinha vontade de ir, mas seria uma boa oportunidade para Tara ficar interessada em contratar-me. Mais do que isso, estava curiosa para tentar descobrir o porquê da súbita adoração por mim. Já não era ingénua ao ponto de não compreender que por trás daquela simpatia estava algo mais. Adam aceitou vir comigo e eu corri para a casa de banho para me arranjar.

\*

Sabia que Tara vivia numa *penthouse* no prédio mais luxuoso da zona rica de Grand City. Nem sequer precisava de me dar a morada, pois a sua casa vinha estampada nas mais variadas revistas de celebridades. Imaginei que ela e Rossini fariam um par delicioso! Tanto eu como Adam estávamos desconfortáveis com aquele convite para a festa dela. E com todos os problemas com que tinha de lidar, ir a uma festa pareceu-me desapropriado. No entanto, tinha de o fazer pelo meu futuro profissional, por mais que essa prioridade estivesse no fim da minha lista.

Adam tinha vestido um *blazer* verde, de estilo militar, e cachecol. Eu tinha o cabelo ligeiramente ondulado, com uma flor como adorno, e sapatos de salto alto que me torturavam os pés. Vestia também um sobretudo que cobria o meu vestido *babydoll* curto, o mesmo que tinha comprado com Sebastian no Natal em que estivemos juntos. Nunca mais o tinha vestido, pois trazia-me recordações dolorosas dele. Por alguma razão, tive coragem para voltar a vesti-lo.

O porteiro parecia um guarda de um castelo de Orbias. Estendeu um braço e indicou-nos os grandes elevadores dourados ao fundo de um grande átrio ostentoso. Enquanto subíamos, Adam estendeu-me o seu braço e eu passei o meu pelo arco que o meu amigo tinha formado. Parecíamos um casal, mas eu desejava que ele não criasse ideias erradas sobre aquilo. Ainda não tínhamos falado sobre os seus sentimentos e eu não queria que ele entendesse o meu silêncio como consentimento de um amor que não sentia.

Comecei a ouvir uma estéril música ambiente. A porta do elevador abriu-se e revelou uma imensa sala luxuosa e repleta de pessoas pomposas. Parecia quase o baile do Palácio de Pérola de há um ano. No entanto, todas elas estavam vestidas num estilo negro, quase gótico. Aos *smokings* pretos dos homens juntavam-se os longos vestidos escuros, fluidos e rendados das mulheres. Quando entreguei o sobretudo ao empregado de Tara, senti que era a única da festa vestida de branco, uma mancha imaculada naquele mar negro de prepotência. Todos se viraram para mim e, inevitavelmente, senti-me pequenina. Era apenas uma humilde rapariga numa festa de snobes, talvez as pessoas mais ricas e influentes do país. No entanto, elas olhavam para mim com um largo sorriso simpático. Estranho...

Tara surgiu do meio daquela escuridão com a filha atrás de si. Ambas envergavam vestidos de seda pretos que mais pareciam duas nuvens de chuva em plena noite.

– Noemi, querida. Afinal veio! E trouxe um acompanhante. Muito prazer, sou a Tara. – Estendeu-lhe a mão, mas retirou-a imediatamente, mostrando desinteresse por ele. Escolheu agarrar na minha com avidez. – Estávamos ansiosos com a sua chegada. Começávamos a pensar que não vinha. É sempre um prazer receber uma estagiária tão dedicada. Aliás, tenho uma surpresa para si. Por favor, não saia daqui.

Tara desapareceu por entre as pessoas, deixando comigo Alicia que não parava de sorrir como se estivesse a gozar connosco. Intimidada, retribuí o sorriso cinicamente, mas começava a sentir que aquela festa e o comportamento de Tara eram muito bizarros. As pessoas conversavam e dançavam, mas estavam cada vez mais perto de mim, encurralando-me junto com Adam numa prisão claustrofóbica. Olhei aleatoriamente para os que me rodeavam. Apesar de entretidos uns com os outros, pareciam lançar-me um breve olhar interessado.

– *Noemi, querida, vais ter de ter muita calma. Age com naturalidade após o que te vou dizer. Eu já sei de onde conheço a Tara. Ela é orbiana. Pertencia à Sociedade Índigo e era procurada em Orbias por extorsão e assassinato depois da separação dos mundos. Não sei o que ela pretende, mas precisas de sair daqui depressa*. – Belladonna falava-me calmamente para não me alarmar demasiado.

– *Nós achamos que isto é uma armadilha. Agarra no Adam e tenta sair da festa descontraidamente e com um sorriso no rosto. Lembra-te da Sydney Bristow na tua série favorita*. – Lorelei estava realmente preocupada connosco, provando que até as nossas divergências eram ultrapassadas pela forte amizade que nos unia.

Disse a Adam que precisava de sair da festa e apanhar ar. Sempre com um sorriso teatral, agarrei fortemente a mão dele enquanto abria caminho até ao elevador. Ele pareceu confuso com a minha atitude. As pessoas à nossa volta murmuravam entre si com cada vez mais intensidade. Quando estava prestes a chegar ao elevador, reconheci uma cara entre a multidão. Era o detective asiático que tinha encontrado no bar. Tudo fazia sentido agora! Tara era o cliente mistério que me queria impedir desesperadamente de voltar a Orbias. Era demasiado óbvio, ela tinha criado uma vida próspera na Terra, não queria regressar para um mundo onde seria uma fugitiva. Talvez todas aquelas pessoas fossem de lá.

–Vai embora tão cedo, Noemi? Fique mais um pouco. – Tara reapareceu com Alicia e um objecto tapado por um lenço branco.

–Vou apenas lá abaixo um pouco. Estou a sentir-me um pouco febril.

– Logo agora que a verdadeira festa ia começar. – Ela destapou o objecto, revelando um grande orbe verde. Dois homens do público agarraram em Adam e levaram-no para longe perante a minha impo tência. A sua expressão enrijeceu e ficou semelhante à da mesma mulher intrépida que era conhecida em Grand City. – Nós tentámos avisá-la. Sabemos que tem ido a Orbias, podendo abrir um precedente que se pode tornar perigoso para todos nós. Todos nesta sala são orbianos que ficaram presos na Terra quando os mundos foram separados pela conspiração da Riddel. Mas estamos bem assim, não queremos uma nova união. Basta transferir o seu poder da Omnisciência para este orbe e todos ficaremos descansados.

– E se eu não fizer isso? – Tentei parecer implacável mesmo tendo dezenas de pessoas contra mim.

– Bem, você facilitou as coisas. Trouxe um isco consigo. Deve estar a imaginar o que deverá acontecer com ele. Mas não pense que eu sou de ameaças. Parto logo para a acção. Certamente, conheceu a minha irmã em Orbias, a Erzbeth. Pertencíamos à mesma família degenerada, mas acredite que consigo ser mais sanguinária que ela. E se isto se agravar, não terei problemas em pulverizá-la também.

Engoli em seco e obriguei o meu cérebro a engendrar um plano. Lorelei e Belladonna também não me estavam a ajudar, deveriam estar bloqueadas como eu. Adam gemia e debatia-se contra os dois homens fortes que o agarravam.

– Está certo. Vou transferir o meu poder para o orbe. – Agarrei no orbe verde perante o olhar obstinado dela e da filha. Eu sabia que não ia resultar, não era assim tão fácil. Mas admirei-me com a burrice daquelas pessoas. Pedi-lhes espaço com um gesto e fechei os olhos, fingindo que me estava a concentrar.

– *Noemi, tens a certeza do que vais fazer?* – Lorelei estava apreensiva.

Quando senti no ar a expectativa dos presentes, atirei o orbe até Adam e invoquei o poder que estava lá dentro para se transformar numa esfera protectora que o envolveu. Tinha pouca prática com orbes, mas a minha determinação mental tornou fácil a sua invocação.

– Não!!! Esse era o único orbe na Terra! Como foi capaz?!

Vi nos olhos de Tara e da filha os mesmos olhares loucos da psicótica Erzbeth. Ela e os outros orbianos renegados lançaram-se sobre mim para se vingar, como vampiros famintos. Transformei-me imediatamente em Anjo e comecei a lutar contra todos eles. Sentia-me cada vez mais confiante com todos os golpes de combate corpo a corpo que usava graças à minha força e agilidade de Guerreira. Os poderes da Omnisciência e as próprias Lorelei e Belladonna ajudavam-me a tornar os golpes mais eficazes. Um a um, ia derrotando os meus adversários. Tara e Alicia davam-me mais trabalho, pois eram claramente mais fortes.

De súbito, Tara sacou de uma pistola escondida no vestido, destravou-a e apontou-ma à cabeça. Fechei instintivamente os olhos. Ouvi tiros na grande sala, mas não tinham saído daquela pistola. Os orbianos iam caindo mortos no chão, como corvos.

– Não! Afinal ele era um traidor! – disse Tara, aterrorizada.

Tara e Alicia foram alvejadas na cabeça, salpicando-me a roupa com o seu sangue. Caíram completamente ensanguentadas a meus pés enquanto eu olhava para o manto preto e vermelho que cobria agora o chão de pedra. Adam olhou-me, chocado, já fora da esfera onde estava. As luzes apagaram-se. Apenas a luz da cidade lá fora me permitia ver alguma para dentro. Atrás de uma coluna, saiu um vulto já meu conhecido: Merovingian, de pistolas fumegantes em punho. A figura engravatada e sisuda era como um demónio retornado das profundezas do Inferno, sempre muito silencioso. Ainda assim, eram as suas acções inesperadas que me assustavam mais. Eu sabia o que tinha a fazer. Só não sabia se seria capaz de fazê-lo.

– Quem és tu, Merovingian? Quem é a Riddel? – Tentei não deixar transparecer o medo na minha voz. Ele limitava-se a olhar impassivelmente para mim.

– Não podes voltar a Orbias. Nem tu nem ninguém. É um sacrilégio – A sua voz cavernosa parecia ressoar por toda a casa escura. Apanhei a pistola de Tara do chão e comecei a recuar lentamente entre os corpos mortos dos orbianos para chegar até Adam.

– Sabes que isso não vai acontecer. Eu sou uma Guerreira e vou fazer o que for preciso para salvar o Sebastian e combater toda e qualquer ameaça aos dois mundos.

– Vou ter de tomar medidas drásticas. – Ele parecia quase um robô, como o Exterminador Implacável.

– Dá-me tudo o que tens! – Agarrei no braço de Adam e corri cegamente para o corredor profundo da *penthouse*.

Concentrei-me no meu poder interior, desejando ter energias suficientes para sobreviver a Merovingian, independentemente do que ele fosse. Usei o meu poder da Omnisciência para prever os seus ataques e planear a minha defesa, mas era realmente muito difícil ler alguma coisa nele. Parecia uma casca vazia, tal como Riddel e Elena. Obriguei Adam a correr à minha frente para o proteger. Ele desatou aos tiros pelas paredes, tentando atingir-me, enquanto eu corria à frente das balas, a coberto das minhas asas.

Empurrei Adam para dentro de um quarto e tranquei a porta. Ele ficou encostado a um canto, atrás de uma cama de dossel; então virei-me em direcção à porta apontando nervosamente a arma. Nada. Só silêncio. De Merovingian nem sinal. Senti-me num filme de terror. De repente, começou a bater com força nas paredes, como uma assombração. Estava a tentar enfraquecer-nos pelo medo.

– *Vai até ele. Vou tentar usar o meu poder da Morte novamente. –* Belladonna tentava ajudar-me com uma sugestão arriscada.

– Adam, entra dentro do armário e não saias de lá por nada. Eu virei buscar-te depois. – Murmurei-lhe com a mão cravada no seu braço.

Saí do quarto lentamente e, pé ante pé, procurei pelo meu adversário. Encontrei-me de novo no grande salão. Os corpos dos orbianos tinham desaparecido misteriosamente. Só um silêncio trepidante que se abatia sobre mim como uma maldição. Pedi ajuda às Guerreiras para me ajudarem a acalmar naquele momento de tensão.

– *Acalmar... Hum. Like a virgin, touched for the very first time...* – Belladonna começou inesperadamente a cantar a música de Madonna, que tinha ouvido na Terra. O ridículo de cantar alguma coisa, para mais aquela música, numa situação tão séria fez-me ter vontade de esbofeteá-la. Mas a verdade é que estava mais calma, procurando por Merovingian em todos os recantos.

Subitamente, intermináveis disparos choveram sobre mim. No meio da penumbra aterradora da casa, não consegui ver de onde vinham. Corri o mais depressa que pude pela sala com a ajuda do impulso dado pelas minhas asas. Vi-o atrás de uma coluna. Quando estava a escassos metros dele, estiquei os braços e deixei Belladonna tratar do resto. Sabia que ela estava a esforçar-se ao máximo, mas não estava a resultar como da última vez. Merovingian não se vergava. Parti para um confronto corpo a corpo, mas ele desviava-se com uma destreza tal que parecia que estávamos a dançar. Agarrou-me com força no braço quando ia para socá-lo e atirou-me para longe.

–Tu é que quiseste assim, Guerreira.

Merovingian voou até mim com uma velocidade sobrenatural e apertou-me violentamente o pescoço. Enquanto os dedos grandes se enterravam na minha pele, socou-me com a outra mão. O sangue escorreu-me da boca, das feridas abertas na cara, da cabeça. Estava a ficar atordoada com os golpes e sem concentração suficiente para reagir. Porém, senti-me recuperar e as feridas estavam a fechar-se.

– *Noemi, estou a tentar canalizar o meu poder da Vida para ti. Age agora e foge*.

Não pareceu surpreendido com a minha regeneração. Encolhi as pernas e dei-lhe um pontapé na barriga que o projectou para longe de mim. Corri em direcção à grande janela de vidro que dava para a cidade e atirei-me contra ela. Ao fazê-lo, sofri inúmeros cortes, mas bati as asas com impetuosidade para fugir das garras dele. As luzes da cidade deixavam qualquer um ver um Anjo brilhante a voar naquela noite de neve, mas era a minha vida que estava em risco. Não podia preocupar-me com isso nesta altura.

Quando julgava ter-me livrado de Merovingian, ouvi estrondos atrás de mim. Ele continuava a perseguir-me, saltando de prédio em prédio, como um louco. E continuava a tentar atingir-me com as suas balas certeiras. Continuei a voar, agora mais rápido, mas, surpreendentemente, ele conseguia alcançar-me nos terraços dos altos prédios. Uma bala acertou-me na asa direita e perdi o equilíbrio. Sem controlo, caí violentamente num terraço. Num estado de semiconsciência devido ao choque, não conseguia prosseguir a minha fuga. Os sapatos dele ressoaram pelo chão poeirento e senti o toque metálico da sua pistola apontada à minha cabeça. Não podia ser o fim, não podia! Eu era uma Guerreira, não estava destinada a morrer ali. Recusava-me!

– Orbias deixará de existir para a Terra e os dois mundos seguirão o seu rumo em direcção ao abismo. Adeus, Guerreira.

– O meu nome... é... Noemi! – gritei, irritada pela supressão propositada do meu nome.

Um impulso cintilante emergiu do meu corpo. A pistola prateada de Merovingian desintegrou-se em mil partículas. Pela primeira vez, vi o medo e o terror, perpassarem-lhe pelos olhos sem alma. O seu corpo começou a tremer com convulsões impossíveis de acompanhar ao meu olhar. Levantei-me do chão e continuei a concentrar-me no desejo que tinha em matá-lo e vingar todo o sofrimento que me tinha causado. O seu corpo engravatado explodiu como se fosse um balão, espalhando por toda a parte pele e tecido do fato rasgado. No interior dessa espécie de máscara, estava simplesmente magia bruta com a forma de um homem. Continuei a engrandecer o meu poder e aquela magia entrou em ebulição até se evaporar em pleno ar.

Merovingian estava destruído. Eu tinha derrotado aquele ser invencível e tinha adquirido mais uma das qualidades do poder da Omnisciência que Malaquias já me tinha referido: alterar a matéria com a mente. Uma luz brilhante tocou-me na cara. O novo dia estava a nascer. Dirigi-me ao parapeito do prédio, já transformada em Noemi e completamente esgotada. Fiquei a olhar para o despontar do Sol no horizonte, por entre prédios, para lá de avenidas infinitas. A luz encandeou-me, mas era revigorante. Lágrimas cansadas escorreram-me silenciosamente, como dois fios irregulares a percorrer vidro antes de se partir.

– *Estás bem, Noemi? Usaste muito do teu poder. Como conseguiste tornar-te tão poderosa? Não há memória de ninguém assim*. – Belladonna parecia recear falar comigo. Assemelhava-se a uma irmã mais velha com medo de me fazer chorar ainda mais.

– *O Merovingian não era humano. Era como uma marioneta feita de magia. Será que foi a Riddel quem o criou?*

A pergunta de Lorelei era desnecessária agora. Sentia-me estranhamente melancólica, como se tivesse entrado num período de intensa calma após um furacão ter passado por mim. Por dentro sentia que tinha tomado contacto com algo que não era meu, que não fazia parte de mim, como se estivesse a aproximar-me de algo grandioso que seria importante para o desenrolar daquela minha jornada. Era quase como se, cada vez que eu usasse o meu poder da Omnisciência, me sentisse mais infeliz e diferente. O que era aquilo que o meu coração sentia? Que alma era aquela que eu começava a não conhecer?

Jornada

O sol encoberto do meio-dia inundava a planície de papoilas como um manto dourado. Bebi um pouco da água do lago e passei-a pela minha pele. O corpo de Mia era menos resistente às oscilações de temperatura que o meu verdadeiro corpo, mas, felizmente, o clima de Orbias era mais quente. Pelo menos, podia andar livremente de vestido e capuz.

Antes de chegar a Orbias, enclausurada numa espécie de semiconsciência, voltara a ter a visão de Sebastian no penhasco. A sua figuração sistemática na minha mente, até quando estava a dormir, começava a transfigurá-lo num íncubo. Depois da destruição de Merovingian, tinha entrado num estranho período de introspecção. Belladonna e Lorelei falavam comigo, tentando perceber se estava tudo bem, mas eu respondia com monossílabos. Começava a ficar farta de estar sempre acompanhada e a ser constantemente observada. Já não sabia o que era ter segredos ou um simples momento de isolamento.

Quando voltei para o meu apartamento, já Adam estava à minha espera. Assim que entrei, correu para me abraçar. Os seus dedos até estavam feridos com o terrível hábito que ele tinha de roer as unhas. Exausta, deslizei para a minha cama para dormir um pouco, enquanto ele olhava para mim do sofá pouco antes de adormecer também. Ao meio-dia, ele ainda dormia, mas eu decidi transferir a minha mente para Orbias. Caminhava para a verdade a passos largos e, depois daquela noite, não me sentia confortável na insípida Terra.

Olhei em volta para a imensidão da paisagem primaveril em busca de algo que me orientasse. Talvez usasse um orbe roubado do barco de Riddel para me ajudar no caminho a seguir, mas eram tão poucos que tinha de os aproveitar para emergências.

Enquanto puxava pela cabeça em busca de um plano, um ponto negro apareceu no horizonte campestre. Fiquei apreensiva com o que poderia ser. Com a minha sorte até então, podia ser um ogre ou a pessoa mais estranha de Orbias. A figura emitia um brilho de arco-íris que me encandeava. À medida que se aproximava a toda a velocidade, esbocei um sorriso, feliz com a presença de...

– Lily-Violet! Como me encontraste? – Abracei-a, verdadeiramente feliz por reencontrá-la depois do momento difícil no Castelo de Koboltz. Ela riu excentricamente em resposta à minha pergunta.

– Criei uma bússola que encontra quem eu quero. – Tirou do bolso do vestido florido de Fada um objecto redondo feito de madeira e folhas. – O que te aconteceu? Estás a imensos quilómetros de Koboltz!

Contei-lhe tudo o que se tinha passado em Koboltz e no barco voador de Riddel. Além disso, contei-lhe igualmente o episódio da noite passada, na Terra. Ela acenava a tudo o que dizia, mas revelava uma certa imaturidade em entender a gravidade da situação quando se ria de certas situações. Por vezes, era frustrante falar com Lily porque não levava as coisas muito a sério. Mas eu invejava-a por isso. Ao menos os problemas não a afectavam tanto. A felicidade na ignorância...

– E a Jynx, o que se passou com ela? – Fingi alguma preocupação, pois sabia que Jynx se tinha tornado crucial para a minha amiga. Levou a mão à boca e abafou um risinho agudo.

– Ela ficou muito mal depois da Elena a ter atacado, mas dei-lhe uma coça valente para a defender. Voei com ela nos braços até à casa do doutor Filios. Mas como era perigoso ficar em Koboltz depois da explosão e «tentativa de homicídio», criei uma esfera voadora para os levar até Seabeau. E cumpri a minha promessa. Tu ajudaste-nos, por isso, cá estou eu. Sebastian, aqui vamos nós! – Ela esticou um braço e começou a dançar. Não pude evitar ficar contente por voltar a ter aquela companheira de viagem tão positiva.

– Ah, Lily. Há uma coisa que precisas de saber antes de partirmos. Não entrei simplesmente no inconsciente da Belladonna e da Lorelei. – Mordi nervosamente o lábio. – Eu resgatei as suas almas e estão agora dentro de mim. Consigo ouvir as suas vozes dentro da minha cabeça.

– Eu sei. – Fiquei de boca aberta à espera de uma explicação. – Quando nos reencontrámos em Beihat, senti a presença das duas dentro de ti.

– *Então, porque não disseste nada, sua louca?* – Lorelei tirava-me as palavras da boca, embora soubesse que Lily não a ouvia.

– Apesar de não dizer nada, a Jynx sente-se pessimamente por tudo o que fez às Guerreiras. Não quis que ela se sentisse intimidada e aguardei por um momento a sós. – Ela abraçou-se ao meu pescoço e quase me esganou. – Estou tão feliz que as Guerreiras estejam juntas de novo! Tinha tantas saudades! Temos de ir buscar a Rouge também. – Era impossível não ficar enternecida com a ingenuidade dela. Fazia-nos sentir umas crianças inocentes.

– *Ai, minha Deusa...* – Se Belladonna estivesse ali fisicamente, estaria a abanar a cabeça com uma mão na testa, um gesto que fazia quando Lily-Violet dizia uma estupidez qualquer.

– Bem, então, e agora, para onde seguimos, Lily?

Na relva, estendeu um mapa que trazia na bolsa à cintura. Era a primeira vez que olhava para um mapa de Orbias. Havia uma imensidão de locais que ainda desconhecia, mas, no geral, Orbias não era um mundo muito grande. E para além de não ser muito grande, ainda era dominado pela Natureza selvagem. Sendo constituído por um mar vasto e um único continente, percebi de imediato que a Terra teria muito mais densidade populacional. Ela apontou para uma fila de montanhas cerrada.

– Aqui é a cordilheira de Taurus. É o único obstáculo até chegar à região estéril onde se encontra o Farol Velonia. Porém, temos um problema. Quando andei a viajar por Orbias, tentei atravessar a cordilheira. Mas a única travessia, uma caverna gelada, estava bloqueada. Os orbianos acham que as terras do outro lado estão amaldiçoadas. Todos os que viveram naquela zona ou morreram ou fugiram. Há anos que ninguém vai para o outro lado.

– E tu não tens medo de ir até lá comigo?

– Claro que não. Já vi coisas muito piores para ter medo de histórias de folclore orbiano.

– *Pois, é como eu. Acho que ser Guerreiras nos faz ver as coisas com outros olhos. –* Sendo orbiana, Belladonna tinha a mesma opinião.

– Então, e qual é a alternativa?

Lily apontou para uma pequena cidade costeira a nordeste da cordilheira.

–Vamos para Itaishi. Tenho a certeza de que conseguimos alugar um barco lá. Mas preparem-se. Os habitantes dessa região são tão excêntricos como desconfiados. Não vai ser fácil.

– *Mais excêntricos que ela? Vai ser engraçado!* – brincou Lorelei. – Itaishi... Parece um nome japonês. E tu não consegues criar um barco com o teu poder?

Lily baixou os olhos, desapontada consigo própria.

– Por enquanto, não... São criações muito complexas. Levei meses até conseguir criar um veículo simples. Desculpa...

– Não tens de pedir desculpa, está tudo bem. – Levantei-me e apontei para o horizonte. – Agora que está decidido, vamos a caminho de Itaishi!

– *Que belo sentido de orientação, Noemi. Itaishi fica para o outro lado*.

Lily-Violet riu desalmadamente como se tivesse ouvido o comentário maldoso de Belladonna. Quando conseguiu parar, criou um novo transporte para nós. Flutuámos a toda a velocidade pelo impressionista quadro bucólico.

Luxúria

Estava a começar a escurecer, apesar de estarmos apenas a meio da tarde. Durante toda a viagem naquela limusina de árvores, tinha conversado alegremente com as minhas três companheiras. Lily-Violet mostrou-me uma das reportagens de Rossini. De uma forma mordaz, ele retratava-me como a pior assassina, pecadora e ser imoral que alguma vez já tinha existido em Orbias. Com a cara de Mia estampada no vídeo e a minha identidade de Guerreira revelada, ele criava burburinho entre os orbianos e aproveitava esse facto para inverter a situação em favor da «pobre vítima, Riddel». Era exactamente isso que Riddel planeara: denegrir a imagem das Guerreiras para se aproximar do poder.

Parámos no topo de um planalto que dava para o mar. Abandonámos o veículo, que de pronto se desfez, e Lily mostrou-me a cidade lá em baixo. Era basicamente uma cidade portuária, com alguns barcos de madeira a balouçar num pequeno cais. A única coisa peculiar era mesmo o facto de o local parecer uma cidade japonesa, com as casinhas, ruas estreitas, cerejeiras em flor e simplicidade a lembrar o estilo arquitectónico desse país oriental. Afinal, Orbias era mais semelhante ao meu mundo do que eu pensava, como uma réplica onírica do próprio planeta Terra. No horizonte marítimo, avizinhavam-se umas possantes nuvens púrpura. Eu esperava que aquilo não fosse uma tempestade...

– Lily, porque é que as cidades orbianas são tão distintas umas das outras? São tão próximas, mas cada uma com uma identidade cultural tão vincada que nem parecem pertencer ao mesmo mundo – perguntei.

– Eh, não sei bem explicar. Eu acho que é a própria magia. Potencia o que de característico tem essa região e as pessoas que nela vivem. – Achava imensa piada à forma como Lily entortava ligeiramente os olhos quando tentava reflectir sobre algum assunto.

– *A magia é como o sangue bombeado através do grande coração que é Orbias. Ela passa por baixo de nós e liberta a sua influência sobre as nossas almas, criando autonomia e pacificação em todas as povoações de Orbias. Creio que é por isso que as regiões são tão diferentes e com uma falta de comunicação que é aceite por todos. Por isso, nunca tivemos memória de guerras, como no teu mundo, querida. O contacto com a Terra é que veio mudar isso por cá.*

Belladonna era um pouco teimosa no que tocava à Terra, talvez da mesma forma que Lorelei o era com Orbias. Ambas insistiam que cada um dos seus mundos era melhor e que funcionariam muito bem se estivessem para sempre separados. Sabia que, no fundo, não era assim que pensavam. Era só uma forma de defesa em relação ao desconhecido e à mudança quando o mundo contrário ao seu as atraía. Custava-me acreditar que seria a única a pensar que os dois mundos podiam sair beneficiados de uma união. Era contraditório uma Guerreira «destinada a separar os mundos» achar que, apesar de radical, afinal uma coexistência podia ser bastante interessante. Mas não era hipócrita a ponto de pensar que um mundo era melhor ou pior que o outro porque ambos tinham aspectos negativos e positivos. Por exemplo, a falta de comunicação entre as cidades que Belladonna referia era, para mim, um sinal de individualismo. Lily-Violet abanou-me o ombro, ao aperceber-se que eu estava perdida em divagações.

– Noemi... e meninas. Quero que tenham um espírito muito aberto com os habitantes de Itaishi. Já estive cá e eu própria fiquei admirada. São um povo muito difícil.

– Mas... vamos entrar na cidade assim? O Rossini divulgou a minha imagem por todo o lado, vão reconhecer-me como uma assassina.

– Não te preocupes com isso. Os habitantes de Itaishi odeiam o mundo exterior. Estão a borrifar-se para o que acontece fora da cidade. Eu acho que eles nem sequer devem saber quem é a Riddel – disse com uma das suas gargalhadas características.

Anuí, um pouco apreensiva. Se Lily-Violet pedia precaução com eles, então era porque aquela gente deveria ser mais louca do que eu pensava. Descíamos a colina quando as janelas das casas se iam iluminando com a recém-chegada noite. Ao entrarmos na cidade, esperava ver pessoas de raça asiática, e foi isso mesmo que aconteceu. Porém, os seus olhos eram tão rasgados e as expressões tão pesadas que todos pareciam zangados, especialmente com a chegada de duas estrangeiras. Algumas pessoas estacavam o passo para olhar para nós com desdém ou para grunhir palavras num tom irado que eu nem percebia devido ao sotaque cerrado. Havia até quem cuspisse para o chão quando passávamos.

Numa pequena praça, havia uma espécie de mercado nocturno. Algumas bancas com diversas mercadorias e lanternas coloridas abrilhantavam o local. Fui atraída por uns frutos com aspecto suculento e peguei num, inconscientemente. A vendedora, uma senhora suada, de cara achatada e carrapito na cabeça, lançou-me um olhar fulminante.

– Pegar, comprar! – disse ela, num som rouco que veio das suas entranhas.

– Ah, desculpe. Eu não ia comprar, estava só a ver. – Sorri educadamente.

– CooooooompRAAAAAAAAR! – A mulher gritou-me com chamas de ira no olhar. Encolhi-me perante aquela reacção inesperada. Lily veio em minha defesa.

– Não comprar! Fruta não prestar!

Aquela tentativa de comunicação era ridícula. Talvez eles odiassem Orbias ao ponto de nem quererem falar a sua língua. Como Lily já lá tinha estado, talvez aquele tom abrupto fosse a melhor forma de falar com eles. Ficaram para ali assim tanto tempo, a teimar uma com a outra, que mais parecia um disco riscado – «comprar», «não comprar». Parecia uma discussão dos meus vizinhos, também de raças diferentes, lá na Terra. Outros populares juntavam-se à discussão e gritavam com Lily-Violet, apontando-lhe um dedo acusador. Passado algum tempo, ela agarrou-me no braço e levou-me para uma das casas.

– *Credo, ela tinha razão. Estas pessoas são bem mais estranhas do que ela –* disse Lorelei.

Deslizou uma porta de madeira e deixou-me entrar no que me pareceu ser uma estalagem em tons de amarelo. Havia vários colchões no chão, separados por biombos, alguns candeeiros de papel e um par de sapatos abandonados à entrada. Um cheiro intenso a fritos pairava no ar. Um homem baixinho, de quimono e grandes dentolas aproximou-se de nós com um semblante carregado. Mais uma vez, Lily tomou as rédeas.

– Nós querer quarto! – disse, bruscamente, como se fosse uma ordem.

– Não haver quarto! Estar cheio!

Olhei em volta e a estalagem estava completamente vazia. – Então, dizer onde haver barcos! Querer barco!

– Não haver barco! Tempestade no mar! Muito caro e perigoso! – Aqueles berros estavam a deixar-me com dor de cabeça. Com tantos problemas na minha vida tinha agora de me sujeitar àquela situação surreal que mais parecia um programa televisivo de apanhados. Para mais, estava estupefacta com aquela faceta irritada de Lily, que eu não conhecia. Por fim, virou costas ao homem, com um suspiro altivo, e levou-me para a rua.

– Eu avisei-te sobre o temperamento deles. Temos de falar com eles assim ou não conseguimos nada. – Ela parecia feliz com os seus dotes de guia-turística.

– Eu saber onde meninas arranjar barco. – A voz vinha de uma figura duvidosa num pequeno beco escuro. Aproximamo-nos e demos com um jovem muito magro e encurvado a fumar. Tinha a pele descorada e olhos de peixe morto. – Mas ter de pagar.

– Que povo mais ganancioso. – Lily revirou os olhos e tirou um pequeno orbe dourado do bolso do vestido. Os dentes amarelos do rapaz brilharam ao ver a recompensa.

– Só louco ir para mar com tempestade. Morrer logo. – Ele simulou uma pessoa a afogar-se. – Mas, se meninas querer mesmo ir, Hao Shi-Shi ajudar. Ele dono de barco. Ele precisar de meninas todas as noites. Se ser *boas* meninas, ele retribuir favor. – Imitou repugnantemente um acto sexual com uma mulher. Sorriu com o orbe na mão e desapareceu na escuridão.

– *Ah, eu conheço o Hao Shi-Shi! Ele já lá esteve no Cabaret. É um tarado e mau-carácter, mas até é muito divertido!* – Belladonna soltou uma gargalhada.

– Nem pensar. Não me vou prostituir só para conseguir um barco. Preferia mil vezes escavar uma nova caverna com as minhas próprias mãos. – Cruzei os braços com determinação.

– *Quem disse que precisamos de fazer isso?* – Lorelei riu maliciosamente com o plano que já teria engendrado. – *Não te preocupes com nada. Eu e a Belladonna também queremos ajudar, mesmo estando cá dentro. Confia em nós*. – Desataram as duas às gargalhadas. Porque teria eu a sensação de que aquilo não iria correr bem?

\*

A mansão de Hao Shi-Shi era de um vermelho berrante que quase me deixava enjoada. Um homem encorpado agarrou nas cortinas para nos deixar entrar numa sala cheia de espelhos, biombos e plantas exóticas. Lá dentro estavam já alinhadas três raparigas tímidas, escanzeladas e sem qualquer esplendor. Vestiam um quimono e tinham jóias no cabelo preto armado. Com um dom espectacular para beleza e moda, Lorelei e Belladonna tinham sugerido as melhores técnicas para tornar o corpo de Mia numa fantástica mulher sensual. Aliás, apenas me tinham ajudado a potenciar uma beleza que Mia já tinha em si. Olhei para o espelho e nem reconheci aquele novo corpo. Vestia uma curtíssima minissaia rendada, com folhos no interior, botas pretas até aos joelhos e corpete apertadíssimo. O cabelo estava ondulado, preso em cima, e tinha maquilhagem bastante carregada. Sentia-me mal por sujeitar o corpo de Mia àqueles preparos, mas era tudo pela nossa pequena... «missão». Um dia tinha de tentar compensá-la pela profanação do seu corpo, talvez com a devida homenagem e cerimónia fúnebre...

Fomos levadas para um salão onde nos obrigaram a descalçar. Era uma espécie de salão de chá mas cheio de homens. Nós supostamente seríamos uma espécie de gueixas. Ajoelhámo-nos timidamente entre os homens babados e serviram-nos chá, que evitei beber. Lily parecia nem se aperceber que era uma missão de infiltração, pois bebia e ria como se estivesse numa festa, apreciando a música tradicional.

Hao Shi-Shi entrou vindo da porta ao fundo; era um homem obeso, de meia-idade, careca, com cordões de ouro ao pescoço e pele bronzeada, quase laranja. Não parecia da mesma raça que os habitantes de Itaishi. O seu perfume barato era tão forte que me dava náuseas. Quando nos viu entre os homens, muito mais exóticas que as gueixas desenxabidas a que estava habituado, um brilho libidinoso trespassou-lhe os olhos. Sem sequer ligar às outras raparigas e aos outros homens foliões, aproximou-se de mim e Lily. Sentou-se à nossa frente de joelhos e inspeccionou a minha amiga loira como se ela fosse mercadoria. Ela usava um pequeno vestido cor de laranja cintilante e tinha o cabelo apanhado como um ananás. Mas a maquilhagem era exagerada, como a do excêntrico Rossini.

– Hum, muito magrinha. Mas tens um ar maroto que me agrada. Aposto que és uma fera na cama. – A sua voz era nasalada, como a de um monstro constipado. Apalpou várias partes do corpo de Lily-Violet, e ela não se indignou com isso. Porém, pareceu ter cócegas. Depois, virou a sua atenção para mim e eu senti uma descarga eléctrica percorrer-me o corpo todo. A maneira como me olhava intimidava-me. Sentia-me nua. Bem, na sua cabeça, eu estaria.

– Uau, és tão bonita e misteriosa. Pareces um anjo. Adorava desvendar os mistérios desse teu corpinho virginal. – Ele passou a língua pelos lábios e fiz um esforço para não demonstrar a minha repugnância. – É mesmo contigo que vou ficar hoje. As outras podem servir os restantes clientes.

Fiquei azul quando Hao Shi-Shi me arrastou até ao quarto dele enquanto Lily e as outras raparigas ficavam para trás. Era o que pretendia, mas tinha de planear algo para conseguir o barco sem ter de fazer alguma coisa de que me arrependesse. Entrámos no quarto dele, com dezenas de almofadas felpudas numa cama vermelha redonda e estátuas douradas dele próprio. As minhas mãos começaram a suar quando ele se atirou para a cama e deu umas palmadinhas nos lençóis para indicar que me queria ali.

– *Noemi, não estragues tudo! Tens de ser forte e aguentar. Pensa que és a personagem de um filme. E convenhamos, o Hao Shi-Shi não é assim tão ameaçador... Aquilo é só garganta, vais ver.*

Bem, Belladonna tinha experiência naquela área...

– *Queres descobrir a verdade sobre o Sebastian, não queres? E nós queremos os nossos corpos de volta. Por isso, pega em ti, bamboleia-te até à cama e sedu-lo!* – Lorelei parecia uma *madame* a dar-me ordens.

Inspirei fundo e desfilei até à cama, como a actriz que eu não era. Gatinhei até ele e deitei-me a seu lado da forma mais lasciva que soube. Ele salivou, comprovando que eu estava a conseguir ser sensual. Aquela situação lembrava-me o resgate de Rouge e Lily-Violet do predador sexual de Faylinn. Tinha de me concentrar na ideia de que todos aqueles sacrifícios eram por Sebastian, o motivo mais nobre que podia existir na minha vida. Sou a personagem de um filme! Sou a personagem de um filme!

– És tão *sexy*, meu docinho de mel! Há tanto tempo que não tinha uma menina tão deliciosa como tu na minha cama. – Ele fez biquinho, tentando beijar-me, mas interrompi-o pousando um dedo nos seus lábios grossos.

– E eu ansiava deitar-me a teu lado há muito tempo, meu ursinho. Viajei de muito longe só para estar contigo. Os teus dotes são conhecidos por Orbias inteiro. Mas antes, vamos falar de honorários... Preciso do teu barco. – Achei que ser directa era a melhor forma de obter o que queria. Ele pareceu surpreendido.

– E para que queres o meu barco emprestado? Não te chega um punhado de orbes? Não te chega o meu amor?

Afastei a patorra dele antes que chegasse ao meu seio semidescoberto.

– Preciso de chegar ao Farol Velonia e nenhum dos pescadores se atreve a navegar até lá devido às tempestades. Por favor, meu belo Hao Shi-Shi. Prometo que não te vais arrepender. – Passei a mão pela perna, exalando luxúria.

Ele levantou-se da cama e tirou um orbe azul da gaveta, dizendo que era a chave para accionar o seu barco. Abriu o robe e enfiou-o dentro da tanga vermelha justa. Abanou-se todo como se indicasse que, se eu quisesse o barco, tinha de ir lá buscá-la. Que nojo! Eu não ia tocar ali, preferia ir a nado! Mas tinha de ser forte e suportar. Aproximei-me dele, sempre com um sorriso. Pensei em Sebastian, quando este me seduzia. Quando se ia preparar para me apalpar os seios com as duas mãos, soquei instintivamente para o deixar inconsciente. Ele caiu duro no chão, mas, ainda assim, gemia bem alto. Comecei a entrar em pânico, não queria que os criados nos ouvissem.

– *Se queres deixar alguém inconsciente tens de saber fazê-lo ao menos. Não basta socá-lo...* – Lorelei parecia soberbamente desapontada com este contratempo. Comecei a pensar que, no seu íntimo, ela queria ver-me envolvida com aquele homem nojento só por vingança, pensando que eu era a culpada pela sua situação.

Agarrei numa estatueta dourada dele próprio e bati-lhe na cabeça. Desde vez, ele estava mesmo desmaiado. Só esperava não o ter atingido com demasiada força. Sustive a respiração, fechei os olhos e enfiei a mão na sua tanga. Remexi lá dentro em busca do orbe azul e consegui finalmente tirá-lo. Agora só tinha de encontrar Lily e fugir imediatamente para o cais.

Deslizei a porta e fechei-a de imediato quando o guarda, largo como um armário, me lançou um olhar inquisidor. Disse-lhe que o “magnífico” Hao Shi-Shi estava a dormir depois daquele momento escaldante. Com um machismo aterrador, deixou-me ir. Onde estaria Lily-Violet? Procurei pelas várias salas onde homens nojentos conspurcavam os corpos de jovens seminuas com grande deleite. Mas também elas pareciam gostar. Imaginei o êxtase de Belladonna na minha cabeça. Acabei por encontrar a minha amiga Fada numa espécie de bar. Tinha vários copos de álcool vazios à sua frente e dois homens que olhavam gulosamente para o seu corpo juvenil. Lily estava bêbeda! Agarrei-a pelo pulso e disse-lhe que Hao Shi-Shi tinha mudado de ideias e queria passar a noite com as duas. Os homens ficaram desiludidos e Lily soltou uma das suas gargalhadas desmedidas.

Quando chegámos ao grande átrio antes dos seus aposentos, fiz um desvio para a esquerda, no meio de um jardim interior, e saí para fora da mansão. Eu estava literalmente a puxar por Lily, que alternava entre risos e soluços. Aquele dia não podia estar a correr pior... Apressámo-nos por uma ladeira até ao cais, apanhando pelo caminho uma mochila escondida com as nossas roupas verdadeiras. Estiquei o orbe para identificar qual dos barcos seria o de Hao Shi-Shi. Um brilho azulado apontava-me para a última embarcação – pequena, de madeira velha, com uma pequena cabina, mas que ainda assim era a melhor que ali estava. Tal como num barco de maiores dimensões, movia-se pela força de orbes colocados na parte traseira.

Gerou-se um burburinho vindo da aldeia. Os guardas de Hao Shi-Shi corriam na nossa direcção de armas em punho. Dois deles traziam uma cadeira aos ombros onde Hao Shi-Shi estava colericamente sentado com um saco de gelo na cabeça. Alguns populares juntavam-se-lhes e chamavam-nos ladras e assassinas. Peguei em Lily e atirei-a para dentro do barco, fazendo-a rebolar numa confusão de mechas de cabelo loiro. Saltei lá para dentro, cansada com a correria e dando-me conta de que não tinha noção de como fazer o barco funcionar, quanto mais manobrá-lo. Havia um orifício na cabina e enfiei lá o orbe azul. Ouvi os orbes laterais agitarem-se como um motor, mas não saímos do mesmo sítio. E os populares em fúria estavam quase ali para nos maltratar com a sua ira. Porque é que o meu poder da Omnisciência não funcionava em situações como esta?

Lembrei-me de mexer no orbe e o barco pareceu deslocar-se. Afinal, funcionava como uma espécie de *joystick*. Empurrei-o rapidamente para a frente e o barco arrancou, acelerando ao máximo. Lily-Violet foi projectada de novo para trás, mas não parava de rir e gritar como se estivesse num carrossel. O barco ia deixando a bizarra cidade de Itaishi cada vez mais para trás. Ainda conseguia ouvir as injúrias enfurecidas dos seus habitantes, mas suspirei de alívio quando vi que estava livre de perigo. E nem tivera de fazer nada de que me arrependesse nem sujeitara o corpo de Mia a nada de muito pecaminoso.

Navegando paralelamente à costa, dirigia-me agora para o centro da tempestade de electricidade e chuva que antecedia a região inóspita onde se localizava o farol. Estava cada vez mais perto do meu objectivo, mas ainda tinha de enfrentar mais provações, que certamente se atrevessariam no meu caminho. Com Lily naquele estado, tinha de ser eu a conduzir-nos até lá, noite dentro. Só esperava que estivesse tudo bem com o meu corpo na Terra, pois eu não conseguiria voltar tão cedo...

Agitação

Por mais que Adam ou Lorelei me dissessem que estava a ser egoísta e a agir irresponsavelmente, não conseguia deixar de seguir os meus instintos, completamente controlados pelo desejo de voltar a ter o meu Sebastian para mim. Ali estava eu, às voltas num barco como um insecto atordoado dentro de um frasco de uma criança, mesmo sabendo que enjoava em alto-mar. Estávamos as duas fechadas dentro da cabina, abrigadas de uma chuva torrencial que quase perfurava o telhado corroído. A trovoada e os relâmpagos eram tão fortes que quase destruíam a embarcação em mil pedaços. E o mar tormentoso agitava-a e projectava-a pelas ondas, contra as rochas, quase, com uma violência iminente e perigosa. Lily estava embrulhada num trapo velho que encontrara lá dentro, completamente assustada com o arrojo da tempestade. Estava demasiado concentrada em navegar o barco paralelamente às rochas do nosso lado direito e no meio da opressiva escuridão marítima.

Era quase suicídio. Até estava admirada com o facto de Belladonna e Lorelei me estarem a ajudar com o barco em vez de berrarem na minha cabeça o quanto eu era inconsciente e imatura para tomar decisões como aquela com base numa visão do futuro e num homem que eu, no meu interior mais recôndito, sabia não existir mais.

Passado o grande tumultuo da tempestade, a chuva começou a cair com menos intensidade e o barco estabilizou. Aproveitei para descansar um pouco. Estava tão tensa com aquela viagem atribulada que a minha respiração parecia bloqueada a meio da garganta, secando-me a boca. As minhas amigas perguntavam-me insistentemente se estava bem, mas a minha mente começava a turvar-se com tanta confusão e responsabilidade na minha vida. Depois de alguns minutos de silêncio, interrompido apenas pelo tremelicar convulsivo de Lily, Lorelei decidiu quebrar o gelo.

– *Noemi, se chegarmos vivas ao Farol Velonia e ao penhasco da tua visão, o que vai acontecer? Esperas reencontrar o Sebastian num local tão longínquo e inacessível, mesmo quando já o encontrámos tantas vezes?* – Não respondi porque eu própria não sabia a resposta. Era o tipo de pergunta que eu queria evitar colocar, até a mim própria. – *E se o encontrares lá, vais agir da mesma forma que na tua visão?*

– *O que a Lorelei está a querer dizer é que, para acreditares na inevitabilidade da tua visão, também tens de acreditar no destino. E se é assim, então algo vai fazer com que te unas a ele no pior e no melhor*.

Levantei-me do chão e caminhei na pequena cabina, incomodada com aquela canhonada de perguntas difíceis. A fraca luz da única lâmpada tremelicava, dando sinal de estar quase esgotada. Era como a minha cabeça estava.

– Eu não sei se tudo aquilo se vai concretizar. Sinto que é lá que vou obter as respostas para tudo, inclusive para o problema do desprendimento das vossas almas. Eu não me vou unir ao Sebastian em todo o mal que ele tem causado, mas preciso de estar com ele para entrar na sua cabeça e resgatar a sua verdadeira alma, tal como fiz com vocês.

– Não podias ter feito isso das outras vezes que estiveste com o Sebastian? – Lily-Violet tinha razão. No entanto, por alguma razão, eu sabia que não era simplesmente o *estar* com ele. O local onde estávamos e a própria visão tinham importância. Tudo tinha de estar de acordo e em perfeita harmonia para chegar à verdade. Eu sabia-o.

– *Vou ser sincera contigo. A única razão para continuar a apoiar-te nesta loucura é porque me parece que o melhor meio de regressar ao meu corpo é através do Sebastian. Mas continuo a afirmar que vais sair magoada de tudo isto. És a única que ainda não percebeu que o verdadeiro Sebastian já desapareceu. E temo pela tua sanidade mental, ou até mesmo integridade física, quando confirmares isso.*

Estava grata pela sinceridade de Lorelei, mas triste pelo golpe frio que ela usava para atacar a minha esperança enfraquecida. Eu tinha vinte e um anos, e no que tocava ao amor, ainda teimava em pensar como a personagem de um conto de fadas. Tentava convencer-me de que não era assim, mas o meu verdadeiro eu vinha sempre à superfície. Com todo o sofrimento por que tinha passado na minha vida, já deveria encará-la de forma mais realista, com todas as infelicidades e dureza que inerentemente ela trazia. Tinha sido abandonada pelo meu pai e vivido sérias dificuldades económicas devido ao fraco emprego da minha mãe. Na escola, pela minha aparente fragilidade, tinha sido vítima de *bullying*, violência física e verbal, razão pela qual me tinha tornado numa pessoa tão introvertida, fechando-me na minha casca. Ser gozada também tinha feito com que me preocupasse demasiado com o que as outras pessoas pensavam de mim. Tudo o que eu queria era ser aceite pelos outros e, por isso mesmo, tornei-me excessivamente púdica e tímida no que tocava a rapazes e ao sexo.

Havia milhares de raparigas terrestres como eu. No entanto, a entrada de Sebastian na minha vida tinha feito com que florescesse a minha verdadeira essência. O casulo que me envolvia quebrou-se e deixei-o penetrar o meu coração com o seu amor incondicional e milenar. Eu compreendia o que Belladonna sentia quando dançava ou se relacionava sexualmente com os clientes do cabaré. Ou quando Lorelei cuidava tanto da sua beleza e adorava o mundo da moda. Ou até mesmo quando Lily viajava por Orbias sempre com uma valente gargalhada ou Rouge se empenhava na política orbiana. Elas sentiam-se vivas ao fazê-lo! Sentiam-se elas próprias e felizes, completava-as. Comigo era Sebastian que me preenchia. Os momentos mais felizes da minha vida tinham sido passados com ele. Era ingénuo idealizar um amor puro, eterno e verdadeiro. Mas bastava olhar para Sebastian uma vez, mesmo no meio de todas as calamidades em que estávamos envolvidos, para saber que ele era a minha razão de viver. Daria a minha vida por ele. E era por isso mesmo que desbravava os dois mundos em busca do nosso amor perdido.

Lily-Violet saiu do conforto do seu lençol para me abraçar e limpar as lágrimas, olhando-me ternamente. Sabia que não estaria ali sem a ajuda das minhas amigas Guerreiras. Eu percebia agora que elas e Adam eram quase tão importantes para mim como Sebastian. Senti-me pessimamente por não lhes ter dado antes o devido valor. Agora percebia verdadeiramente porque é que todos achavam que era egoísta. Estava tão cega com o meu amor por Sebastian que não via que os meus amigos estavam a sacrificar as suas vidas para me ajudar – na penosa jornada por Orbias até separar os mundos, na terrível ausência de Sebastian, no regresso impossível àquele mundo... Eles estiveram sempre lá para me apoiar. E mesmo que eu tentasse agradecer por palavras, o meu coração estava tão lotado por Sebastian que nem havia espaço para um simples «obrigado» sincero. Ali estava eu, no meio de uma tempestade, deslumbrada com meras suposições, mas elas estavam ali comigo, preocupadas com o meu bem-estar. Era uma pessoa abençoada e, ainda assim, repelia tanta amizade e emoções através da minha estúpida barreira de defesa.

Pela primeira vez na minha vida, agradeci-lhes com um profundo «obrigado», desta vez realmente sentido pelo meu coração. Lily ficou feliz. Senti que, dentro da minha cabeça, Lorelei e Belladonna também estavam emocionadas e conseguiam sentir a minha sinceridade e amor.

Subitamente, algo atingiu o barco. Não era uma rocha, pois, ao olhar pela janela para a escuridão lá fora, consegui ver a costa a alguns metros de distância. Outro choque, desta vez mais forte, quase virou o barco. Fui até lá fora e vi, debaixo da chuva que entretanto voltava a cair com violência, dois buracos no barco por onde entrava água em golfadas. As extremidades dos buracos estavam congeladas. Estupidamente, tentei agarrar em algo que os tapasse ou iríamos afundar-nos rapidamente naquelas águas gélidas e revoltosas.

Virei-me para pedir ajuda a Lily-Violet. Mesmo sem discernir inteiramente, vi que estava acompanhada. O meu coração assombrado quase congelou com a visão de Riddel perto dela. Lily-Violet parecia paralisada perante a presença da nossa oponente. Riddel fixou-me com o seu olhar diabólico e o seu corpo imaterializado foi sugado para dentro da minha amiga Fada, que caiu no chão. Ela tinha entrado na mente de Lily-Violet, tal como tinha feito com Lorelei! Tinha de agir com rapidez. Corri até ao seu corpo inanimado e concentrei-me na sua cabeça. Estava a ser difícil, parecia haver algo que me estava a impedir de entrar lá. Após três tentativas falhadas, deixei os dois corpos entregues à sua sorte no barco a afundar enquanto tentava resgatar Lily-Violet.

Criação

Os meus olhos enevoados viram várias flores ao meu redor. Saltei dali, assustada, e olhei imediatamente em volta à procura de Riddel, mas naquele infinito campo florido e primaveril não se via vivalma. Mesmo sem estarem ali, ouvia pássaros a cantar. Havia uma leve aragem maviosa e o céu era levemente rosado, atrás da neblina. Ouvi uma voz feminina cantar docemente atrás de mim. Era uma mulher com vestido e capa medievais azul-escuros. Por cima de um pano na cabeça, como uma freira, tinha uma coroa de ouro. Ao pescoço usava uma cruz de Cristo, um elemento religioso da Terra que achei estranho ser usado por um Ente Padroeiro. Ela estava agachada e colhia rosas vermelhas de um roseiral viçoso para o seu colo.

–As rosas são tão bonitas na mente da Lily-Violet. Ninguém compreende as flores tão bem como ela. – A sua voz era melodiosa, como a de uma mãe gentil. – O facto de ela permanecer tão pura, sem maldade, torna-as ainda mais virentes. Gosto de estar aqui.

O Ente de Lily-Violet levantou-se e colocou a mão maternal nas minhas costas para que a acompanhasse. Eu olhava em todas as direcções, receosa de um ataque surpresa de Riddel. Parámos ao fundo de uma colina de pequenas orquídeas brancas e lilases. Ela tirou uma das rosas vermelhas do ramo que trazia e atirou-a para o fundo. No local onde caiu, brotaram magicamente do solo duas crianças e uma floresta que continuou a crescer até onde a minha vista alcançava. Parecia um livro infantil cujas páginas abertas formavam uma estrutura mágica de papel. As crianças corriam por ali inocentemente, a brincar, mas afastavam-se cada vez mais, aproximando-se perigosamente da floresta, que crescia como se as fosse engolir. Segui-as com o Ente, pois sabia que aquela era Lily com o seu falecido irmão.

As duas crianças era muito parecidas: loiras, de olhos verdes e travessos, e com aquelas expressões típicas de pequenas reguilas. Eu diria até que eram gémeos, com uns cinco anos. Continuavam a correr aos ziguezagues e rindo muito alto, sem darem conta dos nossos corpos imateriais. À medida que penetravam nas profundezas da floresta eu ia ficando mais assustada e ansiosa com o que poderia ver. Chegámos à malograda casa de doces.

Os meninos arrancavam pedaços da casa e abocanhavam-os com grande gula. Uma figura de negro apareceu, ameaçadora, atrás deles. Os seus passos eram arrastados e empunhava um machado enferrujado. Era a bruxa Marzanna. Nem sequer deu hipótese ao pequeno irmão de Lily. Antes que percebesse, cortou-o violentamente com o metal fatal, mesmo em frente à irmã. Eu levei as minhas mãos à boca para não gritar e virei as costas, não conseguia assistir àquele acto cruel! O Ente continuava a olhar friamente para a cena. Ainda ouvi o som repugnante da carne a ser trespassada. Atrevi-me a olhar para trás, com coragem suficiente para me cingir a Lily. Ela estava especada em frente à bruxa, olhos vazios e vestido salpicado de sangue do irmão. Quando Marzanna terminou, agarrou na mão dela com força e arrastou-a para dentro de casa, juntamente com os restos mortais do petiz.

– A vida da Lily foi marcada pela morte do irmão. Pior do que isso foi ter de viver aprisionada pela mulher que o assassinou. O crescimento de uma criança normal foi afectado por um acontecimento que teve lugar em apenas segundos e que provocou danos irreversíveis na sua personalidade. A Lily que tu conheces não estava destinada a tornar-se numa mulher tão imatura. O seu normal amadurecimento e controlo de emoções foram sendo despedaçados a pouco e pouco pelos anos de traumas e clausura.

Sempre que me encontrava com Lily-Violet, tentava reprimir o pensamento de que ela não era uma pessoa completamente normal. Para mim, ela era apenas uma rapariga alegre, genuína e pura, e dava-me uma vontade inexplicável de a proteger como a uma irmã mais nova. Mas a verdade estava nas palavras do Ente. Lily-Violet já era uma mulher, mas com atitudes de uma criança que foi impedida de crescer devido aos demónios aprisionados dentro de si.

Vendo-me perigosamente pensativa, a mulher atirou outra rosa, desta vez para o céu. Ele ficou negro e as flores da planície fecharam-se. Ouvi um grito estridente de dentro da casa e o som de machadadas escabrosas. Um mar de sangue foi expelido porta fora e cobriu todas as flores adormecidas à sua volta. Lily saiu da casa a correr e a chorar, sujando os pés naquele sangue asqueroso. Jogou-se para o chão e vomitou. Continuou a chorar como eu nunca a tinha visto. Tive um forte impulso de correr para abraçá-la, mas era inútil. Assustei-me quando as plantas à minha volta começaram a mexer-se, mergulhando por debaixo do líquido encarnado, e a dirigirem-se magicamente para perto de Lily. Àquela ténue luz da noite, vi uma infinidade de flores brilhantes e coloridas desabrocharem, entrelaçando-se, multiplicando-se e crescendo como o próprio nascimento de um mundo de sonho. Então, tinha sido assim que a floresta de flores se tinha formado, através do poder da Criação de Lily-Violet.

– Mesmo com o seu poder da Criação a manifestar-se, ela não conseguia desfrutar desse pedaço de magia na sua vida. Marzanna ocupava-se da destruição de qualquer indício de felicidade nesta criança. O Ente atirou outra rosa para as traseiras da casa e brotou de lá Lily-Violet, mais crescida. À sua volta cresceu uma claustrofóbica jaula de flores que nos prendeu lá dentro, mas que simbolizava uma espécie de refúgio para ela. Ela estava transformada em Fada. Pela sua expressão incrédula, percebi que era a primeira vez que o fazia, e nem sequer entendia o que aquilo queria dizer. A bruxa gritou por ela do fundo da floresta. Quando dei por mim já Lily estava de volta às suas vestes rasgadas e sem asas. A bruxa trazia uma mulher desmaiada arrastada pelos cabelos através do trilho de pequenas flores garridas. Entregou a Lily o seu pérfido machado e, com um olhar mecânico que eu não conhecia nela, a minha amiga levantou-o bem alto e estraçalhou a mulher impiedosamente. A sua cara já estava coberta de sangue, mas ela continuava a cortá-la maniacamente enquanto Marzanna ria com prazer.

Agarrei-me à manga do vestido do Ente para fazê-lo acabar com aquela visão do inconsciente de Lily. Eu sabia que ela tinha estado todos aqueles anos prisioneira, mas nunca imaginei que tivesse participado nos crimes da sua raptora. E a forma fria como ela tinha assassinado aquela mulher... não era próprio da minha Lily inocente! Não podia ser! A imagem da irmãzinha alegre e excêntrica que eu tinha dela ficou de repente manchada pelo sangue. Eu queria acreditar que ela era uma vítima, mas ver o que de facto ela fazia só para agradar à sua ama, ainda que de forma inconsciente, era algo que me agoniava. E se ela ainda mantinha os instintos assassinos que duraram tantos anos até aparecermos? E se ela os mantém fechados na sua mente, tal como eu recalco os meus sentimentos no meu interior?

O Ente voltou a tirar as rosas do seu braço, mas desta vez atirou-as a todas à nossa volta. O céu clareou e a casa feita de doces desapareceu, assim como a floresta florida. Por toda a planície de flores e à nossa volta, apareceram cidades de Orbias em miniatura, bem como uma plataforma onde estávamos eu, Lorelei, Belladonna, Rouge, Jynx, Cordélia e um casal que supus serem os seus pais. Uma Lily-Violet, tal como a conhecia hoje em dia, saltitava de cidade em cidade, muito alegre e vivaz. Quando chegava até às nossas representações, dava-nos abraços apertados e felizes.

– Quando os mundos foram separados, a Lily-Violet sentiu-se perdida. Mas encontrou uma forma de compensar o grande vazio que sentia dentro de si. Decidiu viajar e conhecer o mundo que a tinha rejeitado durante a infância e a adolescência. Isso ajudava-a a crescer e a controlar as suas emoções. As memórias dela com as Guerreiras e a improvável amizade com Jynx também a ajudaram a tornar-se uma pessoa melhor e mais equilibrada. Perante todas as adversidades da sua vida, a Lily conseguiu encontrar a fugaz semente dentro de si que lhe permitirá ser uma pessoa mais equilibrada e recuperar de todos aqueles acontecimentos traumáticos.

Sorri para o Ente, contente por ser parte integrante dos elementos que faziam Lily tornar-se numa pessoa melhor e tão forte que seria capaz de superar a perda do irmão e a inocência perdida da infância.

De súbito, as flores à nossa volta começaram a murchar. As cidades em miniatura começaram a desmoronar-se em escombros cinzentos e as representações das Guerreiras esvaneceram-se como vapor. O céu encheu-se de nuvens escuras que começaram a lançar trovões por toda a planície.

– É a Riddel, ela entrou na mente de Lily-Violet para destruir o seu interior. – Adoptei uma posição defensiva. Tinha-me esquecido de Riddel ao observar todas aquelas memórias íntimas de Lily. Sabia que o Ente tinha noção de quão ameaçadora era a nossa inimiga.

Um buraco abriu-se no solo à nossa frente, derretido como plástico quente. Riddel emergiu dele a flutuar, como uma rainha infernal. Olhava para nós as duas com uma ira que contrastava com o sorriso triunfante. Eu e o Ente estávamos tensas e preparávamo-nos para atacá-la, mas fomos surpreendentemente ultrapassadas pela representação física da Fada Lily-Violet no seu inconsciente. O Ente pareceu confuso. Não era possível alguém ter controlo suficiente sobre o seu inconsciente de forma a defender-se de possíveis ameaças. Mas lá estava Lily a lutar contra uma surpreendida Riddel.

–Vais ter de levar a Lily para fora da sua mente, tal como fizeste com as outras. Não há hipótese. – Como é que o Ente sabia daquilo? Não questionei a sua ordem e apressei-me a agarrar em Lily-Violet, enquanto o Ente tentava distrair a mulher de gelo com rosas recém-criadas nas suas mãos brancas.

Corri com uma psicótica e raivosa Lily-Violet pela mão através de prados de flores mortas. Começou a chover torrencialmente e eu continuava a correr sem destino, como uma louca. Não me atrevi a virar-me para trás enquanto ouvia o som de calamidade do combate entre Riddel e o Ente. Era tal e qual o que tinha acontecido na cabeça de Lorelei e dei por mim a pensar que os Entes Padroeiros tinham uma espécie de relação com a verdadeira identidade de Riddel, e até de Sebastian. O som de fendas a abrirem-se no solo e de trovões retumbantes aproximavam-se de nós.

Puxei Lily contra mim e fechei os olhos enquanto tentava fazer com que a sua alma entrasse dentro de mim. O seu corpo começou a fundir-se com o meu e sentia cada vez mais a presença de uma terceira entidade dentro da minha cabeça. Quando ela desapareceu para dentro de mim e me preparava para sair dos escombros da mente de Lily, Riddel apareceu à minha frente.

– Não vais conseguir fazer o que pretendes, nunca permitirei. Vou perseguir-te para sempre e vais desejar nunca ter saído da Terra.

Uma sucessão de flashes lançou-me para fora da cabeça de Lily. Quando dei por mim e senti que estava dentro do corpo de Mia de novo, senti-me sufocar com a água salgada na minha boca. Estava a balouçar violentamente nas ondas do mar tumultuoso, debaixo da intensa tempestade. O barco tinha acabado de se afundar e eu só pensava encontrar o corpo de Lily.

O som de gelo estilhaçado fez-me olhar para cima. Riddel estava a pairar no ar e agarrava no corpo inanimado de Lily. O que quereria ela com o corpo da minha amiga? Tentei procurar o frasco de magia para me transformar em Anjo, mas, antes que o fizesse, já Lorelei usava o seu poder da Vida através de mim. Riddel foi atingida por densas colunas de água, no entanto, não a demoveram. Quando a água voltou a cair para o mar, já Riddel tinha desaparecido com a minha amiga. Gritei de raiva e frustração, tentando libertar-me das garras do mar negro. Uma onda mais forte lançou-me contra uma rocha. Levei a mão à cabeça e vi que estava coberta de sangue. Fiquei repentinamente muito tonta e a ver tudo ainda mais escuro do que estava. Desmaiei.

Farol

A visão, a terrível visão que me tinha lançado para aquela aventura dolorosa. Frequentava os meus sonhos como um convidado indesejado. Martelava o meu inconsciente com dúvidas existenciais e falsas esperanças. Tantas almas sacrificadas no caminho, tantas feridas provocadas pela minha cega perseguição. E tantas questões escondidas nos seres mais vis que tinha conhecido.

A luz do Sol surgindo detrás das fantasmagóricas nuvens cinzentas atingiu a minha cara magoada. Estava de braços abertos e virada para o céu, como se tivesse sido crucificada. Parecia que me tinham atirado com milhões de pedras e o ardor salgado da água massacrava-me a garganta. O corpo de Mia estava salvo. Mas o mesmo não podia dizer do corpo de Lily-Violet. Arrependi-me profundamente por não ter assassinado furtivamente Riddel quando a tinha espiado no barco. No entanto, talvez até não fosse possível. Ela era como uma gripe de Inverno: dura, imbatível e frequente.

– *Noemi, por favor, manda a Lily calar-se. Os meus ouvidos estão quase a explodir com ela aqui...* – A presunção de Lorelei era contrária àquele meu estado de espírito.

– *Ai, Lorelei. És tão rabugenta. Sabes, vais ficar com rugas muito cedo. E se juntares a isso as gordurinhas que acumulaste... Mas estou tão feliz por te reencontrar!* – Lily desatou a rir com Belladonna, que se juntava à gozação de Lorelei.

– *Eu não estou gorda! Ai, que irritação, Lily-Violet! Noemi, porque é que tinhas de a trazer para dentro de ti? Eu tinha-a deixado morrer às garras da cabra de gelo!* – disse Lorelei como uma menina mimada a fazer queixinhas. Eu sabia que estava a ser irónica.

Comecei a rir de Lorelei também, mesmo deitada na areia molhada. Sabia como ela ficava afectada com os comentários maldosos de Lily, e isso fez-me recordar os velhos tempos em que viajávamos juntas. Na verdade, estava a rir por saber que pelo menos a alma de Lily-Violet estava salva dentro de mim. Infelizmente, a juntar à necessidade de devolver as almas das raparigas aos seus corpos, acrescia o facto de Riddel ter inexplicadamente levado o corpo da Fada Guerreira.

Levantei-me da areia castanha da praia enquanto elas continuavam a disparatar na minha cabeça. As ondas batiam nas rochas com uma cadência deliciosa, repletas de fauna marinha e em harmonia com a minha respiração, que se enchia com o aroma do mar. As gaivotas berravam por cima de mim, em busca de alimento. Aquele local fazia-me lembrar Handyport. E não era tão inóspito assim; aliás, parecia borbulhar de vida. Talvez fosse uma espécie de refúgio daqueles seres perante a loucura que era Orbias.

Atrás de mim erguiam-se as monumentais montanhas que formavam a cordilheira de Taurus. Era uma espécie de grande península constituída por pesadas rochas cinzentas que formavam um labirinto tortuoso. Um pouco por todo o lado, havia rosas negras. Notava ali uma aura diferente da de Orbias. Assemelhava-se mais ao ambiente surreal e vazio de Deep Hollow, como se há muito tempo aquele sítio não acolhesse humanos.

Enquanto percorria os trilhos daquele espaço, tive várias vezes a noção de estar a ser observada. Quando olhava para movimentos ilusórios de pessoas atrás das rochas, comecei a imaginar se aquele local abandonado não estava realmente deserto. E mesmo com o rebentar das ondas, ouvia, muito debilmente, murmúrios. Seria ali que se concentravam as almas perdidas de Orbias? Vulneráveis ao contacto com a civilização e com os humanos pelas memórias que lhes poderiam trazer e impedidas de ascender ao Céu onde estava a Deusa, aquelas almas poderiam muito bem usar aquela terra inóspita como local lamuriante pelo infortúnio da sua alma ter sido cruelmente arrancada por Sebastian. A sensação de presenças que tinha era a mesma que experimentava com as Guerreiras dentro de mim, apenas não ouvia ou via realmente aquelas almas.

À medida que avançava pela areia e pelas rochas, vi finalmente o edifício grande que tanto almejava alcançar. Andei cada vez mais rápido com a noção de que aquele era o Farol Velonia; tinha finalmente chegado lá. Comecei a correr, como se soubesse que Sebastian estaria lá à minha espera, impaciente.

O Farol estava claramente abandonado e obsoleto. Algumas das pedras que compunham a sua estrutura ruíram, expondo o seu interior como se vestisse um casaco com buracos de traças. O telhado vermelho tombava para um dos lados e o vidro que rodeava o grande guia de luz estava partido. Olhando para o fundo, vi o penhasco da minha visão. Corri desalmadamente até lá, escorregando algumas vezes no solo rochoso e selvagem.

Ao chegar, estremeci com a familiaridade que tinha em relação ao local. Nunca ali tinha estado, mas conhecia cada pedra, cada gota do mar à minha frente. A qualquer momento, Sebastian ia aparecer atrás de mim. Não sabia como ia correr, só queria que ele me agarrasse, me abraçasse por trás com as suas mãos quentes.

Esperei.

Olhei para trás de esguelha para ver se se aproximava. Nada.

Esperei.

Nada.

Esperei.

Começou a chover e as minhas pernas estavam a ceder perante todas aquelas horas de pé.

– *Noemi, está a ficar muito frio. Tens a certeza de que o Sebastian vai mesmo aparecer?* – Belladonna dava-me uma bofetada de desapontamento. Será que tinha feito alguma coisa mal? Será que lhe tinha acontecido alguma coisa? A minha esperança foi deitada por terra. Era óbvio que ele nem sequer sabia que eu estava ali, naquela terra tão recôndita.

Abatida, arrastei-me até ao Farol. Chovia com cada vez mais intensidade, mas o estado degradado do edifício não garantia um bom abrigo. Os meus tremores de frio passaram a convulsões. Tive dificuldade em abrir a porta, pois estava a perder o controlo dos meus movimentos. Lá dentro parecia chover ainda mais do que cá fora. Mas havia uma porta, uma singela porta misteriosa que quase gritava para ser aberta, apesar de trancada. Tentei arrombá-la. Só depois de muito forçar é que a porta cedeu, revelando umas escadas em espiral. Desci-as com algum receio do que poderia encontrar. Estava escuro, mas reparei num orbe encrostado na parede. Toquei nele e o espaço em redor iluminou-se.

Era um gigantesco salão rochoso escavado numa espécie de gruta acastanhada por baixo do penhasco onde estava o farol. Ao fundo, três compridas e altas janelas de vidro deixavam ver uma linda paisagem com o mar estendendo-se para lá do horizonte. Isolados no centro estavam uma lareira, cuja chaminé atravessava o espaço abobadado até ao tecto, uma cama redonda com lençóis remexidos e uma secretária com um livro aberto, uma caneta e um cinzeiro cheio de beatas velhas.

A lareira não via fogo há imenso tempo. Intrigada com aquele local, fui até ao livro que estava sobre a mesa. Estava cheio de pó. Passei a mão para o limpar e apareceram letras que eu conhecia muito bem. Era a letra de Sebastian.

*Hoje pode muito bem ser a última vez que escrevo no meu malogrado diário. Vi o seu nascimento a noite passada. Sei que mais cedo ou mais tarde ela vai apoderar-se de mim novamente para cumprir o seu plano milenar. Não sei quanto tempo durará desta vez, mas sei que será um ponto de viragem em que a perda de controlo poderá durar anos. Maldita seja a Deusa por me ter criado assim, malditas sejam as minhas falhas e maldita sejas tu por existires. Eu quero prazer, selvajaria, fúria, emoções. Não quero a prisão. 25 de Julho de 1989*

Era a data posterior ao meu aniversário. Seria aquela a casa de Sebastian? Quereria aquilo dizer que Sebastian me tinha acompanhado de longe desde o meu nascimento? Então, porque é que não me defendera da pessoa amarga e fechada em que eu me tinha tornado até o conhecer? Folheei as páginas anteriores àquela. Infelizmente, estavam em branco. Fui invadida por uma indescritível necessidade espontânea de saber tudo sobre ele, sobre a sua vida eterna, aventuras, tristezas, anos de solidão...

Deixei-me cair levemente na cama de lençóis vermelhos. Mesmo não sendo usada há mais de vinte anos, eu quase conseguia sentir o cheiro e o toque preservado em cada prega dos lençóis. Tapei-me com eles como se fosse o próprio Sebastian a deitar-se sobre mim, cobrindo-me com o calor do seu corpo. Fechei os olhos, tentando fantasiar a sua presença ali comigo, mas uma alma dentro de mim interrompeu-me.

– *Noemi, estive a pensar... E se tu tiveres de provocar o encontro com Sebastian? E se estiveres destinada a marcar um encontro com aquele Sebastian naquele penhasco?*

A minha cabeça foi atingida por uma chuva de flechas. A ideia de Belladonna fazia algum sentido.

– Como assim? Através de uma armadilha?

– *Sim. O teu objectivo não é entrares na cabeça dele? Tudo o que precisas é de conseguir que ele confie em ti para que não volte a fugir. No momento certo, entras lá dentro*.

– *Então, quer dizer que as palavras que disse na sua visão podem ter sido inventadas por ela? Tudo para o conquistar?* – Lorelei entrava aos poucos no plano genial de Belladonna.

– *E, apesar de não me agradar, podes usar um orbe para marcar o encontro com ele no penhasco. O orbe vai encontrá-lo onde quer que ele esteja*. – Lily-Violet também tentava entrar na estratégia.

Tirei um dos poucos orbes que tinha na mala. Coloquei-o na cama, invoquei o seu poder e prontamente emitiu um brilho na minha direcção. Sabia que tinha de lhe falar como se não fosse o Sebastian que eu conhecia. Lembrei-me das palavras de Malaquias e dos meus encontros com aquele novo ser. Aquele Sebastian era agora um ser impulsivo, mas não conhecia a sua «nova» personalidade a ponto de criar uma história credível que o atraísse até ali. Inspirei e comecei a falar ponderadamente.

– Olá. Provavelmente, lembras-te de mim. Bem, decidi satisfazer a tua curiosidade. O meu nome é Noemi e sou a Guerreira da Omnisciência, mas tenho outra aparência. Voltei a Orbias porque me lembrei da tua mensagem em Deep Hollow. E finalmente percebi tudo, graças à minha visão no pico do poder da Omnisciência. É por isso que estou aqui. Só por ti. Deixei tudo para trás só para estar contigo e para me unir a ti na tua vida. Tornará tudo mais fácil para ti. Vou estar à tua espera junto ao Farol Velonia, a tua antiga casa. Vem depressa.

Agarrei no orbe da mentira e dirigi-me às escadas podres do Farol. Com alguma dificuldade, cheguei ao topo, onde constatei que as suas luzes estavam destruídas. O vento calmo e frio de final de tempestade, passando pelos buracos nas paredes, fazia esvoaçar o meu cabelo. Estiquei os braços para fora, concentrei o meu pensamento em Sebastian e soltei o orbe. Este voou célere pelo céu, como uma destemida libelinha perdendo-se nas altas nuvens de aguaceiros. Regressei para a cama dele e enrosquei-me novamente nos seus lençóis, receosa de que aquele plano pudesse não resultar. Talvez aquilo não fosse uma visão, apenas um sonho. Ou talvez faltasse alguma coisa em mim para que aquele encontro tivesse lugar.

– *Noemi, acho que devias voltar para a Terra. Há dois dias que não vais lá, pode ser perigoso para o teu corpo. Se na tua visão te encontravas com o Sebastian de dia, não há problema em voltares. Além disso, o Adam deve estar super-inquieto.* – Pela primeira vez, Lorelei mostrava-se genuinamente preocupada com Adam. Talvez já estivesse a superar a separação por causa da paixoneta dele por mim. Pedi a Lily-Violet que criasse lenha na lareira e usei o penúltimo orbe que tinha para fazer aparecer fogo. Queria que o corpo de Mia ficasse confortável enquanto eu estava ausente, especialmente naquele espaço desconsolado. Enrolei-me melhor nos lençóis e fechei os olhos.

Enamoramento

A vontade de vomitar era demasiado intensa. Senti a pele a ferver, suada, e percebi que tinha voltado a ser descuidada com o meu corpo verdadeiro. Adam não estava em casa, para meu desgosto. Saí da cama para ir à casa de banho, mas os meus músculos estavam demasiado rígidos e caí no chão com um grande estrondo. Sem me conseguir mexer, mal conseguia ouvir os sons de impotência das Guerreiras na minha cabeça.

A chave rodou na minha porta e Adam entrou a correr para me ajudar. Puxou-me para o seu colo e deitou-me no sofá. Foi à cozinha buscar um copo de água e deu-me um comprimido de um saco que trazia. Ajudou-me a tomá-lo e ficou ali a agarrar firmemente a minha mão durante alguns minutos até que eu me sentisse melhor. Quando o mal-estar se esvaiu lentamente do meu corpo, ele teve coragem para falar comigo. Era como um murmúrio lamentoso. Mais do que um sermão, eram palavras de desilusão.

– Porque é que fizeste isso, Noemi? Estiveste dois dias fora do teu corpo. Tentei acordar-te, mas não regressavas. E a tua saúde estava a piorar, tive de ir a correr até à farmácia.

– Perdoa-me. Não tive hipótese. – Não tive forças para falar mais, não pelo meu estado físico, mas porque os seus olhos amedrontados podiam quebrar-se a cada palavra mal medida.

– Felizmente, parece que estás a melhorar. Promete-me mais uma vez que terás cuidado. Queria ser capaz de fazer-te uma espécie de ultimato e dizer-te que não te vou ajudar outra vez, mas não consigo. Resta-me a confiança que ainda tenho em ti. Não te quero perder, és importante para mim. – Fiquei emocionada com as palavras dele, mas especialmente porque ele tinha amadurecido o suficiente para conseguir dizê-lo olhando-me directamente nos olhos.

– Adam, eu gosto muito de ti. És o meu melhor amigo e nunca vou conseguir retribuir todas estas provas de amizade. Mas o amor que sinto por ti é como o de um irmão. O meu coração pertence ao Sebastian.

O brilho nos seus olhos desapareceu. Baixou a cabeça.

– Eu sabia que irias dizer isso. E sei que não há nada que eu diga que te faça mudar de ideias. Se fosse um tempo atrás, eu fugiria para ficar isolado com a minha tristeza. Mas tu dás-me audacidade para mudar. Vou ficar contigo, não quero que as coisas mudem. Espero que o tempo sare a minha ferida. – Ele corou, percebi que era por se ter lembrado que Lorelei e Belladonna (e agora Lily-Violet) também o ouviam. Tentei mudar de assunto para não ficar tão constrangido.

– O que se passou na minha ausência?

– Bem, ainda bem que falas nisso. Suponho que já estejas melhor, porque há muita coisa a tratar. O teu secretário e agente de serviço tratou de tudo. – Ele tentou brincar, mas sabia que estava desfeito por dentro. – A tua mãe telefonou várias vezes e queixou-se da ausência de notícias tuas. Disse-lhe que andavas ocupada com o estágio. Depois, também há isto. – Ele agarrou no comando da televisão e ligou-a.

Em quase todos os canais, os noticiários especiais falavam do desaparecimento de Tara e da sua filha, duas celebridades do nosso país. A Polícia dava conferências de imprensa sobre possíveis pistas de rapto, eram mostradas imagens da sua casa, tinham sido expostas ligações dela a conspirações, corrupção e às empresas Asmodeus. O grupo económico que detinha a revista *Whip!* estava a atravessar uma crise por essa razão. Uma grande confusão causada por ela própria e pelos restantes orbianos «presos» na Terra. Felizmente, nem eu nem Adam tínhamos sido implicados. Porém, sem as duas Sociedades para encobrir a existência de outro mundo, era um enorme risco a Polícia investigar os contornos daquele «desaparecimento».

– O teu supervisor de estágio também ligou a dizer que a revista está suspensa e que, por isso, o teu estágio terminou mais cedo. Ele disse para não te preocupares, pois sendo uma situação especial, ele tratará da tua nota e restantes horas de estágio com a tua faculdade.

Eu estava em choque. O meu estágio tinha terminado mais cedo devido à Tara e ao Merovingian. Curiosamente, senti um imenso alívio, como se um peso me tivesse saído das costas. A verdade é que já tinha trabalhado tempo suficiente naquela revista, e continuar lá não ia acrescentar nada à minha evolução profissional. E assim podia continuar com as viagens a Orbias sem a preocupação do estágio.

– Há outra coisa que preciso de te contar. Os médicos da Lorelei telefonaram-me. O seu estado piorou. E ainda não encontraram uma explicação para a sua situação.

– O quê? Eu piorei? Mas como? – Lorelei entrou em pânico.

– É como o Malaquias disse... quanto mais tempo a alma estiver fora do corpo, mais ele vai enfraquecendo. Preciso urgentemente de vos ajudar. Tem de haver uma forma! Lorelei, não te preocupes, vou ajudar-te nem que seja a última coisa que faça. Adam, preciso de dormir um pouco. Amanhã bem cedo espero encontrar-me com o Sebastian. Vou resolver tudo. – Fiz uma pausa profunda e analisei a sua expressão espantada. – Podes deitar-te a meu lado para me ajudares a adormecer? – Sabia que era demasiado cruel pedi-lo, especialmente porque tinha acabado de lhe confirmar que o seu amor não era correspondido, mas a minha carência era tanta que precisava urgentemente de um toque quente e real.

Ele pegou no meu corpo e deitou-o calmamente na cama. Deitou-se a meu lado e fiquei com a cabeça encostada ao seu corpo. Já tinha sofrido tanto que sentir aquele calor humano perto de mim proporcionava-me um grande conforto. Não era suficiente para preencher o vazio que permanecia na minha alma, mas sentia-me grata e abençoada por ele.

Destino

A lareira já estava apagada. A luz matinal que entrava pelas janelas dava um ar mais acolhedor àquele imenso espaço desconsolado, cheio da vida eterna de Sebastian. Desta vez, decidi não me apressar até ao penhasco, como se estivesse a adiar o receio de ele não aparecer. Há momentos tinha pensado na hipótese de que tudo aquilo não passava de um engano e o que tinha tido não era uma visão do futuro, mas sim um sonho ou uma alucinação devido à imensa falta que ele me fazia. Ansiosas como eu, as Guerreiras não falaram durante os momentos em que subi as escadas em espiral até ao alto penhasco.

Ali estava eu, de regresso à imagem da minha visão, aguardando pelo distúrbio que aquele acontecimento poderia provocar em mim. Olhei para o mar maravilhoso desde o penhasco, que mais parecia um altar. O céu estava pesadamente nublado e o mar revoltoso antecedia a chegada de uma nova tempestade, como se fosse um presságio daquele encontro que eu tanto ansiava. O meu coração batia a mil à hora, por antecipação. A subjectividade do destino era algo que me assustava. Deveria cumprir o que o meu sonho premonitório me tinha oferecido? Devia tentar mudar tudo com o risco de provocar uma suposta disfunção no tempo e no espaço?

Atrás de mim senti uma presença; virei-me instintivamente. Sebastian caminhava pela rocha, na minha direcção. Tinha resultado, ele estava ali! Agora que o via com mais nitidez do que das outras vezes, reparei que tinha o cabelo maior, espetado, embora com a ameaça de caracóis, camisa branca desapertada no colarinho e nas mangas, e umas calças pretas. Na sua cara, o habitual sorriso provocador de menino e os intensos olhos negros. Tudo correspondia exactamente à minha visão e à imagem do meu Sebastian. Hesitei, tentando não parecer nervosa, mas debitei as palavras como se as tivesse ensaiado.

– Estás atrasado. – Comecei eu, forçando um sorriso sedutor.

– Desculpa. Não foi muito fácil sair de lá. – Ele devia referir-se à queda na montanha da cidade de Koboltz. Tinha sido um risco atirá-lo de lá, mas sabia que o seu corpo imortal resistiria.

– Não faz mal. – Abracei-o pelo peito quando chegou ao pé de mim. Sentir o seu cheiro e o seu calor enchia-me a alma de tal forma que lacrimejei. Naquele momento, senti-me tão feliz por estar com ele de novo. Mas sabia que não era ele e isso entristecia-me ainda mais. – Sabes o quanto foi difícil fazer de coitadinha todos estes meses? Já estava enjoada de tanto fingir que estava a chorar e a definhar. E eles sempre de volta de mim como se estivesse quase a suicidar-me.

– Noemi... foi preciso chegares ao pico do teu poder da Omnisciência para perceberes tudo. E esconderes de todos durante tanto tempo! Afinal, não és a «ovelhinha» que eu pensava que eras. – Mas o que teria ele visto no pico do meu poder? Puxou-me para me dar um beijo. O toque e o sabor da sua boca fizeram com que hesitasse, hipnotizada pelo efeito avassalador que exercia sobre a minha vulnerabilidade emocional. No entanto, largou-me, admirado. – O que se passa?

– Nada. Apenas estou muito feliz por estarmos juntos de novo. – Não, não estava a correr bem. Eu nunca disse aquilo na visão e muito menos ele me olhava tão desconfiadamente. Contudo, agarrou na minha cabeça e colou-a ao seu peito caloroso uma vez mais.

– Fico feliz que tenhas percebido a mensagem em Deep Hollow e me tenhas escolhido. – Tinha de ser forte e continuar.

– Achas que eu não escolhia? Achas que preferia um bando de pessoas de que nunca gostei?

– Adoro quando és assim, inconstante, Noemi. Deixas-me louco de desejo. – Ele riu suavemente.

– É como eu sou. – Inspirei, prevendo as palavras maliciosas que ele ia dizer depois da minha pergunta. – E depois de matarmos saudades, o que fazemos?

– O que ambos desejamos há muito tempo. Matamo-los!

Mas matar quem? Todas aquelas pessoas a quem roubava a alma? – Esperámos demasiado tempo. E arriscámo-nos muito com a

Riddel e os outros.

Então, ele não partilhava dos mesmos interesses da Riddel, Merovingian e Elena?

– Bem, isso em breve vai acabar. Tens a certeza de que é isso que queres? – perguntou.

– Sim. Desde que esteja contigo, para mim nada mais importa. Nós agora somos só um e a vontade de um é a vontade do outro. – Estava a chegar o momento, o fim da minha visão, aberto a inúmeras possibilidades. Comecei a beijar a sua face e boca, imaginando que era o meu Sebastian que estava ali dentro e não aquele corpo impulsivo e maléfico.

– Eu amo-te perdidamente

– E eu amo-te a ti, meu Sebastian.

Beijámo-nos selvaticamente durante alguns minutos naquele cenário completamente idílico e sobrenatural. Quis que aquele beijo trouxesse o meu verdadeiro Sebastian de volta. Mas era realista o suficiente para saber que tal não ia acontecer, contos de fadas não existiam. Ele deu-me a mão e levou-me pelo penhasco com ele. Eu não ia resistir; concentrei todas as minhas forças e expeli aquelas palavras como um vómito.

– Onde está o Sebastian? – As palavras saíram-me num sussurro. Eu sentia o medo das Guerreiras na minha cabeça com a reacção imprevisível dele. Ele olhou para mim com aquele sorriso malicioso.

– Que queres dizer com isso? Estou aqui. Eu sou o Sebastian.

– Não és. O Sebastian nunca faria aquilo que estás a fazer.

A sua expressão ficou mais séria, como se começasse a perceber o meu embuste. Foi tão rápido a tentar dar-me um soco na barriga que só reparei quando caí no chão num acto reflexivo. Mas ele não chegou a fazê-lo. Imobilizada pelo medo, deixei-o aproximar-se e colocar a mão na minha cara e voltar a colar os seus lábios aos meus, desta vez com a clara intenção de me arrancar a alma. Porém, não estava a conseguir extraí-la e grunhiu de frustração.

– Afinal, o que és? Porque não consigo fazer-te mal?

Não lhe respondi. Fingi que continuava paralisada. Agarrei no frasco de magia que trazia no bolso e bebi-o rapidamente perante o olhar indignado dele. Transformei-me em Anjo e agarrei-lhe na cabeça com ferocidade. Com os meus olhos quase colados ao olhar assustado dele, penetrei na sua cabeça para descobrir que segredos escondia o homem eterno que eu amava.

Decadência

O chão estava a queimar-me os pés. Estava muito calor no local onde estava, mas também muito escuro. Era como se só eu existisse naquela escuridão infinita que me inspirava terror. Fiquei assustada com a possibilidade de não saber para onde me dirigir nem o que fazer. Tentei ouvir alguma coisa naquele silêncio medonho. Parecia ouvir gemidos, ranger de dentes e vidro estilhaçado, muito ao longe. Também havia um horrendo odor a sangue seco. Ao pé de mim, ouvi o som de tecido arrastado no chão. Cautelosa com quem poderia ser, encolhi-me e parei de respirar. Relaxei quando apareceu uma senhora mais velha, com um soberbo vestido e xaile pretos, grandes brincos de ouro, cabelo castanho e um semblante de saudade e tristeza.

– É o Ente Padroeiro do Sebastian? Não sabia que ele também tinha um.

Ela sorriu pesarosamente.

– Os mundos trabalham por meios misteriosos. Todos merecem um protector... – As palavras intrigaram-me.

– Normalmente, oiço essa frase associada a Deus. – Ela não me respondeu. – Eu já fiz esta pergunta a outros Entes, mas afinal o que são vocês? Pensei que eram apenas manifestações de magia para ajudar as Guerreiras.

– Nós somos almas escolhidas pelas energias mais puras e básicas do universo para defender os mundos. É só o que precisas de saber, Noemi. – Eram as mesmas respostas vagas de sempre. Mas eu também não estava ali pelos Entes. Ela continuou. – Tu não devias estar aqui. É demasiado perigoso, não era suposto conseguires entrar.

– Eu quero descobrir a verdade sobre o Sebastian. Quero descobrir onde está o verdadeiro Sebastian.

– Em tempos também fui ingénua como tu. É bom quando conseguimos preservar essa inocência. Mas creio que a palavra «verdadeiro» é muito dúbia no Sebastian. Se é isso mesmo que desejas, não tenho outra hipótese senão ajudar-te. No entanto, não assumirei a responsabilidade por aquilo que tu vais assistir aqui.

Ela mexeu-se no seu volumoso vestido. Tirou de dentro dele uma lanterna a óleo e acendeu-a. De seguida, pediu-me com um gesto para avançar na escuridão. Estávamos num corredor degradado, com as paredes imundas e castanhas, chão partido. Avançámos por algumas portas trancadas de madeira carcomida. Alguns minutos depois, ela tirou um conjunto de chaves das pregas do vestido negro e abriu uma delas.

A porta dava para uma aldeia construída dentro de rochas avermelhadas. Mas estava em escombros. Olhei para trás e vi que aquela entrada estava suspensa em pleno ar. O Ente ficou à porta e pediu-me para continuar sozinha. A aldeia tinha um estilo muito antiquado, mas não se assemelhava a outra qualquer da Terra ou de Orbias. Era como uma junção dos dois mundos. Pelas ruas de pedra jaziam pessoas mortas, já sem pinga de sangue. O cenário era em muito semelhante ao da aldeia de xisto, quando regressei a Orbias pela primeira vez. Mesmo não estando ali fisicamente, sentia o clima de terror e os últimos gritos daquelas pessoas.

Completamente nu, Sebastian arrancava a alma de um homem com uma gula diabólica. Se aquela era uma visão de há milhares de anos, Sebastian estava igualzinho. Excepto o olhar negro, substituído por um brilho selvagem e demoníaco. A subir a rua, apareceu Riddel, no seu corpo gelado igualmente nu. O cabelo alvo estava solto e chegava quase ao chão. O semblante pérfido era o mesmo. As minhas suspeitas concretizavam-se – Riddel era igualmente eterna. Que poderia isso significar? Que também ela era afinal uma Guerreira perdida? Ou que Sebastian não era? Conscientes de que tinham roubado a alma de todos os habitantes daquela aldeia, caminharam lado a lado, tão descontraidamente que me cortava o coração. Voltei para a porta onde o Ente me esperava com uma frieza impassível.

Avançámos uma vez mais pelo corredor escuro e eu sentia-me cada vez mais claustrofóbica. O Ente não falava comigo. Senti que não queria falar de Sebastian, preferia que eu visse o seu interior. Eu sentia que era diferente dos outros, com um fardo muito mais pesado que o meu cavaleiro dourado, por exemplo. Rodou as chaves noutra porta e deixou-me entrar.

Estava agora na clareira de uma floresta, à noite. À sua volta havia compridos feixes de luz que quase me encandeavam. O ambiente era tão calmo e romântico que contrastava violentamente com o clima do corredor. No centro da clareira estava Sebastian, sentado num muro de tijolos com uma mulher que o abraçava. Estava de costas, pelo que não reconheci aquela mulher de longos cabelos negros, mas depreendi que fosse a Guerreira Ancestral. A crueldade de Sebastian tinha desaparecido e olhava ternamente para a mulher, com o mesmo olhar que costumava dirigir a mim. Quis aproximar-me para conhecer o rosto dela, mas não o fiz. Senti-me excluída, a mais, como se fosse uma peça dispensável do *puzzle* que era a mente de Sebastian.

Regressei abatida para o corredor. Desta vez, o Ente colocou-me a mão no ombro, para me dar apoio moral. O sentimento de derrota começava a consumir-me, como se o próprio corredor de portas infinitas estivesse a roubar pedaços da minha alma aos poucos. Desta vez, andámos durante o que me pareceram vários minutos. As portas eram todas iguais e as paredes opressivas asfixiavam-me a cada passo, estava quase a sucumbir. Finalmente, o Ente abriu-me outra porta.

Entrei numa sala cinzenta. Riddel estava reunida com um homem que à primeira vista não reconheci. Depois de examinar a sua braçadeira com o símbolo nazi e o bigode característico, tive a certeza de que aquele homem era Adolf Hitler, o ditador alemão, responsável pela chacina de centenas de pessoas. Riddel estava transformada em humana, vestida com um uniforme militar, e apertava-lhe a mão com um sorriso triunfante. Olhei pela janela. Num espaço confinado por redes e arame farpado, Sebastian arrancava a alma de inúmeros prisioneiros, desumanamente magros e maltratados. O olhar demoníaco estava de volta ao seu olhar. Levei a mão à boca, em choque. Quis gritar, mas não ousei perturbar aquela visão. Voltei a correr para junto do Ente, sufocada com aquelas suas memórias chocantes.

Estava a perder as forças, mas tinha de continuar. O Ente colocou gentilmente o braço à minha volta para me ajudar a andar. Mais uma porta. O meu receio crescia a cada passo lento que dava ao transpor aquele acesso.

O choro de bebés e o odor a éter indicavam-me que estava numa maternidade. Olhei através de um vidro e vi uma versão mais nova da minha mãe agarrada a um bebé que seria eu. Na altura, o meu pai estava com ela e olhava apaixonado para as duas. Subitamente, ao meu lado surgiu Sebastian – olhava sorrateiramente para dentro do quarto, de sobrolho carregado e boca cerrada. Sentou-se num dos bancos do corredor e deixou-se ficar ali, como um anjo perseguido, a sós com os seus pensamentos. A imagem deu-me alento para continuar o percurso pelo longo corredor. Todavia, não estava com uma expressão feliz. Parecia assustado

Passei por outra porta. Agora estava num avião. As pessoas em pânico falavam inglês enquanto um indivíduo de pele escura corria descontroladamente até à cabina do piloto. Segui-o até lá. Piloto e co-piloto estavam mortos, bem como o homem descontrolado, caído no chão. Sebastian estava encostado à parede, apático. Riddel também lá estava e parecia extremamente irritada com ele. Ela dirigiu-se aos passageiros e começou a puxar as almas deles com um só gesto altivo. Sebastian despertou do seu adormecimento mental, saltou do local onde estava e agarrou-se às mãos dela para impedi-la, mas ela afastou-o com uma chapada. Olhei pela janela do *cockpit*. Estávamos a sobrevoar a cidade de Nova Iorque, prestes a colidir com o World Trade Center. Uma das torres fora já atingida, soltando uma espessa coluna de fumo. Instintivamente, corri até ao corredor do inconsciente de Sebastian. Assim que o Ente fechou a porta, ouvi a estrondosa explosão do outro lado. Era o som da tragédia do 11 de Setembro de 2001.

Todas aquelas desgraças que faziam parte da História... Todas aquelas mortes, aquelas almas perdidas... Como poderiam Sebastian e Riddel ter alguma relação com isso? E porque o faziam? O Ente obrigou-me a continuar, dando-me a entender que o martírio estava quase a terminar. O corredor chegava ao fim. As paredes e o chão desintegraram-se e as portas implodiram num emaranhado de madeira partida. Ficámos novamente na mais medonha escuridão. Lentamente, uma sepultura de âmbar foi iluminada à minha frente. Quem estava lá dentro era eu. Olhei suplicando por uma resposta para a mulher ao meu lado.

– Este é o verdadeiro Sebastian. Sem alma, movido pelos instintos mais básicos e selvagens, com sede de novas almas. Mas na sua trágica existência surgiu uma luz, uma luz que lhe garantiu a humanidade que tu conheceste. Com essa humanidade, cresceu uma nova alma cá dentro, onde não existia nada.

Olhei novamente para o âmbar, símbolo da minha morte.

– Mas eu não morri, estou aqui! Ele deve pensar que continuo morta, e por isso a sua alma não regressa. Não há hipótese de trazer o meu Sebastian de volta?

– Não. Esse Sebastian não existia, foi uma anomalia num ser aparentemente perfeito, um desvio. Assim que teve hipótese, o verdadeiro e negro Sebastian regressou para sempre. Eu tentei avisar-te.

Cansada das suas palavras vãs e relutante em aceitar aquela fatalidade, tentei imaginar justificações que provassem o seu erro.

– Ele ainda se lembra de mim. Por isso é que não me matou ainda, algo o impede. Eu sei que algures entre os dois mundos, ou até no mundo dos mortos, o Sebastian está à espera que eu o salve. Nem que eu tenha de ir até Deus ou até à Deusa, eu vou resgatar o Sebastian e extinguir toda esta escuridão! – A determinação ingénua na minha voz assustou o Ente.

– Oxalá conseguisses fazê-lo. Mas temo que isso seja impossível. Lembra-te, o universo baseia-se num equilíbrio inevitável entre opostos. Tal como existe uma Deusa para um Deus, também existe um Mal nascido do Bem...

– Porque me mostrou estas imagens do inconsciente dele? O que significam?

– Não fui eu que as mostrei. Foi ele próprio. Fui meramente uma guia. Tu é que vais ter de perceber o que o seu interior te quis dizer através delas.

Não tive tempo de questionar o Ente sobre mais nada. A luz da sua lanterna apagou-se e desapareceu, deixando-me sozinha no meio daquele breu. Desta vez, não deixei o medo tomar conta de mim. Concentrei-me e saí para fora do complexo e eterno inconsciente de Sebastian.

Prisão

Quando despertei da imersão no inconsciente de Sebastian, ele ainda estava caído no chão. Senti as raparigas inquietas na minha cabeça, como ratinhos medrosos numa gaiola apertada. Queriam saber o que se tinha passado na cabeça dele. Olhando para ele ali tão sereno, deitado sobre as rochas e rosas negras, enchi-me de dúvidas sobre a sua existência. Senti que, naquele momento, tinha duas opções: desistir, fugir dele e desaparecer de Orbias para sempre, livrando-me do perigo que ele representava, ou continuar a lutar por uma causa perdida. Não sei o que me fez optar pela segunda opção, se o amor ou a teimosia, mas sabia que tinha de agir rápido.

Tirei o último orbe da minha mala, concentrei-me com todas as minhas forças na invocação da sua magia enquanto perguntava a mim mesma se estava a tomar a melhor decisão. O objecto mágico transformou-se numas algemas de ouro que uniram o meu fino pulso esquerdo ao pulso direito do adormecido Sebastian.

– *Noemi, o que estás a fazer? Estás a algemar-te ao Sebastian?* – Lorelei pareceu incrédula.

– *E se ele te fizer mal?* – disse Lily-Violet, preocupada.

Não lhes respondi. Deixei-me ficar ali ajoelhada, de braço esticado para ele, à espera que acordasse. Estava disposta a ficar presa àquele Sebastian enquanto procurava pela alma perdida do Sebastian que eu conhecia. Não ia deixar que a sua loucura demoníaca continuasse. Não podia permitir que aquele ser vil usasse o corpo do meu amor para praticar actos tão desumanos como os que vi na sua mente, nem deixar que Riddel se aproximasse dele novamente. Tinha a certeza de que aquela pequena luz presente na sua alma com a minha imagem preservada em âmbar, deixada pelo meu verdadeiro Sebastian, era o elemento que o impedia de me fazer mal. Não pensei no que teria de fazer se precisasse de voltar para a Terra, estando algemada a ele, mas o mal já estava feito. E estava apavorada com o perigo que estava a correr.

Ele gemeu e franziu a cara, como se estivesse a acordar de um longo sono. Quando sentiu o ouro das algemas no seu pulso, ficou assustado como um animal acossado e tentou arrancá-las de imediato. Olhou para mim cheio de raiva e lançou a outra mão ao meu pescoço, apertando-o como um rolo de papel.

– O que me fizeste? – A voz não transmitia a habitual sedução masculina. Tentei falar com o pouco ar que conseguia passar na minha garganta dorida.

– Tu não me vais matar, não serás capaz. – Sorri e olhei-o com temeridade. Os seus olhos negros não eram os seus, parecia que conseguia ver o Inferno através deles. Quando eu estava quase a ceder, ele largou-me e caí no chão a tossir. O braço ficou estendido no ar por ele ter ficado de pé. Levou a outra mão à cabeça, em completa frustração e impaciência.

– Porque não te consigo matar?! Como é que és a única coisa que perdura daquela... *doença* que me consumiu?! – A sua voz parecia um rugido.

– Porque o Sebastian que eu conheci ainda não desapareceu. E vais ficar preso a mim até que consiga descobrir a sua verdadeira alma, que te dominará e extinguirá para sempre. – Ele avançou sobre mim e ficou a um centímetro da minha cara. Consegui sentir o seu bafo quente como lava.

–Tu não sabes nada de eternidade! Nada! És apenas a manifestação de um defeito meu. Não tens sequer noção daquilo com que estás a lidar. Ages como se fosses a princesa em busca do cavaleiro, mas não compreendes nada do que realmente se passou aqui.

O Sebastian que conheceste não era suposto existir. – Levantou-se e olhou-me com vaidade. Eu esforçava-me por me mentalizar que não era o meu Sebastian que me tratava daquela forma, apesar de o corpo ser o mesmo. – Assim que tiver oportunidade, vou matar-te da forma mais grotesca e horrível que conseguir, para extinguir esta falha de vez!

Levantei-me e olhei-o ameaçadoramente, como se me preparasse para um combate com ele.

– Eu vou matar-te primeiro, sua besta psicótica. Vou expulsar-te do corpo do Sebastian quando menos esperares.

– Não quero saber que estejas agarrada a mim. Com esse corpo frágil, vou arrastar-te pelo chão até te tornares num pedaço de carne. – Ele puxou o braço e preparou-se para me atirar para as rochas e fazer-me mal. Algo o fez parar e a frustração colérica tomou conta dele de novo.

–Tu não me vais magoar. Sou a tua única fraqueza, e tu sabes isso.

Puxei-o para que me acompanhasse para fora da península. Uma vez ultrapassada a cordilheira, tinha de pensar no que fazer para resolver todos os problemas em mãos. Tudo em mim gritava por Riddel. Ela era a causadora de tudo aquilo. Com a aproximação da eleição para governante de Orbias, o momento do meu confronto com ela ia chegar em breve. Toda a verdade sobre as conspirações, Sebastian, as Guerreiras. Eu sentia que tudo se centrava nela.

Tive novamente a sensação de estar a ser observada por almas, tímidas e perdidas, escondidas atrás das rochas. Só esperava que fosse a minha imaginação. Enquanto Sebastian arrastava os pés e me acompanhava contrariado pelo labirinto de rochas, Lily-Violet avisava-me histericamente da presença de um kutchy à nossa frente. Trazia um dos orbes de Rossini. Estava claramente exausto e a forma como lá tinha chegado era um mistério. Agarrei no orbe e tentei afagar-lhe a cabecinha, mas ele fugiu por entre as rosas negras.

*Olá, queridos e adorados orbianos. Oh, minha Deusa, eu adoro o meu público, é o que me alimenta. Bem, já todos sabem qual é o assunto da minha reportagem de hoje... O grande dia da eleição para governante de Orbias é amanhã, na grandiosa cidade de Opália! Estou tão entusiasmado! Eu e a minha equipa vamos ser responsáveis pela transmissão em directo para todas as grandes cidades de Orbias, garantia das fábricas de orbes da nossa soberba Riddel. Já sabem como votar. Assim que o Sol nascer, vão ser enviados orbes por ar a cada orbiano. Basta pensarem na pessoa em quem querem votar quando agarrarem nele, Rouge ou Riddel, e ele voltará para a grande esfera no centro de Opália. Assim que o Sol se puser, o rosto da vencedora será projectada na grande esfera. Prevejo uma vitória bem geladinha da Riddel! Uma festa de comemoração do seu futuro triunfo já está a ser preparada. Todos os regentes e celebridades de Orbias foram convidados. Até amanhã. Beijos enormes.*

– Bem, ao menos já sabemos qual o nosso próximo destino. Lily, achas que consegues canalizar o teu poder da Criação através de mim? Queria criar um veículo para chegarmos mais depressa a Opália. Já agora, sabem onde fica?

– *Posso tentar, mas pode não ficar tão bonito ou funcional como o outro. Opália fica a oeste daqui. Mas eu não acredito que consigamos lá chegar a tempo das eleições, especialmente com uma cordilheira entre nós*. – Lily parecia ter medo de lá ir.

– Com quem estás a falar? O psicótico sou eu, mas tu é que falas para o ar. Interessante... – Sebastian agarrou-me no queixo e passou a língua pela minha cara, deixando-me arrepiada. Consegui controlar-me e dei-lhe uma bofetada. Era muito difícil para mim conseguir distanciar-me da atracção física que sentia por Sebastian e do facto de aquela não ser a mesma pessoa lá dentro.

– Porco! Pára de fazer isso! Enquanto estiveres comigo, vais controlar os teus instintos carnais! Já agora, como conseguiste chegar até esta região tão depressa?

– Achas mesmo que te vou dizer? Liberta-me das algemas e eu digo-te como cheguei até aqui. – Ele sorriu maliciosamente. Desviei o olhar dele e falei com Lily, só para provocá-lo.

– Por favor, tenta criar qualquer coisa que nos tire rapidamente daqui e nos leve até Opália. Faz um esforço.

– *Vou tentar, mas não prometo nada. Talvez se a Lorelei me der uma ajudinha...*

*– Eu? Porquê eu? Nem sequer desenvolvi bem os meus poderes.* – Lorelei estava atónita*.*

*– Segue a minha deixa. –* Ela gargalhou como uma criança.

Abri os braços, elevando com eles o braço de Sebastian. As flores negras à nossa volta ganharam vida e rodopiaram à nossa frente até ganharem a forma aerodinâmica de uma pequena nave escura. Lily riu histericamente com o seu sucesso e anunciou a criação do *Lily Wing I*, algo que ela andava a treinar com o seu poder há muito tempo. Obriguei Sebastian a entrar lá dentro e a sentar-se comigo. Ele arreganhou os dentes para me desafiar. Era curioso que, mesmo depois de ver na sua mente as coisas horríveis de que era capaz, eu começava a não ter medo daquele Sebastian. Tinha as atitudes de um demónio vicioso, mas a cada afronta sua a minha determinação crescia. E eu já sabia bem com o que estava a lidar.

– *Noemi, tens a certeza do que estás a fazer? Estás algemada a um demónio que já foi o Sebastian. Sabes o quanto isso pode ser perigoso para ti?* – Belladonna, habitualmente sensata naquelas ocasiões, mostrava-se preocupada. Achei piada, pois era o mesmo tipo de atitude que tinha com Lily-Violet. Acenei com a cabeça.

O *Lily-Wing I*, como tinha sido egocentricamente baptizado por Lily-Violet, fez o som de um tornado poderoso e elevou-se no ar. Era bastante confortável, como se estivesse de facto sentada num trono de flores. A pequena nave ganhou potência, com os seus mecanismos orgânicos e naturais, e voou a toda a velocidade por cima da grande península até chegar perto da cordilheira de Taurus. Lily não parava de fazer “weee” na minha cabeça, o que me fez rir também. Estaria a ser infantil por fazê-lo ao lado de um homem perigoso?

Despedida

Tentava distrair-me do facto de estar algemada a um homem que se parecia com Sebastian, mas que não era realmente ele. Olhei pela pequena janela lá para baixo, para os pequenos cones de gelado invertidos que eram as inúmeras montanhas da cordilheira. Era como andar de avioneta, tudo lá em baixo parecia tão perto, mas a mover-se tão devagar.

O olhar de Sebastian estava fixo em mim e eu senti-o. Ele olhava com uma sofreguidão libidinosa para o decote do meu vestido e para as minhas pernas descobertas. Com uma personalidade quase selvagem, eu sabia o que ele estaria a pensar. Olhei-o de lado e reparei que a sua expressão tinha repentinamente mudado. Estava mais suave, ponderada. Os seus olhos ganharam a profundidade negra de outrora e o sorriso aliviou para o do menino malandro. A aura de diabo parecia ter-se evaporado.

– Noemi? Estás aqui comigo? És mesmo tu que estás aí dentro? Meu amor, esperei tanto por ti. – Abraçou-se a mim. Eu fiquei entorpecida com o súbito reaparecimento do meu Sebastian. Teria sido do contacto comigo? – Consegui dominar a outra personalidade negra, consegui vencê-la e agora podemos ficar juntos. – Ele olhou para as algemas com tristeza. – Podes retirá-las? Estão a magoar-me, e suponho que a ti também; não quero que fiques magoada.

Ele abraçou-me novamente. Até o seu típico cheiro doce parecia estar diferente. Retribuí o calor daquele abraço passando as mãos pelas suas costas e cabelo, para sentir que ele era real e que estava finalmente de volta após tanto esforço e sofrimento. As suas mãos percorreram-me o corpo todo ao beijar-me carinhosamente o pescoço e os lábios. O seu contacto começou a ficar mais intenso. Já estava a passar a mão pelos meus seios, por baixo do vestido.

– *Noemi,* pára! Esse não é o teu Sebastian, ele está a manipular*-te*! – O aviso de Belladonna foi como um gongo nos meus ouvidos.

Afastei-o com um empurrão, tentando controlar os meus instintos carnais. Sebastian, com todos os seus traços e elementos demoníacos, estava de volta. Tinha sido deslumbrada pelas minhas próprias pulsões e desejos. Tinha arriscado macular o corpo de Mia, um corpo que não era o meu, devido a um descuido da minha mente fragilizada. Tinha-me sobrestimado. Talvez não estivesse preparada para lidar com um ser manipulador como ele, que exibia um sorriso vaidoso.

– Afinal, não és tão forte como dizes. Não foi preciso muito para descobrir a tua maior fraqueza. Acho que estamos em pé de igualdade agora. Felizmente, a anomalia está a desaparecer. A única coisa que faria contigo agora era usar o teu corpo para o meu prazer sexual. – Lançou a cabeça para trás e começou a rir às gargalhadas, um riso sem a magia da inocência do meu Sebastian.

– Está a anoitecer, vou dormir um pouco. Sugiro que faças o mesmo. – Virei-me para o lado, adoptando uma posição confortável, e fechei os olhos para me transportar para a Terra. Era um risco que estava disposta a correr. Precisava de voltar à Terra, pelo menos mais uma vez.

– *Estás louca?! Vais deixar o corpo da Mia sozinho com ele*?! – Lorelei parecia pronta para me dar uma chicotada mental.

– *Ele é malévolo, vai abusar de ti!* – Lily estava aflita.

– Não se preocupem, ele não lhe vai fazer mal. Começo a per*ceber tudo*. – Belladonna não era só uma cara bonita com uma personalidade impregnada de devassidão. Ela dava provas da sua perspicácia baseada no seu impecável instinto.

\*

Adam estava a dormir com a televisão ligada. Abanei-lhe levemente o braço para o acordar e ele pareceu surpreendido com a minha súbita felicidade. Eu não sabia a razão para não conseguir tirar o sorriso que tinha na cara, até porque os meus problemas não paravam de aumentar. Talvez fosse porque me inundava uma sensação de missão cumprida que me fazia suspirar de alívio. A visão do futuro já se tinha concretizado, de certa forma, e estava com o corpo de Sebastian sob o meu controlo. Senti que estava mesmo muito perto de reaver o meu Sebastian. E isso garantia-me um optimismo perigoso, pois acreditava que, magicamente, o seu regresso significaria o regresso da alma das Guerreiras ao seu corpo e a descoberta da farsa de Riddel. Como num filme...

– Preciso de ir a Handyport ver a minha mãe. E depois quero voltar e ir ao hospital para visitar a Lorelei. Levas-me? – Ele colocou a cabeça de lado e franziu a testa, receoso. Acompanhei o seu olhar dirigido à janela. Reparei que estava a nevar. Na minha cabeça, senti o espanto de Lorelei com aquela minha decisão.

– Agora? Porquê?

–Vem comigo, por favor. É importante para mim. Preciso de ti a meu lado. – Sorri e ele não resistiu ao meu encantamento. Foi à casa de banho lavar a cara enquanto eu vestia as roupas mais quentes que tinha. Agarrou no casaco e atou o cachecol ao pescoço. Entrelacei o meu braço no dele e desci até ao seu carro, sempre a sorrir.

Grand City estava maravilhosa sob aquele manto silencioso de neve, como se os flocos estivessem a purificá-la de todos os vícios e pecados. As luzes eléctricas tentavam penetrar através dos pequenos cristais que caíam do céu, mas sem sucesso. Lily-Violet estava maravilhada com aquele espectáculo urbano, como uma criança perdida num parque de diversões. Tentei absorver toda a imagem, todos os recantos daquela cidade que me tinha acolhido, para o bem e para o mal. Ia preservar as memórias de Grand City como um pequeno tesouro.

Não falámos durante todo o tempo em que Adam guiava lentamente pela estrada branca. Estava intimidado pela estanha alegria impressa na minha face. E eu mantinha a minha cabeça perdida em memórias e desejos. Quando ele conduziu paralelamente ao mar, em direcção a Handyport, pude aproveitar a prenda que os céus me ofereciam. A Lua estava deitada no mar, naquele pedacinho de céu sem nuvens de neve ou chuva, criando a imagem mais etérea que alguma vez havia visto naquele local onde crescera. Acariciei a minha mão, sabendo que o corpo de Sebastian estaria noutro mundo algemado a ela. Quase podia sentir o calor afectuoso que, mesmo não existindo naquela pessoa, perdurava nos meus sonhos.

Chegámos à minha casa. Àquela hora da noite, toda a rua estava silenciosa, vazia. Lembrei-me da primeira vez em que tinha estado com Sebastian, naquela mesma rua, debaixo do candeeiro torto. Tinha sido o início da longa e sinuosa jornada que me tinha amadurecido como a uma maçã vermelha, pronta a ser trincada pelo meu amor ou a apodrecer até morrer. Porém, eu gostava de pensar que, apesar de ter apodrecido depois de todo o sofrimento, uma semente dentro de mim permitia-me crescer e tornar-me numa bela árvore que apenas precisava de ser cuidada.

Adam esperou no carro enquanto eu entrei em casa, acordando a minha mãe. Regressei vários minutos depois, lavada em lágrimas depois de uma conversa com ela. Adam não me fez perguntas, sentindo a minha instabilidade emocional. Solucei e limpei os olhos molhados com as pontas dos dedos congelados enquanto Adam ligava o carro e deixava aquela rua de infância para trás.

O caminho de regresso a Grand City pareceu duas vezes mais rápido. Estava a ficar mais frio dentro do carro, mesmo com o aquecimento ligado. Mas o maior gelo que sentia estava no meu coração e não havia meio de derreter. Pelo menos, enquanto Sebastian não estivesse comigo.

Chegámos finalmente ao hospital. Um grupo de fãs de Lorelei continuava na sua fiel vigília na entrada, a rezar pela sua recuperação. Podia jurar que ela estava a soluçar na minha cabeça. Percorremos o corredor do quarto onde ela estava e o silêncio era quase sepulcral. Um punho apertou o meu coração quando a vi novamente deitada numa cama, ligada a inúmeras máquinas que a mantinham presa à vida – mais parecia um ciborgue. A sua pele morena era agora cadavérica e a sua beleza brilhante tinha simplesmente desaparecido. Parecia quase morta.

Sem nunca deixar de sorrir, passei a minha mão carinhosamente pela sua cara. Ela parou de chorar, sentindo transcendental mente o meu toque gentil na sua alma. Tinha finalmente percebido que poderia perder a minha amiga a qualquer momento. A culpa que sentiria pela sua morte seria tão grande que não me permitiria enfrentá-la. Olhei para o resto do quarto. Havia ali uma cama vazia. Agarrei na mão de Adam, taciturnamente a olhar para o corpo indolente de Lorelei.

– Nunca me vou perdoar pela dor que te faço sentir diariamente. Mas tens de continuar o teu crescimento. Mudaste tanto desde que te conheci. Tornaste-te num homem maravilhoso. E um dia vais fazer alguém muito feliz. – Ele semicerrou os olhos, surpreendido com a minha estranha conversa. – Tenho pena que esse alguém não possa ser eu, mas a única coisa que não consigo controlar na minha vida, é o meu coração. Tens um lugar cá dentro, mas não é igual ao lugar que tens para mim dentro de ti. – Comecei a chorar timidamente, apesar de continuar a sorrir. Entre soluços e lágrimas, arranjei coragem para continuar a falar. – Eu tomei uma decisão arriscada. Preciso de cumprir esta missão, mas sem querer ser um fardo para ninguém. É um risco só meu e estou disposta a sacrificar-me para que ninguém seja afectado. – Abracei-o com força, molhando-lhe a roupa e a cara, inspirando o seu cheiro para preservá-lo em mim. – Sê feliz, Adam.

Adam afastou-me, atónito, mas já o meu corpo estava inanimado nos seus braços. Adam chorava incessantemente, que nem uma criança, enquanto ia baixando o meu corpo até ao chão, como uma delicada boneca de porcelana. Ver o meu corpo daquela forma, consciente daquela decisão arriscada, lembrou-me quando Riddel me tinha assassinado em Deep Hollow e eu olhava para o meu corpo morto. Um médico e uma enfermeira entraram a correr no quarto para examinar aquela rapariga que subitamente entrava em coma no quarto de outra rapariga em coma.

– *Eu sabia que ias fazer isso... Espero que não te arrependas*. – Belladonna falava pesarosamente.

– *Estás mesmo disposta a sacrificar tudo só para nos ajudares e conseguires encontrar o Sebastian... Até a tua vida*. – Lorelei transmitia um misto de tristeza passiva e incredulidade sofrida.

– Não queremos que morras e desistas da tua vida por nós, Noemi. *Gostamos muito de ti!* – Lily estava a chorar.

Não lhes respondi. A imagem piedosa de Adam era tão forte que comecei a chorar na minha própria visão, emoção que habitualmente não conseguia manifestar naquele estado. Depois da visão do futuro se ter concretizado e de ter penetrado na mente de Sebastian, a epifania iluminou-me a alma como um farol para me guiar. Eu nunca poderia sacrificar os meus amigos, que sempre olharam por mim. No meu interior, sabia que aquela busca estava a consumir-me por dentro. O único fio frágil que me agarrava à vida era a possibilidade de poder encontrá-lo novamente. E só conseguia concentrar-me nisso se não me preocupasse com mais nada, nem como o meu verdadeiro corpo na Terra e todo o mal que causava às pessoas que mais gostavam de mim.

Agora que o meu corpo iria ser cuidado por profissionais de saúde, ao lado de Lorelei, não tinha de regressar à Terra tão cedo e avançar directamente para o meu objectivo, mesmo que durasse anos. E se morresse... causaria dor a muita gente, mas não provocaria um trauma tão grande a Adam por morrer sob a sua vigilância em minha casa. O meu corpo evanescente começou a desaparecer. Deitei as últimas lágrimas com a noção desesperante de que aquela poderia ser a última vez que estava na Terra.

Plano

Quando despertei mais uma vez no corpo de Mia, na nave de

Lily-Violet, algumas lágrimas subsistiam. Já acordado, Sebastian olhou para mim sarcasticamente e eu apressei-me a limpá-las para não mostrar fraqueza. Fez um qualquer comentário maldoso sobre o facto de estar algemado a uma mortal piegas, mas tentei não ligar. Lá fora ainda era de noite. As estrelas estavam tão próximas que quase podia tocar-lhes. Lembrei-me dos momentos passados com a cabeça colada no peito de Sebastian a admirar aquelas mesmas estrelas, testemunhas do nosso amor.

Até amanhecer, mantivemo-nos em silêncio, inclusive as Guerreiras. Ele continuava a suspirar de impaciência e espreguiçava-se só para me aborrecer e magoar o pulso. Eis que o Sol começou a nascer no horizonte e com ele surgiram incontáveis pontos brilhantes no céu que divergiram por todo o lado como uma chuva de meteoritos. A eleição começava. Não fiquei surpreendida por não recebermos um orbe. Não éramos propriamente pessoas desejáveis em Orbias, nem era suposto existirmos lá como orbianos normais. A magia, sangue da Deusa, não nos reconheceria como alguém que nasceu de Orbias.

Lily-Violet avisou-me da proximidade de Opália e a nave começou a descender lentamente para não dar nas vistas. Ela dizia ter um plano, embora não quisesse desvendá-lo. Tanto eu como Sebastian éramos procurados em Orbias por homicídio, por isso, não podíamos entrar lá descaradamente, sobretudo algemados e com tanta segurança num dia tão importante para aquele mundo.

A nave negra desfez-se no meio da vegetação. Parecia uma espécie de selva com árvores muito altas e clima húmido. Como um GPS, Lily-Violet guiou-nos por ali. Sebastian parecia conhecer aquela região e desviava-se de todos os obstáculos como se ele próprio os tivesse colocado no nosso caminho, mas não se dava ao trabalho de me ajudar. Por fim, chegámos a um pequeno barracão, semelhante ao esconderijo de Jynx e Lily em Beihat. Lily garantiu-me que era seguro. Abri a porta com prudência e fiquei atónita com as pessoas que encontrei.

Jynx e o Dr. Filios olhavam-nos, surpreendidos. Com eles, estavam Cordélia, Malaquias e Richart. Não estava à espera de reencontrar precisamente todas as pessoas que me tinham ajudado naquele percurso, muito menos porque cada uma delas vinha de um meio diferente. Ficaram assustados quando me viram algemada a Sebastian, o famigerado assassino.

– Não se preocupem, ele não vai fazer mal a ninguém enquanto estiver preso a mim. – Preferi primeiro acalmar os ânimos e só depois os cumprimentei um a um. Continuaram extremamente tensos, apesar de tudo. Sebastian pareceu regozijar-se com o terror que causava aos presentes. O velho Malaquias era o único que se mantinha indiferente à presença dele. Ainda assim, quase podia ouvir as suas teorias e dúvidas sobre Sebastian rodearem a sua cabeça calva.

– *Noemi, trouxe-te até aqui porque, depois de nos contares a tua história, a Jynx prometeu que iria procurar as pessoas que te ajudaram para nos auxiliar na conspiração contra Riddel*. *Se tudo corresse bem junto ao Farol Velonia, prometi que voltaria para ajudar também.*

– Onde está a Lily-Violet? – Jynx pareceu alarmada. Ela não sabia que as almas das Guerreiras estavam dentro de mim.

– Ela está dentro de si, não está? Assim como as outras. É maravilhoso! E a presença do Sebastian aqui, nem sei que dizer... – Malaquias avançava para mim com uma curiosidade mórbida daqueles pormenores.

– Não sei do que está a falar. – Lancei um olhar fulminante ao velho, ansiando que ele percebesse que queria esconder tudo aquilo. Aproximou-se do meu ouvido com esforço e segredou.

– A Riddel levou o corpo da Belladonna. Desculpe... – Arrepiei-me com o que ele me contava. Fiquei subitamente inquieta, embora tentasse disfarçar. Belladonna não se manifestou; o mais certo era estar em choque.

– Infelizmente, perdi-me da Lily quando regressava do Farol. Mas enviou-me um orbe a avisar que estava bem e que a Rouge lhe destinou para outra missão. Entretanto, fui bem-sucedida na minha. Encontrei o Sebastian e concluí que eu sou a única vulnerabilidade desta personalidade dele.

– Personalidade? – Cordélia parecia confusa.

– Sim. Não consigo explicá-lo, mas, ao que parece, o Sebastian desenvolveu duas personalidades ao longo dos milhares de anos em que tem vivido. Uma delas, esta que vêem, é praticamente um animal sem alma. – Sentei-me para falar melhor sobre isso. Sebastian ria como se eu estivesse a dizer uma barbaridade. Admirou-me ele não se encolerizar por falar dele daquela forma, como se se tratasse de uma cobaia de laboratório, sem qualquer consciência. – Depois da sua suposta morte em Deep Hollow, esta personalidade mais negra e impulsiva, dominou o verdadeiro Sebastian. O meu objectivo é encontrá-lo, encontrar a sua verdadeira alma, seja onde for. – Também era devolver as almas às Guerreiras, mas ninguém sabia disso, excepto Malaquias. – E acredito que a Riddel esconda alguma coisa sobre isso. Assim, aqui estou para o ajudar e junta-me ao grupo de resistência.

– Porque achas que a Riddel tem alguma coisa a ver com os actos desumanos de Sebastian e que saberá inclusive que este não é o verdadeiro? Alguém que viveu milhares de anos certamente terá muitos segredos... – Jynx ameaçava-me com a sua desconfiança intimidante.

– Eu tenho as minhas razões.

– E o que te faz pensar que vamos confiar em ti? Quer dizer, tu estás algemada ao maior assassino de Orbias; isso faz de ti alguém suspeito. Talvez ele esteja a controlar-te para nos matar juntamente com o povo em Opália.

Sebastian grunhiu de raiva face à audácia de Jynx.

– Se ele conseguisse matar-vos já o teria feito. Acreditem, o melhor sítio para Sebastian estar é agarrado a mim, como uma fera domada.

– Vocês estão muito enganados em relação à Riddel. – Vociferou Sebastian, aterrorizando-os. – Se eu vos causo temor, tremerão ainda mais na presença dela. É muito mais cruel do que eu.

Não tivemos tempo de assimilar as palavras dele. O som célere dos orbes da eleição a regressar a Opália despertaram-nos para a emergência de fazer alguma coisa quanto ao poder crescente de Riddel. Jynx explicou-me muito rapidamente o plano que congeminara com os outros membros da resistência e tentou incluir-nos nele. Reparei que tinha uma intenção calculista de adicionar um ser forte e imortal como Sebastian em todo seu esquema.

O objectivo era muito simples: assassinar Riddel! Sebastian bufou à estupidez daquela missão absurda. Eu teria feito o mesmo. Será que aquele grupo de pessoas tinha consciência do poder e da maldade de Riddel? Ela e Sebastian pareciam partilhar um passado que eu desconhecia ainda. Mas enquanto Sebastian tinha tido a capacidade de desenvolver uma personalidade e uma alma moralistas e controladas, Riddel continuava com o imenso vazio gelado dentro de si.

Iríamos entrar na cidade num pequeno barco voador, de transporte de orbes, que Jynx tinha roubado em Dark Versalia. Já dentro da cidade, Cordélia, Richart e Filios tinham como missão infiltrar-se nas duas fábricas de orbes que forneciam energia aos seus habitantes com o intuito de deixá-la às escuras e num caos total. Malaquias ia coordenar tudo através dos orbes de comunicação que teria dentro do próprio barco. Com a eleição interrompida, Jynx, e agora eu e Sebastian, entraríamos no edifício da grande esfera do centro da cidade onde estaria Riddel. Segundo Richart, Rouge ia ajudar, mesmo colocando em risco a sua posição como candidata a governante de Orbias.

Tudo aquilo me pareceu arriscado e fútil. Não me queria envolver nem deixar que aquelas pessoas se deixassem levar pela esperança vã de que iam conseguir derrotar Riddel e acabar com o seu reinado de medo. Mas era algo que tanto eu como as Guerreiras na minha cabeça considerávamos como o curso natural da história de Orbias e da vontade dos seus habitantes. Mais do que Guerreiras com poderes naturais, éramos humanas cheias de defeitos, não éramos capazes de controlar tudo. Eu só tinha de conseguir chegar até Riddel e enfrentá-la. Estava convencida de que não havia ninguém nos dois mundos que soubesse mais sobre ela ou que tivesse realmente autoridade para ser considerada uma ameaça. E com aquele Sebastian a meu lado, eu acreditava que a situação ia ser bem diferente. Ele afectava-a de alguma forma, assim como ela o afectava a ele. Como dois gémeos.

Ataque

O ânimo das pessoas dentro do pequeno barco voador estava muito baixo, como se fossem para a forca. Talvez fosse o jocoso Sebastian a meu lado que os intimidasse. Olhei através da pequena janela redonda daquela bojuda embarcação. A cidade de Opália era o local mais maravilhoso que tinha visitado na minha vida! Compreendi de imediato porque era considerada a capital de Orbias. Além de grandiosa, era muito mais moderna e desenvolvida que qualquer outra cidade daquele mundo. Num vale gigantesco, havia milhares de casas brancas, de uma arquitectura geométrica perfeita que formavam ruas paralelas entre si Havia um jardim redondo no centro, e no meio desse jardim havia uma torre branca que equilibrava no topo uma esfera cintilante semelhante a um planeta. O Sol reflectia-se na sua superfície vítrea, iluminando algumas zonas da metrópole. Em torno daquele colossal anfiteatro urbano, havia quatro estátuas gigantes da Deusa, quatro lindas mulheres de pedra que protegiam a cidade de braços abertos. Lembrei-me do Cristo Redentor no Rio de Janeiro, na Terra.

O barco voador desceu até uma doca no interior de um edifício espaçoso, um cais. Malaquias, o menos suspeito de todos, ia a guiá-lo enquanto nós estávamos escondidos no interior. Um guarda de branco fez-lhe umas perguntas, mas deixou-o atracar sem problemas. Já lá estavam vários barcos voadores, que desafiavam a gravidade.

Reconheci o de Riddel. Os outros, pela sua sumptuosidade e bandeiras, deveriam ser de regentes de Orbias.

Cordélia, Richart e Filios afadigaram-se com duas caixas que supostamente seriam de orbes mágicos. Iam ser entregues a cada uma das fábricas para posteriormente cumprirem a sua missão. Eu, Sebastian e Jynx íamos misturar-nos com a população, disfarçados com mantos negros, tal como em Koboltz. Achava-o demasiado arriscado, mas Jynx assegurou-me que a população estava tão extasiada com a eleição e tão cega com a recepção de orbes que nunca iria reparar em alguém com mantos escuros. Belladonna insistia em dizer-me que tinha um mau pressentimento; eu sabia que raramente o seu instinto falhava.

Penetrámos no turbilhão de pessoas, mesmo debaixo dos narizes dos guardas da cidade. As pessoas estavam completamente loucas nas ruas, tal como nas outras cidades onde Riddel tinha estado. Era como se ela as hipnotizasse através daqueles artefactos, tornando-as seres sob o seu controlo. Realmente, havia abundância de orbes, como se os tivessem despejado em cima deles. Havia até orbes espalhados pelo chão. Só sabia que algo de estranho se passava com os orbianos, parecia uma bebedeira global. No centro, havia desfiles de bonecos que representavam Riddel como uma autêntica rainha salvadora e Rouge como uma mulher feia e exageradamente satirizada. Jynx guiou-me por becos e ruelas escuras para evitarmos a populaça. Curiosamente, Sebastian já não demonstrava a sua habitual malvadez. Estava estranhamente calmo e quase tinha de o puxar porque parecia completamente perdido.

Rossini fazia uma das suas emissões especiais na grande esfera do centro de Opália. A sua indumentária e maquilhagem eram tão extravagantes e coloridas que me feriam os olhos. Desdobrava-se em elogios a Riddel e dizia o quanto estava feliz com a sua futura vitória. Cada vez mais orbes entravam dentro daquela grande esfera e enchiam-na. Já ia a metade. Até ao pôr do Sol, a esfera ficaria completamente cheia com a vitória eminente da mulher de gelo. Um pouco por toda a cidade, havia cartazes com a minha cara e a de Sebastian, «procurados por homicídio».

Descemos a rua, não reparando numa ou noutra pessoa iluminada que ficava curiosa com os fantasmas negros que passavam por ali a alta velocidade. Estávamos prestes a chegar ao jardim no centro que dava para a torre da esfera. Jynx escondeu-se atrás de um muro de uma casa e com um gesto de cabeça ao estilo militar disse-nos para fazer o mesmo. A segurança parecia mesmo cerrada. Havia imensos guardas e a última coisa que queríamos era atrair demasiada atenção. Um grupo de pessoas aprumadas entrava com grande folia na torre, possivelmente para a festa.

Jynx pareceu frustrada. Depois de pensar bastante, ordenou-nos que esperássemos enquanto ia fazer o reconhecimento do local à volta da torre. Sozinha seria mais rápida. Depois de ela partir, ajoelhei-me com Sebastian num beco entre duas casas. Ele estava estranho. Naquele momento, parecia que a sua personalidade diabólica também tinha desaparecido. Agarrei-lhe na cara e virei-a para mim. Fixei ternamente os seus olhos negros para tentar perceber o que se estava a passar. Senti um intenso impulso de o beijar e abraçar, era como um íman. Mas não o fiz.

Virei-me para a rua e reconheci a figura duvidosa que passava por ali em direcção à torre. Na sua cadeira vermelha, carregada por dois asiáticos musculosos, ia Hao Shi-Shi com toda a sua aura de tarado de meia-idade.

– *Noemi! Vamos aproveitar a boleia do Hao Shi-Shi. Agarra naquele orbe e tenta usar o seu poder para mudar a vossa aparência*. – Brilhando tenuamente no meio de uma poça de água suja, estava um orbe que usei para tentar transformar-nos. Sebastian ficou bastante diferente, como um grande e possante asiático. Vi o meu reflexo na poça e a minha aparência era a de uma delicada japonesa. – *Agora já sabes o que te ensinámos, vai até ele e faz uso do teu sex-appeal*.

Era mesmo o que eu precisava!... Porém, se conseguisse entrar na torre graças à minha pequena actuação, então teria valido a pena. Não podia esperar por Jynx, tinha de agir e aproveitar aquela oportunidade. Estava a borrifar-me para o grupo de resistência. Confrontar Riddel sozinha seria uma forma de os proteger. Corri em direcção à rua principal e os três assustaram-se com o aparecimento de duas beldades como nós.

– Ó grande Hao Shi-Shi, nem acredito que estamos na sua presença! Estou tão feliz. Somos suas fãs e adoramos o seu imenso repertório! – Tentei parecer alguém fútil e ao mesmo tempo sedutor, mas Lily não parava de me desconcentrar ao gritar: “Olha o sotaque! O sotaque!”. Os seus olhos gordos saltavam de mim para Sebastian com alguma desconfiança.

– Porquê as algemas?

– Nem imagina o quanto nós conseguimos ser... originais na nossa relação. Estamos abertos a tudo. Ele hoje portou-se mal, por isso, está de castigo. – Abracei-me ao peito de Sebastian e coloquei um dedo na boca. Ele continuava sem reagir. – Por favor, grande Hao Shi-Shi, leve-nos para a festa também! Queríamos tanto ver como é uma festa de celebridades. E talvez depois da festa possamos... – Agarrei-me à cara de Sebastian e lambi-lhe o canto da boca da forma mais sensual que soube. Tratando-se do corpo de Sebastian, não foi nada difícil. Hao Shi-Shi continuava desconfiado, mas notava-se a sua excitação.

– Sinto que te conheço de algum lado... Bem, estou sempre pronto para novas experiências... Ainda para mais com alguém que transpira perversidade. Venham comigo!

Suspirei de alívio. As três Guerreiras riam entre si, dando-me os parabéns pelos dotes de actriz.

À entrada do jardim que dava para a torre, Hao Shi-Shi foi questionado sobre os dois convidados. Deu uma desculpa que nem consegui perceber e entrámos sem complicações. Pouco depois estávamos a atravessar o jardim de arbustos esculturais, e com os vislumbres descarados dele para o meu decote, entrámos na torre. Lá dentro, mais guardas e um elevador que nos levaria para o espaço subterrâneo onde teria lugar a festa da eleição da governante de Orbias.

Lá estava eu mais uma vez, a meter-me na toca do lobo, desta vez com outro lobo a meu lado. À medida que descia no elevador, o som da multidão lá fora ia desaparecendo, dando lugar a uma música mais requintada e ao burburinho de conversas pretensiosas. As portas abriram-se e estava diante de uma réplica do baile no Palácio de Pérola, do ano passado. Inspirei profundamente antecipando todos os problemas que certamente surgiriam a partir dali.

Apesar de termos outra aparência, tinha um medo inconsciente de que fôssemos reconhecidos. Escondi-nos atrás da alta cadeira de Hao Shi-Shi enquanto um emproado empregado nos dirigia até à nossa mesa num canto do salão. Reconheci algumas pessoas, a maior parte regentes que tinha visto no baile da Imperatriz. No centro da sala havia uma mesa com imensa comida, apuradamente confeccionada, um verdadeiro banquete. Havia cortinas vermelhas e orbes flutuantes a servir de lâmpadas pela grande sala.

Ao fundo, numa mesa cuja disposição lembrava um castelo medieval, sentavam-se Riddel, com Elena e Gabriel a seu lado, e Rouge. A primeira candidata tinha uma coroa maior que o normal, com adornos excessivos, e o cabelo branco enrolado pelas suas várias ramificações. Vestia um manto dourado por cima da sua pele gelada. Rouge tinha um comprido vestido vermelho que combinava com o seu cabelo carmesim, apanhado num carrapito com jóias. Rossini estava à sua frente, com roupas de palhaço e tentando apanhar todos os defeitos e reacções com a sua câmara.

Riddel olhava alienadamente para a sala, com uma expressão demasiado sarcástica para ser levada a sério por todos os regentes de Orbias ali presentes. No entanto, pelos seus comentários elogiosos, todos gabavam a futura governante. Ela fixou a nossa mesa e podia jurar que nos tinha reconhecido. Apertei a mão de Sebastian algemada à minha por debaixo da mesa. Esperava que ela saltasse dali e matasse todos os presentes só para consumar o ódio que nos tinha. Felizmente, acabou por desviar o olhar, desinteressada.

Incomodada com Rossini, Rouge levantou-se da mesa e saiu do salão, em direcção a um corredor atrás das cortinas. Pouco depois, Riddel seguiu-lhe o exemplo. A ideia das duas sozinhas não auspiciava nada de bom. A conselho de Belladonna e Lily-Violet, pedi licença a Hao Shi-Shi e levantei-me também da mesa com Sebastian, disfarçando as algemas que nos uniam.

Entrei dissimuladamente no mesmo sítio para onde Rouge e Riddel se tinham dirigido. Era um corredor mais escuro, com paredes de pedra e tochas na parede. Passei em frente a um espelho decorativo e percebi que o efeito da magia do orbe tinha desaparecido. Saíra mesmo a tempo. Se quisesse escapar, teria de ter muito cuidado para ninguém nos reconhecer. O gelo estilhaçado alertou-me para a aproximação de Riddel. Entrei numa sala ao acaso, puxando Sebastian com força, para que ela não nos visse. Espreitei através da fechadura e vi-a passar lentamente, para regressar à festa.

Sebastian começou a tremer compulsivamente e a gemer como se estivesse a passar por uma dor extrema. Ficou estendido no chão, de dentes cerrados e olhos fechados para não gritar. Não estava a perceber o que se estava a passar, que reacção era aquela. Seria pela proximidade de Riddel? Ele começou a melhorar aos poucos quando coloquei a sua cabeça no meu colo e a acariciei-a maternalmente. Passados alguns minutos, já recuperado, levantei-me com ele e saímos daquela sala. Mas continuava apático.

Avancei lentamente para o local de onde Riddel tinha saído. Abri a porta devagar e deparou-se-me um cenário aterrador. A divisão estava completamente gelada, como uma gruta de gelo azulado. Rouge estava estendida e pálida no chão, como uma graciosa princesa assassinada. Corri para ela tentando perceber se ainda estaria viva. O seu coração batia fracamente. Talvez tivesse chegado tarde de mais. Riddel tinha-a atacado, estando eu tão perto. Que insensato da minha parte ter deixado que aquilo acontecesse. Tinha de fazer alguma coisa, tinha de haver esperança. Com Sebastian naquele estado catatónico, sabia que não iria muito longe com o meu corpo. Mas tinha de ser rápida. Transformei-me, concentrei-me na mente de Rouge e entrei lá dentro para tentar salvá-la.

Destruição

Apareci num deserto de dunas intocáveis. O clima quente e inóspito era intensificado pelo glorioso Sol dourado que ardia no céu. Não havia sinal de nada ou ninguém naquele ermo interminável. Teria Riddel extinguido a alma de Rouge, não restando nada mais do que areia esquecida? E o Ente Padroeiro dela, onde estaria?

Subi com dificuldade uma duna alta para ver o espaço circundante. Resvalava pelos grãos finos quase a ponto de escorregar e ter de a subir de novo. Quando finalmente cheguei ao topo, arfando com o calor intenso que fazia, olhei para a extensão infinita de areia bege. A poucos quilómetros dali estava um castelo em ruínas. As torres que o constituíam jaziam desmoronadas sobre o chão e os destroços ainda fumegavam. Olhei para o lado oposto do deserto. Aquele espaço estava a desintegrar-se em milhões de partículas, como se estivesse a ser consumido por um buraco negro. Parecia o cenário de um filme de ficção científica. Desci a duna quase a rebolar e corri até ao castelo. Mas quanto mais corria, mais longe parecia estar, atrás das ondas de calor como cortinas de ilusão.

O grande castelo de pedra castanha aparentava ter sido muito bonito outrora; neste momento, parecia prestes a desabar. Até as heras que percorriam as suas paredes estavam arrancadas e espalhadas pela entrada. Numa estrada ladeada por árvores despidas, alguns baloiços de crianças emitiam um som arrepiante. Mortos e em pose de estátua, estavam seis homens que reconheci serem os monges que carregavam o Ente Padroeiro de Rouge.

Entrei pela porta escancarada com receio da rapidez com que o deserto, metáfora para o inconsciente de Rouge, estava a destruir tudo. O chão estava coberto com estilhaços dos vitrais das janelas altas e dos altos espelhos ornamentados que decoravam as paredes. Havia imensas portas, mas decidi arriscar pelas portas duplas no cimo de umas escadas.

Era uma sala com um trono de jóias num altar. O longo cabelo carmesim de Rouge espalhava-se por todo o lado, forrando paredes e chão como vegetação vermelha. Ela estava caída como uma bela adormecida, de longo vestido cor-de-rosa de seda. A agarrar-lhe na mão branca estava o seu Ente Padroeiro, a rainha cadavérica que supostamente teria morrido por amor e fora coroada depois de morta. Lembrava-me bem da história que Rouge me tinha contado sobre ela.

– O que aconteceu? Ela tem hipóteses? – Apressei-me para o pé dela e agarrei-lhe a outra mão. Estava muito fria. A sua alma estava a morrer juntamente com seu corpo. Quando me viu, o Ente pareceu ficar mais descontraído.

– A Riddel apanhou-nos de surpresa e atacou a alma da Rouge. Precisas de levá-la daqui. – A sua voz era fina, mas dramática.

– Ainda vou a tempo de hospedar a sua alma dentro de mim?

– Sim, eu consegui evitar o avanço do poder da Riddel. Porém, não nos resta muito tempo, o inconsciente dela está a ser destruído. Tens de a levar já.

Quando agarrei no corpo dela para o fundir ao meu, os seus cabelos diminuíram de tamanho até regressarem à sua dimensão normal, revelando as paredes enegrecidas da sala. Fechei os olhos, concentrei-me e esperei... Não aconteceu nada. Olhei inquisitiva para o Ente, mas também ele não sabia o que se passava. Foi então que percebi. – Foi uma armadilha. A Riddel usou a Rouge para me atrair até aqui e deixar que a minha mente fosse destruída juntamente com a dela. As minhas palavras fizeram sentido ao Ente. A rainha levantou-se e obrigou-me a fugir dali com Rouge nos braços. Ela ia tentar retardar a desintegração da mente dela enquanto eu tentava arranjar uma forma de sair dali. Sentia que era uma causa perdida, pois Riddel tinha feito alguma coisa para bloquear a saída da minha mente. Ainda assim, tinha de haver uma alternativa... Agarrei no seu pesado corpo no preciso momento em que ouvi as pedras do castelo esfarelarem-se, sugadas por uma espécie de buraco negro. À medida que corria pelos corredores, senti o sangue quente do Ente Padroeiro inundar todo o local e a descer as escadas comigo como um oceano vermelho. Era a intrepidez do seu amor trágico que a ajudava a combater. Tal como a mim...

Os meus pés afundavam-se na areia com o peso de Rouge nos meus braços. Quase não conseguia correr. Olhei para a sua cara desmaiada e apercebi-me do quanto o seu inconsciente poderia ser rico. Os destroços mantinham algumas reminiscências de histórias de princesas de contos de fadas, apesar da personalidade controlada que Rouge revelava. Embora estivesse a tentar salvá-la, não conhecera tão bem quanto desejava a Guerreira que me parecia mais distante do que as outras. Arrisquei olhar para trás. Já não havia sinal do castelo nem do Ente. Aliás, o buraco negro parecia estar a avançar cada vez mais depressa, muito mais do que eu conseguia fugir dele.

Iria acabar tudo ali? Seria a minha jornada interrompida, presa na mente de outra pessoa? Nem tinha conseguido encontrar Sebastian... Não aguentava mais. Deixei-me vencer pelo cansaço e pousei Rouge no chão enquanto arfava ajoelhada na areia. Ao menos ia morrer com o meu próprio corpo, ainda que imaterial. Só lamentava o facto de não ter podido ajudar as Guerreiras e prestar a devida homenagem ao corpo de Mia. Ou de morrer com um último vislumbre do verdadeiro Sebastian, nem que fosse por um milésimo de segundo.

Inesperadamente, um foco de luz apareceu em pleno ar por cima de nós. Para surpresa minha, Sebastian surgiu de dentro da luz e pousou à nossa frente. Por momentos, tive esperança de que fosse o verdadeiro Sebastian a aparecer finalmente para me salvar como um cavaleiro a resgatar a sua princesa. Ou que fosse uma alucinação provocada pelo calor e pelo sentimento de desistência. Mas o Sebastian que estava ali era como um apunhalamento da malfadada realidade. Era o mesmo homem diabólico que estava algemado a mim.

Com um sorriso de trevas, agarrou-me na mão e puxou-me, levando-me dali. Pedi-lhe para esperar e agarrei no corpo de Rouge. Enquanto ele formava um novo foco de luz, como um rasgão no espaço que era o inconsciente de Rouge, tentei que a sua alma entrasse dentro de mim. Fui inundada por aquela luz quente, mas não consegui perceber se ela estava a entrar em mim ou não.

Maldição

Quando tomei consciência de que estava de volta à sala onde

Rouge estava caída, em Opália, a primeira coisa que fiz foi perguntar às Guerreiras se Rouge estava com elas. Suspirei profundamente quando Lily-Violet me confirmou que ela estava presente, mas ainda não estava em condições de falar. Talvez o ataque de Riddel ao seu inconsciente tivesse sido mais grave do que eu pensava.

Sebastian olhava intensamente para mim, mas não sorria. Já não estava no estado catatónico de há momentos. O olhar malicioso perdurava, embora já não emitisse o habitual halo de terror. Ele provava ser alguém cada vez mais complexo, cuja alma era composta por ramificações indefinidas e intrincadas. Por mais que tentasse percebê-lo, as suas acções inesperadas deitavam tudo por terra. Toquei com a minha mão na sua face quente para que me prestasse atenção.

– Porque me ajudaste? Pensei que te querias ver livre de mim.

– É como dizes: a minha única fraqueza, e contra a qual não consigo lutar, é saber que te vais magoar. Odeio isto! Odeio-te!

Ele bateu violentamente com o punho na parede. Quando vi os primeiros fios de sangue a escorrer da sua mão, agarrei-a suavemente. Pela primeira vez, senti compaixão por aquele ser forte, mas, apesar de tudo, com uma fraqueza tipicamente humana. Ele olhava colericamente para mim, mas, ainda assim, sentia que havia uma química entre nós. Eram as sequelas deixadas pelo meu Sebastian. Não conseguia mesmo evitar. Aquele era o corpo de Sebastian.

Subitamente, um grupo de guardas vestidos de branco irrompeu pela porta. Atrás deles vinha a majestosa Riddel, e junto a ela Rossini, munido de uma câmara. Depois de sorrir secretamente para mim, ela falou para o grupo de pessoas com um dramatismo desmedido.

– Oh, minha Deusa! O Sebastian e a Guerreira conseguiram invadir a torre e assassinar a princesa Rouge! Que tragédia, que horror! Que a Deusa tenha piedade dos vossos actos desumanos. Que tenha misericórdia por todos nós que sofremos com os pecados de dois seres desalmados. Guardas, levem-nos! Eu trato do corpo da princesa. E tu, Rossini, filma tudo. Quero que Orbias inteiro saiba que os dois fugitivos foram capturados.

Os homens agarraram-nos com violência. Não consegui alcançar o frasco de magia para me transformar em Guerreira. Sebastian pareceu novamente afectado com a presença de Riddel, pelo que não reagiu à nossa captura. Fomos arrastados pelo corredor enquanto Riddel ficava para trás e se apoderava do corpo de Rouge e Rossini nos perseguia com a câmara como um abutre faminto. No salão da festa, os presentes olhavam e desviavam-se de nós como se tivéssemos uma doença contagiosa. Gabriel olhava para mim, ou melhor, para Mia, completamente desolado. Quando entrei com Sebastian no elevador, ouvi os grunhidos de Hao Shi-Shi ao fundo do salão a dizer que tinha sido enganado pelo demónio-mulher. Esperava que aquele termo não se popularizasse. A reputação das Guerreiras já estava suficientemente manchada.

Antes de as portas do elevador se fecharem, o tecto e as paredes do salão estremeceram e as luzes apagaram-se. O grupo de resistentes concluíra com sucesso a missão de explodir as duas fábricas de orbes que forneciam energia a Opália. Na escuridão total, as pessoas da festa gritaram, apavoradas, possivelmente porque estavam na mesma sala que duas pessoas tão perigosas.

– *Noemi, tens de sair daqui. A Rouge pode ajudar-te*! – Lily falava com uma rapidez urgente.

– *Eu... consigo... guiar-te pela sala*. – A voz de Rouge era fraca na minha mente, como se estivesse no fundo de um poço. Quase não conseguia ouvi-la. – *Sai do elevador e agarra-te à... parede. Se a seguires durante um bocado... vais chegar a uma porta... atrás de uma cortina*.

Passei por cima dos guardas e puxei o indolente Sebastian contra a parede. Segredei-lhe ao ouvido o nosso plano para que me acompanhasse no meio do escuro e dos gritos. Não sabia se me estaria a ouvir convenientemente. Se não estivesse, era questão de o puxar comigo. Depois de alguns minutos atordoantes, consegui apalpar as tais cortinas. Tentei afastar o emaranhado de tecido e descobri finalmente a maçaneta da porta. Puxei mais uma vez por Sebastian, magoando o pulso, e fechei a porta atrás de nós. Estava diante de umas escadas, iluminadas por tochas. Felizmente, nem tudo em Orbias dependia de orbes mágicos...

Corremos escadas acima durante alguns minutos. Tinha esperança que nos levassem até à rua. Notei que Sebastian ia recuperando aos poucos o seu controlo e consciência. Quando me preparava para abrir a porta de saída, Sebastian puxou-me de tal forma que quase voei por cima dele e estatelei-me no chão com grande violência. Senti as dores retumbantes invadirem os meus joelhos e cotovelos. Olhou para mim e pareceu regozijar-se com o meu sofrimento. Abriu a porta e Elena estava do outro lado. Agarrou impiedosamente no seu pescoço e puxou a adolescente para dentro, atirando-a contra a parede, como se fosse um animal. Enquanto ela se debatia, levantada no ar pela força bruta de Sebastian, podia sentir a ira fervilhar dentro dele. Os olhos dela ficaram cada vez mais arregalados e a sua pele azulada. Os dedos dele cravaram-se na pele de Elena e arrancaram-lhe a cabeça, impiedosamente. Gritei de horror quando ela rebolou até mim, inanimada. Mas algo estranho se passava; era como se fosse a cabeça de uma boneca. Em vez de sangue, magia líquida escorreu pelas escadas abaixo, vinda do seu interior. Olhei para cima e o corpo de Elena estava a esvair-se em magia, tal como tinha acontecido com Merovingian na Terra.

Sebastian levantou-me do chão com um só braço e obrigou-me a correr em direcção ao breu lá fora. Não se conseguia ver nada, apenas a silhueta da esférica cidade de Opália e os gemidos de pânico da população. O céu estava encoberto, por isso, nem podíamos contar com a luz da Lua ou das estrelas. Eu não sabia para onde ele me estava a levar, mas decidi confiar no seu sentido de orientação. O facto de me ter protegido de Elena revelava que algo mais havia por baixo da crosta de demónio. Talvez não o meu Sebastian, não o Sebastian malévolo, mas uma terceira entidade que misturava os dois. Na minha cabeça, lamentei o facto de o meu coração se ter rendido a alguém tão complexo e que comportava tantos problemas e perigos para a minha vida. Teria sido tudo tão fácil se me tivesse apaixonado por alguém como Adam.

Subimos a rua com o intuito de fugir da cidade. Tentei falar com ele, mas não me respondia. Limitava-se a fugir por entre os populares descontrolados com uma destreza perfeita. Era tão veloz que quase me arrastava pelo chão presa pelas algemas. Senti o aroma húmido da vegetação que circundava a magnífica cidade. Quando pisei solo mais pantonoso, percebi que tínhamos abandonado Opália.

– Não te achas forte o suficiente para derrotar a Riddel? Achas que vais ser fácil? Vais ver isto! – Sebastian falava comigo extremamente zangado.

Agarrou-me na mão e fez com que subisse até aos altos ramos de uma árvore. Dali, conseguíamos visualizar toda a extensão da cidade às escuras. Duas colunas mais escuras identificavam o local das explosões das duas fábricas. De repente, toda a cidade se iluminou novamente e ouvi os vários suspiros de alívio da população com o fim daquele apagão. Na grande esfera do centro da cidade, cheia de orbes até ao máximo, era projectada a imagem de Riddel que se preparava para falar.

– Era eu que deveria estar a fazer isto, não ela. – Sebastian parecia distante e raivoso, perdido nos seus profundos pensamentos que eu ainda não conseguia entender.

– Meu caro povo de Orbias. Meu indolente e pecador povo orbiano. Esta que vos fala é a vossa nova governante. – As pessoas começaram a gritar e a assobiar de felicidade. Eu quase podia ouvir os berros dos habitantes de outras cidades ali perto. – Infelizmente, o destino que a Deusa traçou para a princesa Rouge passava pelo seu assassinato pelas mãos de Sebastian e da Guerreira da Omnisciência, cujas heresias e atentados à Deusa passam pela morte de centenas de pessoas e apoderamento dos corpos dos mortos. Não obstante esses graves flagelos, agradeço-vos eternamente pelo voto de confiança.

«Uma nova era começa agora em Orbias. – O seu olhar gélido ganhou um brilho dissimulado e a graciosidade com que se dirigia aos orbianos desapareceu. Os traços da sua boca eram do mais maníaco que já tinha visto. – Orbias vai ser um novo mundo onde eu vou reinar. Este é agora o meu mundo e farei com ele o que me convier. Para provar a firmeza das minhas palavras, vou começar com um sacrifício. Começa hoje o meu reino de terror!

Agarrei na casca da árvore com as unhas. Agora que Riddel tinha sido oficialmente eleita pelos orbianos, estava a revelar a sua verdadeira natureza. Mas não me agradava o tom da voz que antevia um cataclismo na cidade de Opália. As pessoas abandonaram a euforia, dando lugar a murmúrios de consternação. Projectada a sua imagem na grande esfera, Riddel ergueu os braços com a delicadeza de uma gazela e entreabriu a boca deleitosa. O ar à minha volta ficou subitamente pesado, como se a própria gravidade nos estivesse a puxar. O zumbido ensurdecedor, típico dos assassínios de Sebastian, inundou-me os ouvidos, seguido de um som que parecia um gongo gigante.

A câmara acompanhou a descida de Riddel para a rua. Ela deambulou majestosamente por entre as pessoas, vestida no seu manto comprido, como se estivesse num ameno passeio. Mas por onde ela passava, os populares gemiam baixinho, encolhidos em sofrimento, sangrando dos olhos até cair a seus pés, brancos e inanimados como defuntos. Tive o impulso de saltar da árvore e impedir Riddel de matar indiscriminadamente todos aqueles orbianos, mas Sebastian agarrou-me fortemente no pulso algemado.

– Dizes que a minha fraqueza é não deixar que te magoes. Então, não podes aproximar-te da Riddel agora, correndo o risco de morrer aprisionada nas visões mais horrendas que já tiveste. – A sua voz era pesarosa como um túmulo.

Queria desviar o olhar de toda aquela chacina silenciosa, mas havia algo de morbidamente poético naquela imagem. Uma misteriosa rainha de gelo que espalha a morte a todos os que se cruzam no seu caminho, como um véu negro. Eu sabia que Riddel conseguia entrar na mente daquelas pessoas e matá-las a partir daí, tal como fazia com as Guerreiras. Não consegui conceber algo mais depravado do que matar alguém através de ilusões horríveis. Ela entrou no barco voador que estava pousado no jardim na base da grande esfera e ascendeu até pairar sobre a cidade. Lá de dentro, foram atiradas milhares de folhas de papel que caíram como borboletas mortas.

– O Ente prisioneiro... – Aquele seria o Ente Padroeiro de Riddel, mais uma das coisas que no passado nos tinha feito acreditar que ela era uma Guerreira.

– O que vai acontecer? – Sebastian estava demasiado introspectivo para notar sequer a minha presença. Senti que devia voltar à cidade e evitar o que quer que fosse que Riddel estava a fazer, mas, por outro lado, era acometida por uma impotência inexplicável. Era absurdo pensar que conseguia ajudar aquelas pessoas. Eu era só uma, uma formiga contra o gigante que Riddel simbolizava.

Assim que as primeiras folhas pousaram nas ruas e telhados de Opália, gelo estalejante e mortal engoliu todo aquele espaço como uma nuvem azul. Um gigante e sepulcral glaciar dominou completamente Opália, enclausurando os seus habitantes moribundos. Em poucos segundos, toda a cidade tinha sido dizimada, restando apenas a esfera gigante que transmitia cruelmente as imagens de desolação para todo o mundo de Orbias. Como cordas translúcidas, inumeráveis espectros divergiram do gelo e evaporaram-se na noite escura, como o falecimento de estrelas cerúleas. Eram as almas daqueles orbianos, roubadas pela maquiavélica Riddel.

A imagem na esfera apagou-se e a cidade ficou completamente escura novamente. O barco voador seguiu o seu rumo, perdendo-se no horizonte e deixando a destruição para trás. Com a estrutura enfraquecida pelo gelo, a fraca torre que suportava a esfera quebrou-se, deixando-a cair secamente em cima do glaciar. Só parou quando embateu nas árvores da selva nos arredores da cidade. As estátuas da Deusa, igualmente debilitadas pelo poder frio de Riddel, cederam e desmembraram-se pelas encostas como castelos de areia.

Eu nem queria acreditar em tamanha tragédia, reduzida a mera testemunha, incapaz de salvar aquelas pessoas. Tinha falhado enquanto Guerreira, mas, principalmente, enquanto pessoa. Tentei descer da árvore para ir até à entrada de Opália. Desta vez, Sebastian não me impediu e acompanhou-me. Uma densa parede de gelo perpetuava a cidade lá dentro. Parecia uma imensa bola de cristal. Até conseguia ver os corpos caídos e congelados. Toquei com a mão no glaciar, apercebendo-me de que os meus amigos estariam igualmente lá dentro. Mortos. Cordélia, Malaquias, Richart, Filios, e até Jynx. Todos os regentes, todas aquelas pessoas... Chorei contidamente. Não queria parecer fraca ao lado daquele Sebastian. O que me custava mais era a sua indiferença face à tragédia e à minha tristeza. As Guerreiras mantiveram-se igualmente silenciosas na minha mente, possivelmente tão chocadas quanto eu.

Começou a chover, e só aí percebi como estava com frio; tremia convulsivamente. Sebastian deu um puxão no meu braço e obrigou-me a acompanhá-lo para fora dali. Parecia frustrado. Não me tinha esquecido das suas palavras: «Eu é que devia ter feito isto.» Se tal era possível, ele era um monstro como Riddel. A esperança de encontrar o meu Sebastian e ajudar as Guerreiras parecia cada vez mais remota, como uma luz ao fundo de um túnel que vai ficando mais e mais distante. Com quatro almas na minha cabeça, usando o corpo de outra e algemada a um homem com o corpo de outro que amo, senti-me mais sozinha e abandonada que nunca.

Demónio

– Com um corpo tão frágil, e que ainda por cima nem é teu, a última coisa que preciso é de ter uma doente algemada a mim. – Sebastian arrastava-me impiedosamente pela selva, em busca de um abrigo. O meu pulso começava a ficar negro e a minha teoria de que ele não me conseguia magoar começava a desvanecer-se.

Continuava a chover cada vez com mais intensidade. E a escuridão da noite não nos permitia encontrar um local onde pudesse recuperar do gelo que sentia na pele e na alma. Acabámos por ir dar a uma pequena gruta por baixo de um grande tronco e por cima de um pequeno lago. Quando me sentei no chão de terra mole ainda sentia o meu coração acelerado e a respiração pesada. Sentia-me enjoada com as memórias daquela cena, parecendo que ia vomitar a qualquer momento. Ele tirou um isqueiro do bolso e acendeu uma fogueira com alguns galhos. Sacou então de um cigarro e começou a fumar descaradamente para cima de mim.

– Desde quando é que fumas? – Estava tão angustiada que até estava rouca.

– Desde que inventaram esta maravilha. Dá-me um imenso prazer e acalma-me. – Ele sugou avidamente o fumo e expeliu-o em círculos. Para um homem eterno, não havia problema em prejudicar a sua saúde, que era perfeita. Mesmerizada pela luz quente do fogo, não conseguia manter-me calada, como se o silêncio fosse um monstro pronto a devorar-me.

– A magia... É a causa disto tudo, não é? – Os meus olhos continuavam fixos e perdidos nas chamas, apesar de saber que ele estaria a olhar para mim, com os seus olhos baços de demónio. – A Riddel atraiu todas aquelas pessoas com orbes e atraiçoou-as quando ganhou a sua confiança. – Ele continuou em silêncio. Decidi confrontá-lo. – Diz-me quem é a Riddel! E quem és tu, realmente? Eu sei que os dois têm uma relação, vi-o na tua cabeça.

– É melhor manteres-te na ignorância. O que não sabemos não nos pode magoar... – Ele desviou o olhar do meu, mas não permiti que acabasse ali a conversa e dei-lhe uma chapada, completamente enervada com a sua atitude.

– Diz-me! Por favor, eu imploro-te! Eu não aguento mais manter-me na ignorância. – A sua cara de escultura ebúrnea ficou vermelha com a marca da minha mão. – Eu sacrifiquei a minha própria vida para estar aqui, por uma causa perdida. Se realmente não consegues magoar-me, tens de me contar. É a minha sanidade mental que está em jogo!

Deixei cair a cabeça, escondendo as lágrimas com as duas mãos. Senti a derrota como um gosto amargo na boca. Ele não ia ceder perante a minha tristeza. Passaram minutos em que tudo me passou pela cabeça, inclusive o meu desejo de que aquele Sebastian regressasse para aquele fogo infernal de onde tinha vindo. Surpreendentemente, ele acabou por falar, uma voz arrastada como os longos anos que ele tinha vivido.

– A Riddel não acredita senão nela própria e é uma sociopata. Se achas que eu sou malévolo, a Riddel é mil vezes pior. – Falava como se ele próprio tivesse medo dela. – Não teme nada nem ninguém. Age de forma egoísta e manipuladora porque é a sua natureza. É algo que lhe é inato. Mas tem consciência disso. – Remexeu na fogueira com um pau, perdido nas memórias distantes que teria dela. – Eu não estava consciente na altura, mas certamente o outro Sebastian colocou-te a par da lenda que envolve a criação dos mundos e sua separação.

– Agora que dizes isso, apercebi-me de que a história que ele me contou está repleta de lacunas e elementos falsos. A Guerreira traidora nunca existiu, por exemplo. Que quer isso dizer? – Estava tão cega com a busca por Sebastian, o perfeito e eterno Sebastian, que nem me tinha apercebido da sua complexidade, das suas falhas. Era como uma maçã muito suculenta, mas com bicho lá dentro.

– Não vou defendê-lo. Ele não existe, nem merece que pense nele sequer. Creio que, ao contar-te a minha história, vai ser como uma vingança por todo o tempo que me deixou adormecido contra a minha vontade. E pode ser que fiques tão enojada comigo que decidas soltar-me, finalmente. – Sorriu, arreganhando os dentes como um lobo. Inspirou profundamente e nem sequer o fumo daquele ambiente fechado o fez vergar. – Imagina que há uma história quase tão antiga como a criação dos primeiros humanos por Deus e pela Deusa. – Ele olhou para a minha cara e desatou a rir. – *Okay*, já sei que isto é clichê e já a ouviste por diversas vezes. Mas vais ter de a gramar... Em constante diferendo devido às suas personalidades distintas, os Criadores estavam impossibilitados de entrar em conflito directo. Duas forças cósmicas em guerra poderiam destruir o mundo que tanto adoravam ou até mesmo eles próprios. Mesmo enfraquecida depois de criar Merco e Allyia, a Deusa tinha uma inteligência e uma frieza que o próprio Deus temia. Decidiram então criar dois soldados, duas marionetas poderosas e sem consciência que serviriam como peões dos seus joguinhos doentios.

– Vocês são esses soldados... – Ele não confirmou, mas o seu olhar aterrador disse tudo.

– Durante séculos, eu e a Riddel combatemos em autênticas lutas sobrenaturais, tão violentas e espectaculares que nem te passa pela cabeça. Aliás, eu próprio não retenho quase memórias disso. E aí é que reside o problema. Aos poucos, Deus e a Deusa iam percebendo o quanto éramos imperfeitos: tínhamos ganho uma consciência e começávamos a questionar o que fazíamos. A revolta veio pouco depois. Sabes? Eles não são os seres eternamente bons e misericordiosos que os dois mundos idealizaram. São criaturas ambíguas que conseguem ter tanto de benevolentes como de cruéis. Ao criarem essas criaturas cujo único propósito era lutar e vencer o lado inimigo, não se aperceberam de como elas concentravam em si tanto mal, tanta violência e tanto poder. Atormentados pelo arrependimento do seu erro e imperfeição irreversível dos seus autómatos, Deus e a Deusa decidiram expulsar-nos do reino dos Céus. Fomos literalmente abandonados e atirados para o mundo, onde os filhos de Deus e da Deusa se propagavam.

– Então, Deus e a Deusa existem? Eles são reais? – Não me respondeu e continuou com o seu relato.

– Eles de facto não tiveram consciência de como nós éramos dois fracassos. Não tínhamos alma nem controlo de emoções. O propósito para que fôramos criados deixou de existir quando fomos expulsos. Já nem sequer tínhamos o instinto para lutar um contra o outro e não podíamos morrer. Ao observar de longe outros humanos, ganhámos uma nova visão, uma nova forma de agir. Apercebemo-nos de quanta escuridão tínhamos dentro de nós, que precisava de ser dirigida a alguma coisa. A vingança surgiu como um elemento que nos uniu. Dois eternos oponentes uniam-se pelo objectivo de destruir os Criadores.

– Vocês queriam matar Deus e a Deusa? Isso é possível sequer? Quer dizer, dois seres transcendentais como eles... O que aconteceria com o mundo que eles criaram?

Ele interrompeu-me com uma gargalhada de desdém.

– Já ouviste falar da morte de um filho só porque o seu pai morreu? Já viste algum prédio desmoronar-se depois de o seu arquitecto ter morrido? Os mundos estão criados, isto pertence tudo ao Homem, agora. – Aquela ideia herética estava a dar-me a volta à cabeça, mas não havia razão para não acreditar nele.

– E como pretendiam matá-los?

– Eles não são tão poderosos assim. Também precisam de *comer* para sobreviver, especialmente porque se sentem enfraquecidos com o esquecimento do Homem. Eles alimentam-se das almas dos humanos que morrem. Estão rodeados por elas, e é isso que os mantém vivos.

– Então, é essa a razão para se dedicarem a roubar as almas das pessoas... Foi por isso que vi todos aqueles massacres nas tuas memórias. Ao longo de todo este tempo, estiveram a impedir que as almas regressassem para junto de Deus e da Deusa. – Ele acenou, orgulhoso. – Mas se a vossa vingança é contra Eles, porquê usar os humanos? Porquê sujeitá-los a tanto sofrimento?

– E porque não? Se até os Criadores usam os seus «inventos» como meros bonecos, porque não usarmos os humanos para os atingir? É a nossa natureza, nascemos com um propósito apenas: matar, violentar, ter prazer para encher o eterno vazio dentro desta casca. Eles não esperavam que as suas preciosas marionetas ganhassem uma consciência, mas foi isso que aconteceu. Não penses, no entanto, que nós não temos o que vocês chamam de «bondade e misericórdia», que não sentimos quaisquer remorsos pelos nossos actos. – O facto de ele me confessar aquela história com um sorriso glorioso deixava-me com a mesma sensação opressiva que tinha tido no interior da sua mente.

– Mas a Riddel não está já contigo. Porquê a separação?

As Guerreiras segredavam entre si na minha cabeça, mas não conseguia perceber o que diziam. Sebastian suspirou, como se fosse difícil exprimir por palavras quem era realmente Riddel.

– Apesar de a nossa génese ser a mesma e termos a mesma natureza destrutiva, a Riddel sempre foi diferente, mais complexa. Deus empenhou-se bastante na sua criação. Queria que ela concentrasse em si a sua depravação e astúcia. Eu fui criado como um ser mais forte, embora instintivo. Não consigo controlar o meu impulso para matar ou provocar sofrimento nos que me rodeiam. É como pisar uma série de formigas e obter um imenso prazer. É isso que me faz sentir vivacidade neste corpo milenar. É um frenesim cá dentro que me descontrola.

«No caso da Riddel, é muito diferente. Ela tem plena consciência dos seus actos. Fá-lo de forma ponderada, com muito poder de manipulação à mistura. Ela trabalha ao nível das mentes das pessoas. – Um rasgo de ansiedade passou-lhe pela boca. – Já viste isso acontecer. Ela entra na vossa cabeça, mexe com as vossas emoções, memórias, sentimentos... Faz-vos acreditar que estão a morrer com a dor mais visceral que já sentiram ou faz com que multidões acreditem em coisas que nunca existiram. Ela tenta fazê-lo comigo também. Aproveita-se das minhas fraquezas para me perverter. São a força e os impulsos básicos que me orientam. À Riddel, é a sua própria existência maquiavélica.

– Isso quer dizer que ela é mais forte que tu? Nem sequer tu podes derrotá-la?

Ele voltou a rir, emitindo um eco claustrofóbico naquele pequeno espaço.

– Eu sou tão forte quanto ela. Mas por vezes a inteligência sobrepõe-se ao poder físico. Ninguém tem poder suficiente para destruir a Riddel. Nem a mim, já agora. Até me atrevo a dizer que, neste momento, nem Deus nem a Deusa o conseguiriam. Eu podia tentar derrotá-la, mas não o faço. Estamos equilibrados. E além disso, porque derrotaria alguém que há milhares de anos partilha aquilo que faço? Conseguir eliminar os Criadores é o nosso derradeiro objectivo.

– Ainda não me respondeste à pergunta. Porque não estás com ela agora se durante todo esse tempo vocês foram uma equipa? – Apesar de atormentada com a história que ele me contava, tinha de lhe arrancar o máximo de informação. Talvez conseguisse alguma pista sobre como recuperar o meu Sebastian.

– Podes agradecer ao «amor da tua vida»! – Ele deu um murro no solo, colérico com a sua resposta. – Durante todo este tempo, fui torturado por essa doença, essa personalidade que se formou na minha existência imperfeita e me dominou durante graves momentos de fraqueza. Quando acordei no mar de magia, há um ano, e me livrei dele para sempre, percebi que podia regressar ao meu objectivo. Mas os mundos estavam muito diferentes. As Guerreiras tinham reaparecido e a Riddel estava mais poderosa que nunca. Era perigoso voltar a sujeitar-me à manipulação dela. Decidi afastar-me e, solitariamente, continuar aquilo para que fui feito: matar.

– Livre para sempre? Tu não estás livre para sempre. Ele continua vivo e adormecido dentro de ti. Eu sinto-o. É a razão pela qual ainda não me mataste.

Ele firmou os dedos compridos no meu pescoço e olhou-me iradamente. O meu ar desapareceu.

– É apenas uma réstia da doença! Quando recuperar completamente, vais arrepender-te de me teres algemado a ti! Depois de te violar, vou estrangular-te e cortar-te ao meio com um só golpe! Vou vingar-me de ti por tudo. Ninguém me faz frente! Muito menos uma humana!

Quando me soltou, engasguei-me violentamente. Virei-me para o lado para esconder as lágrimas enquanto ele puxava de outro cigarro. Aquele ataque e as suas palavras cortantes tinham sido um choque. Quando começava a esquecer que aquele homem ao meu lado era afinal um demónio, ele atraiçoava-me com a lembrança do ser insano que era. Naquele momento, tive vontade de me soltar de Sebastian e regressar à Terra, esquecer aquele imbróglio em que me tinha envolvido e que tanto sofrimento me causava. Mas estava inevitavelmente presa a Sebastian. A Sebastian e às Guerreiras. Talvez se eu tivesse ignorado aquela visão dele e tivesse continuado na ignorância na Terra, pudesse ter uma vida normal, livre de conspirações divinas. Com algum esforço, talvez até conseguisse ter uma vida feliz... Quem é que eu queria enganar? Sem Sebastian a meu lado, nunca poderia ser feliz. Ele era a minha alma gémea, a outra metade do meu coração que me fazia ter alguma alegria de viver. Ou talvez isso fosse tudo uma imatura ilusão provocada pelo deslumbramento que me causava...

Eu agora sabia toda a verdade sobre Riddel e Sebastian. Nunca esperei tomar conhecimento de uma história tão espectacular quanto inconcebível. Não sabia que rumo tomar, não sabia que papel desempenhar. O papel da Noemi humana, cujo único desejo era encontrar Sebastian e ajudar as Guerreiras? Ou o papel da Guerreira cuja missão era exterminar qualquer ameaça aos dois mundos? Analisando o caso objectivamente, Sebastian e Riddel conspiravam contra os Deuses há milhares de anos. Se isso constituísse uma ameaça, teria renascido há muito mais tempo. Eles não constituíam um perigo para os mundos propriamente ditos, apenas para os habitantes e com o objectivo de atingir os seus Criadores. Então, porque tinha nascido eu nesta era? Qual era afinal o papel de uma Guerreira? Talvez eu já tivesse a verdade dentro de mim, alcançada com o pico da Omnisciência no Castelo de Grimmus. Mas por mais que tentasse, não conseguia lembrar-me do que tinha visto.

– Se dizes que a Riddel tem um poder como esse, então o que o difere do meu dom da Omnisciência?

– O poder dela é muito mais vasto que isso. Porém, acho que a pura maldade é aquilo que mais se destaca nela... Não te preocupes, a tua Omnisciência é mais eficaz, a dela é mais limitada. Pensa que és um grande sol radiante e ela as estrelas dispersas no céu.

Fiquei a matutar naquelas palavras enigmáticas.

Um kutchy molhado entrou para a pequena gruta com um orbe, despertando-me de divagações, enredada que estava por perguntas que não podiam ser respondidas. Rossini tinha sido célere com as últimas novidades. Sebastian arrancou o orbe das mãos do bichinho e tive de impedir que lhe desse um pontapé. O animal saiu, assustado, directamente para a chuva torrencial. Rossini, com a sua habitual indumentária de diva exuberante, foi projectado na parede de raízes de árvores. Apesar do seu ar amalucado, estava bem mais contido.

*Olá, olá, meus orbianos amorosos. Ou devo dizer meus «riddelianos». Pois é, uma nova era começou em Orbias e temos uma nova governante deste mundo, da qual sou um acérrimo devoto. Riddel agradece todo o vosso apoio e o voto de confiança. Agora que é ela a comandar o destino do mundo, há novas regras que terão de ser seguidas por todos os habitantes. A partir deste momento, são proibidas todas e quaisquer referências à Deusa, Guerreiras ou Terra. Também é obrigatório o uso de orbes em quase todas as ocasiões. Vão ser distribuídos por todas as cidades orbianas. A governante Riddel faz questão de encetar um périplo por todas as cidades e inspeccionar se estas regras estão a ser cumpridas. Caso os orbianos se recusem a cumprir estas leis, serão aniquilados imediatamente. Não queiram aborrecer a nossa gélida rainha. Não se esqueçam do que viram em Opália... ah!ah!ah! Seabeau será o nosso próximo destino. É melhor prepararem-se. Beijinhos e vemo-nos mais tarde. Ta-taaa.*

Orbias tornava-se um mundo de terror da noite para o dia. Num mundo tão belo e pacífico como aquele, quase o oposto da Terra, era inacreditável ver a mudança terrífica que enfrentava. Eu nem queria imaginar o medo e o arrependimento de todas as pessoas que confiaram em Riddel para depois serem enganadas por ela, tal como as Guerreiras haviam sido há um ano. Porém, ainda havia muitas lacunas a ser preenchidas naquele enredo. A complexidade das intenções de Riddel era algo que me ultrapassava, mesmo depois da história de Sebastian. Não quis importuná-lo com mais perguntas, com receio de que tentasse magoar-me novamente. Riddel era suficientemente manipuladora para criar conspirações megalómanas que envolviam um mundo inteiro. Fê-lo acreditar que era uma espécie de Messias enviado pela Deusa, cujo objectivo era recuperar Orbias do fosso que o contacto com a Terra tinha criado. Mas tudo o que ela queria era aniquilá-la juntamente com Deus, seu criador. Porquê a insistência dela com a utilização dos orbes? E se ela era assim tão poderosa, porque não roubava as almas de toda a gente de imediato, em vez de orquestrar tamanhas brincadeiras com os humanos? E que perigo ia constituir ela para a Terra, no futuro?

A chuva parara lá fora. Os primeiros raios de Sol entraram dentro da árvore, tímidos e airosos. Estava exausta e nem tinha dormido. Porém, estava decidida e sabia para onde me dirigir com a maior celeridade. Levantei-me e puxei por Sebastian, que deixou cair o terceiro cigarro no chão.

– Meninas, vamos para Seabeau. Alguém sabe que caminho tomar? Lily, consegues criar outra nave através de mim?

Elas agitaram-se, um pouco assustadas com a minha determinação repentina.

– Estás louca?! Isso é suicídio! A Riddel vai para lá! – Sebastian berrava comigo como se eu fosse uma criança teimosa.

– Cala-te! Vais fazer o que eu te digo. Vou enviar-te para o mesmo sítio onde vou enfiar aquela pedra de gelo! – Fiquei surpreendida com as palavras que tinha vomitado espontaneamente. Mas soube-me bem conseguir assustar Sebastian por um segundo apenas.

Surpresa

Cheirava intensamente a terra molhada. A manhã estava fria e nem o interior da nave feita com ramos e folhas de árvores me conseguia aquecer os pés gelados. Os pés de Mia, pelo menos...

Por vezes, esquecia-me que aquele não era o meu corpo, mesmo sabendo que na realidade ela já estava morta. Mas também não tinha a certeza se algum dia poderia voltar ao meu verdadeiro corpo na Terra. Talvez estivesse morto... Será que, se algum dia Sebastian voltasse para mim, ia apaixonar-se da mesma forma por corpo diferente?

Sobrevoámos florestas, planícies, algumas aldeias com as primeiras pessoas a acordar, nas suas lides diárias. Até passámos pela clareira da Torre do Tempo e pela floresta florida criada por Lily. Tudo parecia tão sereno que ninguém diria que uma psicopata como Riddel se preparava para aniquilar todos como frágeis insectos. Sebastian estava estranhamente calado a meu lado, sempre de sobrolho carregado.

As Guerreiras tinham tirado a manhã para tagarelar na minha cabeça, reagindo à história contada por Sebastian. As opiniões eram divergentes. Lorelei achava que nos devíamos concentrar em devolver as almas aos corpos das Guerreiras. Rouge achava que tínhamos de engendrar um plano meticuloso para derrotar Riddel. Lily-Violet queria roubar o máximo de orbes para enfraquecê-la. E Belladonna mantinha-se céptica quando à veracidade da história do demónio Sebastian.

Era engraçado como eu o apelidava «demónio». Mas, segundo o folclore que conhecia, era o que mais se aproximava: um ser poderoso e mau, expulso do Céu, cujo objectivo é roubar almas.

Era-me cada vez mais difícil aguentar quatro pessoas na minha cabeça, especialmente com opiniões tão divergentes e desrespeito por quem as carregava dentro de si. Eu preservava tanto a minha privacidade que estava exausta com a presença constante de alguém. Só queria um pouco de silêncio e calma. De qualquer forma, a culpa de tal facto era exclusivamente minha.

Ao fim de algumas horas, avistei a costa de Seabeau. Não havia sinal do barco voador de Riddel. Felizmente, tínhamos sido mais rápidos. Avistei um pontinho castanho na floresta que antecedia a cidade. Era um pequeno barco no meio da vegetação cujo reconhecimento me fez sorrir. Mentalmente, fiz com que a nave de Lily-Violet aterrasse perto da embarcação. Desembarquei a correr com Sebastian enquanto a nave se desfazia atrás de mim.

– Cordélia? Malaquias? – gritei. Uma cabecinha surgiu lá de dentro, seguida por outras mais.

– Noemi? Estás viva! – Cordélia correu atabalhoadamente pela madeira chiante do barco até me alcançar num abraço. Distraída, também abraçou Sebastian. Atrás dela surgiram Richart, Jynx e o velho Malaquias.

– Onde está o Filios? – Esperei que ele aparecesse de súbito. Sentia uma espécie de ligação com aquele grupo de pessoas depois do que tinha acontecido em Opália e ao perceber que poderiam ter morrido lá. Importava-me com todos eles. Até Jynx.

– O Filios voltou para Koboltz, para ajudar a população depois da confusão que se instalou com a morte do regente. – Jynx falava-me com um misto de orgulho e desconfiança. Suspirei de alívio.

– Como conseguiram sair a tempo da cidade? – O tempo urgia, mas não podia deixar de o saber.

– Descobri uma conduta de ar que dava para a base da torre, onde decorria a festa. Quando voltei para vos ir buscar, tinham desaparecido. Pensei que me tinham traído e decidi ir sozinha. Quando lá cheguei, ouvi uma conversa entre a Elena e a Riddel nos seus aposentos privados. Planeava destruir a cidade e os seus habitantes quando fosse eleita governante. Corri para a cidade, tentei reunir todos de volta ao barco e fugimos o mais depressa que pudemos.

– Isso foi muito atencioso da tua parte, Jynx. – Estava realmente impressionada com ela. Afinal, tinha mesmo mudado. Lily riu de felicidade na minha cabeça. Jynx ficou extremamente embaraçada com as minhas palavras. Ela odiava lamechices.

– Eu sou muito fiel a quem me é fiel, só isso. – Virou-se de costas para nós, fingindo estar a enfiar coisas numa mala.

Malaquias aproximou-se do incomodado Sebastian e colocou os seus óculos grossos. Analisou-o como um cientista e murmurou palavras de admiração e desapontamento. Afastou-se de nós retirando um caderno do seu manto, onde começou a escrever intensamente. Era agora o príncipe Richart que se aproximava de nós.

– A Rouge, diz-me que sabes onde está a Rouge! – A sua voz era quase um suplício. Afinal, os rumores de infidelidade que Rossini tinha espalhado não foram suficientes para abalar a relação dos príncipes, especialmente com a fama e passado de *bon vivant* dele.

Senti-me na obrigação de contar àquele grupo o que fizera para salvar a alma das Guerreiras e a razão por que elas estavam dentro de mim e a falar na minha cabeça. Jynx ficou irritada por eu não lhe ter contado antes, mas agradeceu-me por ter ajudado Lily-Violet. Começaram todos numa confusão para tentar falar com as Guerreiras através de mim. Senti-me novamente uma médium cuja função é servir de intermediária entre os vivos e os mortos. Mas, definitivamente, não o era. Fi-lo durante alguns momentos, porém, logo lhes recordei a urgência de um plano para evitar que Riddel provocasse alguma catástrofe em Seabeau.

– Falámos com a Fedra e o marido. Eles recusam-se a fugir da sua cidade. Se tiverem de ser julgados e morrer por ela, preferem que seja na terra que os viu nascer e crescer. Mas estou muito preocupada. A Riddel não escolheu esta cidade por acaso. É um dos únicos locais que sempre se manteve acerrimamente fiel às Guerreiras. Desde que Riddel começou a manipular as pessoas para usarem orbes, eles deixaram de o fazer. Ela vem cá para matar toda a gente e impor o seu reino de terror. – Cordélia estava assustada. Por alguma razão, parecia que tinha perdido aquela energia e vivacidade de quando era agente da Sociedade Escarlate.

– O que nós decidimos fazer foi ajudá-los a encobrir todas as provas de que não estão a cumprir as regras dela. Vamos esconder todos os elementos ligados à Deusa e às Guerreiras e temos um carregamento de orbes no barco que vamos entregar a Seabeau para usarem durante a visita dela. – Richart mostrou-nos um mapa da cidade com alguns círculos a vermelho, que representavam as várias pequenas missões.

– Isso é subestimar a Riddel. Acham mesmo que alguém tão poderoso como ela vai acreditar nisso? Não têm outro plano? – A minha sinceridade desiludiu-os.

– Não temos alternativa. Estamos a lidar com uma mulher que dizimou uma cidade inteira. Não sabemos o que fazer.

– Eu vou falar com eles. Têm de sair daqui e esconder-se. Talvez queiram ouvir uma Guerreira. Não vou deixar que a Riddel cause mais sofrimento neste mundo.

Separei-me do grupo e dirigi-me com Sebastian para Seabeau. Eles iam seguir com o seu plano sem a minha participação, tendo como objectivo comum salvar a cidade. Mas até que ponto conseguiríamos fazer frente a Riddel? E durante quanto tempo? Antes de os deixar, Malaquias flutuou até mim e entregou-me vários frascos de magia com um largo sorriso desdentado. Coloquei-os na mala, consciente de que aquilo significava preparar-me para um combate iminente.

Amargura

Caminhei furtivamente pelas ruas desconsoladas de Seabeau sempre colada a Sebastian. Não queria que reparassem nas nossas algemas e muito menos que o reconhecessem. A cidade continuava com o típico ar gótico e cinzento, mas notava-se uma melhoria no ambiente negro de tristeza. Os homens tinham regressado a casa depois de raptados pela Moura Encantada e salvos por Lorelei, Richart e, curiosamente, Riddel. Outra incongruência nela: no passado, protagonizara actos de bondade, como o salvamento de Lorelei, dos homens de Seabeau e das próprias Guerreiras. Porquê?

Uma ou outra mulher passavam por nós, mas não se mostravam efusivas como antes. Passei por trás das casas que rodeavam a praça central de forma a chegar às traseiras da residência de Fedra. Por entre os espaços que separavam as casas pardacentas, consegui ver um grupo de pessoas a rodear a estátua da Sereia, a Guerreira Ancestral. À frente dela estendia-se a magnífica costa marítima e a rocha que tantas memórias me trazia. Tinha recebido o orbe de boa-noite de Sebastian ali. Quase podia tocar nessa lembrança de tão real que era na minha cabeça.

Bati à porta dos fundos de Fedra. Ela abriu-a com um ar inquiridor. Estava feliz por voltar a vê-la, mas quase não a reconhecia com a indumentária tão clara e leve. Não foram precisas palavras. Ela olhou para Sebastian, depois para mim, e abraçou-me. Sempre com o seu típico ar rígido, levou-nos para a sala onde o seu marido, um homem de bigode e pele queimada pelo sol, e as três filhas se sentavam. Mesmo noutro corpo, elas conseguiram reconhecer-me de imediato e correram para me abraçar num choro exagerado. Sebastian pareceu confuso com a cena.

– Fedra, vocês precisam de sair da cidade. A Riddel vai roubar a alma de toda a gente.

Eles não tiveram reacção e limitaram-se a sorrir.

– Não vamos deixar a nossa cidade. Que diria a Imperatriz se nos rebaixássemos dessa forma? Que diria a Deusa? – Fedra estava irritantemente calma.

– Mas isto é só uma cidade. A vossa vida é mais valiosa do que um aglomerado de prédios e ruas. – Tentava arranjar argumentos que os demovessem, mas estavam determinados.

– Os orbianos pensam de maneira diferente dos terrestres, Noemi. Não te pedimos que compreendas, mas se a Riddel nos vai matar, então preferimos morrer com dignidade, na nossa terra. Os orbianos são muito devotos ao local onde vivem, quase como um santuário. Temos memórias e sentimentos encrustados em cada pedra da cidade, em cada grão de areia da praia. Agradecemos a tua preocupação, Noemi, mas se o destino traçado pela Deusa for morrer às mãos da Riddel, então seja.

Sebastian riu desdenhosamente face à indolência daquelas pessoas.

– Não estão a perceber. O que a Riddel faz é matar e roubar a alma das pessoas. Ela está a evitar que as almas sigam o seu curso natural para junto da Deusa! Ela não terá misericórdia. É demasiado implacável. – Juntei as mãos quase que rogando àquela família para que fugisse dali. Ficaram apreensivos e entreolharam-se.

– O *Llyr* está atracado no porto. Com a ajuda dos outros barcos, conseguimos levar toda a gente para o Palácio de Pérola. Lá estaremos seguros. – O marido de Fedra tinha uma voz profunda como o mar. Levantou-se e dirigiu-se à cozinha para recolher alguns utensílios. Foi interrompido por Cordélia que entrou de rompante na casa deles.

– O barco voador de Riddel aproxima-se. Já espalhámos orbes pela cidade e retirámos todos os elementos religiosos, inclusive a estátua da Sereia.

– Cordélia, temos de tirar as pessoas da cidade. Ajudem-nos a levá-los para os barcos. Vamos tentar distrair a Riddel até nos reunirmos todos. E nem pensem em ficar para trás! – Ela acenou e saiu a correr de casa com a família de Fedra atrás de si. Fedra sorriu-me severamente, mas eu soube que era um sorriso sincero.

– Continuo a dizer-te, isto é suicídio. Por outro lado, se calhar até é bom que a Riddel te mate. Assim, vejo-me livre de ti de uma vez por todas. – Sebastian acariciou-me a face sarcasticamente. Retribuí o falso gesto com uma mão irónica na sua cara.

– Que querido! Sempre posso usar-te como escudo. Eu sei bem o quanto és afectado pela Riddel. Noto aí algum historial de romance entre duas maçãs podres?

Nem sei como tive coragem de lhe dirigir aquelas palavras. Ainda tinha dificuldade em falar daquela forma quando estava a olhar para o corpo de Sebastian. Ele enervou-se comigo de tal forma que ficou vermelho. Agarrou numa faca que estava no balcão e encostou-a perigosamente contra o meu pescoço. Nem pestanejei, mantendo-me cinicamente tranquila. Atirou a faca para o fundo da casa e puxou de um cigarro para descarregar a cólera naquele fumo tóxico.

Através da janela vi uma multidão de pessoas correrem assustadas para as escadas que davam para a praia. Entre o som dos passos apressados, ouvi o sibilo dos grandes orbes do barco voador de Riddel. Estava cada vez mais perto. Corri para a rua, puxando Sebastian atrás de mim. Estava com o pulso cada vez mais fraco com tantos puxões. Lorelei lamentou o grande vazio que lhe provocava olhar para a ausência da sua estátua na praça.

Em pouco tempo, as pessoas desapareceram da cidade e lá em baixo vi o grande barco de coral *Llyr* e as restantes embarcações partirem pelo mar revoltoso. O céu estava a ficar carregado de nuvens escuras e uma neblina incomodativa alastrou-se pelas ruas de Seabeau. Só eu e Sebastian restávamos na agora cidade-fantasma. Estava completamente aterrorizada pela ideia do reencontro com Riddel, especialmente depois de saber quem ela era realmente. Porém, estava algemada à única pessoa que lhe podia fazer frente, ainda que fosse um demónio.

O clima em redor ficou tenebroso. De entre as cortinas de nevoeiro, surgiu a imponente Riddel, pele nua de diamante azul, coroa alta de espinhos e um manto de pêlo púrpura. Não estava surpreendida quando estacou à nossa frente na praça. Exibia um semblante neutro, mas os seus gestos eram graciosos como a neve. Ela fixava Sebastian. Ele ficou com a respiração pesada e percebi que estava a entrar no mesmo transe de Opália. Talvez ter ficado ali não tivesse sido a melhor opção, mas tinha de ganhar tempo para que os fugitivos nos barcos entrassem num espaço seguro. Depois de um silêncio invernal, ousei ser a primeira a falar.

–Já sei quem tu és, Riddel. O Sebastian contou-me tudo. – Esforcei-me para que a minha voz não me falhasse. Eu era forte o suficiente, tinha de me mentalizar disso.

– Surpreende-me que continues viva. Tive esperança de que ele te deixasse congelar juntamente com Opália. Teria sido um prazer sugar-te a alma, já que as minhas tentativas em Deep Hollow e Dark Versalia falharam. Não consigo perceber o que tens que o faz mudar tanto...

– Eu não me importo com ele. Só quero recuperar a alma do outro Sebastian. E se para isso tiver de te eliminar, então que seja. Se tiver de morrer, sei que morrerei a tentar.

Ela gracejou com elegância, colocando uma mão no queixo fino.

–Ainda não percebeste, pois não? O Sebastian desapareceu. Quem predomina é o demónio que tens a teu lado. Nós partilhamos a mesma existência pérfida, a mesma ausência de alma. E tu és meramente um mosquito irritante que será facilmente esmagado por mim quando o desejar. Nada nem ninguém dos dois mundos será alguma vez capaz de me suplantar.

Tirei um dos frascos de magia da mala e bebi-o todo. Se ia atacá-la, tinha de concentrar uma boa dose de poder. Ela continuava com o mesmo sorriso e olhar sonsos. Transformei-me em Anjo e senti todo o meu poder intensificado pela magia que tomei. Voei até ela, arrastando Sebastian comigo. Tinha esperança de que ele despertasse para me ajudar a lutar contra ela, mas não estava a acontecer. Parti logo para o ataque. Todavia, ela conseguia desviar-se dos meus golpes com uma destreza sobrenatural. Quase me fazia lembrar os combates com Merovingian. Ela abstinha-se de me atacar e ria cada vez mais alto com o meu insucesso. Subitamente, saltou e flutuou como um fantasma até ao local onde anteriormente estava a estátua da Guerreira.

– Não me admira a desconsideração que tens pelo meu poder, miúda insolente. Achas mesmo que ia desperdiçar uma oportunidade destas para te matar rapidamente? Seria fácil de mais, não é o meu estilo. Sabia que virias a correr para esta cidade se a ameaçasse. Preparei uma pequena tortura para ti. – Esticou o braço glacial para uma das ruas que davam para a praça.

No meio do fumo branco surgiram duas figuras robóticas que me arrepiaram. Pisquei os olhos para confirmar se realmente estava a ver bem. Belladonna e Rouge gritaram na minha cabeça quando surgiram os seus corpos maquinais diante de nós. Os seus olhos estavam revirados e a pele cadavérica, numa imagem de tumulto fantasmagórico. Virei-me para Riddel com nojo pelo que estava a fazer.

– O que significa isto? O que fizeste com elas? – gritei-lhe, indignada.

– Oh, porquê a repulsa? Não as reconheces? São as tuas prezadas amigas. Bem, pelo menos parte delas. Achei que ias gostar deste reencontro emocionante. Peço desculpa por não ter trazido violinos. Vai ser um belo espectáculo ver o que vais fazer: matá-las ou morrer às mãos delas quando as suas próprias almas estão a ver dentro de ti.

Riddel começou a rir novamente, mas eu estava a fixar algo atrás de si que nem mesmo ela reparou. A cauda fatal de escorpião de Jynx enrolou-se à volta do seu corpo de gelo como uma cobra venenosa. Riddel engasgou-se e foi lançada pelas rochas abaixo até à praia. Jynx piscou-me o olho e atirou-se para lá também. Quis tentar impedi-la, mas sabia que não adiantava. Desde Deep Hollow que Jynx estava cega de vingança. Nada a conseguia dissuadir, apesar de eu saber que teria morte certa.

– Noemi, cuidado! – Lorelei alertava-me para os dois corpos das Guerreiras que estavam já sobre mim. Voei verticalmente, levando o apático Sebastian comigo.

As Guerreiras tentavam apanhar-me como dois *zombies* descontrolados. Eram quase como Sebastian, sem alma, subjugados aos mais básicos instintos. Naquele caso, os seus instintos diziam-lhes para me matar. Certamente, teria sido Riddel a programá-las para aquele acto horrendo. Tinha subestimado Riddel, sim. Mas porque nunca podia imaginar que os seus actos desumanos podiam piorar.

– *Noemi, eu sacrifico-me por ti. Mata-me. Nunca poderia viver culpando-me pela tua morte*. – As palavras de Belladonna ardiam-me com a sua violência.

– *Eu também. Eu sei que tu és a única a conseguir derrotar a Riddel.* És a mais forte de nós, a verdadeira líder das Guerreiras. Eu sacrifico*-me pelos orbianos*. – As palavras de Rouge emocionaram-me, especialmente porque um ano atrás ela pensava de forma contrária.

– Ninguém tem de morrer. Há sempre uma alternativa. – Tentei acalmá-las, mas, na verdade, não sabia como sair daquela embrulhada, principalmente com um homem preso a mim.

Se eu conseguisse canalizar a minha energia de maneira a deixá-las inconscientes, talvez conseguisse recuperar os seus corpos. Numa ideia totalmente utópica, talvez até conseguisse devolver as almas aos corpos delas. Mas tinha de ser rápida. A iminência do reaparecimento de Riddel constituía o maior perigo. E teria de ter cuidado com as Guerreiras, pois não sabia até que ponto elas conseguiriam usar os seus poderes da Morte e da Destruição.

Voei pela praça para as cansar até lá, mas eu estava a ficar ainda mais cansada a carregar o peso morto de Sebastian. Porque é que ele não estava a recuperar? Riddel afectava-o assim tanto? Pedi ajuda às Guerreiras na minha cabeça para me auxiliarem no combate. Elas responderam afirmativamente, em uníssono. Quando pousei, os corpos de Belladonna e Rouge preparavam-se para me atacar.

– Rouge, usa o poder da Destruição!

Através de mim, a Guerreira da Destruição provocou a quebra do chão de pedra mesmo por baixo delas. Caíram para o buraco, mas treparam de imediato como duas ágeis aranhas. Belladonna esticou os braços e senti os meus músculos contorcerem-se de dor. Ela estava a tentar matar-me!

– Lorelei, usa o poder da Vida!

O meu corpo começou imediatamente a recuperar. O choque dos dois poderes antagónicos provocou uma explosão de luz que nos projectou a todas para locais opostos. Rouge levantou-se de imediato e correu até mim com presteza. O chão tremeu violentamente e o edifício ao meu lado cedeu. Ia esmagar-nos ali mesmo.

– Lily, usa o poder da Criação!

O chão parou de tremer e reordenou-se como um *puzzle*. As paredes do prédio voltaram ao mesmo sítio como se o tempo tivesse voltado atrás numa espécie de castelo de *Lego*. As Guerreiras já estavam sobre mim de novo.

– Belladonna, usa o poder da Morte.

Em harmonia com os meus pensamentos, Belladonna condensou o seu poder funesto de forma a simplesmente enfraquecer as Guerreiras, sem as matar. As suas pernas cederam e elas caíram duras no chão. Estavam inanimadas. Tínhamos sido bem-sucedidas. Baixei-me para ver os sinais vitais delas.

– *Conseguimos, Noemi! Tudo graças a ti!* – Lily-Violet ria de alegria.

– *Graças à tua inteligência, conseguimos usar os nossos próprios poderes contra os delas. Foi de génio!* – Rouge estava rendida às minhas capacidades.

Distraí-me por momentos com os festejos da vitória, descuidando-me de outros perigos que me rodeavam. Ao ouvir o estilhaçar de gelo atrás de mim, o meu coração parou. Virei-me rapidamente para trás. Sebastian estava de pé com os dedos entranhados no pescoço de Riddel que se preparava para me apunhalar pelas costas. Os dedos dele tinham mesmo rachado o pescoço dela, como se fosse literalmente uma escultura gelada, agora quebrada. Os olhos dela estavam fixos nos dele, lacrimosos. Durante longos segundos, ninguém se mexeu e eu não sabia como reagir. Ele relaxou a mão e ela recuou, agastada. Flutuou até ao mar e só aí reparei no barco voador que se preparava para a apanhar. Aos poucos, a embarcação perdeu-se no meio das nuvens. Deixei-me ficar ajoelhada com as minhas asas sobre os corpos desmaiados de Belladonna e Rouge. Olhei para Sebastian de pé à minha frente. O seu olhar era sério, penetrante. Os seus pensamentos eram intrincados e difíceis de descodificar. Ele tinha-me protegido de Riddel, mas a sua expressão dizia-me que o tinha feito apenas porque a sua fraqueza era não conceber a ideia de me ver magoada. Apesar de tudo, não conseguia largar a ideia de que uma pessoa sem alma e completamente má fosse capaz de despertar de um estado letárgico para me proteger da morte...

Mar

– Deves ter sete vidas. Ou então és imortal. Como conseguiste safar-te da Riddel depois de lhe fazeres o que fizeste? – Ainda estava a mentalizar-me de que Jynx estava à minha frente.

–Tens de perder essa tendência de subestimar as pessoas, Guerreira. Achas que os anos ao serviço de Orville e da Sociedade não me serviram para nada? Já lidei com coisas muito piores do que aquela pedra de gelo...

Tínhamos voado numa das naves de Lily-Violet até ao Palácio de Pérola, juntamente com os corpos de Belladonna e Rouge. O local ainda mantinha a beleza majestosa de outrora, especialmente quando iluminado numa noite de céu limpo como aquela. Eu retinha tantas memórias de Sebastian ali que fiquei indisposta com a sua veemência. E entristeci-me quando me apercebi de que, com tanta coisa a acontecer na minha vida, começava a esquecer todas as preciosas lembranças dos momentos passados com ele. Talvez essas recordações estivessem recalcadas depois de todos os meses a tentar lidar com a sua perda. O monstro devorador que era a realidade estava a atingir-me com uma boa dose de razão e Sebastian era cada vez mais um brilho extinguível no meu coração.

Quando lá chegámos, fiquei animada com o seu interior repleto de pessoas agradecidas e dispostas a ajudar-nos a carregar as Guerreiras para um quarto. Felizmente, a visita de Riddel a Seabeau não tinha feito vítimas e eu tinha a certeza de que a Imperatriz ficaria feliz por ter ajudado o seu povo. Aquela inesperada inversão no rumo dos acontecimentos tinha-me provado que afinal Riddel não era tão invencível assim.

Depois de me certificar que os corpos de Belladonna e Rouge estavam bem instalados num quarto vigiado por Cordélia e Richart, falei com Jynx, que me tinha relatado a fuga daqueles orbianos e a sua luta inútil com Riddel. Depois de lhe contar o que tinha acontecido connosco, assegurou-me que podíamos respirar de alívio por alguns momentos. Quando Riddel quisesse voltar ao ataque, Rossini dir-nos-ia. Ela fazia sempre questão de colocar todos os orbianos a par das suas movimentações. Não percebia bem essa sua intenção, mas certamente seria para instalar o medo.

Livre por alguns momentos naquele Palácio que me fazia sentir segura, caminhei pelos seus intermináveis corredores. Sebastian suspirava de impaciência e revirava os olhos de cada vez que um casal de Seabeau passava por nós com um largo sorriso.

– Estás demasiado pálida e não dormes há dias. Já te disse que não pretendo ter uma morta algemada a mim por mais que a ideia da tua morte me pareça tentadora. – Sebastian e o seu sarcasmo sádico.

Procurei por um quarto vazio, tendo cuidado para evitar aquele onde tinha passado a minha primeira noite de amor intenso com Sebastian. No final de um dos corredores, livre do burburinho das pessoas que povoavam o Palácio, estava um quarto modesto que parecia pertencer aos criados. Entrei com ele e tranquei a porta atrás de mim para não ser importunada. Apaguei as luzes e abri as cortinas para deixar que a fraca luz lunar entrasse pelo quarto com o seu brilho azulado. Era a primeira vez que dormia com aquele Sebastian numa cama propriamente dita, e isso frustrava-me. Ele deitou-se e ficou a fixar o tecto com rabugice. Tentei encontrar uma posição confortável, enrolada nos lençóis, mas tornava-se cada vez mais incómodo estar algemada a alguém. Belo acto de precipitação o meu... Mas se não o tivesse feito, Sebastian andaria por aí a praticar o mal e talvez eu nunca o conseguisse encontrar. A visão do futuro tinha servido para isso mesmo, para me dizer que era aquela a oportunidade para, literalmente, me prender àquele Sebastian para reencontrar o meu.

Conseguia ouvir o barulho das ondas e sentir um fresco perfume aquático no ar. Mas a verdade é que o cheiro doce de Sebastian ao meu lado me afectava ainda mais. Era um demónio que estava ali. Qualquer pessoa, orbiana ou terrestre, por mais racional que fosse, temia qualquer forma figurativa do Mal. O folclore e a religião eram imperiais em teorias sobre o Diabo, ou qualquer outro nome por que era conhecido. A minha racionalidade nunca me tinha permitido acreditar que tal figura existisse. Mas ali estava eu algemada a um e a fugir de outro. Uns ladrões de almas, sem alma e de corações repletos de escuridão e crueldade, os únicos capazes de enfrentar os Criadores, revoltados com eles. Então, porque é que eu não me sentia minimamente ameaçada? Seria porque o Diabo estava dentro do corpo do meu Sebastian? Ou porque acreditava que o verdadeiro Mal não estava concentrado naqueles dois seres, mas sim no coração de cada orbiano e de cada terrestre?

– *Noemi, detesto ter de te pedir isto. Mas eu suplico-te que tentes voltar à Terra. Por favor, vai lá para ver como está tudo; nem precisas de acordar*.

Lorelei falava-me quase a chorar. Mas tinha razão. Ao menos, tinha de ter a certeza de que não tinha morrido. Concentrei-me para transportar a mente para lá. Nada. Tentei mais uma vez. Não consegui. Afinal, era verdade, eu tinha acabado por falecer na Terra. Não disse nada, deixando que Lorelei pensasse que me recusava a voltar. Mas as lágrimas que me caíam e me impediam de adormecer eram prova do meu arrependimento e profunda tristeza. Pobre Adam, pobre mãe...

\*

Acordei sobressaltada depois de um pesadelo com as Guerreiras. Estranhei momentaneamente o local onde estava. A cama demasiado fofa incomodava-me porque o corpo de Mia já se estava a habituar a dormir em naves e no chão duro. Havia uma brisa fresca a entrar no quarto e a arrepiar-me a pele. Abri lentamente os olhos e estremeci com a noção de que Sebastian não estava a meu lado. As algemas estavam abertas e espalhadas sobre os lençóis. Deixei-me ficar quieta, a fingir que estava a dormir. Ainda sentia a sua presença no quarto.

Olhei com maior atenção para a janela do quarto, de olhos entreabertos. A suave brisa vinha dali. Sebastian estava sentado no parapeito, uma perna dobrada, a outra esticada. Fumava sofregamente um cigarro enquanto olhava para o mar. Iria matar-me, a seguir? Saltou airosamente para dentro e fechou a janela com cuidado. Fechei os olhos. Os meus músculos enrijeceram, preparada para me defender se ele me tentasse violar ou matar.

Porém, o som metálico que ouvi não podia ter-me surpreendido mais. Ele voltou a pôr as algemas no seu pulso. Suspirou e preparou-se para dormir. Então, ele conseguia libertar-se facilmente das algemas?! Mesmo assim, preferiu não fugir ou matar-me. Em vez disso, continuava a algemar-se voluntariamente a mim, fazendo-me acreditar que a separação era impossível e que eu conseguia controlá-lo. O que significava isso? O meu Sebastian estava de volta? Ou, tal como no passado, o meu amor estava a transformar aquele demónio?

\*

O perfume inebriante de Sebastian apoderou-se dos meus sentidos. O meu coração estava acelerado. Olhei languidamente para o seu corpo nu e perfeito ao meu lado. O seu intenso olhar negro e sorriso matreiro atraíam todos os poros do meu corpo para o seu toque aveludado. Deixei cair o vestido e exibi o meu inocente corpo nu. Sacudi os cabelos negros e gatinhei para cima dele. A sua pele era tão quente, tão calorosa!... Beijei-o lentamente e ele retribuiu o beijo passando a sua língua pelos meus lábios desejosos. Ele era tão doce, tão viciante... Não conseguia controlar-me!

Os nossos corpos rebolaram e ele ficou por cima de mim. Beijou-me a cara, atrás da orelha, o pescoço, os seios... Entregámo-nos ao mais puro e louco dos prazeres, a união perfeita entre um homem e uma mulher, um demónio e um anjo. Começaram a chover rosas vermelhas à nossa volta, em harmonia com o nosso amor. Não era apenas sexo, era a simbiose de dois corpos, de duas almas que se amavam para a eternidade. Estava feliz...

\*

Algo estava diferente na atmosfera à minha volta. Tudo se tinha tornado menos mágico, mais real. Abri os olhos e vi os olhos escuros e baços do outro Sebastian colados aos meus. Pior que isso, estava a beijá-lo. A sua camisa estava aberta e as calças desapertadas. Eu tinha as alças do vestido caídas. Tinha permitido que o facto de ter Sebastian a meu lado afectasse o meu sonho. Dei-lhe uma chapada e saltei de cima dele.

– Então, querida, vais parar agora? Estava tão bom. Por favor, continua!

– Sarcasmo ao pequeno-almoço. Óptimo! És indecente, Sebastian! Aproveitaste-te de mim e nem me acordaste.

–Acordar para quê? Estamos algemados, mais vale aproveitarmos o tempo que passamos juntos e fazermos sexo. E confessa que estavas a gostar, – sussurrou, teatralmente. – Prometo que não conto a ninguém sobre a devassidão que pode acontecer entre os dois.

– Não penses que te vou afagar o ego, demónio....

– *Desculpa, Noemi. Não conseguimos ver nada quando estás a dormir*. – Lily-Violet falava como se elas tivessem culpa pelo que ele estava a fazer.

Suspirei com a estupidez dele. Ele puxou de um cigarro enquanto gozava comigo. Tentei ajeitar o cabelo e o vestido, mas fui interrompida por alguém a bater à porta. Puxei impetuosamente Sebastian, que deixou cair o cigarro para os lençóis brancos. Destranquei a fechadura e Malaquias surgiu com um feliz semblante matinal.

– Bom dia, menina Noemi. – Sebastian, escondido atrás da porta, abriu-a de repente com um «bu», assustando o velho que gritou como uma mulher.

– Bem, só pelo grito bizarro já valeu o facto de ter deixado cair o cigarro. – Ele sacou de outro e lançou o fumo desrespeitosamente para a cara de Malaquias.

– Por favor, não lhe ligue. Acordou assim, «engraçadinho».

– Não há problema, eu compreendo. Não deve ser fácil para si. Enfim, vim aqui porque queria fazer uma experiência consigo e com o Sebastian. Vamos até ao quarto das Guerreiras?

– *Oh, por favor, diz-me que ele vai conseguir devolver as nossas almas aos corpos! Preciso tanto de uma bebida...!* – Belladonna animou-se como uma adolescente.

Depois de fechar a porta, gritei com Sebastian para que fizesse o que estava a mandar. Contrariado, calçou os ténis quase deitando fumo pelas narinas.

O sol penetrava pelas janelas compridas do Palácio e as pessoas que caminhavam por ali estavam incomodativamente felizes. Ultimamente, odiava ver alguém feliz, pois era algo que nunca conseguia alcançar, por mais que lutasse. Depois daquele mau acordar com Sebastian, tinha o dia estragado e ia ficar de mau humor. Quando chegámos ao quarto onde jaziam as Guerreiras, já Cordélia, Jynx e Richart estavam lá, expectantes. Sentei-me na base da cama de Rouge, analisando os seus corpos quase translúcidos.

– Fiz uns estudos, elaborei algumas análises e creio que cheguei a uma conclusão quanto ao que podemos fazer para recuperar as Guerreiras. Não sei se resulta, porque é inédito. Mas quase me esbofeteei quando não me apercebi da oportunidade que temos aqui. A Noemi consegue resgatar a alma das Guerreiras antes que a destruição do seu interior por parte dos demónios se concretize, certo? Uma vez que o demónio Sebastian está aqui, sob o seu controlo, e já que ele tem o poder de roubar as almas das pessoas, porque não tentar o inverso? Apesar de tudo, as almas delas não estão perdidas, estão protegidas por si. – Malaquias falava comigo como se Sebastian não estivesse ali ou como se fosse um utensílio do seu laboratório.

– Acha mesmo que eu iria fazer isso por vocês? Eu sou um demónio, dedico-me a causar caos e sofrimento.

– Sim, mas há algo na Noemi que te faz fraquejar. Se ela te obrigar...

– Não vou fazê-lo, é ridículo! Vocês têm noção de quem eu sou e do que sou capaz? Eu podia destruir tudo e todos neste palácio numa questão de segundos.

Interrompi-o, agarrando-lhe na cabeça para que me fixasse.

– Mas não o fizeste nem o vais fazer. Nada me magoa mais do que olhar para as Guerreiras naquela cama e saber que é por minha culpa que estão ali. Se não me queres ver mal, vais tentar fazer o que o Malaquias pediu. – Era engraçado falar de Riddel ou Sebastian como seres manipuladores, quando eu própria me tornava pior que eles. Ele hesitou por momentos, mas foi para o meio das camas com um sorriso afectado.

– Isto é irrisório. Nem sei se é sequer possível; vai contra a minha natureza.

– Nós podemos mudar a nossa natureza. É só querer... Tenta! – A ordem anterior deu lugar a uma súplica.

Ciosamente, agarrou na minha mão. A sua respiração ficou cada vez mais rápida. Tive a sensação de ter a minha mente mais vazia e de sentir Sebastian cada vez mais distante de mim. Num transe sobrenatural, Sebastian beijou Belladonna. Arrastou-se com dificuldade para a outra cama e beijou Rouge. O ambiente no quarto era tenso, com todas as outras pessoas a observarem o que ele estava a fazer. Suado e ofegante, ele caiu no chão e tive de ampará-lo. Ouvi um zunido ensurdecedor seguido de um gongo, o mesmo que tinha ouvido quando ele ou Riddel usavam os seus poderes demoníacos. As luzes dos candeeiros piscaram e as paredes estremeceram levemente. O clima ficou negro, pesado, e eu inquietei-me. Subitamente, tudo acalmou e apenas se ouvia o som do mar a embater nas colunas do Palácio.

– Noemi? Noemi?... – Ouvi a voz de Belladonna, mas não percebi se era na minha cabeça ou na cama a meu lado. Levantei-me lentamente e vi a expressão colorida com que olhava para mim. – Por favor, arranja-me uma bebida rapidamente! – Abracei-a alegremente com um braço. Nem queria acreditar que era real, que ela estava de volta!

– Noemi, obrigado. – Rouge também tinha regressado e estava agarrada a um choroso e embaraçado Richart.

– Espantoso! Um demónio que consegue contrariar a sua natureza e sentir compaixão. Bom trabalho, Noemi! Eu sabia que estava certo! – Malaquias flutuava pelo quarto, feliz com o sucesso da sua teoria.

Não era a mim que tinham de agradecer. Espantosamente, o responsável pela sua recuperação tinha sido Sebastian, o demónio. Enquanto o quarto era inundado por gritos de alegria, olhei para ele derrotado no chão. Tinha-me tornado a vida muito mais difícil. Mas apenas porque se mostrava cada vez mais complexo, e eu já não sabia o que pensar ou sentir em relação a ele.

Conversa

Mais um dia de calma passado no Palácio de Pérola. Sebastian manteve-se calado durante todo o tempo que estive com Rouge e Belladonna, certificando-me de que estavam a recuperar bem. Havia um misto de incredulidade e consternação na sua expressão cada vez que a vislumbrava. Visivelmente inquieto na companhia de pessoas que desprezava e cuja vontade era matar, tomei a liberdade de sair com ele do quarto para um sítio mais calmo. O balcão do grandioso salão do baile pareceu-me o melhor local.

Abri as altas portadas de vidro e dirigi-nos para o muro onde outrora Sebastian me tinha magoado com palavras de separação. O Sol vermelho deitava-se no mar, iluminando as baleias que brincavam entre si nas calmas ondas salgadas.

Conseguia sentir a tristeza e frustração de Lorelei na minha mente por não ter sido a sua alma a regressar ao corpo. Quis dar-lhe algum tempo antes de tentar falar com ela. De todas as Guerreiras, ela era a que tinha mais ânsia de regressar ao seu corpo e à sua vida normal. No meio de tudo aquilo, ela era uma autêntica vítima. Renunciara ao seu papel de Guerreira e fora arrastada para aquela intriga por minha culpa. Ainda por cima, o seu corpo estava na Terra. Porém, isso tinha despertado em mim algumas questões que me atormentavam há muito tempo. Decidi aproveitar e testá-las com Sebastian. Também era uma forma de distrair a sua mente do que ele tinha feito com as Guerreiras. Não compreendia a forma de agir de um demónio, mas certamente que, para um ser sobrenatural e vicioso como ele, o que ele fizera era como para um humano matar alguém pela primeira vez. Pelo menos, numa espécie de psicologia invertida. Encostei-me ao muro e olhei-o, intrigada.

– A separação dos mundos... Qual é afinal a verdade sobre isso? E o que é Deep Hollow? Fui levada a pensar que o objectivo da Riddel era matar-te para usar o teu poder da Eternidade na criação de uma barreira perfeita. Mas agora que sei que continuas vivo e afinal não és um Guerreiro, aquela barreira que se formou deixa de fazer sentido. E como é que a Riddel apareceu na Terra? Mais, porque se afastaram agora de lá quando podem roubar tantas almas e afectar Deus?

– Ei, ei. Calma com as perguntas! Contei-te a minha história e a da Riddel, não esperes que te conte todos os segredos sagrados sobre os mundos. – Não estava zangado. Em vez disso, pareceu aborrecido com a quantidade de questões. Apoiou os cotovelos no muro e a cabeça nas mãos. Continuei a olhar para ele de forma a pressioná-lo a responder às minhas perguntas. – Deep Hollow não é um mundo igual à Terra e a Orbias. É uma dimensão onírica e imaterial criada a partir da comunhão da magia e do inconsciente das pessoas que habitavam estes mundos quando eram só um. Os dois tipos de humanos não estavam destinados a juntar-se e a sua vontade em viver separados originou o deserto que conheceste. – Fez uma pausa suspirante. – Não te sei explicar muito mais porque nunca me interessei sobre isso.

– Que raio de demónio ignorante! És mais velho que os dois mundos e ainda assim pareces saber tanto como eu sobre a sua lógica. – Comecei a mexer no cabelo, escarnecendo Sebastian com a única intenção de o aborrecer. Ele agarrou-me na cara e olhou-me cheio de ódio. Senti o seu bafo quente perto dos meus lábios trémulos, de tão perto que estava.

– Pensas que me afectas com esses comentários arrogantes? Não tens noção do que sou capaz, de quem sou eu! Sou capaz das coisas mais atrozes, tão cruéis que nem no teu pior pesadelo as podias imaginar. Não preciso de conhecer os mundos e a sua história. Desde que consiga movimentar-me livremente e libertar a minha escuridão de forma a afectar os Criadores, para mim chega!

Empurrei-o, mas ainda sentia entalado na garganta o desejo ardente de beijá-lo quando estava tão perto.

– Não quero saber se viveste vinte, cem ou milhões de anos. Para mim tu não és nada. Só lamento o facto de o meu Sebastian não ter sido suficientemente forte para te aniquilar quando pôde.

– «O meu Sebastian»... Se tu soubesses quem realmente era ele... – Falou entre dentes e devido à minha fúria, não tomei atenção a essa frase.

Não falámos mais. Ao fim de alguns minutos calados a ruminar a discussão, a noite já se tinha instalado e começava a ficar frio. O salão tinha sido invadido pelos habitantes de Seabeau que tinham organizado uma espécie de festa em nossa homenagem. Era a última coisa que queria naquela altura. Tentei ignorar as palmas e gritinhos histéricos, esgueirando-me com Sebastian por entre as mesas. Vi Richart de mão dada com Rouge a conversar com Fedra, mas não me aproximei deles. A Guerreira da Destruição ainda parecia um pouco abatida, mas os seus longos cabelos carmesim e olhar acutilante ajudavam a amenizar o mau aspecto.

Belladonna estava sentada no bar, magnífica e sedutora. Os lábios pintados de vermelho condiziam com um revelador vestido da mesma cor. O cabelo pelos ombros estava oxigenado, num amarelo quase branco, que em conjunto com a pele branca e olhos e sobrancelhas escuros lhe davam um ar irresistível de *femme fatalle*. Estava com um cigarro numa mão e um copo de álcool na outra. Sorriu abertamente quando me viu.

– Gostas do novo visual, querida? Foi tão estranho estar de volta ao meu corpo que decidi mudar o visual e embonecar-me toda. – Bebeu o líquido ardente sequiosamente, piscando os olhos como duas sombrinhas negras. – Precisava tanto desta bebida e de um cigarro. Bem, entre outras coisas. – Sebastian pareceu perceber a piada, pois juntou-se a ela numa risada libertina.

– Estou a ver que a tua recuperação está a correr bem – disse, sarcasticamente. Felizmente, aquela maneira de ser já não me afectava. Tinha-me tornado tão amiga dela que já nem ligava aos seus vícios. – Fico feliz por ter ajudado. Agora preciso de fazer o mesmo com a Lily-Violet e a Lorelei.

– Claro, e eu só te tenho a agradecer. – Agarrou-me avidamente na mão. – És uma pessoa fantástica, Noemi. Nunca conheci alguém tão altruísta como tu. Podes contar comigo para encontrar o nosso Sebastian e para derrotar a Riddel. Estou pronta para tudo. Mas enquanto isso não acontece... – Ela fixou alguma coisa atrás de mim.

– Estás a olhar para onde?

– Aquele homem não pára de olhar para mim. Adoro marinheiros... Bem, se me dão licença, preciso de compensar o tempo perdido fora do meu corpo. – Apagou o cigarro num cinzeiro em forma de concha e dirigiu-se a um homem bronzeado e musculoso. Tive a sensação de que estava a trautear o «Like a Virgin», da Madonna. Abanei a cabeça risonhamente perante a liberdade da minha amiga burlesca.

– Afinal, não és assim tão santinha como queres fazer parecer. Talvez sejam as ondas de energia negativa que eu emito. – Sebastian olhou-me sensualmente e eu bufei, exasperada.

– Cala-te. Vamos para o quarto, estou cansada.

Caminhei em silêncio pelo corredor enquanto Sebastian continuava com os comentários sexuais sobre mim. Tentei ignorá-lo enquanto a música e o burburinho iam ficando para trás no grande salão. Subitamente, as luzes apagaram-se em todo o Palácio e ouvi o som de espanto das pessoas na festa. Sebastian ficou alerta. Perguntei-lhe se era Riddel, mas ele negou, dizendo que não sentia a sua presença. Talvez fosse simplesmente uma falha nas luzes, nada de especial. No entanto, ouvi uma voz masculina no meio do breu em que estávamos. «Mia», dizia a voz. O meu pulso foi puxado para baixo e percebi que Sebastian tinha sido atirado ao chão. Ele não se mexia e eu não ouvi som algum. Uma cara conhecida emergiu da luz nocturna de uma janela. Era Gabriel.

– Tu mataste a Mia e estás a usar o corpo dela. – A sua voz era como a de uma assombração. Era notória a sua insanidade.

– Espera, Gabriel, eu posso explicar. – Enquanto ele se aproximava lentamente de mim, reparei no seu olhar psicótico. Arrastei-me pelo chão, tentando puxar Sebastian.

– Porque fizeste isso com ela? Eu amava-a. Teria aceitado a sua morte se soubesse que a sua alma estava com a Deusa, mas até isso vocês roubaram.

– Quando me apoderei do corpo dela, já estava morta. Eu sei que errei e nunca vos poderei compensar por isso. Mas eu vou tentar salvar a sua alma, pelo menos.

– Como? Tu estás algemada ao monstro que a violentou e assassinou! – A sua voz estava gradativamente alienada por o seu amor ter morrido. Mas ao mesmo tempo, o corpo dela estava à sua frente. A comparação com a minha relação com Sebastian era inevitável. Assim como a compaixão por ele.

– A Riddel é o mesmo monstro. E tu estás do lado dela. Por favor, tenta compreender!

– A Riddel foi a única que me ajudou na minha busca por vingança. Não ouses falar assim dela! Não consigo, não consigo compreender. Vocês tiraram-me tudo, tiraram-me a vida. Morram, hereges!

Ele atirou-se a mim para me fazer mal. Fechei os olhos, impotente pela culpa que sentia por usar o corpo de Mia. Sebastian levantou-se de imediato e empurrou-o contra a parede. Espetou-lhe os dedos na garganta e apertou-a. Ia matá-lo. Levantei-me assustada e coloquei-me entre os dois.

– Não, Sebastian. Por favor! Eu peço-te, imploro-te! Não lhe faças mal. – Ele continuava a maltratar Gabriel. – Olha para os meus olhos. Não o magoes. Se o fizeres, vais magoar-me a mim também. Deixa-o viver como forma de compensação por teres assassinado a sua namorada. – Sebastian soltou-o com um safanão e gritou com execração, um grito que veio das suas entranhas demoníacas. Gabriel caiu aflito no chão. Tentei ampará-lo, mas ele afastou-me com a sua mão fraca.

– Devias ter deixado que ele continuasse. Não tive coragem para o fazer. Eu morri no dia em que a Mia morreu. Já nada faz sentido para mim. – Ele rumorejava como uma alma penada.

As luzes voltaram a acender-se. Cordélia, Jynx e as Guerreiras surgiram no corredor e depararam-se com a chocante cena. Agarraram-no para o prender. Mas ele já estava preso na sua própria angústia, na sua alma desmoronada. O normal seria chorar quando elas o levaram. Tinha vontade de o fazer, mas nada saía. Talvez as lágrimas tivessem mesmo secado. Ou então estava mais forte. Sebastian olhava para o chão tentando controlar o monstro sombrio que ameaçava explodir lá de dentro.

Eu sabia perfeitamente a razão para Riddel ter falsamente ajudado Gabriel. Ele constituía uma técnica eficaz para me afectar, uma vez que estava a usar o corpo de Mia. E eu era humana o suficiente para deixar que esse tipo de emoções me afectassem. Os seus poderes de manipulação abismavam-me. Mas se ela se dava ao trabalho de me atingir daquela forma, isso significava que eu constituía uma ameaça para ela. Custava-me admitir, mas, desta vez, ela tinha conseguido abalar-me. Não só pelo facto de me cortar o coração usar o corpo de Mia como se fosse o meu, mas porque a história trágica entre ela e Gabriel me lembrava o meu sofrimento pela perda de Sebastian, como um ferro quente a trespassar-me, dividindo-me em duas.

Queda

Batia insistentemente com o pé no sofá onde me sentava com Sebastian. Há muito tempo que não tinha tiques nervosos como aquele, especialmente num corpo que não era o meu. Depois do incidente com Gabriel na noite passada, tinha dormido pessimamente e começava a sentir-me desconfortável na pele de Mia. Era quase como se inconscientemente a minha mente estivesse a repudiar aquele corpo. O problema é que mente e alma já não tinham para onde ir. A Terra já não era uma hipótese...

O grupo da resistência ia reunir-se para decidir o que fazer quanto a Riddel. Eu, Sebastian, Belladonna, Rouge, Richart, Jynx, Cordélia e Malaquias preparávamos o melhor plano de contra-ataque a Riddel. Bem, Lily-Violet e Lorelei também participavam de certa forma, através de mim. E Sebastian não estava propriamente a participar de livre vontade. Principalmente porque tinha contado aos meus companheiros sobre a história dele com Riddel. Todos me olharam chocados com a dimensão do problema, mas também com algum cepticismo. Não era fácil confiar num demónio milenar.

– Recebemos há pouco um dos orbes do Rossini. Ele não refere nada sobre a visita da Riddel a Seabeau. Apenas reforçou as leis impostas pela sua tirania e informou-nos sobre o seu novo destino: Belvue. – Jynx inteirava-nos sobre as novas informações, com a sua típica tensão de militar.

– Acho que é uma armadilha. Ela usa as reportagens do Rossini para nos atrair. – disse Belladonna, de cigarro na mão e sentada, pernas cruzadas numa poltrona.

– Eu concordo. Mas também acho uma excelente oportunidade para planearmos uma armadilha. – Rouge dava uso a toda a sua erudição para sugerir uma boa estratégia. Sebastian fartava-se de rir face ao à-vontade com que planeávamos um ataque a um ser tão poderoso e maquiavélico como Riddel. – Tenho quase a certeza de que a Riddel vai usar a Lily-Violet para nos atingir. No caso da Lorelei, acho menos provável. Como está na Terra... – Havia uma pontinha de crueldade nas palavras de Rouge, perdurada pelos ciúmes que ainda sentia de Lorelei e Richart.

– A Lorelei recuperará como as outras Guerreiras. Vou dar o meu máximo para que isso aconteça. – Entrei em defesa da minha amiga, cujos elos eram muito mais fortes do que com as outras Guerreiras. Afinal, era a única terrestre ali e a única que tinha dado provas suficientes da sua amizade. Era imperativo que eu fizesse o mesmo por ela. Rouge olhou-me arrogantemente, um pouco arrependida pela frieza com que tinha falado da companheira.

– Se me permitem a objectividade, acho que o mais sensato seria deixar a Riddel para as Guerreiras. Os restantes, pela ausência de poderes, deviam dedicar-se a ajudar os habitantes de Belvue. – Malaquias flutuava pela pequena sala fixando a face de cada um.

– Há lá uma fábrica de orbes. Acho que também nos devíamos preocupar com a sua destruição. Continuo a afirmar que o poder de Riddel também vem daí. – Jynx olhava para cada um de nós como se estivesse a planear o melhor estratagema. – A Riddel fica para a Noemi, Belladonna e Rouge. A Cordélia e o Richart podem ajudar as pessoas. Eu trato da fábrica. Malaquias, pode coordenar tudo a partir do barco?

O velho acenou, feliz por poder participar apesar da idade avançada.

\*

Aproveitámos a proximidade de Belvue e também o facto de ser uma cidade costeira para viajarmos no célere Llyr. Lorelei lamentava o facto de não poder transformar-se em Sereia e nadar com as baleias que nos puxavam, e Lily-Violet amuava por termos recusado a criação de mais uma das suas excelsas naves orgânicas. O dia estava embrulhado e eu confirmava algo que temia. Mesmo no corpo de Mia, eu enjoava ao andar de barco. Não em barcos voadores ou naves feitas a partir de materiais naturais; o meu problema era mesmo com barcos no mar. Sebastian gozava com os meus enjoos e nem se dignava ajudar-me. Lancei-lhe alguns olhares fulminantes, mas ele parecia regozijar-se com isso.

Decidi entrar na cabina para criar a ilusão de que aquilo não era um barco. Belladonna e Rouge estavam sozinhas lá dentro, sentadas de braços cruzados numa mesa. Estavam completamente compenetradas na sua conversa. Quando cheguei com Sebastian, tive a noção de que se tinham calado repentinamente pela nossa presença. Estariam a falar de mim?

– Olá, meninas, tudo bem? O que contam? – A única razão que lastimava por não as ter na minha mente era que agora não conseguia controlar tão bem o que falavam entre si. Confiava nelas, mas o facto de ter um demónio algemado ao meu pulso e as minhas atitudes precipitadas e inconsequentes não davam azo a uma boa opinião sobre mim.

– Estávamos apenas a relembrar os velhos tempos de Guerreiras, nada de mais. – Eu já conhecia Belladonna demasiado bem para saber que estava a mentir. Mas não quis insistir e sorri cinicamente.

– Andava há algum tempo para vos perguntar uma coisa, e pode ser que o Sebastian me esclareça também. – Ele amenizou a sua expressão carrancuda. – Tu, Belladonna, tens o poder da Morte. E tu, Rouge, tens o poder da Destruição. Eu sei que é abstracto, mas o que vos difere da Riddel? O que podem fazer enquanto Guerreiras da Deusa que não seja o mesmo que ela, ou até Sebastian, estão também a fazer: destruir e matar?

– Por favor, não nos ofendas, Noemi. – Rouge ficou corada de irritação. – Não nos compares à Riddel. Nós somos Guerreiras cuja missão é salvar os mundos.

– Mas não acham que é ingénuo falar em «salvar os mundos» quando têm poderes negativos como a Morte e a Destruição? Não vos estou a acusar de nada, só estou a tentar compreender toda esta loucura que me rodeia.

– Nós não escolhemos nascer assim. Não penses que é fácil para nós sermos as Guerreiras «negras». – Rouge levantou-se e dirigiu-se para a rua com Belladonna. Esta última virou-se para trás. Porém, estava mais desapontada comigo do que irritada.

– Acho que são as nossas atitudes que nos definem e não o poder que temos. Tal como Deus e a Deusa, todos nós somos seres ambíguos. Temos poderes negativos, sim. Mas independentemente dos sacrifícios que lhes são inerentes, canalizamo-los para um bem maior, um bem que espelhe o desenho da nossa alma. Espero que tentes compreender agora, querida. – Sorriu tristemente e saiu com Rouge para o convés.

– Para uma Guerreira da Omnisciência, pareces um pouco ignorante, por vezes. A outra era bem mais inteligente e sábia que tu. – Sebastian criticava-me, como era habitual.

– Que queres dizer com isso? Conheceste as Guerreiras? Ah, espera. Claro que conheceste. Foi a Guerreira Ancestral da Omnisciência que te «infectou com a doença», não é? – A armadura de maldade e sarcasmo que recentemente tinha criado para lidar com Sebastian tornava-se mais espessa e medonha. Mas dava resultado.

– Depende do que entendas por doença... Conheci-as, sim. Mas não esperes que desenvolva este assunto, mesmo com os teus joguinhos psicológicos.

Algumas vozes lá fora anunciavam a chegada a Belvue. Abri a janela redonda e olhei para a costa que se aproximava de nós. Apesar do tempo nublado, a cidade ainda mantinha a sua beleza tropical. Quilómetros de corredores agarrados às rochas claras, palmeiras espalhadas em toda a extensão, areia branca e mar esverdeado. Procurei pelo imenso buraco provocado pelo canhão de magia da Sociedade Índigo. No entanto, em vez de um buraco, havia uma imensa esfera transparente construída aí. Uma espécie de centro comercial. Tal como previsto, Riddel ainda não tinha chegado. Preferia fazer uma entrada em grande, pensei eu.

Desembarcámos no porto já apinhado de barcos. Fiquei aliviada por pisar terra firme. À medida que caminhávamos pela areia, em direcção às escadas de bambu, olhei para o local onde a Imperatriz do Mar tinha sido cruelmente assassinada por Merovingian. Outro grande mistério para mim: a existência de Merovingian e Elena. Tão poderosos e misteriosos, e afinal eram dois bonecos feitos com magia. Ou, pelo menos, era o que eu achava. Jynx deixou-nos e perdeu-se nos buracos nas rochas para realizar o seu atentado na fábrica de orbes com a bomba que levava numa mochila. O nosso grupo subiu as escadas enquanto observava as arrepiantes sepulturas de âmbar encrustadas nas rochas – as vítimas do ataque da Sociedade Índigo.

Curiosamente, não havia muita gente em Belvue. Sendo uma cidade comercial em vez de habitacional, os orbianos tinham optado por evitar fazer as suas compras ali depois de saberem da visita de Riddel. Inclusive algumas lojas estavam fechadas. Afinal, íamos ter o nosso trabalho facilitado. Richart e Cordélia partiram cada um para um lado do extenso corredor na tentativa de avisar os comerciantes do que se iria passar ali. Aquela cidade não era um alvo tão fácil como Seabeau. Orbes não faltavam ali e não era uma cidade tradicionalmente religiosa, pelo que ela não tinha motivos para apagá-la do mapa. Só se quisesse... Quando se falava da vil Riddel, era de esperar tudo.

Vi o médico que me tinha tratado quando entrei em coma após usar o meu poder ao máximo. Vê-lo ali só me trouxe as terríveis recordações de Mefisto no meu quarto. As suas sanguinárias ameaças perante o meu corpo inanimado ainda me perturbavam. E Riddel tinha-se aproveitado delas para me assassinar em frente a Sebastian. Para mim, toda a desgraça tinha começado aí. Ele não me reconheceu, obviamente. Mas olhou para Sebastian e fugiu assustado com a sua mala. Richart reapareceu nervoso ao pé de nós.

– Os comerciantes não querem sair nem pretendem apoiar o nosso grupo de resistência. Dizem que estão a cumprir todas as regras de Riddel e que não a temem. E ainda afirmam o seu apoio porque é ela que lhes fornece orbes para continuarem os seus negócios. Vai ser difícil demovê-los, Noemi...

– Eles não têm consciência do perigo – disse para mim própria. – Richart, tenta ao menos que os comerciantes se abriguem dentro das lojas.

Richart deu meia-volta com as suas vestes douradas e perdeu-se nos corredores serpenteantes. Alguns minutos depois, ouvi uma violenta explosão que ressoou pelas protuberâncias nas rochas. Jynx tinha conseguido destruir a fábrica de orbes. Um pontinho negro aproximou-se no horizonte. O barco voador de Riddel pousou na areia branca lá em baixo. Previsivelmente, ela desceu de lá como uma rainha, manietando o corpo de Lily-Violet.

– Aí vem a cabra frígida... – disse uma confiante Belladonna.

– *Oh, não! Noemi, por favor, não deixes que ela faça mal ao meu corpo!* – Lily-Violet estava ansiosa.

– Não te preocupes. Vou ajudar-te como fiz com a Belladonna e a Rouge. Prometo! – Estava mais confiante agora que já a tínhamos derrotado uma vez. Desta vez, tínhamos mais duas Guerreiras em pleno. E ter aquele Sebastian a meu lado dava-me uma mórbida sensação de segurança.

Ela parou lá em baixo, como se nos esperasse. Claro que era uma armadilha e não tínhamos nada planeado. Mas também não tínhamos alternativa senão obedecer à sua vontade. Ela tinha o corpo de Lily-Violet como refém. Bebi mais um frasco de magia e transformei-me no Anjo *rockeiro*. Rouge e Belladonna seguiram-me o exemplo: a voluptuosa e lasciva princesa de cabelo flamejante e o negro arlequim púrpura. Sem avisar Sebastian, bati as minhas asas e arrastei-o comigo. Fazia aquilo só para o provocar, apesar do momento de tensão. Belladonna correu para as escadas, rápida como o vento, e Rouge entrelaçou os longos cabelos nas rochas para descer até à areia. Quando chegámos diante do barco, Riddel fixou Sebastian.

– Meninas, dêem tudo o que tiverem. Levem os vossos poderes ao máximo, mas tenham cuidado com a Lily-Violet. – Sem me aperceber, estava a fazer o papel de líder.

– Nem que usassem o máximo dos vossos poderes conseguiriam afectar-me, miúdas impertinentes. Isto é demasiado fácil. Vou divertir-me imenso. – Riddel riu o mais alto que conseguiu. – E as surpresas não acabam aqui...

Apontou para algo que se mexia no mar, atrás do barco voador. Era o corpo de Lorelei, transformado em Sereia e dominado por Riddel.

Entreabri a boca, completamente perplexa. Olhei para Sebastian em busca de respostas. Da parte dele só a expressão de escárnio e uma estranha fixação na figura de Riddel. Estaria a lutar para a manter fora da sua cabeça?

– *Noemi... o meu corpo! Como é que ela conseguiu trazê-lo para Orbias?!* – Lorelei estava histérica. Ela não tinha uma abertura tão grande às várias situações bizarras que ocorriam ao nosso redor enquanto Guerreiras, estava demasiado entranhada na vida terrestre. Pensava como uma terrestre céptica e tudo o que queria era voltar à normalidade da sua vida e fugir ao *freak show* que era Orbias. Senti o seu desespero.

Ao sair da água, a Sereia ganhou pernas e caminhou até nós da forma mais libidinosa que conseguia, mesmo sem uma alma lá dentro. O corpo de Lily-Violet contorcia-se como uma cobra faminta. As suas asas batiam como um colibri excitado e a respiração era pesada como a de um monstro. Como é que Riddel tinha conseguido que elas se transformassem em Guerreiras mesmo sem as suas almas lá dentro? De repente, elas correram para nos atacar e Riddel flutuou até aos corredores de Belvue. Ela ia atacar os seus habitantes! O que fazer? Ajudar as Guerreiras ou aquelas pessoas, que até incluíam os membros da resistência. Ingenuamente, acreditei que podia fazer tudo. Pelo menos, tinha fé que a resistência conseguisse dar-nos algum tempo.

O corpo de Lily-Violet usava o seu poder para nos prender em jaulas de areia molhada, que eram prontamente destruídas por Rouge. Lorelei lançava algas e conchas cortantes para nos atingir, mas Belladonna transformava-as em pó. Tentei golpeá-las, mas, estando transformadas em Guerreiras, eram muito mais ágeis. Sebastian não era mais do que um peso que eu tinha de carregar, pois não reagia. Estava suado e branco, derrotado pela influência que Riddel exercia sobre si. A Guerreira da Morte tentava usar o seu poder para enfraquecê-las, mas eram tão rápidas a desviar-se e a contra-atacar que essa estratégia não surtia efeito.

O ar foi contaminado pelo zunido atroador do poder de Riddel. Algumas partículas de gelo tocaram nas minhas costas nuas. Quando me virei, o meu coração parou de bater ao ver que uma gigantesca anaconda de gelo comia gulosamente os corredores de Belvue. Os primeiros espectros perfuraram as paredes de gelo até convergirem na estrela da morte azul que pairava sobre aquele cenário de desolação. Rouge gritou por Richart e correu descontrolada pela areia na tentativa de subir até lá. Belladonna era magoada pelo corpo de Lily. A sua cara era já uma poça de sangue misturado com a pintura branca de arlequim. E eu defendia-me do corpo de Lorelei, tentando não a ferir.

Não sabia o que fazer e a nossa missão estava a ficar comprometida. Para meu gáudio, a voz de Jynx surgiu por cima do estilhaçar do gelo mortal. Vinha directamente do *Llyr* com uma espécie de bazuca que o velho Malaquias ajudava a carregar com dificuldade. Piscou-me o olho, confiante, mas também o entendi como uma forma de despedida pelo risco que comportava enfrentar Riddel. Quando estava a uma distância eficaz, gritou a plenos pulmões.

– Vê se gostas de magia agora, cabra! – A arma descarregou o seu poder mágico e uma grande bola de magia foi disparada, projectando-os para trás. A esfera de energia acertou em cheio na distraída Riddel, que se perdeu numa explosão de luz em pleno ar, desaparecendo com ela.

Jynx começou a rir e a gritar numa felicidade louca enquanto Malaquias tentava levantar-se algo incrédulo com a eficácia do plano. Sebastian recuperou da sua letargia e os corpos das Guerreiras caíram inanimados na areia.

– Sebastian, vamos tentar devolver as almas delas agora! – Ele abanou a cabeça numa caprichosa recusa. Irritada, comecei a bater-lhe e a empurrá-lo, mas não estava a ceder. Ainda conseguia sentir a presença de Riddel e era urgente aproveitar a vantagem. Agarrei numa grande concha partida e afiada e aproximei-a do meu pescoço. As Guerreiras ficaram apreensivas com a determinação com que punha a minha vida em risco para as salvar. – Faz o que te peço ou suicido-me já aqui!

Ele acabou por ceder. Não gostava de ser assim tão drástica, mas tinha de provar que ele não podia brincar comigo e eu era o ser superior ali. Sabia como o atingir em cheio na sua fraqueza e ele já me conhecia suficientemente bem para saber que eu tinha coragem para fazê-lo. Agarrou nas minhas mãos, beijou o corpo de Lily-Violet e depois o de Lorelei. Novamente, ficou mais fraco e tive de me sentar na areia com ele. Segundos depois, senti-me estranhamente vazia, como se me tivessem arrancado um grande pedaço. Lily começou a mexer-se e a primeira coisa que fez foi dar uma valente gargalhada. Lorelei despertou a seguir, mas estava visivelmente mais abatida, quase em pânico. Já não estava transformada em Sereia. Vestia a bata do Hospital de Grand City. Como é que Riddel tinha transposto a barreira que separava os mundos com o corpo de Lorelei? Como...?

O riso idiota de Jynx foi interrompido quando uma grande pedra de gelo a atingiu, deixando-a inconsciente. O céu ficou estranhamente escuro, com nuvens rodopiantes, e começou a trovejar com violência. O chão começou a tremer por baixo de nós, como se quisesse soltar um imenso vulcão. O brilho azulado da imaculada e inatingível Riddel surgiu na base das rochas. Caminhava lenta e distintamente na nossa direcção. O meu instinto foi o de proteger aquelas pessoas, para que batessem em retirada.

– Belladonna, Rouge, levem-nos daqui. Fujam o mais depressa que puderem. – Belladonna veio até mim e agarrou-me no braço como se me quisesse puxar.

– Não posso permitir que fiques aqui. Vens connosco! Soltei-me dela com um sorriso.

– Vocês têm uma vida para seguir, já fizeram sacrifícios a mais. Há muita gente que precisa de vocês.

– De ti também! Nós importamo-nos contigo. E tens a tua vida na Terra. Pensa na tua mãe, no Adam! – Voltei a sorrir serenamente.

– Eu já me despedi da minha vida há muito tempo. Vocês é que não perceberam. Perdoem-me. Agora, vão. Ajuda a Lorelei a regressar à Terra, por favor.

–Volta para nós, por favor. Eu tenho confiança na tua força. Estás constantemente a mostrá-la. – Belladonna largou-me e colocou o braço de Lorelei à volta do seu pescoço.

As Guerreiras partiram para o *Llyr* com Malaquias e carregando a inconsciente Jynx. Os seus olhares entristecidos, em especial o de Lorelei, trouxeram-me à memória a trágica despedida de Sebastian e de Adam. Os terríveis olhos molhados que me arrancavam o coração, pedacinho a pedacinho. Era algo de extraordinário o autoconhecimento. A minha alma estava em constante mutação. Felizmente, para melhor. De rapariga introvertida, ingénua e sonhadora, tinha passado por provações que enegreceram o meu ser até me tornar numa pessoa egoísta que, cega pelo amor e por uma causa perdida, negligenciava tudo e todos na minha vida. Mas a realidade fazia questão de me apunhalar pelas piores razões. Eu era agora a pessoa altruísta, responsável e forte que tanto almejava ser. A minha jornada já não era só uma simples busca pelo meu Sebastian desaparecido. Era também uma vã tentativa de ajudar todos aqueles que me ajudavam. Estava disposta a sacrificar a minha vida pelas pessoas de quem gostava. E apesar de ter medo, sentia-me feliz por isso. Começava a acreditar na inevitabilidade do destino. Se realmente o meu fosse não reencontrar Sebastian, mas morrer para salvar as minhas companheiras, então aceitava-o com um largo sorriso. Talvez fosse recompensada no «outro lado» com o meu Sebastian, à minha espera...

– Que nobre... sacrificar a tua vida pelas amiguinhas. Nem nos meus milhares de anos de vida eterna vi uma história tão bonita e enternecedora. Bravo, Noemi! – Ela batia palmas. Era cáustica como uma harpia. Marchei na sua direcção, enfrentando o sarcasmo com bravura. O apático Sebastian era praticamente arrastado por mim, o Anjo destemido. – Maravilha-me o quanto o Homem continua tão ignorante. Não percebe que a emoção é uma fraqueza e que é por isso mesmo que morre mais depressa? E tu... uma Guerreira supostamente omnisciente, és pior ainda. Nunca percebes nada. Ou então preferes não perceber. – Marchei, marchei, marchei, o choque entre as duas era iminente. – És tão susceptível como um rato atraído pelo queijo. Zás! Apanhada na minha ratoeira!

Saltei para cima dela enquanto soltava as suas gargalhadas de feiticeira má. Agarrei na sua cabeça, como uma tenaz, mas ela não cedia e continuava a rir perante a minha débil tentativa. Apelei a todas as minhas forças, tentei concentrar todo o meu poder apesar de aquele não ser o meu corpo. Sebastian continuava sem se mexer. Subitamente, o seu riso macabro cessou. Os demoníacos olhos azuis fixaram os meus olhos determinados com perplexidade. A sua cara foi atravessada por rachas na sua carne de gelo. Assustada, agarrou-me nos braços e atirou-me para trás.

Mais colérica do que alguma vez a tinha visto, baixou os braços para a areia. O chão voltou a tremer, mas desta vez abriu-se mesmo por baixo de mim, separando-me de Riddel. O abismo escuro terminava num mar de magia. A areia ia caindo lá para dentro, perdendo-se para sempre. Corri com um meio acordado Sebastian o mais que podia até ao mar, perseguida pelo aumento da gigantesca falha. Desengonçada e demasiado nervosa para conseguir voar, escorreguei na areia e caí para o imenso buraco. Fiquei apenas pendurada pelas algemas que me uniam a Sebastian.

Ele estava inchado e vermelho com o esforço que fazia para não me deixar cair lá em baixo. Tentou puxar-me, mas a gravidade parecia puxar-nos por meio de terríveis braços invisíveis. O buraco continuou a aumentar até chegar ao mar. Sebastian foi empurrado pela água torrencial e juntos fomos engolidos pela megalómana cascata salgada que desceu até à magia branca. O meu corpo parecia um boneco de trapos velhos nas mãos fortes daquele novo mar. A passagem da água para a magia foi estranha. O seu toque era quente, mas avassalador. Como milhões de aranhas a morder-me o corpo inteiro. Comprimia-me o corpo como se me quisesse abraçar até explodir. Sem noção do espaço, do ar que precisava para respirar, da minha integridade física, a única coisa que conseguia sentir era a mão do demónio Sebastian a agarrar fortemente na minha.

Sem ar.

Sem consciência.

Sem vida...

Descobertas

O meu corpo flutuava por ondas do mais puro branco diáfano. Não era água, não era ar. Era algo mais sublime. Talvez tivesse mesmo morrido e aquele era o caminho para o outro mundo.

Desta vez, estava oficialmente morta. Lamentava o que tinha feito ao corpo de Mia, mas sentia-me livre. Estava sozinha. Obviamente, Sebastian era eterno. Nadei por aquela densidade de linhas espectrais na tentativa de encontrar o meu rumo para a chamada «vida eterna». Talvez fosse ali que Sebastian estaria à minha espera. Nunca o suicídio me tinha parecido uma ideia tão bela, apesar de nunca o ter tentado. Havia um buraco cintilante naquele feixe em que me encontrava. Mergulhei até lá e penetrei no seu interior.

Pairei até pousar na água de um interminável lago florido. Eu conhecia aquele local, era Deep Hollow. Então, o outro mundo era ali? Que desilusão! No entanto, a imagem à minha volta recebeu interferências como se eu estivesse dentro de um ecrã de televisão em três dimensões. De cada vez que isso acontecia, o espaço à minha volta mudava, como se estivessem a mudar os canais. Estranho...

O zumbido que ouvia quando Riddel ou Sebastian usavam o seu poder apoderou-se dos meus ouvidos. As imagens mudavam com mais frequência. E eu até conseguia sentir a textura e a temperatura do chão transformado por baixo dos meus pés gelados. Após algum tempo em que já estava a perder a percepção das imagens que mudavam, parei num apartamento modesto e quase sem móveis. Com paredes bege e chão de madeira, havia apenas uma cama e uma mesa com um gramofone. Olhei pela janela. Atrás da Torre Eiffel, o céu amarelado anunciava o final de tarde. As casas eram ao estilo dos inícios do século XX. Talvez não tivesse morrido, talvez fosse uma visão. Significaria que não estava morta? Ou que a morte não existia, e que por ter o poder da Omnisciência, estava condenada a «ver» coisas para sempre?

Alguém entrou. Riddel, transformada em humana, com um vestido de lantejoulas pelos joelhos, um corte de cabelo à anos 20 e pluma na fita da cabeça. Sebastian vinha atrás de si, cabelo com risco ao lado, colete cinzento e relógio de bolso. O brilho do seu olhar negro não estava presente, pelo que depreendi que fosse o demónio. Não conseguia ouvir nada devido àquele irritante zunido. Era como um filme mudo. Mas pela sua expressão, estava claramente aborrecido. Tocou-lhe carinhosamente na face, mas Sebastian atirou-a violentamente para a cama e saiu disparado do quarto. Riddel chorou. A impiedosa mulher gelada chorou como se de facto tivesse um coração e uma alma. Não gerou qualquer compaixão em mim, tal era o meu ódio por ela. Aproximei-me do seu corpo deitado, banhado em lágrimas, e olhei-a com desprezo, desejando que ela me estivesse a ver e que eu fosse a causa do choro. As interferências no ambiente voltaram e o espaço mudou totalmente.

Estava agora no salão de um castelo e o zumbido continuava. Estava repleto de quadros e esculturas num estilo renascentista. O tecto estava pintado com frescos de motivos religiosos. Que irónico! Algumas cortinas vermelhas adornavam as altas janelas que davam para um glorioso e labiríntico jardim em tons de esmeralda. Percorri o corredor sumptuoso de paredes coloridas. À medida que andava, corpos mortos de pessoas de túnicas e capas multiplicavam-se pelo chão. Ignorei-os, curiosa com o que poderia encontrar no final daquela pequena expedição, uma curiosidade ávida que conhecia muito bem das minhas visões. Atravessei uma porta entreaberta que dava para uma sacada. Riddel estava sentada numa pose graciosa, mas extremamente estóica. Na base da cadeira, mais cadáveres de gente inocente, numa cena dantesca de morte. À sua frente sentava-se Sebastian, de cabelos claros, ondulados e compridos pelos ombros. Estava a pintar o retrato de Riddel, o mesmo que eu tinha visto no seu barco voador. O requinte com que ele pintava cada pormenor do corpo dela lembrou-me as carícias dedicadas que ele me fazia no tempo em que estivéramos juntos. Mas aquele continuava a ser o demónio. Senti-me mal com a cena. Não estava a conseguir identificar aquele sentimento. Era ciúme?

Novamente as interferências e novamente outro local. Uma planície de terra esgravatada onde, no lugar de flores, havia corpos estraçalhados, triturados e ensanguentados de cavalos e homens com armaduras medievais. As árvores nuas estavam povoadas por corvos famintos. O odor a sangue seco e carne em putrefacção era intenso. No meio do massacre, surgiram Riddel e Sebastian, quase em câmara lenta e em vestes ricas da Idade Média. Ele agarrava gentilmente na sua mão como se a conduzisse a um baile. Por onde passavam, as almas translúcidas dos mortos seguiam-nos até desaparecerem. Não quis pensar que eles teriam alguma coisa a ver com uma guerra que provocara tantas mortes. Tudo para roubar almas...

Interferência. Estava agora na acrópole de uma cidade da antiga Grécia. Conseguia ver várias pessoas de togas claras a passear lá em baixo. Atrás das colunas de um templo, surgiram Riddel e Sebastian, também de toga. Estavam a discutir de novo, contrariando as visões anteriores de pura comunhão e harmonia. Sebastian estava muito violento com ela, inclusive, ameaçava-a fisicamente. Parecia transtornado com qualquer coisa que ela lhe fizera, pois não parava de lançar as mãos à cabeça. Dava tudo para ouvir a conversa ou conseguir pelo menos ler-lhe nos lábios o que ele gritava. Desapareceu da vista dela, deixando-a novamente a chorar. Desta vez, o seu choro era mais tumultuoso. As lágrimas escorreram-lhe até ao chão e um tremendo terramoto anunciou a desgraça que se ia abater sobre todas aquelas pessoas inocentes.

Começava a ficar tonta e afectada com todas aquelas visões autónomas e regressivas. Esse espectáculo iria continuar eternamente? As interferências desta vez pareciam mais fortes, causando-me dores de cabeça que me obrigavam a fechar os olhos com força. Quando os abri, estava de volta a Deep Hollow. Mas não havia lago nem flores nem barreira. Apenas um infinito deserto vermelho regido por uma bola de luz encarnada no alto céu. Estranhamente, havia um pequeno edifício ali. Uma espécie de restaurante modesto, um tipo de *diner* americano. O que estaria lá dentro? Corri até lá com uma necessidade incontrolável de ver quem ou o que estaria lá. No momento em que ia tocar na porta metálica para abri-la, um brilho incandescente cegou-me e puxou-me para fora dali como se da mão de um gigante se tratasse. A minha mente rodopiou como num carrossel até implodir em biliões de partículas de luz.

Opostos

– Boa! E eu a pensar que estarias morta ou em coma. O silêncio fazia-me bem. Estou farto de aturar a tua voz irritante sempre a azucrinar-me o juízo. – Sebastian recebia-me com um sorriso malandro que há muito tempo não via naquele corpo. Abri os olhos como se estivesse adormecida há vários dias. O meu corpo estava excessivamente rígido. Levantei-me e encostei-me à árvore grossa que estava atrás de mim.

– O que aconteceu? Onde estamos? – A minha voz estava rouca. Mas, fora isso, tudo parecia estar na mesma. Aquele ainda era o corpo de Mia, apenas com alguns arranhões.

– Estás a dormir há quase uma semana. Já começava a idealizar uma forma de cortar a tua mão e ver-me livre de ti. – Que mentiroso! Ele podia libertar-se de mim sempre que quisesse. – Caímos num mar de magia, no interior da terra de Orbias. Viemos dar a este local. Eu acordei logo, mas como não estás habituada ao contacto com magia bruta, estiveste pr’aí a dormir. – Riu como se me estivesse a chamar preguiçosa.

Olhei com maior atenção para o estranho local. Cogumelos coloridos, gigantes e pequenos, rodeavam o que parecia ser um lago de magia. À nossa frente, uma pequena montanha com um buraco de onde saía uma tímida cascata do líquido branco. As árvores atrás de nós eram grossas e antigas, com longas raízes retorcidas. Uma série de borboletas pairava ali, deixando um rasto de faíscas cintilantes. Aquele sítio não podia ser mais mágico. Ansiei um dia poder voltar ali, mas com o meu Sebastian. O «meu» Sebastian?

– Tem piada, quanto mais tempo passo contigo, mais me dou conta de que não conhecia nada sobre o Sebastian. A história da sua vida, a sua personalidade... Ele apenas estava feliz em estar comigo e era de poucas palavras quando se tratava de falar sobre si. Fazia-me sentir viva, amada de uma forma plena. Eu sei que o amo. Se o meu amor não fosse grande o suficiente nem estaria aqui. Mas sinto que ele está mesmo a desaparecer da minha memória.

Esperava um comentário sarcástico, sexual ou maldoso de Sebastian. Em vez disso, ficou pensativo.

– A existência do Sebastian era tão frágil como um fio muito esticado. Tentei sobrepor-me a ele quando apareceu, sem grande sucesso. – Sacou de um cigarro e falou entre dentes enquanto procurava o isqueiro para acendê-lo. – Felizmente, ele foi burro o suficiente para se suicidar quando pensou que estavas morta. – Tinha de vir o comentário maléfico acompanhado de um riso seco. Inspirou o fumo com prazer. – Tenta perceber: ele era o invasor. Como reagirias se alguém novo, estranho a ti, se tentasse apoderar do teu corpo? – Olhou-me de cima a baixo. – Bem, felizmente para ti, roubei a alma dessa rapariga, ou terias sérios problemas.

– Como é que tu vês o mal e o sofrimento que provocas? Durante todos estes anos, nunca sentiste remorsos?

– Culpas um leão por matar uma gazela? Isso faz dele um ser cruel? Eu ajo por instinto; faço-o porque acho natural fazê-lo e porque fui criado dessa forma.

– Mas o leão não tem consciência do que faz.

– O que te faz pensar que eu tenho consciência do que faço? – Bem, és humano...

– Sou mesmo? Julguei que fosse um «demónio». – Sorriu sedutoramente. Podia jurar que, por um milésimo de segundo, o brilho voltara aos seus olhos negros. – A consciência é sobrevalorizada pelo Homem. Ele é o maior hipócrita porque é o primeiro a agir instintivamente.

– Vês? Aí está! Como podes afirmar que não tens consciência quando falas dessa forma, com tanta lógica. És um ser emocionalmente inteligente. Aliás, mais do que qualquer humano.

– Gostei da especificação... «ser». – Semicerrou os olhos e desviou-os, quase ofendido.

– Também não sou propriamente uma humana normal. Se sou uma das cinco únicas pessoas com magia a correr no sangue, isso faz de mim alguém sobredotado ou uma deficiente? Acho que depende de como olham para ti e como te julgam. Por isso, até estamos em pé de igualdade.

Ele riu, divertido com a minha ilação inocente. Depois de um momento introvertido, voltou a falar.

– Quem decide o que é o Bem e o Mal? Nos milhares de anos em que convivi com humanos, percebi que até hoje nem eles compreendem. Se nem Deus nem a Deusa sabem o que isso é, o que te faz dizer que roubar as almas das pessoas é errado? Pensa que as estou a libertar de uma eternidade ao lado de dois seres demasiado temperamentais para conseguires aturar. – Mais duas baforadas até terminar o cigarro e sacar de mais um. O fumo estava a deixar-me estranhamente sonolenta, especialmente com aquela conversa tenebrosa. – Com o passar dos anos, fui-me esquecendo de qual o meu objectivo com a Riddel. Perdi-me entre os prazeres humanos para me lembrar daquilo que realmente sabia fazer. As depravações das criações humanas compensavam o vazio que sentia. Matar os Criadores deixou de ser uma prioridade.

– Como assim? Perdeste a vontade de roubar almas? – Tomava cada vez mais atenção aos traços dos finos lábios de Sebastian a fumar. Formavam um «w» perfeito.

–Vontade, vontade não tenho. Se estou ao pé de alguém vulnerável e predisposto à morte, simplesmente não consigo controlar o impulso de os matar e esvaziar o seu corpo miserável da sua alma. Dá-me um imenso prazer ver o corpo inanimado de alguém caído aos meus pés, tão belo. Talvez... talvez esteja demasiado cansado e velho para continuar com isto. Uma das razões para me aliar à Riddel e destruir os Criadores era a esperança de desaparecer com eles e acabar com o sofrimento da minha existência. Mas tal como te disse, matar um pai não faz com que o filho desapareça...

Comecei a rir, o que o indignou.

– Nunca pensei ouvir um demónio dizer que está cansado de viver. És um bocado fraco se questionas a tua «maquiavélica e vil impulsividade». Onde está o grande demónio assustador? E por falar nisso, por favor, fala-me da existência do Diabo na Terra... És tu e a Riddel? – Disse-o da forma mais sarcasticamente cínica que consegui. Ele riu enquanto expelia lentamente o fumo da boca.

– Os terrestres são criaturas interessantes, muito mais que os pacóvios de Orbias. Muito melodramáticos e com um excelente talento para a imaginação. Durante anos e anos, tinham sempre de arranjar uns desenhos bem feios para representar a mim e à Riddel. Essas histórias de um monstro chifrudo que mora num Inferno ardente fazem parte das maiores invenções humanas. Nem sequer as possessões e os exorcismos são reais. – Comecei a admirar os braços dele, revelados pelas mangas arregaçadas da camisa branca. As suas veias latejavam quando falava comigo. – A única coisa que fazemos é mesmo roubar almas aos «pobrezinhos» que nos aparecem à frente. O verdadeiro Mal está no coração de todos e de cada um. A Riddel é bem mais psicótica com isso. Aproveita-se da minha vulnerabilidade para me manipular e fazer o que ela deseja comigo. E acredita que até hoje ainda não consigo lutar contra essa influência. – Apagou a beata na terra no meio das suas pernas abertas. – Eu decidi aproveitar outro tipo de prazer: o álcool, a bebida, as drogas, o sexo com mulheres e homens... Já experimentei tudo o que possas imaginar. Já infringi todos os Dez Mandamentos, já quebrei todas as ideologias de outras religiões, envolvi-me em conspirações, criei intrigas em altura de guerra... Tudo! É bom ter um corpo eterno. – Riu melindrosamente, algo raro.

– Com o contacto humano durante tantos anos, nunca tiveste vontade de ser apenas uma pessoa normal? A ambiguidade que tu professas existir até nos Criadores... Também tu podes ser ambíguo...

– E perder o que de melhor os dois mundos ainda têm para oferecer num corpo indestrutível? Prefiro continuar um demónio sem alma.

– E em todo este tempo, nunca ninguém reparou na existência de dois... demónios?

– Nós sempre adoptámos uma postura *low profile*. Muito furtivos, sempre que éramos descobertos por alguém mais espevitado, garantíamos que a sua alma era imediatamente arrancada. Uma prova de como nós conseguimos ser secretos é toda a conspiração que a tua «amiga» Riddel criou para matar o teu Sebastian e te afectar. Conheces alguém em qualquer um dos mundos que tivesse detectado as falhas dos falsos mitos que ela inventou?

Parei para pensar um pouco sobre aquilo, mas outras frases proferidas por ele pairavam na minha cabeça, como passarinhos. Forcei umas fortes gargalhadas e tive de me levantar, deixando Sebastian com o braço pendurado.

– Desculpa, mas eu não consegui controlar o riso depois desta tua conversa insana. Já paraste para te ouvir? É irónico pensar que és um ser sobrenatural malévolo e que és tão burro que em milhares de anos nem percebeste o óbvio. O que é para ti uma «alma»?

Ele ficou austeramente pensativo.

– Um espectro que está dentro de um humano, que define o seu espírito, a sua personalidade e consciência. Que o faz controlar os seus instintos mais básicos, canalizando-os para o que...

– Blá, blá, blá... Pára! Parece o debitar de um livro de psicologia ou da Bíblia. Não percebes? Tu és como eu e como todos nós. Também tens alma! Ganhaste-a a partir do momento em que tomaste consciência de ti próprio e dos teus actos. Tu contradizes-te a ti próprio. Dizes que não controlas essa tua impulsividade, mas ao mesmo tempo tens o poder de escolha. Sabes que queres ter prazer e segues esse caminho. Desculpas-te com o Sebastian, mas possivelmente ele foi apenas um caso científico de múltipla personalidade que possivelmente nunca mais irá surgir. –As lágrimas rodearam-me os olhos quanto materializei aquele receio em palavras.

– Isso é demasiado abstracto... Eu não tenho alma!

– Pára de repetir as mesmas coisas! Claro que é tudo abstracto! A vida tem de ter algo abstracto ou perdemos o motivo que nos faz procurar aquilo que falta na nossa vida e que não é explicável. Em Orbias, têm tendência para ver tudo de um modo muito prático e materialista. As almas têm de ser vistas e ser palpáveis, a magia tem de ser tocada... O que é feito da verdadeira magia, aquela cuja invisibilidade é do mais romântico e mais fabuloso que há e que nos faz sonhar? – Sebastian simulou uma boca tagarela com a mão, mostrando o seu desprezo pela minha tentativa de lhe abrir os olhos. Aborrecida, agarrei-lhe no pulso algemado e ele franziu os olhos ameaçadoramente. – Onde está o demónio incontrolável, dissimulado e traiçoeiro se desde o início consegues livrar-te das algemas. Tiveste oportunidade de te soltar e matares-me ou fugires, e não o fizeste. Porquê? Porque tens uma alma, tens sentimentos, tens autocontrolo e essa tua armadura de sarcasmo e violência apenas nega o que há muito aconteceu, e não o queres admitir. Não és demónio nenhum. Perdeste essa escuridão e agora és uma folha em branco e não sabes o que escrever. – Aproximei-me provocadoramente da sua cara e murmurei: – Não passas de um homem amedrontado e perdido.

Sebastian arrancou rapidamente as algemas do seu pulso e empurrou-me para o fundo. Ouvi o rugir grave das suas entranhas quando saltou para cima de mim como um leão esfomeado. Arreganhou os dentes, tentando controlar-se para não me fazer mal. Os seus olhos ficaram vermelhos de raiva.

– Tu és a culpada de tudo, és a minha doença, a afirmação da minha imperfeição enquanto criação divina! Odeio-te, odeio-te, odeio não conseguir matar-te! Sente o perigo em cima de ti, sente a mais pura maldade. Consigo cheirar o teu terror, o teu sangue a gelar com temor pelos meus actos perversos. – A sua pele estava a ferver em contacto com a minha, a sua respiração era acelerada com laivos de excitação. – Eu sou... um demónio. O Diabo, Satanás, Bel...

Beijei-o para calar a sua boca ridícula. Senti uma série de explosões por todo o corpo enquanto a língua dele invadia a minha boca e ele me puxava os cabelos para trás. Nunca tinha sentido tamanho êxtase como naquele momento. Estava-me nas tintas para o corpo de Mia, para Riddel, para as Guerreiras! Só queria ser possuída por Sebastian, aproveitar aquele momento como o nascimento de uma estrela nova. As mãos dele agarravam em todas as partes do meu corpo com sofreguidão enquanto eu fazia o mesmo à medida que o despia. Ficámos nus, entregues ao mais intenso dos prazeres carnais.

Durante aquele acesso de loucura, o meu Sebastian desapareceu da minha memória. Era a segunda vez que fazia sexo com aquele corpo, mas parecia um homem totalmente diferente. Livre da lentidão lânguida, mas carinhosa do outro Sebastian, este fazia-me sentir viva, apaixonada, com os cinco sentidos ao rubro. Havia um lado romântico na forma selvagem como ele usava o meu corpo, da mesma forma que eu usava o dele. Era quase como se nos estivéssemos a castigar por todos os actos que manchavam a nossa vida. Mas o prazer era algo de insigne! Não sabia porque tinha decidido fazê-lo, mas estava a adorar cada minuto, cada beijo, cada toque, cada sucessão de entradas de Sebastian dentro de mim. Impulso? Deslumbramento? Masoquismo emocional pela consciência da perda de Sebastian? Ou, perigosamente, aquele demónio significava mais para mim do que eu imaginaria?

*Faylinn*

Acordei com o toque do corpo nu de Sebastian a meu lado. A ausência das algemas causava-me algum desconforto, como se a mão estivesse irreversivelmente gelada. Tapei os seios descobertos com os braços enquanto o analisava. Até a dormir ele mantinha o ar de patife, mas extremamente atraente. Passei levemente os dedos pelo seu cabelo que começava a ondular por não o cortar há algum tempo. Tinha sido dominada pela atracção física que sentia por aquele corpo, mas não me arrependia do que tinha feito. Sentia-me libertada e relaxada, tanto na mente como no corpo de Mia. Se fosse no passado, antes de Orbias, nunca teria sido capaz de agir daquela forma. Estava acorrentada pelas constrições de um falso moralismo e uma dura insegurança provocada por uma infância e adolescência repletas de traumas familiares e escolares. Mas tinha crescido e olhava para tudo com maior desprendimento. Era só sexo...

Ou será que não? Observando aquele homem poderoso a meu lado, não conseguia expulsar o receio de me estar a apaixonar por ele. Era a mais completa desilusão e a prova de que eu era uma pessoa tão susceptível como Riddel afirmava. O sofrimento provocado pela perda e consequente busca do meu Sebastian deixavam de fazer sentido a cada minuto passado com o demónio. As recordações de Sebastian pareciam-se cada vez mais com um filme romântico, quase nem me parecia real num misto paradoxal de superficialidade e profundidade de sentimentos.

Talvez tivesse sido contaminada pelo platonismo de um amor que nunca sentira. Não soubera lidar com esse sentimento novo e arrebatador, e quando foi repentinamente interrompido com a sua morte, não soube direccionar esse amor que se misturava com o sofrimento.

A química que começava a estabelecer-se com o demónio era mais verdadeira, quase palpável. Ele era impulsivo, nocivo e com um passado de violência, assassínios e vícios, tão longo que, nunca conseguiria ter noção da sua extensão. Então, porque é que o via mais como um amor real? Porque é que o outro Sebastian se assemelhava mais a um príncipe de conto de fadas que sabia não existir fora das páginas de um livro? Voltei a olhar para ele. Tresandava a tabaco, mas ainda assim conseguia identificar o seu intenso cheiro docemente masculino. Não era a doçura do outro Sebastian, mas atraía-me de igual forma, como um mosquito em direcção à teia de uma aranha.

Não, nunca ia resultar. Aquilo que eu estava a sentir era apenas o fruto da manipulação de um demónio corrupto. Nunca conseguiria lidar com o facto de ter assassinado tanta gente ao longo dos tempos nem com todos os seus momentos infames. Além disso, ele era eterno. Ia ficar com alguém que manteria o mesmo aspecto sendo eu uma velha enrugada? E conseguiria eu aturar o seu humor temperamental durante uma vida inteira? Por outro lado, isso também aconteceria com o outro Sebastian. E depois da conversa bizarra antes do sexo, tinha começado a pensar que as suas teorias faziam bastante sentido, apesar de ser difícil de aceitar, para uma humana como eu... Não, não. Noemi, estás a ficar parva e a passar tempo de mais com o demónio. «Este é um verdadeiro caso de possessão demoníaca», pensei eu.

Sebastian rosnou e entreabriu os olhos. A primeira coisa que fez ao acordar foi passar a mão pelo meu corpo com uma gula bruta. Irritada com a atitude, e não querendo alimentar a minha fraqueza sentimental, afastei o seu braço como se enxotasse uma mosca. Levantei-me para me vestir, mas ele puxou-me para me enfrentar.

– Pensei que tivesses gostado. Vais agir assim tão friamente? – Estava inconformado.

– Claro. – Desatei a rir orgulhosamente. – Achaste mesmo que significaria algo mais? Foi só sexo, Sebastian. Que demónio ridículo.

Ainda não sabia se aquilo era uma mentira ou não. Só sabia que me estava a tornar pior que ele. Era a manifestação da minha vontade de não me subjugar à sua personalidade difícil e de me convencer a mim própria de que aquilo tinha sido pura e simplesmente sexo. Não percebi se estava desapontado; a sua expressão espelhava a confusão de um ser que menosprezava os outros, mas que nunca era menosprezado. Peguei no vestido branco e enfiei-me nele. A magia e a água tinham-no deixado mais claro do que originalmente era. Escovei os cabelos com os dedos, mostrando alguma impaciência para me ir embora. Continuou deitado na terra, nu e frustrado.

– Já não estamos algemados e tu não me mataste. Se quiseres, podes ir embora, não te vou prender mais. Agora só quero reencontrar as Guerreiras e enfrentar a Riddel. Já sei que consigo afectá-la de alguma forma. – Era óbvio que estava a manipulá-lo. Definitivamente, não queria que ele fosse embora. Ainda precisava dele para o caso de querer reaver o meu Sebastian. Afinal, aquele não deixava de ser o corpo dele. Levantou-se e começou a vestir-se também.

– Não estou algemado, mas isso não elimina as minhas fraquezas. Vou continuar a acompanhar-te para ver se morres de uma vez. Quando isso acontecer, vou querer assistir para suspirar de alívio. E enquanto isso não acontece, podes ficar excitada de novo. Em centenas de anos, foste o melhor sexo que já tive. – Sorriso de reguila inveterado.

– Estúpido! Podes vir à vontade. O primeiro cenário não vai acontecer. Já o segundo, não prometo nada. – Passei o dedo sedutoramente pelo lábio dele. Sabia que isso o deixava louco. E tratando-se de um demónio, sentia-me poderosa. Calcei as botas olhando para ele de viés. – Sabes?, tens de melhorar essa personalidade. Pareces um actor amador, nada disso soa a real, àquilo que realmente desejas. – Os seus olhos ganharam um brilho de quem tinha vontade de me atirar ao chão e domar novamente. Mas era eu que o domava a ele. – Vamos?

\*

Sebastian conhecia cada canto de Orbias. Sabia exactamente onde estávamos e para onde ir. Estávamos a vários quilómetros de Belvue.

A corrente de magia tinha-nos arrastado para bastante longe. Sem os kutchys de Rossini à vista, sem orbes e sem o poder da Criação de Lily-Violet, não tínhamos alternativa senão caminhar até à cidade mais próxima para recolher alguma informação sobre as Guerreiras ou Riddel. Essa cidade era Faylinn, não a metade povoada pelas traiçoeiras fadas pequenas, mas a metade mais civilizada de orbianos ditos normais. Sebastian puxou de um cigarro e olhava para mim de vez em quando, desatando a rir de seguida. Fantasias perversas, pensei eu.

A floresta era bastante semelhante à das pequenas fadas. Grandes árvores e plantas azuladas, onde nem o sol conseguia penetrar, aura de misticismo, borboletas cintilantes a esvoaçar. O corpo de Mia era a terapia perfeita para deixar de ser desajeitada. Já conseguia caminhar graciosamente entre as raízes grossas, sem cair ou tropeçar. A minha última vez ali tinha sido trágica nesse aspecto. Atrás do meu eterno guia, acabámos por encontrar uma aldeia no meio das árvores ao fim de algumas horas.

Faylinn era uma espécie de grande aldeia de conto de fadas, ou não estivesse eu em Orbias – casas de paredes coloridas, telhados cobertos de flores e folhas. Os habitantes estavam vestidos como *hippies*. Ainda me fazia confusão o grande contraste entre as diferentes regiões de Orbias, embora já soubesse a razão. Parecia que tínhamos feito uma viagem no tempo e aterrado em plena Idade Média, mas com laivos dos anos 70 da Terra.

A mão do governo de terror de Riddel não se fazia sentir ali. Segundo Lily me tinha contado um dia, a riqueza de magia daquelas florestas tornava aquele local muito seguro, confundindo possíveis invasores. As pessoas eram excessivamente felizes para o meu humor actual. Atrevia-me a dizer que eram como uma infinidade de irritantes Lily-Violet, o que me lembrava o facto de aquela ser a sua terra natal. Quem me dera saber a identidade dos seus pais. Tinha muita curiosidade para saber se eram loucos como ela. Sebastian levou-me até um bar que dizia conhecer através das suas frequentes fugas sorrateiras da sua «missão herética» em busca de prazer.

– Com que então «demónio instintivo e incontrolável»... Afinal, consegues estar entre humanos sem que tenhas de os matar.

– Quem te disse a ti que não os matei? Precisava de uma bebida, mas havia gente a mais por aqui. De qualquer forma, foi há mais de cem anos, ninguém me vai reconhecer.

Estremeci com o seu riso mordaz.

– E quem me diz a mim que não vais fazer o mesmo agora? Não estamos algemados, não consigo controlar-te.

– Nunca estive verdadeiramente algemado a ti, lembras-te? A minha impetuosidade está concentrada em ti desde que recebi o teu orbe e me encontrei contigo no farol. O meu descontrolo vai todo para ti, não te preocupes.

– Já devia saber que não posso confiar num demónio mentiroso. Vou deixar de te fazer perguntas. – Suspirei, divertindo-me com a forma como gozava com ele. A forma como os nossos dois tipos de humor negro dançavam dava-me um imenso prazer.

O bar era extremamente iluminado e com uma enjoativa música alegre a corromper um ambiente que deveria ser discreto. Havia pessoas espalhadas por mesas com roletas e jogos de cartas que me lembraram um casino. Sentámo-nos ao balcão, atraindo alguns olhares curiosos das «fadas sem asas» que apreciavam as suas bebidas ali. Sentei-me com ele ao balcão e depois do pedido feito, recebemos um licor de triganjas para mim e um uísque triplo para Sebastian. Puxou de mais um cigarro numa conjugação de vícios nada danosos para um demónio eterno.

Uma voz conhecida fez-me virar para trás. Belladonna entrava no bar com Lorelei a seu lado. Pareciam bastante alegres, embora com um pequeno indício de preocupação no olhar. De todos os locais de Orbias, tive a sorte de o nosso destino coincidir naquele local. Ficaram surpreendidas quando nos viram, mas correram para mim até terminarmos num abraço forte. Quando repararam que eu não estava algemada a Sebastian, recuaram. Mas acenei como que garantindo que estava tudo bem.

Fomos para uma mesa num canto mais discreto do bar. Sebastian ficou sozinho ao balcão, perdido em negros pensamentos. Reparei que Lorelei vestia roupas orbianas. Mas continuava linda e exuberante, maquilhada e com o longo cabelo ondulado tratado. Perguntei de imediato pelas Guerreiras. Depois do incidente em Belvue, elas tinham usado o *Llyr* para entrar no rio Érebos e desembarcar em Faylinn. Lily-Violet tinha os seus pais ali, e por ser uma cidade mais isolada e protegida, podiam recuperar forças. Jynx estava ferida, a ser tratada na localidade. Rouge estava completamente desolada com o desaparecimento de Richart, possivelmente apanhado no ataque de Riddel, juntamente com Cordélia. Não fiquei triste. Acreditei que eles estavam bem, algures.

Depois de um silêncio nervoso, elas perguntaram-me com ânsia o que tinha acontecido connosco, especialmente porque as algemas tinham desaparecido. Contei-lhes sobre como tinha sido apanhada na catástrofe provocada por Riddel e como tinha sobrevivido e aparecido na floresta de Faylinn com Sebastian. Não resisti e contei levianamente os momentos de intensidade sexual que tinha passado com ele. Ficaram ambas de boca aberta, sem conseguir falar. Pois é, a Noemi santinha e ingénua dera lugar a outra.

– Querida, finalmente percebeste! Sexo é só sexo, não precisa de ser sempre feito com amor. Estavas a precisar de libertar alguma tensão, até estás com outra cara. Deve ter sido uma chapada na cara dele. – Belladonna riu devassamente.

– Nem quero acreditar que a Noemi partiu a casca. Se não te conhecesse, especialmente noutro corpo, diria que não és a mesma pessoa. Tens vinte e um anos, já era tempo de aproveitares a juventude. Não apoio é o facto de teres feito isso com um... demónio, por mais irrisório que isso seja para mim. – Lorelei olhou para ele atrás de si, tentando convencer-se de que aquele Sebastian era mesmo um ser sobrenatural e demoníaco. – Não sentes que isso é trair o verdadeiro Sebastian? Quer dizer, o corpo é o mesmo, mas o que está lá dentro não. Sacrificaste-te tanto para conseguires encontrá-lo. Só se... Não!

– O que foi? – Arregalei os olhos, sentindo que Lorelei me estava a desmascarar. Ela dobrou-se para a frente e sussurrou.

–Tu gostas *dele*?! Mas é um assassino! E ele é... malévolo! Depois de tanto sofrimento, inclusive meu e do Adam, mudas assim! – Semicerrou uns olhos condenadores. Desviei os olhos dos dela, sentindo gotas de suor surgir na minha testa.

– Não gosto nada disso. Que ridículo! Só estou com ele porque é o único que nos pode ajudar a fazer alguma coisa contra a Riddel. Não acham irrisório pensar em amor ou paixão dada a situação trágica em que nos encontramos? Não somos nenhumas adolescentes.

– Mas não começaste esta jornada apenas porque querias procurar o Sebastian, por mais provas que tivesses de que ele estava morto? Isso é amor...

Corei com a minha própria ausência de resposta.

– Eu concordo. Mas também acho que não faz mal desanuviar de vez em quando. Estamos sob tanta pressão! Eu nunca trairia a minha amizade pelo Sebastian, mas confesso que este novo Sebastian que conhecemos exerce uma forte atracção sobre mim...

Belladonna passou as mãos pelos ombros rosados enquanto observava o demónio ao balcão.

– Mas pelo que já vimos, tens tendência para te apaixonares pelos homens errados e pelas piores razões. – Lorelei parecia zangada comigo por achar que estava apaixonada pelo demónio, mas havia ali algo mais. Lembrou-me da iminência de uma conversa que tinha de ter com ela.

– Belladonna, podes deixar-me a sós com a Lorelei?

Ela acenou com um largo sorriso de batom vermelho e foi sentar-se ao lado de Sebastian. Ele não lhe ligou nenhuma.

– Como estás a lidar com tudo isto?

– Nem devias fazer-me essa pergunta. Eu nem quero acreditar que estou mesmo em Orbias, se nem sequer tu conseguiste passar a barreira e tiveste de usar o corpo de outra pessoa. Já tentaste voltar ao teu corpo verdadeiro? Estou tão preocupada com o outro lado.

– Não consegui... Estou com receio de que tenha morrido. – Empalideceu com a facilidade com que eu dizia aquelas palavras. – Ou talvez haja algo que me impede de voltar. Lorelei, eu sei que não querias estar aqui e eu dava tudo para conseguir levar-te de volta à Terra, à tua vida. Mas não consigo, desculpa.

– Não vou dizer que não te culpo por isso. E certamente que vou levar algum tempo até te perdoar, especialmente depois de tudo o que fiz por ti. – Agarrou na minha mão. – Mas já deste provas suficientes da tua amizade e da forma como amadureceste. Se pudesse escolher, não estaria aqui nem seria Guerreira. Já que estou aqui presa, mais vale ajudar-vos. Pode ser que depois de chegar à Riddel consigamos algumas respostas. Talvez até restituir tudo de volta à normalidade. E pelo tempo que passei ao lado dela, também quero saber o que a motiva e que a impediu de me matar o ano passado.

– Estás a aguentar-te bem? Precisas de alguma coisa? – Eu continuava a insistir.

– Pára de te sentires culpada. Eu estou bem, a sério. Afinal de contas, sou uma Guerreira, não posso lutar contra isso.... Sou uma Sereia, vá. Vou criar a minha cauda e pentear obsessivamente os meus cabelos numa rocha enquanto atraio marinheiros. – Encolheu os ombros com um meio sorriso perante aquela piada falhada. O meu olhar desceu lentamente até ao copo vazio à minha frente. – Vamos é acabar com isto e descobrir uma forma de voltar à Terra. Vá lá, não fiques assim. Deus ou a Deusa, ou seja o que for, não permitiria que fosses castigada dessa forma depois de tanto sacrifício. Tenho a certeza de que o teu corpo está bem. Além disso, o Adam deve estar lá a cuidar de ti. – Apesar do tom amargo com que debitou a última frase, fez-me lembrar do meu amigo. Tinha-o magoado tanto, mas lembrar-me dele aquecia-me o coração como um copo de leite quente numa manhã de Inverno.

O riso estridente de Lily-Violet fez-se ouvir lá fora. Entrou no bar com Rouge, que, pelo seu ar deprimido, era o oposto da minha amiga Fada. Tinha perdido todo o fulgor e altivez de princesa. Eu sabia perfeitamente o que ela estava a sentir, e foi a primeira vez que me senti mais próxima dela. Belladonna juntou-se-lhes e as três sentaram-se connosco. Rouge esboçou um vago sorriso e Lily não parava de falar e de me abraçar como uma criança carente. A sua hiperactividade não parecia incomodar os restantes clientes. Certamente, achariam normal por se tratar de alguém de Faylinn.

Pela primeira vez num ano, as cinco Guerreiras estavam reunidas em pleno. Numa espécie de assembleia profética, as circunstâncias tinham levado a que o destino voltasse a acontecer e a reunir as Guerreiras, as únicas com poderes naturais e as únicas capazes de fazer frente a alguém tão poderoso como Riddel. Pelo menos, era o que as lendas diziam, pois nenhuma de nós era ou se sentia suficientemente forte para enfrentá-la. Era engraçado que todos olhavam para as Guerreiras como uma espécie de salvadoras, mas, mesmo com o peso dessa «obrigação», nenhuma de nós aceitava esse destino de livre vontade. Eu e Lorelei porque, enquanto terrestres, tínhamos dificuldade em digerir um mundo tão subjectivo e irracional como Orbias. Belladonna e Rouge porque eram atormentadas pelas consequências dos seus poderes negros. Lily-Violet porque simplesmente não compreendia a responsabilidade de tal poder.

Depois de ter entrado na mente de cada uma delas, conhecia-as muito melhor – as suas memórias, medos, desejos, segredos. Se numa primeira fase me sentia envergonhada por invadir o seu subconsciente mais profundo, percebia agora que havia um lado nobre nessas digressões. Considerava-as amigas. Não companheiras Guerreiras, mas amigas verdadeiras. Todas tínhamos defeitos e valores, mas todas queríamos o mesmo, tal como toda a humanidade: alcançar a felicidade. Esse pensamento deu-me força para tomar uma decisão importante, que interrompeu a delineação de uma estratégia para atacar Riddel.

– Nenhuma de nós acredita verdadeiramente em Deus ou na Deusa. Já percebemos que eles existem, mas não temos fé nas suas acções. E não somos propriamente guerreiras. Muito bem, temos poderes e usamo-los em combate, mas apenas para nos defender e aos que nos são mais próximos. Então, porque é que continuamos a achar que somos «Guerreiras da Deusa»? Nunca gostei que olhassem para mim como líder, mas gostaria de dar a minha primeira ordem oficial: a partir de agora deixamos de ser as «Guerreiras da Deusa» para ser apenas Noemi, Lorelei, Belladonna, Rouge e Lily-Violet.

Elas fixaram-me, absortas nos seus pensamentos. Porém, uma a uma, acenaram afirmativamente à minha teoria.

– E então, o que vamos fazer quanto à Riddel? – Rouge queria obstinadamente saber quais as nossas intenções para sistematizar a estratégia na sua mente e para colmatar o desejo de vingança. Todas suspirámos com a falta de ideias. Talvez Sebastian devesse estar ali connosco, mas não queria envolvê-lo. Afinal, ele não deixava de ser um demónio que nos poderia apunhalar pelas costas a qualquer momento.

– A última vez que estivemos com ela foi um caos. Não conseguimos conciliar o salvamento das Guerreiras com o ataque à Riddel e a destruição de Belvue... E ela derrotou-nos sem grandes problemas! Nem com a bazuca da Jynx ela cedeu – disse Lorelei em tom de pessimismo.

– Bem, mas eu consegui afectá-la de alguma forma. Se o chão não se tivesse aberto por baixo de mim, talvez até tivesse conseguido matá-la. E nós agora estamos todas juntas, não estamos? Somos mais poderosas assim. – Tentei puxar a confiança delas para cima, mas não estava a ter sucesso.

– Não te esqueças de que a Riddel é diferente de um vilão de um filme... Ela não entra em combates directos. Ela entra na nossa cabeça, manipula-nos, destrói a nossa alma, cria conjurações que nos afectam muito mais do que se se limitasse a atacar-nos directamente. Além disso, tal como o Sebastian, ela é eterna. – Lorelei continuava a fazer o papel de advogada do Diabo... literalmente.

– Se há coisa que eu aprendi em todo este tempo é que nada é eterno, nem mesmo Deus ou a Deusa. Tudo tem um fim. E o fim de Riddel é urgente, ou acabamos nas teias das suas conspirações egoístas. – Dizia-o com base na conversa reveladora que tinha tido com Sebastian no dia anterior. Estava convencida do que dizia porque, contra todos os convencionalismos, eu confiava num demónio.

– E se nós conseguíssemos atacá-la de surpresa? Podemos viajar até ao palácio dela. Assim não corremos o risco de colocar em perigo os demais orbianos. – Havia uma ponta de razão na imaturidade com que Lily participava na conversa. – A Jynx sabe onde fica. Conseguiu seguir o barco voador uma vez.

– Então, está decidido. O nosso combate final, por mais que essa expressão me pareça de uma série de desenhos animados. – Tentei contagiá-las com o meu riso, mas estavam demasiado introspectivas. Senti-me estúpida.

As minhas companheiras saíram do bar para iniciar os preparativos. Fiquei para trás para falar com Sebastian. Ele já ia na sua quarta bebida e o cinzeiro estava cheio de beatas, mas nem por isso parecia menos sóbrio. Sentei-me a seu lado e fiquei a olhar para ele sem falar, só para o chatear. Depois de alguns minutos de combate de silêncios, ele desistiu e perguntou-me o que queria.

– Eu e as minhas amigas vamos partir para o palácio da Riddel. Vamos acabar com isto. – Ele engoliu em seco. – Porque te deixas afectar tanto pela Riddel? Não combateram durante séculos, sempre em pé de igualdade?

– Não te esqueças que os nossos poderes são diferentes. Além disso, depois de receber uma consciência, a balança pendeu para o lado dela. Eu tenho força, mas ela tem uma inteligência psicótica capaz de me afectar até a mim. Por isso é que prefiro ficar longe dela.

– E o que de mal pode acontecer? Morreres? – Gracejei com a minha ironia. Ele olhou-me com ódio.

– Demónio ou não, ser mau e impulsivo ou não, prefiro viver sem que um ser como ela me controle todos os passos.

– Isso quer dizer que não vens connosco? – Ele hesitou. – E se eu te dissesse que com a tua ajuda podemos conseguir derrotá-la?

– Falas da derrota da Riddel como se fosses até ao supermercado. – Ele riu vagamente antes de engolir uma dose inteira de álcool. – Estás a falar de um ser milenar cujo poder e intenções são mais vastos do que tu ingenuamente pensas.

– Mas se dizes que vocês pretendem eliminar Deus e a Deusa, supostamente eternos, porque não matá-la também? Referes que a obra de um pai não desaparece ao morrer. Isso também é válido para o filho, mas ao menos podemos parar com as suas asneiras.

– O que a Riddel faz só é considerado mau pelos convencionalismos do Homem. Porque achas que ela merece morrer? Por essa ordem de ideias, também eu mereço morrer...

– Nunca disse que ela ou tu merecem morrer. Mas tal como vocês se querem vingar de Deus e da Deusa por vos terem criado dessa forma e por vos terem expulsado do Céu, eu quero simplesmente acabar com ela. Isso não faz de mim a «boa». Faz de mim uma pessoa consciente com um objectivo claro e pessoal. – A intriga nos seus olhos era a mesma que tinha visto quando ele não sabia quem eu era, da primeira vez que me viu, já em demónio.

– O que pensas que vai acontecer se por acaso destruíres a Riddel? Esperas que tudo termine como num conto de fadas? A feiticeira má morre, todas as almas que nós roubámos e tudo o que destruímos voltam ao normal, o «teu» Sebastian volta para este corpo, eliminando-me, e tu voltas para a Terra com ele para viverem felizes para sempre. A perversidade feliz do destino.

– Eu não acredito no destino. O destino é aquilo que eu fizer dele. Limito-me a trabalhar no presente para o melhor futuro para mim, em busca da inatingível felicidade. Se nunca a alcançar, só me fortalecerá para continuar em frente. Eu não sou a menina ingénua de outrora que acreditava em contos de fadas. Se nada do que disseres acontecer, se matar a Riddel e nada acontecer ou se ela conseguir matar-me finalmente, aceito-o com um sorriso e com a consciência de que lutei.

– És de uma inocência tão ridícula que me dá vómitos. – O sorriso dele contorceu-se aprazivelmente.

– Eu não espero que desapareças. A minha maior esperança é que, no fim desta jornada, o meu Sebastian esteja à minha espera. – Virei-me de costas, incapaz de enfrentá-lo com as minhas frases. – Mas depois de te conhecer, o meu maior desejo é que seja possível os dois coexistirem. O Mal é ambíguo. Todos o temos no nosso coração. O arrependimento e a redenção são possíveis. É só querermos.

Ouvi a sua respiração parar. Tocou-me no ombro e sussurrou-me ao ouvido.

– Eu sou um demónio...

– Os demónios não existem...

Saí do bar sem olhar para trás, deixando-o a meditar sobre as minhas palavras. Queria reencontrar o meu Sebastian, acima de tudo, mas o meu coração pecador não queria que o demónio simplesmente desaparecesse. Eu já nem o sentia como um demónio. Era apenas um homem confuso e perdido, incrivelmente velho e mau, mas que merecia uma segunda oportunidade na sua existência determinista.

Prazer

Deitada no sofá da sala da casa dos pais de Lily, as insónias não me permitiam adormecer. Afastei a colcha de remendos coloridos, dominada por dúvidas e conflitos interiores. Sebastian não desaparecia da minha mente, quer fechasse ou abrisse os olhos. O problema é que já nem conseguia identificar aquele Sebastian que via. Seria o bom ou o mau? Resolvi ir até à rua para refrescar a cabeça. Abri a porta lentamente para não acordar os que dormiam lá em casa. A madrugada tinha acabado de se instalar, e com todos os preparativos para viajar até ao palácio de Riddel, a última coisa que queria era perturbar o único momento tranquilo daquelas pessoas amaldiçoadas pelo destino.

Um risinho maroto nas traseiras da casa fez-me ir até lá. Belladonna estava encostada à parede enquanto um possante homem lhe percorria o pescoço com beijos melosos. Quando me viu ali na penumbra da noite, ficou atrapalhada e afastou-o de imediato.

– Ah, Noemi... O que fazes aí? Estás acordada a esta hora da noite? – Mesmo com pouca luz, vi que estava a corar. Ela sabia que eu não apoiava totalmente aquelas suas viagens pelo carrossel masculino.

– Estava sem sono. Viste o Sebastian?

– Por acaso, vi-o, sim. Ele saiu do bar depois de nós e acho que foi para a clareira atrás da antiga mansão da Mab. Fica ao fundo daquela rua. – Ela esticou o seu braço nu adornado com jóias e segui naquela direcção sem me despedir, quase hipnotizada.

As ruas estavam desertas. O único som que ouvia era o de animais nocturnos no interior da floresta. Quando cheguei à mansão – um edifício de três andares com altas colunas e paredes decoradas exageradamente numa explosão de motivos e cores –, rodeei-a e embrenhei-me na vegetação escura. Depois de alguns minutos a afastar ramos e folhas, ouvi o som de água a correr.

Iluminada pela Lua e pelas estrelas, cheguei a uma cascata no cimo de um morro pintado de verde. Por trás da neblina que a queda de água provocava ao unir-se ao pequeno lago, havia um pequeno castelo embutido nas rochas. Sebastian olhava-me seriamente da janela alta, como se estivesse à minha espera. Procurei um acesso até lá e subi a encosta escorregadia.

A porta estava entreaberta, parecendo que tinha sido arrombada. Subi as escadas redondas do edifício vazio e cheguei à única sala do primeiro andar, onde Sebastian me esperava. Iluminado pela luz etérea da Lua que entrava pela janela aberta, parecia-me um verdadeiro anjo. Aproximei-me dele sem palavras. Agarrava numa garrafa de vinho e despejou-o em dois copos no parapeito. Sentou-se a olhar para o céu, pensativo, antes de começar a falar.

– Gostas assim tanto dele a ponto de tamanho sacrifício? – Sabia que se referia ao outro Sebastian. Bebi um pouco de vinho.

– Sim. Quer dizer, já não sei mais. – Encostei-me à parede rugosa a olhar para o chão. – As coisas aconteceram muito rapidamente. A evolução do meu amor por ele foi interrompida violentamente quando se suicidou em Deep Hollow. E eu fiquei cega com tudo o que podia ter acontecido entre nós caso ele não tivesse desaparecido da minha vida.

– Mas ele é a razão para estares aqui, certo? – Puxou de um cigarro, o terrível vício, mas que achava tremendamente charmoso nele. – Nunca tinha conhecido nenhum humano que fizesse tamanho sacrifício por alguém. Bem, pelo menos alguém que eu tivesse conhecido vivo.

– Sim. Ele foi a razão principal. Mas começo a perceber que talvez a razão desta jornada não é apenas encontrá-lo, mas serve também para me encontrar a mim. Já não sei o que a vida pretende de mim. Tornei-me numa alma errante entre dois mundos e entre vários objectivos perdidos. – Encolhi os ombros enquanto os seus olhos sorriam pensativamente.

– Nunca pensei que fosses assim... Quem me dera que as coisas tivessem sido diferentes.

Pousei o copo de vinho no parapeito.

– Que queres dizer com isso?

– É melhor que te mantenhas na ignorância. Estás demasiado verde para aguentar a verdade...

– Que verdade? Há mais que não me estás a contar! Como aquelas palavras junto ao Farol Velonia e que me trouxeram até aqui! – Estava a ir tão bem e ele estragava tudo com a sua personalidade impertinente. Fiquei irritada.

– Quais palavras? Não me recordo de nada!

Arranquei-lhe ameaçadoramente o cigarro da boca e atirei-o para o lago juntamente com o seu copo de vinho. Ele não pareceu afectado.

– Falavas comigo como se já me conhecesses. Aquela curiosidade toda desde que regressei a Orbias era simplesmente porque estava num corpo que não reconhecias, não é? Vieste ter comigo ao farol com muita facilidade. E falaste comigo tão levianamente sobre o facto de eu enganar todos os que me rodeavam, de nos juntarmos para matarmos os habitantes de Orbias e da Terra, apenas porque te amava. Se dizes que estavas adormecido quando o meu Sebastian estava vivo, porque agiste como se me esperasses? O que aconteceu com o meu Sebastian, afinal?

– Muitas perguntas às quais não vou responder. – Levantei a mão para esbofeteá-lo, mas agarrou-me no pulso para me impedir. – Não o faças. Não gosto quando és violenta.

Sebastian esticou-se para mim e beijou-me selvaticamente, roçando a sua barba por fazer na minha pele. Colocou a mão por baixo do meu vestido e permitiu-se percorrer as curvas do meu corpo. Dominada pelo poder de sedução que exercia sobre mim, deixei-me levar pela minha própria impulsividade carnal. Naquele cenário idílico, entreguei-me mais uma vez àquele demónio que me devorava com tal voracidade que provocava em mim um frenesim descontrolado. Deitámo-nos no chão empoeirado e deixámo-nos levar mais uma vez pelo prazer.

\*

Caminhando cabisbaixa, nem reparava em Lily-Violet a gritar-me da entrada de uma casa colorida. Era de manhã e ainda cheirava a orvalho. Eu regressava do castelo da clareira onde tinha passado a noite com Sebastian. Envergonhava-me ter sido novamente deslumbrada por ele e ter, de certa forma, traído o outro Sebastian. Ele tinha aproveitado a minha fraqueza para fugir a todas aquelas questões que lhe tinha atirado como facas num circo. Mas, por alguma razão, continuava sem sentir arrependimento. Era estranho pensar em trair alguém quando o corpo era o mesmo. E de qualquer forma, a existência do meu Sebastian na minha vida mostrava-se cada vez mais frágil. Quanto mais tempo passava com o demónio, mais as suas memórias se desvaneciam como se nunca tivessem existido.

Não lhe contei onde tinha passado a noite. Lily levou-me para as traseiras da casa onde me aguardavam as minhas companheiras dentro de um grande barco construído a partir do seu poder da Criação. Ela abraçava a embarcação alada com um orgulho e um amor quase maternais. Jynx e Malaquias já estavam lá dentro. Possivelmente, o poder da Vida de Lorelei teve algum impacto na sua rápida recuperação. Jynx era como uma gata com muitas vidas. Tinha resistido a tanta coisa, e mesmo assim mantinha-se sólida como uma rocha. Já a ideia de Malaquias ir connosco não me agradava nada.

– Não é lindo o meu *Lily Wing III*? Aaah, amo-o tanto, é uma beleza! – Lily-Violet deitava-se no chão de madeira do barco, ornamentado com flores e heras, enquanto me dirigia a Malaquias.

–Tem a certeza de que quer vir connosco? Vai ser muito perigoso...

– Claro que vou com todas as meninas! Acha que ia perder um momento histórico como este? Veja a minha idade, posso morrer a qualquer momento. Mas se puder participar em algo tão grandioso para Orbias e saber algumas verdades sobre os mundos que mais ninguém sabe, então morrerei feliz. – Ele gargalhou femininamente e eu segui-lhe o exemplo, bem como Lily.

Ajudei a carregar algumas caixas de orbes para dentro do barco. Nenhum de nós concordava com o uso deles, por estarem sujos pelas mãos de Riddel, mas, na verdade, a sua ajuda era preciosa. Era a velha história de usar fogo contra o fogo. Estava bastante ansiosa e perdida em pensamentos. Depois de o deixar no castelo... depois daquela noite, será que Sebastian viria realmente connosco? E se depois daquele momento eu nunca mais o visse? Tinha sido descuidada ao ponto de o deixar escorregar entre os dedos pela minha existência emocional.

– O Sebastian não vem? – Lorelei segredava-me, mas Rouge ouviu e parou o que estava a fazer para me lançar um olhar reprovador.

– Ias trazer o Sebastian? Ele é um demónio, lembras-te? É igual à Riddel, e por mim podia morrer com ela. – A insensibilidade dela fez com que as minhas veias explodissem com o sangue a ferver. Coloquei-me ameaçadoramente à frente dela, perante o olhar assustado dos outros.

– Aquele é o corpo do Sebastian! Para quem está a sofrer com a perda do amor da sua vida, podias tentar ser mais compreensiva, tal como sou com a tua tragédia! – Arrependi-me imediatamente das palavras escolhidas, mas ela desviou os olhos em arrependimento. Tinha conseguido abalar o seu orgulho implacável, mas a minha relação com ela também tinha levado um tiro.

– Bem, este barco tresanda a hormonas femininas. – Sebastian saltava para dentro do barco, fazendo com que Belladonna soltasse uma gargalhada com aquele humor. – Mas também não me posso queixar. Tantas mulheres num local tão confinado, nunca se sabe o que pode acontecer.

Não consegui desfazer o sorriso que a sua presença me provocava. Ele sorriu-me sedutoramente – olhos negros sequiosos de mim. Depois das preparações feitas e de instalados no barco voador, levantámos voo. Um casal novo, de cabelos dourados, fazia-nos adeus alegremente. Eram os pais de Lily. Tive pena de não os ter conhecido melhor. A clareira onde ficava a aldeia ia ficando cada vez mais pequena e depois cada vez mais longe. Enquanto navegávamos pelo mar esverdeado da floresta de Faylinn, Jynx explicava-nos através de um mapa que o palácio de Riddel ficava numa região inóspita a norte de Orbias, depois do deserto Diamantia. Precisamente, no extremo oposto do Farol Velonia que servia de casa para Sebastian. Ele sentou-se descontraidamente a meu lado enquanto mastigava uma pastilha de morango e me sorria com malícia. Mas desta vez não lhe liguei. O meu coração estava demasiado acelerado com os tempos vindouros. Tudo e nada podia acontecer a partir daquele momento.

Barcos

Lily-Violet tinha-se esmerado na criação daquele barco. Os dias de trabalho tinham compensado. Além de rápido e seguro, era extremamente confortável. A viagem ia durar várias horas, pelo que acabei por adormecer sozinha num dos bancos na cabina do barco. Sebastian tinha decidido armar-se em Jack do filme *Titanic,* e estava perigosamente na ponta da embarcação. As Guerreiras estavam lá fora a apreciar a vista, mas eu sentia-me estranhamente cansada, tanto fisicamente como mentalmente. Parecia que, a cada quilómetro que me aproximava de Riddel, presságios negros como corvos voavam à minha volta. Sentia-me triste, deprimida e com um monstro preto a comer o meu ventre. Como se alguém me estivesse a molestar invisivelmente.

– O demónio mudou muito desde que te algemaste a ele. Terás sido capaz de transformá-lo? – Belladonna surgia na janela atrás de mim.

– Não estou interessada na absolvição de um demónio. Tudo o que quero é o corpo dele porque é o corpo do Sebastian.

– Noemi, eu estive dentro de ti mais tempo que qualquer Guerreira e fiquei a conhecer-te muito bem. Sei que não queres admitir que ele mexe contigo. E sei que temes o facto de te esqueceres do outro Sebastian porque isso abalará o fundamento do todos os sacrifícios que fizeste até aqui.

– Nem parece que eras tão amiga do Sebastian. Negas a sua existência com muita facilidade – disse-lhe, da forma mais ácida que consegui.

– Eu já fiz o meu luto pelo Sebastian, querida. Eu tenho em mim o poder divino mais negro, sei o que é lidar com a morte e interferir no destino de alguém. Nunca to disse directamente porque não quis destruir a tua esperança tão bela, mas eu sei que o Sebastian desapareceu para sempre das nossas vidas. Não só porque decidiu morrer em Deep Hollow, mas porque ele de facto nunca existiu verdadeiramente. É uma questão polémica. Será que uma personalidade nova pode ser considerada como uma pessoa? Com alma e tudo? Ele foi apenas uma gota no oceano da existência complexa daquele demónio.

Normalmente, eu responderia que sim, pois dizer que não seria anular a existência de Sebastian. Mas era um pergunta que tinha acorrentada a si teorias científicas e filosóficas que asfixiavam ainda mais as memórias que tinha dele. Olhei para Belladonna em busca de respostas, mas pelo seu largo sorriso, percebi que a sua retórica tinha como objectivo fazer-me meditar.

Subitamente, o barco voador oscilou com algo que o abalroava. Fui projectada para o chão, magoando-me nas costas ao embater na parede. O estilhaçar de vidro anunciava-me a quebra dos grandes orbes que nos faziam voar. Corri para fora da cabina para saber o que se passava. Todos estavam em pânico com o terrível surgimento do enorme barco voador de Riddel. Ao pé da nossa pequena embarcação, parecia um Adamastor. Quando olhei para baixo, notei que já estávamos a sobrevoar o deserto de areia e diamantes – Diamantia. Estaria ela lá dentro?

– Olá, meus queridos. É sempre um prazer voltar a encontrar-vos. – Vários ecrãs transparentes surgiram desordenados pelo barco de Riddel. Mas era Rossini que figurava neles. Tinha uma gola cheia de folhos, um manto vermelho e um fato de bobo. Excêntrico como sempre. Descontrolada, Rouge desatou aos gritos para ele.

– Rossini, sua peste! Vais pagar por tudo o que me fizeste!

Belladonna e Lily tiveram que agarrar nela. Nunca a tinha visto perder a compostura daquela forma.

– Oh, princesa Rouge, é sempre uma honra estar na presença da nobreza orbiana. Principalmente porque a julguei morta. Porquê o ódio? Como jornalista, limito-me a relatar os factos com a maior objectividade e exactidão possível. Não tenho culpa que tenha tido um amante adúltero e uma atitude arrogante. – Rouge rugiu de raiva. Ele sacudiu presumidamente o cabelo alourado e escarneceu da nossa posição inferior. – Bem, estou aqui a mando da nossa excelsa governante Riddel. Ordenou-me que vos entregasse uma mensagem. Ela estará... – Surpreendentemente, surgiu na imagem o anafado Hao Shi-Shi que empurrou grosseiramente Rossini para fora do plano. A mistura das duas singulares personagens não podia ser mais explosiva, especialmente porque julgara que o chulo de Itaishi estava morto.

– Está calado, imbecil travestido! Ela queria que vos disséssemos que está à vossa espera no palácio, mas isso é para mariquinhas! Eu vou é já abalroar-vos com o barco. Nunca vos perdoarei por me terem usado em Itaishi e em Opália.

Rossini levantou-se, ajeitando o cabelo e roupa desalinhados, e empurrou Hao Shi-Shi. A infantilidade dos dois era absurda.

– Não seja desagradável! Não é assim que se fala da rainha Riddel. – Ele virou-se loucamente para a câmara. – Se bem que fazer com que o barco deles se «afunde» me parece uma óptima ideia.

Hao Shi-Shi levantou-se e juntou-se ao riso maquiavélico de Rossini.

– Eh... Imbecis. Se não tivessem um barco tão grande, ia ser demasiado fácil acabar com os dois. – Belladonna abanava a cabeça em completo descrédito pelos dois inimigos.

– És um porco, Hao Shi-Shi! E tu és um lambe-botas cobarde que se veste mal, Rossini. Vamos limpar-vos o sebo! – Lily-Violet berrava, com as veias do pescoço sobressaindo.

– Podemos ser isso tudo, mas temos um barco grande que tornará esse bote de madeira na vossa sepultura lá em baixo. Ah, a Riddel vai ficar tão grata que nos vai banhar em orbes! Mal posso esperar! Ah!ah!ah!ah!

– À carga! – Hao Shi-Shi apontava para a frente e o seu barco virou-se ameaçadoramente na nossa direcção.

Entrámos todos na cabina de comando para ajudar Malaquias e Jynx a manobrar a nossa embarcação de modo a evitar despenharmo-nos. Jynx berrava para nos agarrarmos a alguma coisa. Sebastian veio até mim e colocou-se numa posição defensiva para me proteger. O primeiro embate foi como uma onda gigante. Fomos projectados para as paredes da cabina como bonecos numa caixa. O *Lily Wing III* balanceou, mas permaneceu sólido em pleno ar. Eu acreditava que não aguentaria outro choque. Rouge foi lá para fora e esticou os braços na direcção do grande barco.

–Vou usar o meu poder da Destruição. Quero ver o Rossini cair como uma barata agonizante.

O seu poder não resultou e colidiu numa grande barreira invisível que protegia o barco de Riddel. Quase conseguia ouvir os risos malévolos de Rossini e Hao Shi-Shi lá dentro. Eles avançaram sobre nós tão rapidamente que Rouge quase não teve tempo de voltar para dentro. O nosso barco quase se virou ao contrário e ela escorregou. Bebi magia rapidamente e, transformada em Anjo, voei para a agarrar a tempo e levá-la para dentro. No meio de suspiros anelantes, ela agradeceu-me.

– O barco não vai aguentar outra investida! Precisam de sair daqui rapidamente. – Malaquias agarrava no leme com as suas mãos rugosas e ossudas, com grande dificuldade.

– Como? Você vem connosco, Malaquias! – gritei-lhe por cima das vozes nervosas delas.

– Não passei a vida inteira a investigar sobre os mistérios dos mundos para não a terminar de forma heróica. – Murmurava para si, mas percebi o que dizia.

Ele largou o leme por momentos e agarrou em orbes de uma caixa com uma celeridade inusitada para a sua idade. Atirou-os a cada um de nós, envolvendo-nos numa esfera de vidro. Eu percebi o que ele ia fazer e tentei chamá-lo à razão, mas não adiantou. Os sete orbes furaram o telhado da cabina e esvoaçaram até ao solo como bolas de sabão. Olhei para cima. O barco de Riddel avançava sobre o nosso com velocidade, mas Malaquias também investia sobre ele. Ia ser esmagado. Era um sacrifício estúpido!

Fechei os olhos, desejando que a imagem criada na minha imaginação não se reproduzisse na realidade. Quando as esferas tocaram no solo arenoso e fervente do deserto, desfizeram-se. Os sete olhámos para o céu e assistimos à mais bela explosão que alguma vez tinha visto. O choque dos dois barcos desiguais tinha terminado numa gigantesca erupção de cores e detritos cintilantes. Era quase como fogo-de-artifício em pleno dia.

– O Malaquias usou os orbes de magia para acabar com o barco da Riddel... Afinal, ele tinha aquilo planeado desde o início. Por isso a insistência em levar os orbes. – Jynx olhava tristemente para as estrelas cadentes vindas da bola de fumo. Era a primeira vez que via aquela expressão em si. Sebastian agarrou na minha mão enquanto todas vertíamos algumas lágrimas pelo acto heróico do velhote.

Solidão

Nem o calor do deserto aquecia o meu coração frio. Ainda me sentia terrivelmente mal com o rasto de morte que a minha jornada deixava... Cordélia, Richart... agora Malaquias. Todos mortos porque tentaram proteger alguém. Era a nossa vez de proteger os mundos para fazer prevalecer os desejos desses heróis.

Lily-Violet tentou criar algum tipo de veículo para a viagem pelo opressivo e extenso deserto Diamantia, mas estava demasiado abatida para fazê-lo. Depois de assistir ao sacrifício de Malaquias, a sua mente apenas tinha permitido ao seu poder da Criação produzir pequenos veículos de areia vermelha pouco funcionais e muito lentos. Decidimos caminhar até ao palácio de Riddel, tendo Jynx como nossa guia. Estranhei Sebastian não saber onde se localizava, mas, segundo tinha percebido, ele não existia até ao seu ressurgimento em Orbias.

Há horas que estávamos todos em silêncio. Eu começava a ficar desidratada com o calor intenso que se fazia sentir ali, e por vários momentos fiquei tonta. Até nisso Riddel era malevolente. Morava no fim do mundo só para nos fazer penar até lá e enfraquecer-nos. Depois da mensagem entregue por Rossini, eu não tinha qualquer dúvida de que ela planeava uma armadilha. Talvez ela própria também quisesse acabar com tudo aquilo de uma vez só para prosseguir com a sua missão milenar de assassínio dos Criadores.

Rouge estacou e ficou para trás. Abraçou-se e encolheu-se toda no chão com uma estranha expressão de desamparo. Fui até ela e coloquei uma mão no seu ombro, perguntando o que se passava. Ela respondeu com uma forte chapada no meu braço.

– O Richart, ele morreu. Nunca gostou de mim, gostava das outras mulheres, gostava da Lorelei. Vou ficar sozinha. Ninguém me vai reconhecer nem vou conseguir seguir as pisadas do meu pai. Vou terminar sozinha numa casa velha em ruínas. Vou destruir tudo, tudo. Vou destruir todos aqueles que me invejaram. Vou. Eu vou... – Rachas intrincadas começaram a desenhar-se no chão por baixo de si, e ameaçando ruir a qualquer momento. Ela estava a usar o seu poder inconscientemente.

– O que se passa com ela? Está a delirar? – Belladonna aproximou-se de nós tão perplexa como os outros.

De repente, fomos atacados pelo zunido típico do aparecimento de Riddel. Desta vez, era mais atroador, duplicando a nossa agonia. Quando abri os olhos, Riddel estava inesperadamente à minha frente, apoiando Rouge num abraço materno. Por instantes, agarrei nela para a proteger da mulher de gelo, mas as duas levantaram voo como um foguete ultra-sónico. Chocada com a rapidez daquele rapto, não tive qualquer reacção.

– Ela está a tentar atingir-vos um a um. É o que ela faz, tortura-vos para vos deixar física e mentalmente fracos e subjugados ao seu poder. – Sebastian estava distante.

– Mas porque levou a Rouge? Porque estava ela a brincar cruelmente com a sua cabeça? – Lily estava a chorar.

– Ela quer atingir-me a mim. Ela considera-me uma ameaça e está a ferir-me aos poucos.

– Então, é melhor apressarmo-nos. Ainda nos falta bastante. – Jynx falou rigidamente, continuando a marchar como se nada a afectasse.

A tensão entre nós crescia e a paranóia era quase palpável. Estávamos todos em aflição com um novo surgimento ou rapto por parte de Riddel. Realmente, ela estava a conseguir subordinar-nos à sua omnipresença de terror. Tinha de ser forte por elas. Talvez imaginar coisas positivas e alegres que me permitissem pensar em tudo menos na pérfida rainha gelada. Pensei em coisas estúpidas: na minha banda favorita, em chocolate, numa série de televisão...

Tão perdida em pensamentos parvos que não me apercebi da mudança de Lily-Violet. Tinha dois machados de areia dura nas mãos. Mas nem por isso pareciam menos afiados. Repentinamente, ela tentou atacar-nos, com uma expressão de psicopata.

– Matar, matar, matar! Preciso de matar para a ama Marzanna! Ela precisa de carne para comer! Sangue, sangue, sangue! Preciso de sangue!!! É para isso que eu sirvo, matar, matar!

Desviávamo-nos dela com dificuldade, pois ela era a mais ágil e célere de todas.

Jynx teve destreza suficiente para envolver Lily com a sua cauda de escorpião e atirá-la para longe de nós. Sabia que o estava a fazer com grande dificuldade, pois Lily era sua amiga. Mas não pude deixar de condenar a prontidão com que ela tentava desfazer-se de um membro «tresmalhado» do nosso grupo. Afinal, tudo o que ela queria era vingar-se de Riddel, e eu sabia que ela era mulher de uma só visão, um só objectivo.

Mais uma vez, tentei salvar Lily, mas antes mesmo de começar a correr na sua direcção, já o zumbido nos acertava e já Riddel estava com Lily nos braços, com um olhar de profundo azul infernal. Desapareceu para o céu com ela e o desamparo inundou o grupo novamente.

– Pela ordem com que a Riddel nos atacou pela primeira vez... a seguir sou eu. Depois a Belladonna. – Lorelei olhava para ela como se estivessem condenadas à morte. Belladonna ficou pálida e estremeceu. Eu sabia que o que mais as assustava era o desconhecido, o não saber que horrores as esperavam depois de raptadas por Riddel.

Estávamos quase a alcançar as altas montanhas rochosas que simbolizavam o final do deserto e o início do que eu chamava «fim do mundo». O palácio dela estaria para lá dos grandes gigantes vermelhos. Fiquei abismada com a persistência de Jynx, que já teria percorrido todo aquele caminho uma vez. Tudo por um desejo da vindicta que a envenenava. Passou pela minha cabeça que nos estivesse a trair, que fosse uma seguidora de Riddel e nos estivesse a levar directamente para a toca da cobra. Mas apesar da postura de militar, havia algo de verdadeiro no seu olhar.

Quando, passada uma hora, Lorelei caiu de joelhos no chão, já sabia o que ia acontecer. Antes que, o que quer que fosse, se concretizasse abracei-me a ela. Não podia deixar que Riddel a levasse também. Ela estava fria, muito fria. Murmurava palavras que nem eu conseguia perceber. Quando o zumbido surgiu, agarrei-a ainda com mais força.

– Estou feia, estou horrível. Como é que vão olhar para mim assim? Como posso ser venerada por todos com este corpo horrendo? O Adam, o Richart, a Noemi, os meus pais, todos me deixaram porque sou feia. Odeio Orbias, odeio ser Guerreira. Deixaram-me feia, roubaram-me a vida.

Encostei a cabeça ao seu cabelo sedoso e sussurrei-lhe ao ouvido como uma irmã apaziguadora.

–Tu não és feia. És uma das pessoas mais bonitas que conheço, por dentro e por fora. Nunca te deixarei sozinha, Lorelei.

Quando acabei de falar, Sebastian agarrou-me no braço e atirou-me para trás. Riddel estava à sua frente, a agarrar em Lorelei. Colada a ela daquela forma, eu seria igualmente raptada. Mas Sebastian tinha-me resgatado das suas garras geladas, apoderando-se da nossa oponente para a impedir de levar Lorelei. Certamente, ele teria visto o quanto ela significava para mim e o quanto me afectaria ela ser levada mais uma vez por Riddel. Depois de um sorriso oblíquo, ela desapareceu no céu, levando Lorelei e Sebastian com ela. A minha reacção foi agarrar em Belladonna e começar a correr para as montanhas, apesar de exausta. Não ia deixar que a levasse também. Tinha de resgatar os meus amigos.

Jynx conduziu-nos a uma caverna que atravessava a montanha. Era iluminada por pequenas fendas e buracos que deixavam entrar o sol. Olhava delirante para todos os recantos rochosos, cravando as unhas na pele de Belladonna com receio de que a assombração de Inverno voltasse para a levar. Eu nem queria imaginar as atrocidades que ela estaria a fazer com elas e o demónio Sebastian. Belladonna estava estupidamente calma, o que me irritava.

– Espero que ao menos o palácio seja alguma coisa de jeito. Se for frio como ela, vou apanhar a seca da minha vida à tua espera. – Ela brincava com a situação.

– Como podes estar tão calma numa situação destas? – O meu tom era condenatório.

– Querida, não estejas tão tensa. Deixa que eu acalmo-te. – Ela aproximou-se da minha cara para me beijar na boca. Empurrei-a para longe de mim.

– Que estás a fazer?!

– Eu não te vou matar. As minhas mãos estão manchadas de sangue, mas eu não te vou matar. Lá porque matei a minha família e uma infinidade de inocentes, acham que sou uma assassina? Um animal? Porque se afastam de mim quando sabem o que faço? Só quero ser tocada, amada! Por favor, toca-me! Eu não te vou matar.

Olhei tristemente para Belladonna, sabendo que não havia nada a fazer. Riddel era agora a dona da sua sanidade mental. Não tardou muito até que aparecesse lentamente por entre as cavidades da gruta e pegasse nela com uma falsa gentileza. Desta vez, não tentei impedi-la, pois sabia que era inútil. Reparei que ela mantinha as rachas ornamentadas na face. Orgulhei-me por ter sido eu a fazer isso no seu corpo gelado.

– Eu vou conseguir resgatá-los, Riddel. Desta vez, vamos saldar contas e só uma sairá viva daqui. – A minha voz tremeu com a raiva. Ela gesticulou teatralmente.

–Ainda não percebeste que eu não estou «viva». Sou eterna; uma mera humana de vinte e um anos não me vai fazer um arranhão sequer. Vou saciar o meu desejo de voltar a matar um Anjo. Tu nunca vais perceber, pois não? Vais suplicar pela tua vida aos meus pés e eu irei torturar-te até não restar nada de ti nos dois mundos.

O riso dela ecoou pelos corredores de rocha até desaparecer rapidamente com Belladonna. Olhei para Jynx, mas a expressão dela era neutra. Era irónico eu terminar com ela quando todos tinham sido capturados. Há um ano, ela era uma das minhas piores inimigas. Agora, éramos companheiras. Se ela não estivesse comigo, já me teria perdido naquele labirinto.

– Não tens receio de que a Riddel apareça de novo para te levar? – disse eu. Ela parou para pensar.

– Eu não significo grande coisa para ti e ela subestima-me a ponto de não me ver como uma ameaça. Estou descansada. E tu? Não tens medo que ela te leve?

– A maior arma da Riddel é a manipulação da mente. O meu poder não permite que ela consiga afectar-me.

–Tens a certeza? O facto de ela estar a raptar as pessoas de que mais gostas, uma a uma, não te está a afectar?

Ela tinha razão. Apenas queria convencer-me a mim própria de que a preocupação com os meus amigos não me estava a prejudicar. E tinha um medo terrível do cenário desolador que podia encontrar no seu palácio.

– Chegámos. Mais uma hora e estaremos lá.

Encontraramos a saída da caverna – um local tão onírico quanto avassalador. Nem parecia que estávamos em Orbias. Havia um som celestial estrondoso, como se um monstro estivesse a rugir lá do alto. O céu era de um amarelo quase dourado, escondido por nuvens castanhas e cor de laranja. Uma extensa planície de árvores velhas, de folha caduca, até onde a minha vista conseguia alcançar. O chão estava coberto por folhas velhas e amareladas. Ao fundo da planície havia uma alta colina com um trilho em espiral. Em frente a um sol radioso de final de tarde, erguia-se o palácio de Riddel em contraluz. Mas não era tipicamente majestoso como um. Parecia-me uma velha mansão antiga de madeira e telhado de pedra.

– Imaginei que ela vivesse mesmo num palácio majestoso...

– Aquela casa já foi um bonito edifício, de um reino que existiu há centenas de anos. Depois de ela o tomar como seu, é apenas o espelho da fealdade do interior vazio de Riddel.

Sem mais palavras, Jynx desceu a encosta rochosa em direcção à colina. Eu segui-lhe o exemplo, agarrando diligentemente nos frascos de magia na mala.

Mansão

À medida que avançávamos, o ambiente ia ficando cada vez mais sinistro. Senti-me como uma personagem de um filme, num cenário de terror. Não havia qualquer ser vivo naquela paisagem, como se o tempo tivesse parado ali ou como se de facto aquele fosse o fim do mundo. Já na colina, a terra estava marcada por pegadas antigas. Mas tinha mesmo a sensação de que aquele lugar desolado estava abandonado há muito tempo. Talvez até a Deusa se tivesse esquecido daquele pedacinho de Orbias.

Enquanto passava pela vegetação morta, era assaltada por estranhos laivos de fraqueza, talvez por respirar aquele ar. Jynx tirou um frasco do bolso do casaco e deu-mo a beber.

– Pft, amadora. Criou plantas venenosas à volta da mansão para se manter ainda mais isolada. Bebe isto. É um antídoto feito a partir do meu próprio veneno. Sei que é difícil para ti, mas confia em mim. Ambas queremos o mesmo.

Bebi-o sem reservas.

Jynx abriu lentamente a porta pesada da mansão. Esta rangeu, arrepiando-nos e mostrando um interior vazio e empoeirado. Estava escuro e a madeira podre do soalho auspiciava o perigo de cairmos lá para dentro. Lembrava-me a mansão deslustrosa de Belladonna, mas a sua aura era bem mais negra. Em completo silêncio, ouvimos o som de música clássica no interior da casa. Provavelmente, provinha do gramofone de Riddel. Jynx colocou um dedo na boca, mandando-me ser sigilosa. Porém, enquanto penetrávamos no interior da casa, éramos denunciadas pelo chiar do chão velho.

Tentámos seguir o som. Abrimos com cuidado uma porta que dava para um átrio, com receio das armadilhas que Riddel poderia ter espalhado por ali. Num grande salão bolorento, com água a correr pelas paredes, havia um grande barril de magia de onde era bombeada por uma mangueira imunda. Escondidos na escuridão como espíritos maus, estavam espalhados vários manequins nus e ocos. Olhando com maior atenção, percebi que eram muito parecidos a Elena e Merovingian. A visão horripilante daqueles bonecos foi uma grande revelação para mim e Jynx. Incapaz de conseguir prosseguir com a sua missão sem Sebastian, Riddel teria inventado aqueles autómatos injectados e animados com magia. Era assim que ela conseguia aliados tão poderosos e complexos como eles. Talvez ela os tivesse criado durante todos aqueles anos, desprovida da companhia dele. Com tanta magia poderosa dentro de si, compreendi de onde tinham surgido a sua força e personalidade. E também porque nunca os conseguia ler. No entanto, não foram suficientemente poderosos para lidar com o meu poder e com o de Sebastian. Seriam uma forma de Riddel se manter presente nos dois mundos ou o reflexo da sua solidão?

Enojada com os bonecos, Jynx fazia tudo para nem lhes tocar. No entanto, houve algo que se mexeu entre aquelas marionetas. Assustada, recuei, mas tinha já alguma coisa a agarrar-me por trás. Gritei com o susto e foi como se a minha voz tivesse acordado os restantes bonecos da sala. Mesmo vazios por dentro, as Elenas e os Merovingians animaram-se fa ntas mago ricamente e prepararam-se para nos atacar. Jynx afastou-os com a sua cauda de escorpião e cortou os braços da Elena que me agarrava. Corremos para a saída, mas eram muitos e aos poucos estavam a dominar-nos. Jynx deu um último golpe num Merovingian que estava entre nós e a porta, abriu-a e atirou-me para o corredor, fechando-se lá dentro. Tentei abrir a porta trancada ou arrombá-la, mas não adiantou. Lá dentro, consegui ouvir o combate.

– Jynx, abre já a porta. É ridículo o que estás a fazer!

– Eh... Para uma Guerreira, continuas burra. Achas mesmo que ias conseguir fugir deles? Vai, derrota a Riddel. Estava enganada, sei que só tu consegues fazê-lo.

– Não me vou embora sem ti. Abre a porta! Conseguimos derrotá-los juntas.

– Não sejas ridícula. Tu nunca gostaste de mim e eu tenho umas contas a ajustar com eles. E não te esqueças que tenho várias vidas... Vai, não tens tempo a perder. Cuida da Lily-Violet.

Ouvi o som de batidas violentas nas paredes. Parecia que a própria sala atrás da porta estava possuída demoniacamente. Pouco depois, o silêncio apoderou-se do local. Não conseguia ouvir qualquer som atrás da porta. Mais uma pessoa sacrificada naquela guerra. Mas Jynx estava enganada. Apesar do nosso passado de eternas oponentes, ela já me tinha dado provas suficientes de que merecia a minha amizade. E por isso mesmo custou-me imenso deixar de a ouvir atrás da porta fatal.

Deixei a minha mão escorrer pela parede enquanto me virava para trás, para continuar a explorar a casa. Há várias semanas que não estava sozinha, sem ninguém a meu lado ou perto de mim. Senti a mais completa e profunda solidão. Tive ideias delirantes de que a minha única companhia era aquele corpo, o corpo de Mia. Já nem sequer podia ser considerada uma pessoa. Era apenas uma alma penada à procura de redenção. Riddel estava a ganhar vantagem mesmo sem ter combatido comigo. Sentia-me mais fraca e infeliz que nunca.

O corredor estava ladeado de portas de vidros partidos que davam para um claustro. No seu centro vazio, havia umas escadas por baixo de uma estrutura de heras e correntes. O meu instinto dizia-me que era para ali que deveria ir. O céu estava negro lá em cima, desprovido de qualquer estrela. Enquanto descia as escadas em espiral, senti que estava a descender até ao mais puro dos infernos. E era o Diabo que me esperava lá em baixo, para me infligir o mais cruel dos sofrimentos.

Nas paredes redondas de pedra, havia quadros luminosos pendurados. Começaram por ser retratos de Riddel nas mais variadas épocas históricas, sempre transformada em humana e sempre com o mesmo olhar e sorriso estóicos. Depressa os quadros passaram para imagens de sangue, massacres, guerras, crianças mortas, mulheres violadas... Fui obrigada a desviar o olhar com a violência psicológica de cada figuração naquela parede. Riddel era doentia!

Quando finalmente cheguei à base das escadas, fui invadida pela mesma sensação opressiva que tinha sentido quando explorei a mente do demónio Sebastian. No interminável corredor à minha frente, as paredes escorriam sangue que se juntava aos montes de carne podre nos cantos. Havia um odor pestilento a ferrugem, que se misturava ao sangue seco e me deixava enjoada, e uma escuridão ténue que me inquietava. E não conseguia deixar de sentir que estava a ser observada por milhões de olhos famintos da minha morte.

Bebi magia e transformei-me em Anjo. Sendo o único elemento de pureza naquele local, senti que cada pedra do corredor conspirava contra mim. Com uma mão a tapar nariz e boca, corri pelo corredor sem olhar para os lados. Não conseguia ver o seu final, parecia um terrível pesadelo. Corri, corri, corri. Fiquei cansada. E se estivesse presa naquele local? E se fosse uma armadilha? Olhei para trás e fiquei desorientada com o caminho que deveria seguir. Tinha de conseguir, não era altura para fraquejar. Corri mais uma vez, com mais determinação. Finalmente, uma porta. Havia neve por baixo dela. O meu coração recebeu uma descarga de adrenalina antes de a abrir.

A neve escorregou para as minhas botas, gelando-me os pés. A música, até então omnipresente no meu percurso, parou como se o disco se tivesse riscado de tanto tocar. Estranhamente, estava no exterior, mas um exterior diferente daquele que antecedia a mansão. Era a clareira de uma floresta cerrada de negras árvores mortas. Estava dominada pela neve agonizante que não parava de cair. Riddel esperava-me no centro. Estava deitada soberbamente numa *chaise-longue*, vestida com um manto de penas pretas farfalhudas que lhe rodeava a cabeça. Abanava caprichosamente um leque que fechou assim que me viu. Sebastian estava sentado no chão, apático e de olhar vazio. Riddel passava gentilmente as suas garras pela pele dele. Quando dei um passo em frente, a floresta em torno dela iluminou-se vagamente e surgiram cinco árvores mais altas com pessoas inanimadas e amarradas. Aproximei-me delas, enquanto Riddel se regozijava com o meu pânico. Lorelei, Lily-Violet, Rouge e Belladonna estavam lá. Mas, surpreendentemente também estava Adam. Todos estavam violentamente feridos e ensanguentados. A perturbadora visão aterrorizou-me de morte. Riddel começou a rir.

– Bem-vinda ao teu pesadelo, Guerreira da Omnisciência. Espero que tenhas gostado desta pequena festa que organizei para ti. Convidei as pessoas de quem mais gostas.

– Porque estás a fazer isto, Riddel? Porquê? – A minha voz era quase uma súplica.

– Porquê? – Ela passou a mão pelos seus seios gelados. – Simplesmente porque posso. E porque me diverte imenso sentir o sofrimento alheio. Adoro a doce voz de milhares de pessoas a morrer simultaneamente. E dado o nosso pequeno historial, achei que isto ia dar-me ainda mais prazer. – Passou a língua na boca do inamovível Sebastian.

– Porque não roubas a alma de todos os terrestres e orbianos de uma vez? Porque não cumpres logo a tua missão de destruição dos Criadores? Talvez não tenhas poder suficiente sem o demónio Sebastian.

Ela levantou-se, ameaçadora, revelando a extensão do manto negro que envergava. O seu cabelo de neve estava solto, chegando até ao chão.

– Eu não preciso do Sebastian para acabar com Eles! Porquê avançar para o final do livro quando posso apreciar todos os pormenores da história? Prefiro enfraquecer-vos, torturar-vos aos poucos até chegar ao *coup de grâce*. O prazer é muito mais intenso.

– É isso que fazes com os humanos? – Estava a tentar distraí-la com a sessão de perguntas para conseguir planear a minha defesa e contra-ataque.

– Eu não sujo as minhas mãos com o sangue nojento dos humanos. Prefiro recorrer a armas mais poderosas como a manipulação ou a devoção, levá-los à sua própria decadência. A minha obra mais perfeita foi levar os orbianos a um consumo excessivo da magia, levando à sua rápida extinção. Se eles soubessem que a magia é literalmente o sangue da Deusa e que estão a matar a sua preciosa energia cósmica... É tão agradável ver a sua ignorância. – Arregalei os olhos em choque. Ela olhou para as Guerreiras feridas. – E achas que fui eu que deixei as Guerreiras naquele estado? Foi tão interessante vê-las lutar entre si, suspensas nas ilusões mais teatrais. É tão fácil entrar na mente humana, brincar com as suas emoções, controlá-las. São a criação mais estúpida e fraca daqueles dois lá em cima. – Sorriu desdenhosamente.

– Porque armaste aquela conspiração centenária, para que os mundos fossem separados, para depois te limitares a Orbias? Como conseguiste que todos acreditassem em ti? – Se ao menos conseguisse despertar Sebastian, ele ajudar-me-ia a lutar contra ela...

– Eu faço um uso eficiente dos meus poderes mentais, não sou como tu. Durante centenas de anos, consegui criar uma conspiração forte o suficiente para que todos acreditassem numa falsa história de separação dos mundos e do poder das Guerreiras. Bastou manipular as pessoas certas e a intriga espalhou-se pelas várias gerações. Depois, apenas tive de brincar às sociedades. O Herman e o Mefisto foram as pessoas mais estúpidas que conheci em milhares de anos.

– Mas Deep Hollow... a barreira... Tu usaste especificamente o Adam, a Carolina e o Richart para nos fazer acreditar que seriam os responsáveis pela união ou desunião dos mundos.

– Nem isso conseguiste perceber? Eles foram apenas meros instrumentos de ocasião. Estavam no local errado à hora errada. – Ela fez uma pausa. – Ou talvez tenha sido a perversidade do destino que, através da minha existência, usou os seus fios de marioneta para te trazer até mim, até este derradeiro momento em que tentas infrutiferamente atacar-me.

– Não acredito. Se fosses tão bárbara assim, não terias salvado o Richart, a Lorelei e os homens de Seabeau no passado. Não consigo entender as tuas acções.

– Achas mesmo que me importava com eles? És assim tão ingénua? Não esperava que alguém tão vulnerável como tu alguma vez conseguisse perceber-me, mas fico decepcionada por ver os duros efeitos do Tempo sobre uma Guerreira tão poderosa e que cheguei a temer... Entretenho-me a criar estas redes de conspirações envolvendo inocentes. Tu és uma simples pedra no meu caminho, mas uma pedra persistente. Sabia muito bem que caminho tomar para te aniquilar. – Virou-se para as árvores e novamente para mim. – Não achas estranho que a Guerreira da Vida e o rapaz estejam aqui? Deep Hollow é apenas uma manifestação física do imaginário colectivo. Bastou levar todos a acreditar que os mundos estavam definitivamente separados para nascer ali uma nova barreira. Os mundos NUNCA estiveram separados. Tendo consciência disso, consigo viajar até lá quando quero e trazer comigo o que me apraz mais. E pensar que sacrificaste o teu próprio corpo para voltares a Orbias. És tão ignorante como todas as pessoas que acreditaram na separação definitiva. – Ela riu com uma perfeição orgulhosa. As palavras dela tornavam-se cada vez mais confusas, e eu era como uma borboleta em pleno nevoeiro. Então... e a história das Guerreiras? Em que acreditar agora?

– Então, porque desististe da Terra?

– Eu não desisti da Terra. Sei reconhecer uma causa perdida. Para quê esforçar-me em roubar almas aos terrestres se eles a vendem voluntariamente? Não sou eu que crio todas as guerras, fome, destruição e flagelos na Terra. É o próprio Mal no coração do Homem. Pais que matam os próprios filhos? Um só homem viola e assassina dezenas de jovens a sangue-frio? Governantes que em guerra matam milhares de pessoas presumivelmente inocentes? E chamam-me a mim Diabo quando usam a religião como desculpa para tudo... A Terra já esqueceu Deus há muito tempo. A sua preciosa criação é a sua pior inimiga. Eu apenas dou um pequeno empurrão e aproveito-me de todas as almas perdidas enquanto rio com a queda dos Criadores.

– Não te vou deixar continuar com isto. Eu tenho fé no Homem, tenho fé nos dois mundos. – Cerrei os punhos para ela que encolheu os ombros, considerando as minhas palavras uma estupidez infantil.

– Mas porque é que o Homem insiste em criar e construir coisas que inevitavelmente serão destruídas? Porque anseiam por uma vida que é miserável se sabem que vão morrer eventualmente? Não compreendem que apenas vos faço um favor? Vocês são muito emotivos, perdem-se no nojo que são os vossos falsos sentimentos e desejos. Sobrevalorizam as vossas almas indolentes...

Sebastian deixou escorregar a mão. Notei o esforço interior que fazia para se libertar do domínio de Riddel.

– A elaborada conspiração em Deep Hollow. Fizeste tudo aquilo pelo Sebastian?

– Claro! Levei muito tempo a persegui-lo, sempre a fugir inutilmente da minha influência. A Deusa não podia ter criado uma marioneta mais defeituosa e susceptível. Mas, enfim, eu preciso dele. Sempre é mais um elemento a ajudar-me no roubo das almas, quase tão perfeito como eu. A irritante Guerreira Ancestral fez com que florescesse uma alma dentro dele. Isso gerou duas personalidades totalmente antagónicas no mesmo corpo. Precisava de remover o outro Sebastian do caminho e voltar a controlá-lo. E sabia que só assassinando-te é que isso podia resultar. Mas, contra todas as possibilidades, contra toda a razão que eu conheço, conseguiste sobreviver ao meu poder. Não consigo perceber o que tens de tão resistente à minha influência que não consigo roubar-te a alma ou entrar na tua cabeça. É como se uma barreira se interpusesse entre nós. Então, pensei: porque não tornar-te no meu brinquedo? Sabes que um demónio imortal como eu consegue ser muito persistente com o seu entretenimento.

– Por favor, o teu problema é comigo. Solta os meus amigos e o Sebastian.

Ela pareceu surpreendida, franzindo a testa de gelo.

– O Sebastian? O que quererias tu com um demónio cruel e assassino sabendo que a sua outra personalidade desapareceu? – Ela fez uma pausa para me analisar. Depois de alguns segundos, começou a rir descontroladamente. – Que ridículo! A princesa quer salvar o vilão da história. Oh, Guerreira! Oh, Noemi!... Cometes o pecado mais capital de todos e revelas o quanto és fraca. Cedeste perante o deslumbramento de um demónio sedutor que age impulsivamente em busca de prazer. Um anjo apaixonado por um demónio, que absolutamente divertido!

– Ele não é assim. – Tentei defendê-lo. Era o coração a falar e não a cabeça. A expressão dela endureceu.

– Ai, não? És tu que me vais dizer como ele é? Tu que o conheces há semanas achas que consegues compreender a imortalidade e o modo de vida de um demónio. Eu conheço-o há milhares de anos, desde o início dos tempos, já o vi cometer actos tão atrozes que te matariam só de os imaginares.

– Eu acredito na redenção. Eu vi a sua alma. O meu Sebastian pode ter desaparecido, mas o demónio que te acompanhou durante esse tempo também desapareceu.

Ela olhava-me com um ódio crescente, de dentes cerrados. Estava a ficar cada vez mais impaciente com a minha ingenuidade.

–Alma num demónio, que absurdo! Vou adorar ver-te morrer. Vais suplicar que te mate depois do que te reservei. E aí eu só te vou torturar ainda mais.

Ela virou-me as costas e estalou os dedos para uma sombra escondida atrás das árvores. Caminhando como um *zombie*, surgiu uma figura cuja imagem foi como um banho de ácido. Era eu, o meu verdadeiro corpo. Vê-lo de fora, a mover-se, era de uma atrocidade que me matava por dentro. Eu sabia o que Riddel tinha planeado e ouvi-la a rir-se da minha desgraça só me deprimia ainda mais.

– Que imperiosamente simbólico. Melhor que lutar contra ti e sujar as minhas mãos é ver-te lutar contra ti própria. De uma forma ou de outra, vais perder, não tens saída. – Ela voltou a deitar-se na *chaise longue*, acariciando Sebastian como uma víbora.

Ambas estávamos transformadas em Anjos, embora eu sentisse o meu poder a esvanecer com o passar dos minutos. No entanto, o outro corpo estava claramente mais fraco e abatido. Controlado por Riddel, conseguiria usar o poder da Omnisciência para me atacar e isso era o que eu mais temia. Era horrível ver o estado em que o outro corpo se encontrava. Magro, escanzelado, lívido, parecia um bicho. Tinha a certeza de que o meu Sebastian deixaria de me amar no minuto em que olhasse para a desgraça em que me tinha tornado. O que fazer? Eu afinal estava viva, não podia magoar-me. Mas também já não conseguia abandonar o corpo de Mia para voltar ao meu. Era como se definitivamente a minha alma tivesse decidido abandoná-lo.

Ela atirou-se a mim e eu não consegui ter qualquer reacção. Socando-me, arranhando-me, arrancando-me a pele, usando o poder da Omnisciência para me fazer pensar em coisas horríveis, deixei-me ficar deitada na neve fria enquanto o meu sangue contaminava a pureza branca onde me deitava. Ela agarrou-me pelos cabelos e puxou-me para cima, arrastando-me pelo chão até Riddel, que se contorcia de riso. Não conseguia ver com nitidez porque o sangue estava a cegar-me. Tinha perdido a força nos braços e nas pernas, e mal conseguia mexê-los. Derrotada e sentindo de perto a morte, fui atirada para os pés da mulher gelada. Tossi convulsivamente e expeli uma bola de sangue para os pés azuis dela. Respondeu-me com um pontapé na cara que quase me arrancou a cabeça.

– Como ousas sujar-me com o teu sangue imundo, humana? Suplica pela minha piedade! Pede-me misericórdia! – Não consegui levantar a cabeça para ela, mas o meu corpo puxou-me o cabelo e fui obrigada a olhar para a altivez de Riddel. Num último suspiro, reuni energias para amaldiçoá-la.

– Nunca! Tenho pena que não tenhas alma para seres perseguida pela culpa e os remorsos por estes anos de crueldade.

Humilhada pela perfeição da minha dignidade, ela própria agarrou-me pelos cabelos, atirou-me ao ar e formou várias estacas de gelo que me perfuraram o corpo como mil agulhas. Com dores lancinantes que me destruíam as entranhas, caí no chão macio como que em câmara lenta. O frio do solo prolongava a inércia que me dominava. O sangue, tão vermelho como uma rosa, transformava-me o vestido branco e conspurcava a neve. Desistiria assim tão facilmente? Seria assim tão fraca que não resistiria ao poder demoníaco de Riddel? Senti-me responsável por todas aquelas vítimas na clareira, inclusive Sebastian e eu própria. Se existisse uma vida depois da morte, eu certamente iria para o Inferno. «Noemi, responsável pela morte de dezenas de pessoas, por toda a sua ingenuidade e precipitação.» Apesar de tudo, eu era humana. Ninguém podia esperar que fosse responsável por elas...

Riddel ordenou a Sebastian que fosse buscar o corpo morto de Mia. Também a minha alma estava a morrer lá dentro. Até naquele momento, Riddel aproveitava para me fazer mal, numa espécie de apoteose teatral. Pressentindo os sentimentos que eu nutria pelo demónio, obrigava-o a pegar no meu corpo morto num *voyeurismo* doentio. Ele colocou os braços por baixo de mim para me levantar. Conseguia sentir subtilmente o calor da sua pele e o cheiro masculino que eu estimava tanto.

Sebastian, demónio ou não, tinha sido a origem daquela espiral mirabolante em que a minha vida tinha entrado. Depois de esperar milhares de anos por mim, despertou-me numa noite de Verão e lançou-me sobre a mais bizarra aventura da minha vida. Ensinou-me o que era o amor, o afecto, a dor, a perda... Passado um ano, a ténue esperança da sua sobrevivência e o amor que nunca desapareceu fizeram com que iniciasse uma perigosa jornada inconsciente. E ironicamente, a viagem tinha servido para esquecê-lo, mais do que encontrá-lo. A vida e o nosso coração eram um poço de contradições. Se morresse ali, morreria com a certeza consciente de que tinha desaparecido. Se a intempestividade do destino fosse real, eu agora estava certa de que o meu era morrer com o coração vazio...

Enquanto o demónio do meu sonho mais apaixonado me carregava, a palavra «destino» não me saía da mente moribunda. Não podíamos de todo fugir ao destino? Teríamos algum poder de escolha na nossa curta vida?

Interior

A minha visão enevoada apenas me permitia ver que estava deitada numa espécie de nuvem. Sentia-me tão leve naquela textura fofa!... Era uma sensação agradável de libertação onde o meu corpo ia ascendendo pela noite. No entanto, senti o meu corpo ser arrancado de lá por vigorosos braços masculinos que me colocaram gentilmente em cima de um cavalo. Agora estava a descer e uma outra sensação mais terrena colou-se a mim como pequenas peças de um *puzzle*. Entrei num túnel com uma luz tão forte que me fez desmaiar.

\*

– Noemi? Noemi, acorda. – O som de cascos de cavalo misturava-se com a voz jovem de um homem. Talvez fosse a personificação da Morte que me vinha buscar. – Levanta-te.

A textura de folhas e flores tocavam-me na cara com o seu perfume. Abri os olhos e fiquei feliz por ver que estava de volta ao meu velho e verdadeiro corpo. Olhei para a minha mão como se fosse a primeira vez. O relinchar de um cavalo fez-me virar a cabeça para trás. Era o meu Ente Padroeiro no seu cavalo branco.

– A tua voz... falaste comigo. És tu que me vais levar para o Mundo dos Mortos? – A minha voz soava mais etérea do que o normal.

– Tu não estás morta. Enquanto eu e os outros Entes te protegermos, não vamos deixar que morras tão facilmente. – A sua voz era juvenil, embora com um inerente misticismo.

– Então, onde estou?

– Dentro da tua própria mente. – Olhei severamente ao meu redor. Depois de invadir a mente de tanta gente, não esperava algum dia estar dentro da minha. Nunca o tinha tentado com receio do que pudesse encontrar. – Neste momento, apenas um fino fio te prende à vida, fio esse suportado por mim. Por isso, é importante a tua presença aqui. Vais viver.

Nunca esperei que o meu inconsciente fosse tão bonito. Parecia estar no fundo do mar, mas sem água. Havia búzios, algas e corais gigantes e de cores leves, com pequenas flores delicadas a adornar o solo. Parecia que a fúria voraz do mar de Handyport tinha sido preservada ali. O céu era de um azul esverdeado, polvilhado com pequenos anjos brincalhões. Fiquei contente com a beleza surreal no interior da minha própria mente. Ao menos não era a caverna velha e escura que imaginava. Perto de nós havia um buraco com uma escada de mão. O Ente desceu do cavalo e, com um gesto cortês, pediu-me para descer antes dele. Agarrei firmemente na escada, triste por deixar aquele espaço tão belo.

Quando finalmente cheguei ao fim, estava na minha casa, em Handyport. A minha mãe, bem mais nova, chorava ajoelhada no chão da sala. Tinha um olho negro e uma fotografia rasgada do seu casamento na mão. Atrás de mim, uma menina magra de cabelos pretos pelos ombros olhava assustada através da fresta da porta. Aquele tinha sido o momento em que, depois de bater na minha mãe, o meu pai nos tinha abandonado para ir viver com outra mulher. Era uma memória que eu mantinha recalcada pela enorme tristeza que me provocava e pela armadura à prova de sentimentos que eu tinha criado durante a infância.

Sem palavras, o Ente dirigiu-me até à cozinha, onde outra escada nos esperava. Naquela altura, já tinha superado aquele trauma. Mas foi bom relembrar aquele momento para perceber o quanto tinha crescido e me tornado forte.

Desta vez, chegámos a uma sala de aula. Era a minha antiga escola em Handyport. Já adolescente, eu sentava-me sozinha numa das primeiras carteiras: cabelo oleoso à frente dos olhos vermelhos, pele tão branca como uma vampira e excessivamente magra. Recordava-me bem daquele dia e foi por isso que me virei para a entrada da sala. Um grupo de alunos entrou e, ao reparar na minha presença, preparou o ataque.

«Olha, a bruxinha esquisita já está à espera do professor», disse uma rapariga loira.

«Odeio gente anti-social. Tão calada e graxista, só tem olhos para os livros, que seca. Aposto que é daquelas que até faz feitiços em casa», disse uma outra rapariga.

«As caladas são as piores. Aposto que tem boas notas porque faz uns servicinhos aos professores», disse um rapaz mais atrevido. Ele chegou ao pé dela, tirou-lhe a carteira dos lápis e pendurou-a no ar para a atrair como um cão. «Ouve lá, ó *nerd*. Deves ser fresca, deves. Confessa-te ou não te dou a carteira.»

Ela tentava ousadamente reaver a carteira sem ter que responder àquelas acusações parvas. Num acto puramente instintivo, deu uma chapada ao rapaz. A resposta que teve foi outra chapada do rapaz, que a deixou a sangrar da boca. As raparigas aproximaram-se para defender o colega e participar na chacina. Entre palavrões, acusações e sangue, ela saiu da sala a correr, envergonhada pela sua própria fraqueza e pela injustiça da opressão.

Infelizmente, aqueles episódios tinham sido uma constante na minha vida. Durante anos, tinha sofrido o mais duro *bullying* que degradava a minha personalidade a cada longo dia passado subjugada ao domínio daqueles agressores. Teria sido tão bom se já tivesse o meu poder da Omnisciência! Poderia ter previsto os momentos em que isso pudesse acontecer de forma a evitá-los e enfrentar a vida escolar com normalidade. Mas isso não tinha acontecido, e mais uma vez estava estranhamente grata àquelas pessoas por me terem tornado mais resistente para enfrentar as desilusões da vida. Agora percebia que a minha inteligência na escola se devia a algum do meu poder da Omnisciência. Era como se esse poder fosse um mar e os meus picos de criança sobre-dotada fossem a superfície.

No corredor cheio de cacifos e odor a casa de banho, havia outra escada. Desci antes do Ente, que se mantinha em silêncio. Estava na minha rua, de noite. Sebastian estava no meio da estrada e o meu amigo Jonas inconsciente no chão. Um esplendoroso Anjo pairava poucos centímetros acima do solo, longos cabelos negros, grandes asas brilhantes e roupa de *rockeira*. Ainda que numa memória imaterial, foi estranho voltar a ver o meu Sebastian a meu lado. Parecia tão real que quase podia tocar-lhe. Porém, o meu coração não bateu forte quando o vi. Senti saudades, mas o olhar negro brilhante e o sorriso malandro já não eram os mesmos para mim. Parecia que faltava algo.

Ele avançou para o Anjo. Iam iniciar o combate. Aquele tinha sido o momento em que a minha vida mudara completamente. Orbias e Sebastian entravam na minha história como uma cascata de emoções fortes. A introvertida e problemática Noemi iniciava ali um processo de transformação de personalidade, de uma tímida lagarta para uma maravilhosa borboleta. Apesar de todo o sofrimento que me tinha trazido, estava grata por ser uma Guerreira e por ter conhecido Orbias. A minha vida não teria sido a mesma se continuasse na mais completa ignorância.

Outra escada, no roseiral de uma vizinha. Estava escuro, mas antes mesmo de pisar o luxuoso soalho do Palácio de Pérola, sabia o que ia encontrar. Senti as lágrimas surgirem quando me vi abraçada a Sebastian na cama iluminada pela Lua. Tinha sido a minha primeira noite de amor, a seu lado, a primeira em que confessámos aquilo que sentíamos um pelo outro – um amor com a força de milhares de anos. Ele tinha derrubado a feia barreira que me fechava lá dentro como uma princesa em perigo. Experimentei sensações e emoções tão maravilhosas e tão intensas que nem me achava merecedora de tamanha alegria. Mas agora que visitava aquela memória tão querida, entristeceu-me o facto de não olhar para ela com a mesma paixão. Tinha sido um dos momentos mais felizes da minha vida, mas não conseguia largar a sensação de que aquela já não era eu, que aquela imagem fazia parte de uma linda recordação guardada no álbum de memórias da minha mente. O Ente tocou-me no braço com a sua mão sublime. Era altura de partir para outra escada, desta vez na casa de banho do quarto.

A agitação e o barulho do próximo local despertaram-me da tristeza que inundava o meu coração como uma barragem de lágrimas. Lorelei e Rouge estavam com um conjunto de ansiosas pessoas de vestes nobres. Era o Castelo de Grimmus. Percebi de imediato que aquele era o momento em que eu tinha alcançado o pico do meu poder da Omnisciência para impedir que a bomba nos matasse. Virei-me para o Ente na esperança de que finalmente falasse comigo.

– O meu poder da Omnisciência. Afinal, eu vi algo de importante. É por isso que estou aqui?

– Tu viste tudo. Contra toda a racionalidade possível, naquele momento tu conseguiste ver todo o passado, presente e futuro dos dois mundos. Mas a quantidade de informação foi tão avassaladora que era impossível armazenares tudo na tua cabeça. Por isso é que não te lembras de nada.

– O que é que eu faço? – O corredor enchia-se do fumo da explosão abortada por mim.

–Tens de procurar dentro de ti o conhecimento que te pode ajudar na tua demanda. Tens de chegar lá e descobrir o segredo que te vai salvar. Foi um prazer servir-te e proteger-te, Noemi.

– Não vens comigo?

Ele recuava para sair daquela memória.

– Não posso. É algo que tens de fazer sozinha. Sou um mero guia e protector. – Com um sorriso de despedida, esvaneceu-se no meu inconsciente, saltando para cima do seu cavalo branco.

Entrei na sala de reuniões do castelo. À volta do meu corpo, pairavam vários destroços, como se o tempo tivesse parado. Entre eles, vários ecrãs transparentes com várias imagens. Eu estava nua, com duas asas de luz nas costas. Dos meus olhos brancos escorria sangue até ao pescoço. Lorelei entrou na sala e olhou para o cenário surreal com perplexidade. Antes que ela fizesse alguma coisa, aproximei-me daquela Noemi e tentei fundir-me nela, entrar em todas as visões arrebatadoras e sucessivas que ela via. Concentrei-me no momento, em Sebastian, em Riddel, nas Guerreiras, em Adam, queria ir parar ao momento em que me salvasse e virasse o jogo para o meu lado.

Entrei num carrossel rápido de luzes intermitentes. Senti-me a ser transportada através do tempo e espaço. Parecia que estava a viajar pelo Universo, deixando a Terra e Orbias para trás. Quando tudo parou, fui largada em cima de terra empoeirada.

Estava agora em Deep Hollow. Já ali tinha estado com a visão que tinha tido no mar de magia. Mas o tal restaurante misterioso não estava ali. Em vez disso, cinco mulheres conversavam entre si. Uma delas tinha asas de Anjo! Não conseguia ver bem as suas caras. No meu interior sabia que seriam as Guerreiras ancestrais, mas não as conhecia. Subitamente, cinco estacas de madeira irromperam do chão avermelhado e trespassaram os seus peitos e ventres, o que me fez saltar como se a sua dor ressoasse em mim. Seria aquele o momento da separação dos mundos? Em agonia, uma a uma, as mulheres deixavam de se mexer. Excepto a mulher com asas de Anjo que fixava alguém atrás de mim. Riddel atravessou o meu corpo imaterial e dirigiu-se descontroladamente à mulher moribunda. Agarrou-lhe nos cabelos e abanou ferozmente a sua cabeça numa necessidade insana de lhe arrancar alguma coisa. Depois de alguns segundos em que as duas ficaram imóveis, a mulher finalmente morreu.

Riddel manteve-se ali, insensivelmente pensativa ante o cenário grotesco. Ergueu os braços no ar, muito menos graciosamente do que hoje em dia fazia, e o chão por baixo dela abriu-se num abismo que rodeou o espaço onde os corpos das mulheres jaziam e continuou por quilómetros. No meio desse abismo surgiu uma barreira brilhante, a barreira transparente que eu conhecia tão bem. Tinha acabado de assistir à primeira separação dos mundos.

Como se tivessem pressionado o botão de *fastforward*, Riddel desapareceu, os corpos mortos das Guerreiras desfizeram-se em pó e toda a extensão do deserto vermelho foi coberto por água e flores coloridas que nasceram mesmo aos meus pés. Quando tudo parou, algo novo se juntava à planície – o tal restaurante misterioso que tinha visto quando estava perdida no mar de magia. Corri novamente até lá, receando que desaparecesse de novo. Isso não aconteceu.

Por dentro, o estabelecimento tinha um aspecto rasca, barato. Era como um restaurante de beira de estrada. Escuro, banal e desbotado.

Uma mulher de cabelos de cobre e vestido comprido e berrante cantava uma música melancólica e arrastada num pequeno palco vermelho. Uma outra, de rabo-de-cavalo loiro e uma vivacidade invejável, limpava cada uma das mesas vazias com um pano tirado do curto avental branco. Ao balcão, a encher dois copos de álcool, uma morena exuberante piscou-me o olho sedutoramente. E dentro da cozinha, uma outra mulher de cabelos vermelhos trazia alguns pratos de comida meticulosamente confeccionada. Não percebia o porquê de estarem na minha mente. Mas ao olhar para o seu conjunto, não podia deixar de as comparar fisicamente às actuais Guerreiras. Se realmente fossem as Guerreiras ancestrais, então a mulher de cabelos pretos e rabo-de-cavalo sentada à janela era a Guerreira Ancestral da Omnisciência. Sentei-me lentamente à sua frente enquanto ela me dedicava um sorriso estóico.

Era o momento em que ia conhecer a verdade sobre ela. O meu coração acelerou perante essa possibilidade. Aliviou-me constatar que, apesar de muito parecida comigo, não era «eu». Tinha olhos verdes, cara mais arredonda e curvas mais generosas. Diria que era mais bonita que eu, embora também não fosse o ideal de beleza actual. Pareceu-me nervosa.

– Olá, Noemi. – A sua voz era suave como uma brisa de Primavera.

– Estás... a falar comigo, na minha visão... O que significa isto? – O meu olhar abarcava todo o estranho restaurante e as suas ocupantes. Apesar do choque, a minha voz era serena.

– Há muito tempo que te espero. Digamos que este encontro é uma espécie de comunhão entre os nossos poderes da Omnisciência.

–Tenho tantas perguntas para ti, nem sei por onde começar. O que se passou aqui em Deep Hollow, por exemplo?

Ela gracejou perante os meus gaguejos vomitados.

– Eu sei que tens perguntas para mim, é normal. Estou a ganhar coragem para te responder a todas elas de forma perceptível. Afinal, vivemos em eras diferentes e confesso que os meus sentimentos em relação a ti são muito dúbios.

– Como assim? Nem me conheces! – Ou talvez conhecesse, se estivesse dentro de mim todo este tempo. Ela ignorou o meu comentário enquanto pegava num copo de bebida que a Guerreira loira nos servia, espevitada.

– A organização das Guerreiras enquanto grupo, as únicas no mundo, naquele tempo, com poderes mágicos, teve como objectivo defender os descendentes da Deusa dos beligerantes descendentes de Deus. Mas depressa descobrimos outros dois inimigos muitíssimo mais perigosos, um terceiro grupo muito diferente de humanos como nós. Os Demónios, também conhecidos como Ladrões de Almas. Enquanto os seus verdadeiros objectivos permaneciam um mistério, muitas foram as vezes que os combatemos. Ela inteligente e manipuladora, ele forte e de instintos incontroláveis. Um dia, quando viajava sozinha, fui interceptada por ele, pelo demónio masculino. Lutei destemidamente, mas conseguiu dominar-me sem grande esforço. Às portas da morte, o meu poder da Omnisciência soltou um último suspiro. Uma visão de um futuro muito, muito distante que o demónio também conseguiu ter. Prestes a morrer às suas mãos, ele não me matou, perplexo com o conteúdo da visão. Fugiu cobardemente.

– Que visão era essa?

Ela voltou a ignorar-me.

– Acabei por ser encontrada pelas outras Guerreiras que me ajudaram a recuperar dos ferimentos.

– Por favor, diz-me o que te apareceu na visão!

Ela voltou a sorrir, mas era um sorriso que não estava de acordo com os seus olhos distantes.

– Talvez seja melhor veres.

A Guerreira puxou os estores da nossa janela para cima e o espaço lá fora transfigurou-se. Ficou de noite e vi algo a que já tinha assistido no interior da cabeça de Sebastian. Numa floresta branca rodeada por gigantes de luz, Sebastian estava sentado num muro, entrelaçado a uma mulher de cabelos negros. Afinal, era eu. E ele não era o meu Sebastian, mas sim o demónio.

– Foi essa a visão que vocês viram? Foi isso a causa de tudo? – Fiquei enervada com aquele absurdo.

– Não é uma simples visão. Tanto eu como o demónio éramos poderosos o suficiente para perceber a importância e as implicações do que víamos. O destino é imperativo e deve ser cumprido, pois está acima de todos nós. Ele ficou confuso com o que tinha visto. Um demónio enamorado por uma humana num futuro distante era inconcebível para ele. Mas eu tinha percebido o seu verdadeiro significado. Aquela era eu, reincarnada noutra mulher. Tinha chegado até àquele futuro, pois só com uma determinada harmonia de acontecimentos é que isso aconteceria. – Eu estava boquiaberta.

«Falei com as Guerreiras sobre aquela visão e todas compreenderam, aceitando inquestionavelmente o destino traçado pela Deusa. Dirigimo-nos para Deep Hollow, um local mágico entre os dois mundos que estavam na iminência de ser separados pelas próprias mentes das duas raças. Preparámo-nos para desprender as nossas almas dos seus corpos e viajar no Tempo e Espaço até à era da visão. Claro que íamos perder as nossas consciências e a dimensão dos nossos poderes ao nascer novamente, mas era um sacrifício que estávamos dispostas a correr para manter a Deusa a salvo. No entanto, algo correu mal. O demónio mulher conseguiu alcançar-nos e entrar na minha cabeça para ter aquela malograda visão. Revoltada e amedrontada, ela também soube de imediato o que aquilo significava.

– Por favor, não estou a perceber porque me estás a contar isso agora. O que quer isso dizer?

Ela fechou os olhos e abanou a cabeça em resposta à minha impaciência desmesurada.

– Pensei que já tivesses percebido. O demónio junto à minha nova existência só podia significar duas coisas: que ele estava limpo de todo o Mal e que o demónio mulher tinha sido derrotado. Ela era apaixonada por ele, vivia por ele. Na sua imortalidade, nunca permitiria que ele estivesse com mais ninguém.

Deixei-me ficar como uma estátua a olhar para ela, em profundo choque com as suas palavras. Então, tudo aquilo, todas aquelas calamidades provocadas por Riddel, era tudo por amor? Um demónio enlouquecido pelo amor e pelo ciúme?

– É bem mais grave do que estás a imaginar. – Corei perante a noção de que a Guerreira me estava a ler os pensamentos. – Não era só a paixão que movia o demónio. Era a noção de que a sua vida imortal teria um fim porque tu a derrotarias e lhe roubarias a única coisa que ela era capaz de cuidar e proteger em vez de destruir. Toda a sua vida milenar foi atormentada pela iminência da sua morte e consequente roubo do seu amor. Como te sentirias se soubesses que estavas condenada a morrer a uma determinada altura, principalmente se fosses criada tendo em vista a imortalidade e invencibilidade?

– Mas o Sebastian... a vossa relação...?

– Eu nunca tive uma relação com o demónio. Na altura da minha morte, eu era casada com outro homem. Um humano como eu. Não houve nenhum amor trágico entre mim e aquele a quem tu chamas Sebastian. – Ela agarrou-me calmamente na mão trémula. – Ela inventou tudo. Foi tudo uma conspiração bem urdida por ela durante centenas e centenas de anos. O Sebastian por quem te apaixonaste era o próprio demónio feminino a apoderar-se da mente dele para se aproximar de ti através do amor, conhecer as tuas fraquezas e enfraquecer-te pelas emoções. Foste iludida por uma mentira muito bem encenada. Sabendo que eventualmente o destino se encarregaria de te juntar a ele, era a forma mais eficaz de te afectar e despojar de toda e qualquer felicidade. Ela é muitíssimo inteligente. Provocou uma série de acontecimentos complexos que levariam à tua relação com Sebastian, o que, posteriormente, tre traria sofrimento. Era como uma tortura para a tua alma até que fosses anulada definitivamente. Ela queria que tu própria provocasses a tua morte. Usar fogo para lutar contra o fogo, percebes? – Ciosa de que o desespero e a decepção se apoderavam de mim, agarrou-me na cara com as duas mãos. – Noemi, lamento dizer-te, mas o homem por quem te apaixonaste nunca existiu. Era a Riddel!

Comecei a chorar, puxando desesperadamente pelos cabelos. Gritei alto, fazendo com que as Guerreiras ancestrais cessassem os seus afazeres, assustadas comigo. Nem queria acreditar naquelas palavras assassinas!

– Os momentos que passei com ele, as conversas, o amor. Tudo uma mentira. Até a sua morte, que tanta dor e sofrimento me causou... A minha jornada... tudo em vão. Até a amizade de Sebastian com a Belladonna, Malaquias, a Imperatriz, Cordélia... tudo uma mentira para me derrubar... Foi sempre ela... Até as noites de amor... Porquê eu, porquê a mim? Porquê o centro de toda a desolação? – Eu parecia uma louca a falar para mim.

Quando ela me voltou a tocar maternalmente, afastei-a com um safanão. Usei uma voz ácida para acusá-la a partir de um rasgo de racionalidade que surgiu na minha mente.

– Porque não tentaste sequer lutar contra o destino? Tens noção de todo o mal que causaste? Aceitaste cobardemente uma visão subjectiva, sabendo que, muitíssimo mais poderosa que eu, tinhas poder para lutar contra os demónios! A culpa é toda tua e estou grata por ter uma alma só minha, livre da tua influência.

Ela levantou-se e inclinou-se para mim com uma severidade que ainda não tinha visto nela.

– É o destino que nos guia e que decide por nós. Eu sacrifiquei a minha felicidade e a minha vida para que os mundos vivessem em paz e para que o meu eu do futuro vivesse feliz junto daquele demónio arrependido. Perdi a minha vida, marido e família, perdi os meus amigos para me sujeitar à vontade da Deusa e do destino com um sorriso nos lábios.

– As nossas escolhas existem para além do destino que tu proclamas. E a Deusa é apenas um ser condenado. Tu deixaste que uma visão decidisse por ti?! Eu nunca faria isso. Nunca baixaria os braços sem lutar contra um destino que me colocaria a mim e aos meus em perigo. Nunca obrigaria as Guerreiras a morrer tão levianamente. – Apontei para as mulheres no restaurante. A aspereza dela não desaparecia. A mesma alma, mas com visões de vida tão diferentes. – Tens noção do sofrimento que causaste durante milhares de anos ao tomares uma decisão tão estúpida? E o Sebastian, como ficou no meio de tudo isso?

Ela hesitou, aturdida com a minha reacção.

– A última vez que ouvi falar do demónio, tinha-se desprendido do demónio feminino. Calculo que tenha percorrido solitariamente os dois mundos em busca de uma razão para preencher o seu vazio, mas sempre intrigado e preso à mulher da visão. Eventualmente, o demónio feminino conseguiria encontrá-lo e submetê-lo à sua influência mental, a única forma de tê-lo junto a si...

Eu ainda estava destroçada por saber realmente que o meu Sebastian nunca tinha existido. Senti-me violada ao descobrir que afinal era Riddel a controlar aquele corpo, a mentir-me e manipular-me como uma boneca de trapos. Todos os pequeninos detalhes das acções de Riddel tinham como única intenção destruir-me. A repulsa que sentia por ela era tão grande como o ódio por alguém que tinha profanado os meus bens mais sagrados: a minha intimidade e o meu coração. Porém, uma pequena estrela de esperança surgiu em mim na forma inesperada do demónio. A charada resolvia-se aos poucos na minha cabeça. A influência que eu exercia sobre ele e que o fazia transformar para melhor podia ser simplesmente devido a essa visão de um futuro comigo. Por isso, a minha presença na sua cabeça era o que o impedia de me magoar. E o facto de me ter escondido todos aqueles factos era simplesmente porque sabia que podia afectar-me. Ele referia a sua anomalia como uma outra personalidade que se tinha apaixonado por mim, prendendo o seu coração ao meu como se de um se tratasse. Mas agora eu sabia que a anomalia era a fraqueza perante a influência da minha némesis – Riddel – e perante a inevitabilidade do destino

O paralelismo com a minha jornada, que teve como origem uma visão do futuro, era aterrador. Embora não o admitisse e se escondesse atrás de uma falsa capa de demónio assustador, que já não era, ele tinha levado milhares de anos a lutar contra a sua natureza, não compreendendo que estava apaixonado por uma mulher que nem tinha nascido ainda. Poderia alguém guiar-se por ideia tão romântica, especialmente um demónio? Tudo por causa de uma estúpida visão... Era tão ridículo que tentar encontrar explicações para a origem do Universo seria mais fácil! Virei-me para a Guerreira, sequiosa da minha reacção.

– Como é que isto me vai ajudar a sobreviver e derrotar a Riddel?

– Afirmaste um dia que o demónio masculino tinha uma alma. Talvez o segredo da sua derrota possa estar aí. Eles não percebem que têm uma alma, e essa é a sua única fraqueza. Podes usar o teu poder da Omnisciência e lutar com a arma que ela usa: a manipulação!

– Como é que sabes tanto sobre a minha vida? Não perdeste a consciência e renasceste em mim?

Ela riu e apoiou o queixo na mão.

– É incrível como és tão diferente de mim, tão racional e dependente de um pensamento gnóstico. O Universo trabalha de forma complicada. Não é suposto seres inferiores como nós tentarmos perceber como funciona. Mesmo que eu tentasse justificar-te como sei tudo isto e como estamos aqui as cinco num restaurante ultradimensional, nunca irias perceber no teu actual estado de Omnisciência. – Voltou a rir, orgulhosa por se mostrar mais poderosa que eu. Era disparatada a sua intenção, pois a nossa alma era a mesma. Porém, era a minha que prevalecia agora.

Massacrei-me por não ter percebido aquela estratégia antes. Por isso é que tinha conseguido afectar Riddel em Belvue. Ela era vulnerável ao meu poder da Omnisciência quando aplicado na sua alma. Era a maior das ironias que dois demónios, supostamente desprovidos de almas, não percebessem que, a partir do momento que foram criados por Deus e pela Deusa, tinha ganhado uma vida e pensamento independente, logo, uma alma. E essa era a sua verdadeira fraqueza no meio da falsa imortalidade.

–Tenho de voltar. Tenho de os ajudar. Ainda tenho uma hipótese. – A Guerreira pareceu triste por eu ir embora, tal como as outras quatro. Hesitei antes de sair. – O que vos vai acontecer agora?

– Nada. Não te preocupes connosco. Nós não existimos de facto.

Começaram as cinco a rir em uníssono. Notei um verdadeiro espírito de união entre elas, muito mais forte que aquele que tinha com as suas almas renovadas.

– Mas tu estás a falar comigo...

– Será? Apesar de o teres em ti, consegues compreender a complexidade do poder da Omnisciência? Esta conversa entre nós nunca aconteceu e já aconteceu. Acabaste de infringir uma das regras de equilíbrio do Universo, a caminho do Caos. Por isso, volto a dizer, nem eu te consigo explicar o que aconteceu aqui.

Não percebi aquelas vagas e intrincadas palavras. Acenei-lhe brevemente com a mão, e, com um sorriso, saí do restaurante, que logo desapareceu atrás de mim em Deep Hollow. Forcei a saída para fora da minha mente. Talvez fosse realmente a última vez que via o meu negro inconsciente. Senti-me entrar num novo carrossel imaginário. Os meus sentidos activaram-se e senti-me voltar ao mundo real.

Imortalidade

Tentei disfarçar quando olhei sofregamente à minha volta e para o meu corpo. Era o meu corpo verdadeiro, transformado em Anjo. Finalmente, estava de volta, sem dores, sem estranhezas, apenas um enorme alívio por estar de volta. Estava diante de Riddel. Ajoelhada sobre o corpo violentado de Mia, ela tentava infrutiferamente roubar a minha alma. Sebastian continuava apático a seu lado e os meus amigos inconscientes amarrados nas árvores.

Era o momento. Tinha em mim o poder e o segredo para lutar contra aquele demónio que tanto sofrimento me tinha causado. Tentei controlar o impulso violento de lhe causar uma imensa dor depois de descobrir que toda a minha vida tinha sido polvilhada por fatais mentiras dela. Podia afirmar, sem dúvida, que ela era o verdadeiro Diabo, e se de facto tinha alma, era bem negra.

Aproximei-me lentamente, como um predador. Agarrei-lhe impiedosamente no pescoço azul. Intimidada com a surpresa daquele ataque, a sua expressão foi dominada pelo terror. Era a segunda vez que via aquele medo e dava-me um prazer tremendo saber que uma mera humana como eu conseguia reunir força suficiente para se sobrepor a um demónio.

– Como...? Como sobreviveste? Como rompeste o meu poder de controlo?

Apertei o seu pescoço com mais firmeza ainda, fazendo com que a sua voz saísse esganiçada.

– A Guerreira Ancestral cometeu um erro que eu não cometerei. Deixou-te viver mesmo sabendo que tinha o poder para te destruir.

Num golpe rápido, conseguiu soltar-se das minhas mãos. Afectada pelas rachas que lhe tinha provocado, começou a assumir uma posição defensiva.

– Nem o conjunto das Guerreiras ancestrais eram mais fortes que eu. Muito menos uma nova Guerreira que perdeu poder com o passar do tempo. – Ela tentava recuperar a sua gélida altivez.

– Oh, mas o segredo para te destruir não está em mim. – Ela semicerrou os olhos. – Está em ti, Riddel. Eu sei o que me fizeste. Sei toda a mentira, todo o embuste que te deste ao trabalho de criar para me afectar. Até o Sebastian...! – A voz saía-me num grito gutural. – Ficaste assim com tanto medo de uma humana só com uma simples visão? Foi o suficiente para enlouqueceres e interferires vilmente na História e nas vidas das pessoas de dois mundos? Especialmente na minha?

– Achas mesmo que foi por isso? Absurdo. Estou apenas a divertir-me com uma rapariga fraca. O meu único objectivo é destruir os Criadores. – Começou a rir para disfarçar o seu medo, o que me encolerizou ainda mais.

– Mentirosa!!! Esse deixou de ser um objectivo há muito tempo. Eu sei um segredo sobre ti. – Comecei a caminhar descontraidamente em torno dela até chegar a Sebastian. Passei a mão pelo seu peito, sorrindo. Sabia que, enquanto ela se mantivesse curiosa e receosa, não me atacaria. – O que sentes pelo Sebastian?

–Absolutamente nada. Ele é só um demónio fraco. Um mero instrumento nas minhas mãos para atingir o meu derradeiro objectivo. – O seu desdém era de uma falsidade mórbida.

– Mentes de novo! Tu ama-lo. Não admites, mas essa é a verdade. Tudo o que tu fizeste, as mentiras, as conspirações, o falso Sebastian. Só o fizeste por ele. Estás-te nas tintas para Deus ou para a Deusa. É só uma desculpa para teres algo que te una a ele. E como o teu amor nunca foi correspondido, especialmente depois da visão da Guerreira Ancestral, aproveitas-te das suas fraquezas para dominar a sua mente. É uma forma doentia e possessiva de tê-lo para ti, mas sabes que é a única forma de sentir o seu calor, o seu toque, ainda que vazio lá dentro. Durante estes anos, corroía-te por dentro a iminência do meu nascimento. Sabias que iria roubá-lo e destruir-te, e nada podias fazer para lutar contra esse determinismo. Mesmo com todas as pedras de sangue que lançavas sobre o meu caminho, ainda me perturbavas e afectavas mais, destruindo toda a minha vida e integridade.

O seu olhar frio desapareceu instantaneamente. Eram olhos de uma louca à beira de um precipício.

– É mentira. É tudo mentira. Estás a manipular-me.

– Essa é uma forma de ver as coisas. – Coloquei um dedo na boca, fingindo cinicamente que estava a pensar. – Estou a manipular-te, sim, porque sei que não estás habituada a que façam isso contigo. Mas estou a fazê-lo a partir de algo que já está aí dentro. Durante todos estes milhares de anos, nunca conseguiste fazer com que o Sebastian reanimasse o teu coração gelado. E durante todo esse tempo, não reconheceste que, a partir do momento em que os sentimentos por ele começaram a fluir e a contaminar-te, era o mais claro sinal de que tu, um demónio perverso, afinal tens alma. Uma alma capaz de amar, de chorar, apesar de toda a escuridão e devassidão que a compõe.

– Não!!! Eu sou um demónio poderoso, o Mal dos dois mundos. Nenhum outro ser se sobrepõe a mim! Como ousas dizer que tenho sentimentos típicos dos débeis humanos? – Ela tirou a coroa da cabeça e atirou-a ao chão, com raiva. Marchei na sua direcção, colocando-me ameaçadoramente sobre si.

–Agora sei que não acredito no destino. Que estou aqui por mim. E sei que não esperavas que eu sobrevivesse e lutasse por ele. Não esperavas que as Guerreiras se conseguissem unir, apesar dos seus poderes enfraquecidos. E frustrava-te não conseguires entrar na minha mente, restando-te apenas magoar aqueles que me estavam mais próximos. Sabias que enquanto eu tivesse o meu poder da Omnisciência nunca me conseguirias matar. Nada me dá mais prazer que ver esse horror estampado nos teus olhos derretidos.

Ela apanhou-me de surpresa e saltou para cima de mim, golpeando-me com os seus músculos de gelo duros. Os seus movimentos felinos eram bloqueados por mim, e quando a atingia, a sua pele ia rachando mais e mais. Já não a sentia tão indestrutível como das outras vezes que a tinha confrontado, principalmente porque ela tinha decidido partir para o combate corpo a corpo. A sua mente estava a afectá-la. Naqueles milhares e milhares de anos de vida, nunca tinha sido confrontada daquela forma. Eu sentia-a a agonizar por dentro, como um animal atirado vivo para uma fogueira.

Continuámos a luta por vários minutos, mas eu estava com uma clara vantagem. O corpo de Riddel estava a degradar-se cada vez mais graças ao meu dom. Tudo por culpa do desmoronamento do castelo de pedra velha que se tinha tornado a sua pérfida mente. Era como se o seu poder manipulativo e inteligência superior tivessem implodido, destruindo-a por dentro. Bastaram frases simples para que ela colocasse em causa a sua identidade e existência. Subitamente, ela rodopiou no ar e ouvi trovões destruidores e terramotos demolidores ameaçarem o espaço onde estávamos. Era o seu poder destrutivo, o qual eu não conseguia controlar.

Subitamente, sete suspiros, sete pulsões assolaram-me o corpo. Riddel foi encurralada pelos Entes Padroeiros: o Cavaleiro dourado envolto em nevoeiro, o Descobridor de terras exóticas, a Rainha gentil das rosas, a Princesa mártir, o Escritor malogrado. Até o Poeta prisioneiro de Riddel e a Cantora da saudade de Sebastian estavam dentro de mim e atacavam a minha oponente. Não consegui perceber o porquê de isto ter acontecido. Cada um deles trespassou Riddel com o seu poder, deixando-a mais e mais fraca até se tornar num caco, numa escultura velha e partida. Ao fim de algum tempo, ela caiu derrotada na neve. O colapso imperial de um demónio ferido na sua alma oculta, rodeado pelos Entes que a olhavam gloriosos. Exausta, arrastei-me pela neve e tomei nos meus braços o seu corpo moribundo, puxando-a para o meu regaço. Acariciei a pele invernal enquanto fixava os seus olhos assustados. Apesar de ser uma forma inédita de se matar um monstro, era de facto a maneira mais cruel com que se podia assassinar um demónio imortal.

– Chiu... Vais fechar os olhos, vais deixar-te ir. A tua alma vai abandonar o teu corpo para o outro mundo. Vais partir, sabendo que foste castigada por todos os teus pecados. Cada alma roubada, cada coração partido, cada momento de dor... Estavas a afastar-te cada vez mais da possibilidade de seres amada.

Ela olhou para mim ternamente. As lágrimas correram-lhe pela pele cerúlea.

Riddel fechou os olhos e deixou cair a cabeça dramaticamente. Peguei no seu corpo gelado para o deitar na neve. Mostrava-me superior a ela até na sua morte. Mostrava que também eu era capaz de perdoar, apesar de todo o sofrimento causado. Deixei-a no chão e dirigi-me a Sebastian que, estranhamente, se mantinha desligado da realidade. Foi então que senti o gelo agarrar-me na bota e o meu corpo ser lançado numa roda que terminou num choque contra uma árvore. Quando abri os olhos turvos, Riddel estava de pé à minha frente, implacável.

– Achas mesmo que eu, um demónio poderoso e indestrutível, morreria tão facilmente? Às mãos de uma humana pusilânime e insignificante? A tua insolência é ultrajante!

Os momentos seguintes ocorreram demasiado rápido, mesmo para o meu poder da Omnisciência. Antes que tivesse tido tempo de me levantar ou que os Entes conseguissem alcançar-me para me salvar, Riddel levantou graciosamente as mãos e formou centenas de agulhas geladas que me matariam instantaneamente. Fechei os olhos, lamentando o facto de ter desperdiçado a segunda oportunidade para acabar com ela. Em vez do meu último grito de dor, ouvi o de um homem. Abri os olhos e Sebastian estava cravejado com as agulhas fatais. O sangue manchou a sua roupa, juntando-se ao sangue de Mia que já lá estava. Não tive qualquer reacção.

Riddel grunhiu de raiva enquanto ele se virava para ela, partindo as agulhas que o atravessavam, uma a uma. Sendo um ser imortal, aquilo não o afectava minimamente. Mas tinha sido o suficiente para me salvar a vida. Mais uma vez, ele tinha quebrado as correntes dominadoras de Riddel para impedir que eu me magoasse. Ele agarrou na cabeça dela firmemente. Ela baixou os braços, embevecidos.

–Agora percebo. Percebo o que tenho de fazer, qual o meu papel. Como não percebi em todo este tempo de existência penosa? – Não estava a conseguir descodificar as suas palavras. O que pretendia ele fazer? Riddel começou a chorar, mas desta vez senti as suas lágrimas como verdadeiras.

– Tudo o que queria era que me amasses. Podia ter tudo o que quisesse, menos aquilo que desejava mais. Quis eliminar cada humano, cada deus, cada mundo, para que só eu e tu existíssemos no caos do Universo. Aí serias obrigado a amar-me.

– O amor é algo de transcendental a tudo o que descreveste. Seria a única coisa que não podias controlar em todo esse caos. – Ele sorriu lividamente. – Vivemos tempo de mais, Riddel. A imortalidade não existe, fomos nós que a criámos.

Ele olhou para mim e o seu sorriso abriu mais. Naquele momento, naqueles ínfimos segundos em que ele me fixou, vi um novo brilho nos seus olhos negros, um brilho que jamais tinha visto no meu Sebastian inexistente ou no demónio. Ele beijou Riddel e foi o culminar de todo o *puzzle* que se estava a compor na minha mente. Corri até ele para me colocar entre os dois, mas foi tarde de mais. Os dois caíram no chão, mortos.

Peguei nele e abanei-o para que acordasse. Insultei-o por me fazer passar por aquele sofrimento de novo. Era como ver a mesma pessoa morrer duas vezes. Mas desta vez aquela morte era bem real. Era eu que estava ali. Estava a tocar na sua pele fria, a ver a palidez alastrar-se, a tentar ouvir um coração que já não batia. Chorei compulsivamente enquanto o embalava nos meus braços. Era uma tentativa estúpida para que acordasse. O sorriso matreiro estava estampado no seu rosto falecido. Tornava-me impossível saber se estava desesperada pela morte irreversível e definitiva do corpo do meu Sebastian ou pela morte de um demónio eterno. Porque era eu castigada com tanto sofrimento? Porquê?! Se de facto existissem um Deus ou uma Deusa no Céu, porque me castigavam daquela forma após uma jornada tão penosa? Seria merecedora de tamanho peso?

Riddel não estava completamente morta. Ainda respirava, encostada à sua *chaise-longue*. A sua pele defunta já não preservava aquele azul cristalino. Estava antes branca, confundindo-se com a neve. Calma e serena, podia agora observar o quanto ela era bela, uma beleza perfeita e divina. Com um último vislumbre e um derradeiro suspiro, falou. – Não fugi ao meu destino, mas tu também não fugirás. Eliminar-me não acabará com todo o Mal presente nos mundos, e muito menos com o peso maldito do destino. Um dia verás e chegarás à conclusão de que as tuas escolhas ilusórias são as mesmas assassinas que me atormentaram desde o dia em que fui criada... Vais sofrer e desejar que te tivesse matado.

O seu corpo ficou duro e imóvel como uma estátua. Às portas da morte, tinha levado a melhor ao amaldiçoar-me com aquelas palavras. Sabia que iam aterrorizar-me para o resto da vida. Eu afinal estava errada. A única forma de a assassinar não era através da manipulação da sua mente. Era se o seu próprio amor o fizesse, a única coisa que preenchia a sua velha e esquecida alma. Ainda que terrivelmente magoada pelos seus actos, não podia deixar de comparar a sua dor à minha. Tal como eu, ela apenas lutava para alcançar o amor e o deslumbramento de um demónio. Conscientes da existência de duas almas dentro de si, os demónios imortais morriam pelo choque dos seus dois poderes.

Deitei-o amavelmente ao lado do corpo morto de Mia. Mas os sete Entes aproximaram-se de mim, pegaram nos corpos dos dois demónios e, com sorrisos de sereno agradecimento, desapareceram na neblina branca. Agora até tinha sido privada do seu corpo morto...

Subi a cada árvore onde os meus amigos estavam amarrados, deitando-os na neve também. Usei o meu poder da Omnisciência para acordar Lorelei. Precisava da ajuda dela para curar os ferimentos de todos eles, mesmo estando fraca. Ela olhou surpreendida para o corpo de Mia, interrogando-se acerca do desaparecimento de Sebastian e Riddel. Também ficou surpreendida por ver que eu era a única pessoa de pé ali, especialmente porque estava de volta ao meu verdadeiro corpo. Pela minha expressão pesada, ela fez o que lhe pedi sem perguntas.

Belladonna, Rouge, Lily-Violet e Adam acordaram, já sem qualquer ferida ou nódoa negra. Abracei-me a Adam, pedindo-lhe desculpa intermináveis vezes. Ele retribuiu o abraço, sem palavras. Apenas um sincero sorriso de um amigo verdadeiro, profundamente magoado comigo. Contei-lhes muito rapidamente o que se tinha passado naquela clareira de neve. As suas caras reflectiam alívio, mais do que tristeza. Afinal, eram dois demónios, os nossos inimigos que estavam mortos.

E nós estávamos vivos. Era impossível esperar que sentissem um grande vazio com a morte de Sebastian, tal como eu sentia. Todos, excepto eu, reconheciam que o meu Sebastian tinha morrido há um ano em Deep Hollow. Eu também já o admitia porque tinha a confirmação de que ele não era real. Então, porquê o vazio?

*Requiem*

Estávamos no Castelo de Grimmus. Tínhamos recebido a maravilhosa notícia de que Cordélia e Richart estavam vivos. Rouge não cabia em si de contente. Eu também queria estar feliz, mas não conseguia sentir nada. Parecia que já não era capaz de ter nenhuma emoção depois de tudo a que tinha sido submetida.

Os meus companheiros faziam planos pós-Riddel. Eu nem sabia o que pensar quanto a isso. Nem sabia se conseguiria voltar à Terra, levando comigo Adam e Lorelei, que se mantinham ansiosos e isolados a um canto da sala onde estávamos. Comecei a desesperar, não sabia o que fazer com a minha alma despedaçada.

Lily-Violet falava em viajar de novo e Belladonna só queria voltar ao cabaré em Dark Versalia, embora mostrasse vontade de viajar de comboio e conhecer outros bares e cabarés de Orbias. Completamente perdida de amores por Richart, «renascido dos mortos», Rouge fazia planos para governar Orbias no lugar de Riddel. O seu objectivo número um era remediar todas as desgraças provocadas por ela.

Fi-las prometer que iam providenciar o funeral mais respeitoso e magnífico a Mia, uma verdadeira Guerreira. Mas também que ajudassem Gabriel a superar a sua dor, que eu agora também sentia. Mia jazia numa cama perto de mim. Era tão estranho olhar para ela «de fora». Nunca tinha percebido o quanto tinha sido abençoada por ter tido a possibilidade de tomar o corpo de uma rapariga tão bonita e tão pura para a minha existência orbiana. Mesmo sem nunca a ter escolhido, estava-lhe eternamente grata. E esperava que a sua alma, onde quer que estivesse, fosse feliz por eu lhe ter proporcionado mais algumas semanas de emoções e sentimentos intensos

Subitamente, Lorelei e Adam começaram a piscar como luzes intermitentes. Ficaram assustados. Tranquilizei-os, dizendo que a Terra estava a reclamá-los para si. Todos olharam admirados para mim. Nem eu sabia como tinha tantas certezas disso. Apesar de tudo, a barreira que dividia os mundos era real, criada a partir do inconsciente colectivo. O facto de Riddel os ter levado para ali constituía uma impossibilidade que, com a sua morte, voltava à normalidade. O mesmo ia acontecer comigo daí a momentos.

Ao fim de alguns minutos, mal dando tempo para as despedidas, Adam e Lorelei desapareceram em milhões de partículas brilhantes. Virei-me para as minhas três amigas orbianas.

– Não tarda vou voltar para a Terra também...

– Por favor, volta. Tu consegues transferir a tua mente para cá. Não consigo separar-me de ti mais uma vez! – Lily-Violet já estava a chorar como uma criança.

– Não posso. Nunca conseguiria apoderar-me do corpo de alguém novamente...

Abracei-as apertadamente, sentindo o meu corpo latejar com a sensação de desaparecimento a surgir. As palavras de Lily ainda pairavam na minha mente, «separar-me de ti mais uma vez». Os trágicos acontecimentos do último ano estavam a repetir-se amargamente. A morte de Sebastian, a separação das Guerreiras, o regresso à Terra como se nada fosse. Não! Não! Não podia deixar que isso acontecesse novamente como se fosse uma marioneta do destino. Eu era senhora do meu próprio destino! Colei a minha mão na cabeça de Belladonna. Seria a última vez que usaria o meu poder da Omnisciência naquele local! Tinha de tentar!

– O que estás a fazer, Noemi? Pára com isso, vais fazer com que use os meus poderes da Morte em ti!

Rouge e Lily tentaram arrancar a minha mão em total angústia.

– Não te preocupes, Belladonna. Eu é que estou a fazer isto. Não te sintas culpada. Eu volto...

Sorri uma última vez antes de desfalecer. Os seis braços desvelados das minhas amigas agarraram no meu corpo martirizado, amparando a sua queda. Era uma sensação desoladora, mas tinha de arriscar, tinha de me sacrificar!

\*

Estava de regresso à ascendente nuvem branca. Afinal eu estava mesmo a morrer quando o Ente me tinha salvado. Agora via as coisas com mais nitidez. O vestido de seda branca que envergava caía pela textura fofa. A minha pele estava mais lisa e branca que nunca, como mármore. Queria ir até ao fim, queria ir mais além para trazê-lo comigo.

Na escuridão da noite, a nuvem penetrou no grande aglomerado prateado lá em cima. Cega pela neblina, entrei no espaço mais fantástico que alguma vez tinha visto, muito mais que o mundo de Orbias. Numa longa extensão de relva de um verde intenso, havia uma imensidão de gente que se movimentava lá em baixo. Quatro estradas de alcatrão cruzavam o jardim arredondado, e no centro uma singela capela no alto de uma colina. Toda a área estava rodeada por uma altíssima rede de metal que impedia outros milhares de agonizantes pessoas a passarem lá para dentro. Noutro grande aglomerado de nuvens paralelo àquele, consegui distinguir do alto uma área quase idêntica àquela, com milhares e milhares de pessoas dentro e fora de um jardim. Seria aquele o verdadeiro Céu? O destino das almas de todas as pessoas que morriam nos dois mundos e se juntavam a Deus e à Deusa?

A minha nuvem descendeu calmamente até me deixar pousar dentro do jardim, perto da grande rede que isolava as pessoas lá fora. Evaporou depois disso. Ninguém ligava à minha chegada, pareciam bastante agitados com algo que estava prestes a acontecer. Tentei abrir caminho por entre a multidão. Naquele comprido vestido branco, senti-me um espectro no meio de espectros. Começava a duvidar se aquilo realmente era o Céu, a vida depois da morte. Tanto o cenário como as pessoas pareciam demasiado reais, até estranhamente urbanos.

Distingui um grupo de mulheres anormalmente altas e similares. Vestiam roupas sumptuosas e tinham longos cabelos negros. Surpreendentemente, reconheci uma daquelas pessoas.

– Sairen? Imperatriz Sairen?

Ela virou os olhos assombrados para mim.

– Noemi? O que fazes aqui? Não pode ser, não podes ter morrido. – Ela pareceu desapontada.

– Provoquei a minha própria morte. Vim buscar o Sebastian. – A minha ousadia era tão absurda como a minha intenção de viajar até ao Mundo dos Mortos para voltar a sair de lá.

– Buscá-lo? Oh, Noemi, o que fizeste... – Ela abanou a cabeça. Alguém me tocou no ombro por trás. Era Malaquias. A presença dele ali era a triste confirmação de que estava mesmo morto.

– Noemi? O que faz aqui? Pensei que tivesse conseguido derrotar dois demónios. – Ele esbugalhou os olhos, mas não era para mim. Era para a capela ao fundo da extensa estrada, no topo da colina. – Aquelas pessoas do outro lado da rede são as almas que foram roubadas pelos demónios durante séculos e séculos. Estão agitadas, sabem que os demónios morreram e serão julgados por Deus e pela Deusa, cada um no seu Céu. Querem saber o que lhes vai acontecer e se vão poder juntar-se finalmente ao seu criador.

Aproximei-me lentamente da rede onde as almas se amontoavam para entrar lá dentro. Eram tantas... Não consegui conceber o significado de elas estarem do lado de lá. Como é que míseros centímetros de separação podiam fazer tamanha diferença? E como é que isso simbolizava uma perda de energia por parte dos Criadores? Talvez uma mera humana como eu nunca devesse saber todos esses porquês. Virei-me destemidamente para Malaquias e Sairen.

– O Sebastian está lá em cima, não está? Vou buscá-lo. – Comecei a afastar as almas da minha frente com determinação. Sairen agarrou-me no braço com um ar desconfiado.

– O que queres dizer com «buscá-lo»? Tu já não podes sair daqui, decidiste morrer. E estás a falar de que Sebastian? Certamente agora sabes que o «nosso» Sebastian nunca existiu, era a Riddel desde o início. É só um demónio que ali está.

Arranquei o braço das suas mãos angulosas.

– Mas por quem nutro sentimentos. Não vim até cá para ficar. Vou acabar já com isto.

Ela e Malaquias olharam-me como uma louca enquanto eu começava a correr agilmente por entre as almas consternadas.

Numa penosa caminhada, atravessei a corrente de pessoas espalhadas pelo jardim cruzado pelas estradas. O surrealismo daquele local abismava-me. O Céu com elementos tão urbanos como uma estrada de alcatrão ou rede de metal... Reconhecia vagamente uma ou outra cara orbiana naquele mar de gente. Mas a maior parte das pessoas que conhecia deveriam estar do outro lado da rede, pois as suas almas tinham sido arrancadas do seu itinerário, cujo destino natural era aquele jardim.

Havia uma certa comoção perto da capela. Muitos berros, almas agitadas... Quando cheguei lá deparei-me com um grupo de pessoas que frustradamente faziam fila para abrir a porta do edifício religioso com um molho de chaves que desaparecia quando falhavam a entrada na fechadura complexa. Duas delas eram os pérfidos Herman, director da Sociedade Escarlate, e Orville, regente de Marblia. Não repararam em mim. Eram a prova de que o Inferno não existia e que as almas se reuniam num só local, independentemente dos seus actos em vida. Aquela capela... nem queria acreditar que dentro daquele espaço estaria a Deusa, força cósmica ultrapoderosa, co-criadora dos mundos e responsável pela magia que corria dentro de mim.

As almas reunidas em torno da capela de pedra gasta começaram a murmurar entre elas, olhando para o telhado. Segui os seus olhares e estremeci. Atravessado pela luz da Lua, Sebastian estava crucificado no topo da fachada da capela da Deusa. Não percebi a intenção de ele estar ali naquele estado, mas deveria ter a ver com o seu julgamento público. Comecei a trepar pelas paredes cinzentas, enquanto as almas me atiravam palavras de reprovação. Quando cheguei lá, ele abriu os olhos negros e olhou furioso para mim. Era o demónio que estava ali. Mas eu não esperava outra coisa. Quando me viu a seu lado, riu.

– Esses olhos não eram capazes de enganar ninguém. – Só então percebi que era a primeira vez que estava ao pé dele dentro do meu corpo verdadeiro. Bem, pelo menos, imagem do meu corpo. – O que fazes aqui?! Não bastou provocares a minha morte por sentir a extrema necessidade de te proteger? Morreste só para me escarneceres em pleno Céu? – Ele riu despejadamente. – Se soubesse, tinha deixado que morresses. Que desperdício...

– Cala-te, não sejas parvo. Vou tirar-te daqui. – Ele olhou-me chocado enquanto o desamarrava.

– A tua estupidez chega a ser encantadora. Mas não adianta. A Deusa vai sair da capela para me julgar. Após milhares e milhares de anos, a magnífica Deusa vai sair do seu covil para julgar alguém. Que honra! – disse ele, sarcasticamente. – A minha lista de crimes é muito extensa. Ainda bem que a pena de morte não é uma opção aqui. Além disso, achas realmente que quero ir contigo?

– Os demónios são tão tagarelas quando estão nervosos ou és mesmo assim na realidade?

Subitamente, um silêncio sepulcral abateu-se sobre toda a gigantesca nuvem. Olhei do alto da capela para toda a extensão do jardim e todas as pessoas estavam dobradas numa vénia amedrontada. Quando olhei para a base da construção, o meu olhar foi tremulamente da porta aberta para uma respeitável figura feminina que me fixava lá de baixo. O seu olhar carregado e profundo foi a coisa mais assustadora que já alguma vez tinha visto. E ela emanava uma aura poderosa que me intimidava até à medula. Nunca tive tanto medo e tanta necessidade de submissão a uma figura daquelas. Nem Riddel me deixava assim. Ela apresentava-se como um ser humanóide nu, de pele mais branca que a neve, sem cabelo, pestanas, unhas, mamilos, narinas ou lábios. Apenas uns grandes e intensos olhos multicoloridos. Parecia um extraterrestre desenhado a partir de uma nuvem branca. Até Sebastian me pareceu inquieto com a presença assustadora dela.

– A «magnífica e excelsa Deusa» espera por ti...

– Tu vens comigo. – Estendi-lhe a mão, suplicante. – Por favor, vem comigo. És tu quem escolhe o teu destino e nada me magoaria mais se recusasses voltar comigo. Vais deixar-te derrotar por Ela? – Não tinha tocado numa, mas em duas feridas dele. O sorriso zombeteiro endureceu.

Depois de o soltar das cordas que o mantinham preso à cruz, desci lentamente com ele pelo meu braço. Ela seguiu-nos fixamente com o olhar até nos colocarmos temerosamente à sua frente. Depois, arrastou-se lentamente em torno de nós, analisando e observando cada pormenor e cada poro nosso. O silêncio fúnebre dos milhões de pessoas na nuvem não ajudava aos nervos. Incomodada com a intimidação, interrompi-a.

– Eu vou levá-lo comigo. Vamos sair do Mundo dos Mortos e voltar para baixo. – Ganhei alguma confiança ao perceber que conseguia falar sem deixar a voz tremer. Ela inclinou-se para trás como um animal confuso. Aproximou a cara da minha. Enojada com isso, olhei para dentro da capela. Estava completamente vazia e escura. Um ser daqueles, fechado passivamente dentro «daquilo» durante tanto tempo? Custava-me a acreditar...

– Interessante. – Um choque eléctrico arranhou-me toda a extensão da coluna vertebral quando ouvi a sua voz. Era bizarra, como mil vozes de homens e mulheres a falar ao mesmo tempo. – Uma humana, uma falha humana com algum do meu poder dentro de si, quer salvar um ser defeituoso cuja longa vida foi dedicada a roubar a minha energia, as almas multiplicadas a partir dos meus primeiros filhos. Deveras interessante.

– Eu decidi morrer exclusivamente para vir buscá-lo ao Mundo dos Mortos. Vou lutar contra o meu destino.

Ela voltou a ficar perplexa com minhas palavras.

– Isso é impossível. Nunca ninguém conseguiu sair daqui. O teu corpo terreno nunca voltaria a receber a tua alma. – Ela começou a mexer no meu cabelo, deixando-me com pele de galinha. Sebastian agarrava firmemente na minha mão. Sendo a própria Deusa, ela deveria saber tudo o que se tinha passado na minha vida. – Diz-me, tiveste uma penosa jornada para procurar por outro Sebastian que nem existia. Porquê o sacrifício repentino por um demónio?

– Onde quer que ele esteja e quem quer que ele seja, o Sebastian foi e sempre será uma memória muito querida e apaixonada da minha vida. Mas depois da minha demanda, posso afirmar que hoje ele é apenas uma bela recordação que não retornará. – Suspirei ao dar-me conta do meu discurso confuso. Sebastian virou rapidamente a cara para mim, adivinhando o que ia dizer. – Vim buscá-lo porque o meu amor por ele é grande o suficiente para me fazer viajar ao Mundo dos Mortos para resgatá-lo. E porque acredito que até os demónios podem amar e ser perdoados pelos seus pecados. – Ela continuou a observar-me com a perícia de um cientista. Passou o seu interesse para Sebastian, que sentia nojo por ter as mãos dela a tocar-lhe.

– Um soldado defeituoso... Uma alma susceptível à influência de outras e do mundo que o rodeia. Por mais que tentemos, não conseguimos criar soldados ou humanos perfeitos. Todos têm a mesma falha. A peça defeituosa na vossa engrenagem a que chamam «amor» e que consegue desviar-se do controlo do próprio destino. É algo que me fascina. – Colocou-se à minha frente com um ar enigmático. Não falou.

– Eu não me submeto a uma Deusa enfraquecida cuja fé eu não...

Ela colocou o dedo ressequido à frente do buraco que servia de boca.

– Cala-te, deformidade! Respeita a tua Criadora. Estou a decidir o que fazer com vocês. – Não conseguia decifrar a expressão facial Dela, pela total ausência de uma. Tinha um aspecto arrepiante. – Devia extinguir a existência deste traidor pela eternidade de conspirações contra mim. Todas aquelas almas perdidas fora do meu jardim são a causa da minha crescente decadência. E tu, humana, devia anular a tua alma por hereticamente usares um poder divino com tamanha irreverência. – Um poderoso impulso de energia fez-se ouvir na outra grande nuvem, supostamente a de Deus. A Deusa olhou para lá. – Parece que Deus não foi benevolente no julgamento do seu soldado traidor. – Voltou a olhar para nós. Sebastian já me estava a magoar a mão. – Eu sou mais complacente com as minhas criações. Vou dar-vos duas opções: a total obliteração da vossa existência ou o meu omnipotente julgamento.

– Aceitamos o julgamento. – Disse-o rapidamente antes que Sebastian pudesse dizer alguma coisa estúpida que despertasse algum tipo de ira divina.

– Muito bem. Demónio, Anjo, ajoelhem-se perante mim. – Tive de forçar Sebastian a fazê-lo comigo. A Deusa dirigiu-se a todas as almas do jardim. – Levantem-se todas as almas e oiçam a sentença! A condenação do Anjo será usar o seu poder para destruir a rede que divide as almas perdidas do jardim. Só assim poderá regressar ao mundo dos vivos acompanhada por ele. O demónio será condenado a perder a sua imortalidade e todo e qualquer poder sobrenatural que possa colocar em causa o meu poder divino. Ambos serão castigados com a extinção da sua alma quando morrerem, pois estão desde já proibidos de voltar a entrar no meu jardim.

A Deusa tinha falado com veemência. Não tive coragem para objectar a sua condenação, pois sabia que ela era infinitamente mais poderosa que eu ou que a minha teimosia. Tive receio de olhar para Sebastian, antevendo a cólera por tê-lo colocado naquela situação, à mercê do castigo de um ser divino que ele desprezava e que tinha a capacidade de lhe tirar os poderes. Em vez disso, ele pareceu aliviado, como se o seu espírito demoníaco tivesse amansado.

– Agora, vão. Vou ficar a observar-vos...

A Deusa arrastou-se para dentro da humilde capela e a porta fechou-se atrás dela. De imediato, a agitação voltou a tomar conta do jardim. As pessoas retomavam a fila para tentar usar as suas chaves na porta da capela e outras olhavam-nos com curiosidade, medo ou até desdém. Agarrei no braço de Sebastian em silêncio e dirigi-o para a estrada em direcção à rede. O turbilhão de almas desviava-se de nós, temendo que as tocássemos, por isso mesmo foi muito mais fácil e rápido chegar lá. As coléricas almas atrás da rede queriam vingar-se de Sebastian. Ele sorriu orgulhosamente, sem qualquer ponta de receio ou arrependimento. Depois virou-me para ele.

– Tens a certeza de que queres fazer isto? Estás disposta a entregar a tua alma por um demónio? Tudo por uma lamechice a que chamas amor? – Ele dizia-o sarcasticamente, embora tenha percebido que o fazia com dificuldade.

– Tu roubaste a minha alma há muito tempo. É a minha vez de retribuir o favor.

Ele semicerrou os olhos às minhas palavras enigmáticas.

Sem saber exactamente o que fazer, colei as minhas mãos à rede. A Deusa sabia que eu tinha o poder de a destruir ou não me tinha «condenado» a fazê-lo. Afinal, eu tinha em mim um poder divino, graças ao seu sacrifício quando criou os primeiros humanos. Mas eu não era parva. Sabia que a razão pela qual nos deixava sair do Mundo dos Mortos era porque todas aquelas almas perdidas podiam voltar para Ela, recuperando o seu poder. Eu não me importava. Fazia-o por mim, por Sebastian e por todas aquelas almas inocentes, privadas de se juntar à eterna felicidade no jardim da Deusa. Concentrei-me em quebrar aqueles fios metálicos. Era o meu poder da Omnisciência ao rubro, mesmo depois de morta. A rede começou a piscar intermitentemente até desaparecer por completo a toda a volta do círculo que delimitava o jardim.

Todas as almas orbianas excluídas, roubadas por Sebastian e por Riddel, passaram por nós e misturaram-se alegre e calmamente com as outras. Sorri serenamente com a noção de que as tinha ajudado. Depois das suas acções, nenhuma tinha sequer ligado a Sebastian, o seu raptor. Tinha conseguido a sua redenção também. Arrepiei-me quando vi alguém conhecido passar-me em frente, mesmo no meio dos milhares de almas. Era Mia. Ela não parou, pois não me conhecia. A sua alma estaria ali a partir do momento em que o seu coração parou por segundos nos meus braços espectrais. Eu sorri-lhe e ela retribuiu, mas era um sorriso de retribuição de simpatia, nada mais.

Continuei a caminhar pela nuvem prateada sem nunca largar Sebastian. Mas tinha o coração mais quente. Afastámo-nos do jardim sem nunca olhar para trás. Era a última vez que a minha alma estaria ali, mas nem queria saber. Preferia ter aquele homem a meu lado por alguns anos mortais do que perdê-lo para a eternidade. Quando chegámos ao limite do grande conglomerado de nuvens, sabia que tínhamos de cair. Era um regresso simbólico à nossa vida terrena, expulsos do Céu. Com um sorriso e de mãos dadas, atirámo-nos lá para baixo.

Atravessámos o vapor de água que compunha as nuvens numa espécie de cegueira branca. Quando finalmente fomos projectados de lá, em queda livre, vimos a paisagem terrestre lá em baixo. A meio da noite, linhas de luzes e pequenas estrelas eléctricas embelezavam o solo escuro. Fui tomada por um sensação desagradável a percorrer-me o corpo desde a cabeça até aos pés. Já não era uma alma, tinha reincarnado, era real de novo! Tentei transformar-me em Anjo, mas não consegui. Talvez fizesse parte do processo de expulsão do Mundo dos Mortos ter de cair literalmente no mundo.

Éramos dois cometas, duas estrelas cadentes em plena e harmoniosa magia. Um Anjo e um Demónio no mais perfeito dos equilíbrios e cuja união era a prova de que o amor era real. As nuvens soltaram raios magistrais e o céu estremeceu perante o seu som trepidante. Era como se aquela tempestade fosse uma consequência do distúrbio na ordem do Universo provocada por nós. Caindo, caindo, as nossas mãos escorregaram quando ficámos cada vez mais sonolentos... até ficarmos inconscientes.

Advento

Acordei com o som urbano de buzinas e sirenes. Estava com a cara colada a ramos e folhas. Tinha o corpo gelado, mas era a primeira vez que estava feliz por estar com frio. Olhei avidamente em redor à procura de Sebastian. Ele não estava ali. Fui assolada por uma série de dúvidas provocadas pelo recente despertar. Teria fugido? Teria falhado a nossa queda do Céu? Quando saí de perto das árvores onde estava, reconheci o local. Era o parque municipal de Grand City, com os altos arranha-céus iluminados ao fundo, acima dele, como divindades de betão. Era o meu regresso à Terra, a minha casa, após aquela vertiginosa viagem por mundos e aventuras tão encantados como duros. Senti-me como uma fénix. Tinha começado aquela aventura como uma criatura derrotada e reprimida pelas tragédias de vida. Mas, perseverantemente, tinha conseguido derrubar todas as barreiras em busca do meu verdadeiro ser e da minha felicidade.

Eu sabia o que a minha presença no parque significava. Já tinha visto aquele local, era a visão da Guerreira Ancestral, a génese de toda aquela aventura milenar. A floresta branca era o parque de Grand City, coberta pela neve. Os gigantes de luz eram os altos prédios que o rodeavam. Os pontinhos luminosos eram a neve a cair. A confirmação veio quando o vi, encostado a um muro, com um cigarro enfiado no sorriso manhoso. Em vez de correr até Sebastian banhada em lágrimas felizes, como no final de um filme romântico, encostei-me devagar ao lado dele, ocupando perfeitamente o meu lugar, tal como tinha visto naquela visão. Tentava lutar contra o destino, mas ali estava eu a cumpri-lo como se tivesse medo de o partir como uma peça de cristal. O meu olhar seguiu o dele até se fixar nas estrelas daquela noite fria. Passados alguns minutos, intoxicada pelo tabaco, falei.

– Não devias fumar, agora que és mortal. Não queiras apanhar cancro do pulmão.

Ele desatou a rir.

– Não me queiras ver privado de um cigarro. Fico pior que um demónio. – Começámos a rir às gargalhadas até pararmos num suspiro. – Sabes que Ela só nos deixou sair de lá para sermos objecto do seu doentio passatempo *voyeurista*. Ela quer ver como vai resultar o amor entre dois defeitos tão peculiares e antagónicos. É isso que a entretém, como uma criança a observar os seus *hamsters*.

– Bem, então é melhor não fazermos coisas muito sórdidas. Não gosto de ser espiada por taradas. – Ele engasgou-se com o fumo do tabaco ao começar a rir. – Eu calculo que ela não me tenha tirado o poder porque simplesmente não conseguia e porque viu em mim um instrumento para recuperar da perda de energia provocada por vocês. Ao contrário de ti, que te criou directamente, eu sou o resultado do sangue diluído das criações Dela. E eu sei que o meu poder cresceu muito mais do que uma Deusa enfraquecida estava à espera... – Ele assentiu, concordando com as minhas teorias. Tentei mudar o assunto para algo mais agradável. – Mas quer dizer que estás a admitir que também gostas de mim?

– Se não gostasse não te tinha acompanhado nem perdido todo o meu poder e imortalidade. Quero ver até onde isto pode evoluir, numa vida totalmente nova, apesar de frágil. Sabes que estou sempre aberto a novas experiências que me dêem prazer, ah!ah! – Dei-lhe uma chapada no braço. – Au, isso dói!

– É bom que doa! E ainda bem que agora és mortal para poder fazê-lo mais vezes. Pfff, pensar que me matei, fui ao Mundo dos Mortos e fiz frente à Deusa só por um estúpido insensível. Burra...

– Ui, esse sarcasmo está muito bem trabalhado. Tens aprendido com o mestre.

– Falando a sério. Fi-lo porque não quis que a minha história se repetisse. Não sou a Noemi fraca de outros tempos. Se quero alguma coisa, luto até ao fim para obtê-la. Neste caso, foi literalmente isso que aconteceu. Se estou agora aqui contigo é porque sei que isto vale a pena e que ambos somos merecedores do amor um do outro. Afinal, éramos duas almas perdidas e defeituosas em busca de um motivo para lutar. Sebastian... cedeste tão facilmente à condenação da Deusa. Custa-me a crer que estivesses disposto a perder a tua imortalidade... por mim.

Ele ficou sério, mais do que alguma vez tinha visto. Atirou a beata ao chão e pisou-a.

–Já vivi tempo suficiente. Estava cansado da influência da Riddel e da visão da Guerreira constantemente a assombrar-me. Neste momento, para o bem ou para o mal, fechou-se um ciclo. Era escolher estar aqui contigo ou ver a minha existência obliterada por Ela. Vamos ver no que isto vai dar... Mas, sabes?, não me importo de já não ser imortal. O sexo contigo é óptimo, dava a minha vida por isso. Bem, de certa forma já dei.

– Que estúpido! – Rimos os dois em uníssono. – Tens de terminar sempre uma conversa séria com uma piada maldosa.

Ele ficou subitamente sério quando me viu agarrada a uma rodopiante flor branca.

– E o outro Sebastian? Tens a certeza de que o esqueceste? Vais vê-lo cada vez que olhares para mim.

–Tu tinhas razão, ele nunca existiu. Por muito que me custe, agora sei isso. A minha história com o Sebastian terminou no dia em que ele desapareceu. E eu já fiz o meu luto. Toda a minha jornada em busca dele não foi para o encontrar. Foi para me ajudar a aceitar a sua morte. Por mais fraca e inconcebível que fosse a sua falsa existência enquanto manipulação da Riddel dentro de ti, as minhas memórias e sentimentos por ele foram reais e vou preservá-los ternamente. – Escavei um pequeno buraco a meus pés e enterrei a pequena flor, símbolo da partida definitiva do «meu» Sebastian da minha vida. – Estou feliz a teu lado. És tu que estás aqui e sinto-te como algo mais real e palpável. E sei que isto pode evoluir para algo maravilhoso. – Os seus olhos negros ganharam um brilho lindo. Mas era o brilho dele, não o do outro Sebastian. – Sabes?, lembro-me muitas vezes das últimas palavras dele: «Eu escolho-te a ti. Agora é a tua vez de escolher.» Pensei que ele se referisse a ele próprio. Mas hoje sei a importância que essas falsas palavras tiveram para mim. Impulsionaram a saída da inércia, em busca da minha felicidade. – Suspirei para expulsar as memórias más.

– E Orbias? Achas que algum dia vais voltar lá?

–Talvez. Quando as saudades apertarem. Mas as meninas vão dar-se bem sem mim. Quase que consigo prever o que vai acontecer com elas mesmo sem usar o meu poder. A Rouge vai arranjar forma de substituir a Riddel no Governo de Orbias. A Belladonna vai continuar a dançar e com a sua vida burlesca. E a Lily, bem, depois de viajar novamente, deve abrir uma linha de naves *Lily Wing*, ah!ah!ah! Orbias não precisa de mim para seguir o seu curso natural. Sem a Riddel no caminho e com o amansar do «demoníaco Sebastian», as coisas vão voltar ao normal.

– Mas o Mal existirá sempre...

– Na Terra também, e não nos temos saído muito mal. É tudo muito relativo. Alguém me disse uma vez que o Mal está dentro de todos nós e é aquilo que o Homem faz dele – disse eu, imitando a sua voz masculina.

– Dizes isso agora. Estás sempre a dizer que és tu que escolhes o teu destino. Com tanta racionalidade aí dentro, tenho a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, vais começar a matutar sobre o «caminho que não escolheste». Conheço a natureza humana melhor que ninguém. A tua cabeça vai encher-se de «se», especialmente quando te fartares de mim e te arrependeres disto.

– Eu não quero voltar a pensar em destino ou escolhas. Estou farta de viver um tempo que não é o meu. Quero apenas viver o presente, independentemente do que está para trás e sem a agonia da imprevisibildiade do futuro. Está fora do nosso alcance saber se realmente o destino existe. Neste momento, quero estar contigo e estou feliz que estejas aqui. Não me interessa o que virá amanhã, daqui a um mês ou uma década. Quero apenas desfrutar isto como uma simples e humilde humana.

Ele sorriu como um bobo feliz, amenizando a conversa tensa.

– Devias ter medo de mim, sua louca! Os poderes desapareceram, mas a minha personalidade maquiavélica continua cá. – Ele suspirou. – Os Anjos já não são o que eram. Pareces-me mais um Anjo negro extraviado.

– Bem, os demónios também são mais diabólicos nos filmes, tipo *O Exorcista*. Onde está aquela voz cavernosa de Diabo? Estás um bocado mole.

Sebastian envolveu-me nos seus braços possantes e beijou-me numa mistura explosiva de selvajaria e meiguice. Retribuí a demonstração de amor, saboreando os seus deliciosos lábios. Deixámo-nos ficar no jardim, tendo a aurora como única testemunha do amor entre dois destemidos seres sobrenaturais, a concretização de um destino caprichoso, o fim de uma era e o início de outra. Sebastian. Minha vida, meu amor, meu Demónio Branco.

Agradecimentos

Como não podia deixar de ser, sinto uma grande necessidade de agradecer a um conjunto de pessoas pela existência deste segundo volume do mundo de fantasia que é Orbias. Por isso, é com grande prazer que vou enumerar algumas delas, sem as quais esta segunda publicação não seria possível:

À minha mãe, à minha irmã e à minha sobrinha, por toda a paciência e apoio, mesmo quando estava totalmente imerso em Orbias, sem qualquer noção do mundo real.

À Filipa, à Ticha, à Carla Silva, à Carla Ribeiro e ao Diogo, os meus fantásticos talentosos amigos e *book testers* que me ajudaram com as suas opiniões, correcções e amizade.

Ao Hugo, à Diana e à Sofia, cuja forte amizade continua a perdurar e que tanto apoio e motivação me dá para enfrentar a vida.

À Isabel Garcia, fantástica editora da Casa das Letras, que maternalmente me apoiou incondicionalmente e me guiou pelo «fantástico» mundo literário.

A todos os leitores que tão carinhosamente me contactavam para falar do primeiro volume e que acreditam na magia presente em Orbias. Mais do que leitores, são amigos.

E, finalmente, a todos os grupos musicais e cantores que permitiram usufruir da banda sonora perfeita para a criação deste livro. São muitas para enumerar, mas não posso deixar de referir os Evanescence. Mais do que a banda sonora da minha escrita, é a banda sonora da minha vida.